

MATERIALIZANDO *Conhecimentos*

Revista Eletrônica



A REVISTA

A **Revista Eletrônica Materializando Conhecimentos** compartilha as produções selecionadas pelo projeto Construindo um Olhar Científico sobre o Mundo de Produção e Apresentações Científicas do Colégio Mãe de Deus.

Este projeto tem como objetivo o aprofundamento e enriquecimento em nível cognitivo para além da sala de aula das turmas de 3^a série do Ensino Médio do Colégio Mãe de Deus, através de um trabalho interdisciplinar de produção e exposição do produzido, em nível de conhecimento, através da elaboração de um Artigo Científico.

O PROJETO

Projeto de Produção e Apresentações Científicas

"A sociedade do conhecimento é uma sociedade aprendente, que com a vida, se flexibiliza, se adapta, instaura redes de relações e cria. Educar é fazer experiências de aprendizagens pessoal e coletiva."
(Leonardo Boff)

O Projeto de “Produção e Apresentação Científicas” surgiu no intuito de dispor, aos alunos da 3^a série, a oportunidade de vivenciarem momentos, dispostos ao longo do ano, de aprofundamento e enriquecimento em nível cognitivo para além da sala de aula. Tal proposição encontrou respaldo, em especial, no corpo docente da área de Ciências do Colégio Mãe de Deus a partir da preocupação destes em proporcionar aos alunos da 3^a série uma alternativa mais adaptada ao seu perfil estudantil (faixa etária) no que tange à expressão de seu conhecimento para que vivenciem um espaço interdisciplinar de produção e exposição do produzido, em nível de conhecimento, num formato de elaboração de um Artigo Científico.

O jovem é sedento de, a partir da sua lógica, expor o seu pensamento sobre as coisas, o mundo e sobre si mesmo. O que este projeto visa é normatizar, sistematizar essas reflexões, que são inerentes à esta faixa etária, transformando-as em elaborações científicas. Não há lugar mais apropriado que a escola para se “dar à luz”, “deixar-ser” o conhecimento e o Projeto Produção e Apresentação Científicas formatará o que, espontaneamente, já faz parte da busca de todo o jovem existencialmente imbricado neste universo que vive qual seja: “Saber dizer a sua palavra”.

O que não é falado, o que não pode ser falado é como se não existisse. Possibilitar que o aluno terceiroanista possa pesquisar, produzir conhecimento e expor o produzido para os seus pares e, permitir que ele seja mais ser, mais humano, e que o humano no ser, nele, se materialize-se cada vez mais e melhor.

Este projeto visa qualificar a relação ensino-aprendizagem no Colégio Mãe de Deus, pois irá disponibilizar um tempo e um espaço de possibilidade de criação e intelecção privilegiados para os alunos. É um diferencial, pois, ao antecipar os dias letivos, objetivará, em momentos de quebra da rotina escolar, um formato mais criativo, lúdico, atraente e potencializador dos saberes dos alunos. Dessa forma, todas as áreas e todas as disciplinas são convidadas para atuarem, via a produção cognitiva de seus alunos, neste projeto.

Os objetivos são:

- Vivenciar momentos sistemáticos de inter-relação de conhecimentos, oportunizando espaços de criação, pesquisa e científicidade.
- Oportunizar espaços de reflexão e criação para o desenvolvimento de arte e da cultura.

Como forma de dar visibilidade ao material elaborado, foram reunidos e selecionados os artigos científicos produzidos pelo projeto e publicados nesta revista eletrônica.

PERFIL EDITORIAL

“A utopia é como o horizonte.
Nós o vemos ao longe, nunca o alcançaremos,
mas serve para que continuemos
a caminhar.” (Fernando Berri)

A Revista Eletrônica “Materializando Conhecimentos” é uma publicação acadêmica focada em divulgar o conhecimento científico e intelectual produzido pelos alunos da terceira série do Ensino Médio do Colégio Mãe de Deus. Nossa objetivo é oferecer um espaço onde os estudantes possam expressar suas ideias, compartilhar descobertas e contribuir para o desenvolvimento intelectual e social da comunidade escolar e da sociedade como um todo.

Em sua missão, a revista busca encorajar o desenvolvimento do pensamento crítico, a pesquisa acadêmica e a escrita criativa entre os estudantes. Neste projeto incentivamos a produção de conteúdos que refletem a diversidade de interesses e talentos dos alunos, ao mesmo tempo em que abordam questões relevantes para a sociedade contemporânea. E, aspiramos que esta publicação seja uma plataforma respeitada e reconhecida pela qualidade de suas publicações, fomentando a cultura do conhecimento e a troca de ideias no ambiente escolar e além dele.

Como parte integrante do projeto “Construindo um olhar científico sobre o mundo” a revista tem como princípios:

- Excelência: Garantir a qualidade e a precisão das informações publicadas, valorizando o rigor acadêmico e a clareza na comunicação.
- Inovação: Promover a criatividade e a originalidade em todas as áreas de conhecimento, incentivando abordagens novas e perspicazes.
- Inclusão: Fomentar um ambiente de respeito e diversidade, onde todas as vozes e perspectivas sejam ouvidas e valorizadas.
- Compromisso Social: Estimular a reflexão sobre questões sociais e éticas, incentivando os alunos a desenvolverem soluções e propostas de intervenção para os desafios enfrentados pela sociedade.

A Revista Materializando Conhecimentos é, portanto, um veículo de expressão e aprendizado, que busca não só valorizar a produção intelectual dos alunos, mas também servir como um ponto de encontro para ideias que transformam e enriquecem a sociedade.

Sabemos que o trabalho não se encerra aqui, e que o projeto ainda pode ser aprimorado em vários aspectos, conforme as diretrizes pedagógicas e as expectativas de cada estudante.

Continuamos com a utopia e o desejo de transformar nossa realidade através da educação e dos valores de justiça, paz, solidariedade e responsabilidade social.

Boa leitura!

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO

Os artigos para serem publicados precisam seguir as normas para Elaboração do Artigo Científico que seguem:

Título do artigo

Nome completo dos autores:

Registrar o nome completo dos autores em ordem alfabética.

Epígrafe:

Escolher uma frase que sintetize o trabalho (não precisa ser da autoria do grupo).

Resumo e abstract:

É necessário conter os objetivos do artigo, a metodologia e os resultados alcançados. Não deve conter citações. Deverá ser escrito sem recuo de parágrafo, entre linhas simples. (Contendo entre 8 e 10 linhas).

Palavras-chave: 3 ou 4 palavras que representem os principais conceitos do trabalho.

Introdução:

Deverá conter a descrição dos seguintes elementos:

Conceituação do tema; o objeto de estudo; a justificativa (motivos que levaram a escolha e a importância do tema na atualidade), o problema de pesquisa e o objetivo pretendido (geral e específicos).

Referencial Teórico (subitens):

O referencial teórico é a parte principal e mais extensa da pesquisa. Deverá conter a fundamentação teórica sobre o assunto em estudo. É importante usar os conceitos essenciais da teoria que visam explicar ou esclarecer o problema de pesquisa. No referencial é importante usar tópicos e subtópicos para fundamentar a pesquisa. Pode-se também fazer uso de citações diretas longas e curtas e citações indiretas, para reforçar e fundamentar as ideias apresentadas.

Metodologia:

Deverá conter o método utilizado, as técnicas escolhidas, a análise dos dados encontrados, (usar citações para validar a sua metodologia). Caso o trabalho não possua pesquisa de campo, a metodologia não precisa ser colocada como subitem. Ela pode ser incluída na introdução, informando que o método utilizado é o bibliográfico.

Resultados:

Apresentar os resultados encontrados na pesquisa. Nesta parte do artigo podem aparecer tabelas e gráficos derivados do trabalho de análise. Caso o trabalho não possua pesquisa de campo, este tópico não precisa aparecer no trabalho.

Considerações Finais:

Apresentar as respostas ao problema de pesquisa, os objetivos e validação das hipóteses levantadas durante a pesquisa. É o fechamento do artigo, no qual o autor precisa trazer as contribuições mais significativas em torno do tema pesquisado.

Referências:

Utilizar no mínimo 3 livros.

Conter uma lista ordenada de todas as obras citadas no artigo.

Estar de acordo com as Normas da ABNT.

As referências têm espaçamento simples e duplo entre si.

As referências são apresentadas em ordem alfabética de autor e alinhadas somente à margem esquerda.

Anexos/Apêndices:

Espaço destinado a inclusão dos textos dos anexos ou apêndices. Não é obrigatório.

Estrutura textual:

O texto deve:

Apresentar coesão e coerência.

Seguir a formatação do modelo apresentado pelos educadores e as normas da ABNT.

Manter a estruturação de parágrafos de forma sequencial.

Demonstrar o estudo que foi realizado (pesquisa bibliográfica ou de campo).

Regras gerais e de formatação:

Tamanho do papel: A4 (21,0 cm x 29,7 cm);

Margens: 3 cm superior e esquerda, 2 cm inferior e direita.

Cor da fonte: preta em todo o trabalho

Fonte do texto: Verdana

Tamanho da fonte do corpo do texto: 12 pts

Tamanho da fonte de 10 pts para:

- Citações longas;
- Notas de rodapé;
- Abstract;
- Palavras-chaves;

Espaçamento entre linhas 1,5 para todo corpo do texto e de 1,0 (simples) para:

- Citações diretas (mais de 3 linhas);
- Notas de rodapé;
- Resumo;
- Notas de Rodapé;
- Abstract;

- Legendas dos elementos especiais (gráficos, figuras, quadros e tabelas)
- Referências Bibliográficas.

Tamanho do texto:

Mínimo de páginas: 7 páginas

Citações:

Citação é a inclusão no texto de informações extraídas de outras fontes. As citações podem ser curtas ou longas, diretas ou indiretas.

Citações curtas: (até três linhas) entram no alinhamento normal do texto, como parte de um parágrafo, entre aspas.

Citações longas: (mais de três linhas) devem ser destacadas do parágrafo (três espaços simples entre o parágrafo anterior e o posterior), recuadas (cerca de 4 cm da margem esquerda), sem entrada de parágrafo, digitadas em espaço simples e com tamanho de letra menor.

Citação direta: é a transcrição literal de um texto ou parte do texto de um autor, que conserva grafia, pontuação e língua originais.

Citação indireta: é um texto redigido pelo autor do trabalho, mas que mantém fielmente as ideias originais de outros autores. A citação indireta pode ser uma condensação, ou seja, uma síntese ou resumo de um texto maior, sem alterar a ideia original do autor. É escrita sem aspas, com o mesmo espaçamento e o mesmo tipo de letra do texto em que está sendo utilizada.

Observações:

Para visualizar artigos produzidos na escola, acesse o site do Colégio Mãe de Deus e clique no link da Revista.

Os trabalhos deverão ser enviados para o e-mail: tarefasdehistoria@gmail.com

Referência:

SANTOS, Antonio Raimundo. Metodologia Científica: a construção do conhecimento. 7^aed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

CONTATO

Rua Dr. Mário Totta, 1252.

Bairro Tristeza – Porto Alegre/RS

CEP 91920.030

Telefone: Fone/Fax: (51) 3268.5525

Email: webmaster@colegiomaebedeus.com.br

Exemplar:

Novembro de 2023

Vol. 12 Nº 1

APRESENTAÇÃO

A Revista Eletrônica Materializando Conhecimentos compartilha através de seu **volume 12** as produções, em forma de artigos, selecionadas pelo projeto Construindo um Olhar Científico Sobre o Mundo do Colégio Mãe de Deus.

Este projeto tem como objetivo o aprofundamento e enriquecimento em nível cognitivo, para além da sala de aula, das turmas de 3^a série do Ensino Médio, através de um trabalho interdisciplinar de produção e exposição do conhecimento produzido por meio da elaboração de um Artigo Científico.

EDITORIAL

XII Volume da Revista Materializando Conhecimentos

Avançamos mais um pouco no terceiro milênio e as tendências iniciais, que se mostravam pertinentes para caracterizar esses novos tempos, parecem, agora, adquirir contornos mais nítidos. A fluidez vislumbrada desde as últimas décadas do século anterior, se apresentam hoje como um mosaico de hibridismos de todos os tipos, intensidades e furores. A Era das incertezas e das subjetividades narcísicas carrega em seu interior um conjunto de conflitos, distopias e inovações tecnológicas capaz de impactar o mundo todo tão rapidamente quanto os metadados circunscrevem o conteúdo da vida em todo o planeta: primeiro o localiza, depois o identifica, na sequência o recupera, o manipula e o torna utilizável.

Certa feita, um famoso pensador do século XX nos alertou acerca de “um mundo que se tornava máquina”. Da promessa, segundo suas palavras, de um “reino quiliasta” da “máquina total”, fruto da simbiose contemporânea entre ciência e ficção, emergiu uma sociedade pós-industrial cuja dinâmica social passa por uma realidade simulada e comprimida em uma rede de interações virtuais.

Agora, as relações sociais passam a ser mediadas pelo equivalente digital de cada indivíduo replicado em um mundo paralelo e alternativo. Nesta meta versão à espera de um demiurgo capaz de organizar de forma mimética a realidade no irreal, cada indivíduo passa a ter uma visão alternativa e espectral de si próprio e das coisas do mundo - uma dita verdade paralela, uma réplica simulada do si mesmo com o potencial de interagir mais que a própria imagem original. O isolamento na vida real garante a interação na modalidade virtual.

É neste contexto de quarta revolução industrial e de sociedade em rede que, mais uma edição da Revista eletrônica é lançada. Para ser mais exato, seu décimo segundo volume. Agradecemos a todos que, de uma forma ou outra, colaboraram com o Projeto construindo um olhar científico sobre o mundo. Seja através do apoio e da organização, seja através da pesquisa e da elaboração de artigos científicos, estando eles contemplados ou não nessa edição.

Mais uma série de reflexões sobre o mundo atual foi produzida pelos educandos da terceira série do Ensino Médio cujo destaque pode ser dado para temáticas como: inteligência artificial, mundo do trabalho, estigmatização na indústria cultural, interação humano-animal, tabagismo e Alzheimer.

Tenham todos uma boa leitura!

COMITÊ EDITORIAL

XIII Volume da Revista Materializando Conhecimentos

Coordenação pedagógica do projeto/revista:

Salete Salvalaggio

Comissão organizadora e revisão:

Ricardo Antônio da Silveira

Salete Salvalaggio

Simone Camargo Gimenes

Mary Lúcia Pedroso Konrath

Escrita do Perfil Editorial:

Ricardo Antônio da Silveira

Escrita do Editorial:

Ricardo Antônio da Silveira

Professores:

Adrielle Albuquerque de Souza

Alexandre dos Santos da Rosa

André Luiz Queiroz Muraro

André Vinicius Siqueira

Carolina Marques Barboza

Ivana Amorim da Silva

Letícia Granado Gross

Renato Preissler Loureiro Chaves

Ricardo Antônio da Silveira

Simone Camargo Gimenes

Tais Nicolao

Vivian Soares Wouters

Equipe de Serviços da Etapa:

Ananda Jung

Maria Ester Homem Machado

Meridiane Brum

Salete Salvalaggio

Simone Camargo Gimenes

Edição do conteúdo da revista:

Mary Lúcia Pedroso Konrath

Edição gráfica do logo da revista:

Caroline Hiwatashi Dayrell

Lisiane Pivetta de Oliveira

Diretora:

Ir. Sueli Rosane Gonzatti

» EDIÇÃO 2023 – ARTIGOS

► A GLAMOURIZAÇÃO DO TABAGISMO 11

Henrique Barrios Ardenghi
Júlia Ritter dos Santos Weber
Rafaella Kreibich Rosa
Theo Duarte Eboli

► A IMPORTÂNCIA DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL 44

Ana Luiza Andriotti Farias
Luiza Flores Michel
Vicente Pinheiro Monteiro

► A INTERAÇÃO HUMANO-ANIMAL: ANÁLISE NO ÂMBITO SOCIOECONÔMICO ATUAL 67

Anaïs Abreu da Silva
Clara Garcia Gonçalves dos Santos

► ALZHEIMER: UMA DOENÇA SILENCIOSA 135

Melissa Lenuzza

► ANIMAL ONTEM, MÁQUINA HOJE, HOMEM NUNCA: A DISSOLUÇÃO DO SER CONTEMPORÂNEO NA DINÂMICA TRABALHISTA 156

Artur Henrique da Silva Roux Leite
Aurora Nicola Ribeiro
Isabela Franck Kellermann
Mateus Sbardelotto Dewes

► O CINEMA COMO AGENTE ESCULTOR DA SOCIEDADE E SEU REFLEXO SOBRE ESTIGMAS TOCANTES À IDENTIDADE RACIAL, À IMAGEM CORPORAL E ÀS QUESTÕES DE GÊNERO 200

Catarine Oliveira Adam
Graziela Bruny Ferrari
Mirela Bruny Ferrari

A GLAMOURIZAÇÃO DO TABAGISMO

Henrique Barrios Ardenghi
Júlia Ritter dos Santos Weber
Rafaella Kreibich Rosa
Theo Duarte Eboli

“Tem de fumar um cigarro. Um cigarro é o modelo perfeito de um prazer perfeito. É elegante e deixanos insatisfeitos. Que mais um poderia desejar?”
(OSCAR WILDE).

RESUMO: Este artigo busca entender o motivo do cigarro, uma das principais causas de morte evitáveis do mundo, continuar sendo popular, especialmente entre gerações mais jovens. Sob essa ótica, tenta-se entender como as propagandas de cigarro tiveram sucesso em influenciar diferentes públicos com variadas técnicas, conseguindo até relacionar seu tóxico produto com saúde, quando médicos recomendavam o fumo. É urgente entender como o cigarro atualmente ainda está presente em festas e eventos sociais de diferentes formas, como em sua nova e popular versão eletrônica, cujos malefícios não são tão amplamente conhecidos pelo público em geral. Por isso, analisar-se-á o motivo do persistente glamour que é imposto ao uso do cigarro.

PALAVRAS-CHAVE: Cigarro, vício, pseudociência, cinema, naturalização.

ABSTRACT: The present article seeks to understand the motive for why cigarettes, one of the main preventable death causes in the world, still are popular, especially among younger generations. Under this view, it's attempted to understand how cigarette advertisement had success influencing different publics with various techniques, being able to even correlate their toxic product with health, when medics would recommend smoking. It's urgent to understand how cigarettes, currently, still are present in parties and social events in different ways, as in its new and popular electronic version, whose harms are not so broadly known by the general public. Due to that, it will be analyzed the motive for the persistent glamour which is imposed on cigarette usage.

KEYWORDS: Cigarette, addiction, pseudoscience, cinema, naturalization.

1. INTRODUÇÃO

O tabaco é derivado das folhas secas de uma planta modificada pelo ser humano e seus primeiros indícios de cultivo, segundo arqueólogos e historiadores, são vinculados ao continente americano, lugar no qual a planta era considerada sagrada por alguns povos, como

por exemplo, em diversas sociedades indígenas em que o tabaco era usado em rituais e considerado fonte de poderes mágicos. O ato de fumar foi recordado pela primeira vez em registros da civilização Maia a mais de 300 anos antes da chegada dos europeus na América. Então, os povos nativos já tinham mais conhecimento sobre os usos do tabaco e encantaram os colonizadores com seu conhecimento.

Contudo, o tabagismo realmente alcançou um patamar elevado quando chegou à Europa. Isso por dois principais motivos: o primeiro pelo fato de as pessoas encontrarem no cigarro uma fonte de alívio, em um contexto global violento e incerto, e o outro foi devido à exploração midiática que fez o cigarro não apenas ser mostrado como uma atividade positiva, mas um sinônimo de saúde e altivez.

Dessa forma, devido ao grande aumento de casos de depressão e ansiedade causados pelas guerras mundiais, o uso de fumígenos derivados do tabaco disparou, uma vez que até mesmo alguns médicos recomendavam o uso desses produtos. O cigarro era uma maneira de esquecer a violência e exploração do mundo contemporâneo. Com isso, a população mundial adotou o hábito de fumar com muita facilidade, pois a falta de pesquisa sobre os danos da atividade somada com o sentimento de necessidade de fumar fizeram o produto se espalhar pelo mundo e tornar as pessoas viciadas. Dessa forma, rapidamente tornando grande parte da população dependente do cigarro.

Por causa dessa visão, o cigarro continua atualmente popular, fazendo com que as pessoas ainda procurem no fumo uma fuga temporária de sua realidade. Agregado a isso, o cigarro é propagado como um hábito de luxo, como um pré-requisito para participar de alguns grupos sociais. O vício está sendo banalizado como sendo apenas uma consequência necessária para que se possa aproveitar a vida.

O público em geral consome o tabaco não por desconhecer seus malefícios, mas por crer nas promessas anunciadas em cinemas e propagandas de que a popularidade e o sucesso podem ser comprados pelo preço de sua vida. Dessa forma, facilmente tornam-se viciados no produto e não têm condições de abandonar o hábito. Apesar das restrições governamentais que atualmente estão sendo impostas, a divulgação ocorre atualmente de forma subliminar, mostrando personagens de filmes e seriados fumando em seus momentos de glória, conforme será mostrado no correr deste artigo. Assim, o prazer coage as pessoas a matarem-se lentamente em troca da aceitação social. Por isso, a indústria tabagista é a única que consegue mover bilhões de reais estampando em sua caixa um bebê vítima de aborto espontâneo (FIGURA 1).

O cigarro é um grande problema nacional, uma vez que gera inúmeros prejuízos para o país como a morte e doenças incuráveis, a perda de um ente querido e os danos econômicos, já que o país investe mais na cura daqueles que sofrem dos males do cigarro do que ganha via impostos arrecadados pela venda.

Esses danos estão sendo amplamente divulgados para a população e por um tempo essa medida funcionou para que as pessoas tivessem uma imagem negativa do tabaco. Contudo, as pessoas no século XXI voltaram a ter uma visão positiva do cigarro e estão descredibilizando a ciência e defendendo o seu uso.

A seguir, será abordado como o mundo normalizou a dependência do fumo e, não obstante aos avisos de profissionais da saúde, glamourizou o nocivo ato de forma que a população mundial tem sua expectativa e qualidade de vida reduzidas, incluindo as pessoas que não fumam ativamente, mas de forma passiva.

2. AS ORIGENS DO VÍCIO: POR QUE O CIGARRO FOI ACEITO?

Em torno de 1560, o botânico francês Jean Nicot atribuiu à planta do tabaco propriedades curativas, fato que rendeu ao consumo dela um novo rumo, agora com fins medicinais. Porém, esse caminho foi modificado com o avanço da Revolução Industrial, com as novas formas de trabalho e com o avanço do modelo capitalista que trouxe novos fins para o tabagismo. Segundo o jornalista e autor do livro “O Cigarro”, Mário César Carvalho (2001), não é possível separar o capitalismo do uso do tabaco na sociedade moderna. Segundo ele, o fumo está fortemente vinculado à rotina exaustiva de trabalho presente como base do modelo capitalista. O que pode ser confirmado ao observar-se que o cigarro dá ao usuário uma sensação temporária de prazer e, por isso, rapidamente popularizou-se na realidade capitalista na qual trabalhadores passavam a maior parte do seu dia em fábricas escuras realizando trabalhos árduos.

Nesse contexto, o cigarro era visto como um item positivo, muito pela sua capacidade de prover um alívio temporário. A rotina de trabalho operária do século XIX, durante o período da Primeira Revolução Industrial, ajudou na propagação do cigarro ao passo que as pessoas já estavam acostumadas a inalar, por até 16 horas por dia, a fumaça expelida por máquinas. Dessa forma, o hábito de fumar foi adotado em diversos países europeus, principalmente na Inglaterra.

A popularização do cigarro acontece em diversos contextos, mas inicialmente aconteceu tendo como fator propulsor de que as pessoas comuns levavam vidas miseráveis, nas quais a eles não era dado a possibilidade de encontrar qualquer tipo de felicidade duradoura, pois oito horas após saírem da fábrica que não os pertencia deveriam voltar para seu canto escuro para monotonamente produzir algo que não tinham condições de adquirir.

Dessa forma, o cigarro não existiria sem o capitalismo, pois apesar de algumas tribos terem utilizado o tabaco em rituais, não haveria a necessidade de incentivar as pessoas a procurarem essa forma de alívio sem a exploração capitalista. O cigarro torna-se normal devido à coação promovida que força as pessoas a procurarem algum tipo de alegria, mesmo que ao custo de sua saúde.

Em resposta à crescente demanda de trabalhadores assalariados que buscavam esse produto, fábricas e indústrias produtoras de cigarro foram criadas. A partir disso, o cigarro começou a ser produzido em massa, tendo seu preço reduzido e o acesso facilitado. Dessa maneira, uma atividade que era esporádica, devido ao custo de produção dos primeiros cigarros, tornou-se habitual a todas as classes sociais. Essa produção se expandiu com o passar dos anos, com o fumo ganhando notoriedade por todo o globo, principalmente durante o período das duas guerras mundiais, no qual o cigarro estava presente até mesmo na ração de soldados, pois se acreditava que ele combatia sentimentos como o estresse e sintomas de ansiedade, que muito afligiam as pessoas nesse período. Entretanto, ele apenas inibia temporariamente essas doenças, que voltavam a apresentar-se de maneira muito mais forte quando o dependente estava em abstinência. Desse modo, boa parte da população mundial ficou dependente do produto, que se expandiu progressivamente atingindo novos públicos. Nesse período, o tabagismo ganhou notoriedade por ter se expandido a todas as classes sociais, sendo um hábito comum em todos os ambientes, de festas de gala até prisões.

A expansão do cigarro teve sucesso, pois um dos seus principais efeitos é a possibilidade de fazer o usuário esquecer-se de sua realidade e, com isso, poder relaxar. Assim, devido ao agravamento dos conflitos que aconteciam em todo o mundo, o cigarro manteve-se acessível a todos apesar das divisões sociais. Isso porque a prática do

fumo consegue temporariamente amenizar os sintomas da depressão, com isso, médicos frequentemente apareceram em propagandas, entre as décadas de 1930 e 1940, recomendando que a dependência fosse adotada, tornando-a um sinônimo de saúde.

Atualmente, é inconcebível que fumar já tenha sido considerado um hábito saudável. Entretanto, até a década de 1950 não existia evidência suficiente para provar que fumar poderia causar danos, ao contrário, empresas divulgavam que o ato ajudava a controlar os casos de irritação na garganta. Contudo, em 1954, devido ao rápido crescimento de diagnósticos de câncer de pulmão, investigações da relação do cigarro com a doença foram realizadas. Em resposta, companhias tabagistas se juntaram para publicar o documento "A FRANK STATEMENT TO CIGARETTE SMOKERS" (1954). Nessa declaração, elas disputaram com os estudos que estavam sendo realizados e que conectaram seus produtos com os casos de câncer que estavam ocorrendo mais frequentemente. Desse modo começou uma tendência que se repetiu nos anos seguintes, empresas de cigarro tentando desvincular seus produtos dos malefícios que eles causam.

Após a Segunda Guerra Mundial, a ciência era valorizada pelo público em geral, dessa forma as descobertas do maior número de casos de câncer entre fumantes foi visto com maior seriedade já que, ao ver o poderio das descobertas da ciência se concretizarem pelas bombas atômicas lançadas em Hiroshima e Nagasaki em 1945, as pessoas começaram a dar mais credibilidade às publicações científicas, assim empresas de cigarro enfrentaram um grande desafio, como foi descrito por Allan M. Brandt, Ph.D. em "Inventing Conflicts of Interest: A History of Tobacco Industry Tactics" (2012):

Apesar das preocupações sobre fumar terem sido levantadas há décadas, no início da década de 1950 existiu uma poderosa expansão e consolidação dos métodos científicos e

descobertas que demonstraram que fumar causa doenças de pulmão assim como outras sérias doenças cardíacas e respiratórias, levando à morte. Essas descobertas apareceram em grandes, renomados jornais médicos assim como ao redor da mídia geral. Como resultado, a indústria do tabaco lançaria uma nova estratégia, sem precedentes na história da indústria e dos negócios dos EUA: ela trabalharia para erodir, confundir e condenar a mesma ciência que agora ameaçava destruir seu valorizado, altamente popular, e exclusivo produto. Mas isso não seria uma questão simples. Afinal, nos anos imediatamente depois da guerra—o despontar da era nuclear—a ciência era altamente estimada. A indústria não conseguia denegrir a firma científica e ainda manter sua credibilidade pública, tão crucial para seu sucesso. (p. 63)

Assim, a indústria tabagista teve de reinventar-se, já que não tinha condições de duelar com a ciência nesse contexto de supervalorização da cientificidade. Para isso, ela contratou inúmeros cientistas que estão, até hoje, dispostos a publicar informações falsas que clamam que o uso de cigarros não é tão nocivo quanto noticiado. Para isso, a indústria tabagista se ligou fortemente à indústria do cinema, pois assim, apesar de não conseguir convencer algumas pessoas de seus alegados benefícios, sucedia em comunicar que o cigarro traria sucesso social. De tal modo, a indústria tabagista reinventou-se e, diante de sua atitude assertiva, tornou o cigarro um item normal na sociedade moderna.

3. A EXALTAÇÃO DO CIGARRO NO CINEMA E PROPAGANDA

Em 2008, foi publicada pelo Instituto Nacional do Câncer (NCI) dos Estados Unidos a décima nona edição de uma série de monografias sobre o controle do tabagismo. Nessa, chamada “O Papel da Mídia na Promoção e Redução do Uso de Tabaco”, o editor Stephen E. Marcus, Ph.D. descreveu que “Os cigarros são um produto da era da mídia de massa; a arte e a ciência das comunicações em massa e do marketing de massa foram fundamentais para o crescimento do consumo de tabaco” (2008, p. 5).

Assim, fica exposta a importância que a propaganda tem para esse mercado. Ela pode mudar a percepção, principalmente de jovens, sobre o cigarro e, possivelmente, torná-los fumantes regulares.

No final do século XIX e começo do século XX, os primeiros cinemas foram criados. Eles surgiram na França e tornaram-se um dos principais métodos de divulgação da cultura de massa, sendo usado por Estados da mesma forma que o teatro foi usado por Impérios antigos. Contudo, o cinema não agiu apenas como meio de doutrinação política. Nele, empresas exploraram sua capacidade de doutrinar culturalmente não apenas uma região, mas o mundo inteiro. Dessa forma, empresas de cigarro encontraram uma oportunidade de tornar até o espectador que não acredita nos falsos benefícios do cigarro em alguém disposto a utilizá-lo para fazer parte do grupo social dos fumantes, que era divulgado como exclusivo às pessoas de maior poder da sociedade. Dessa forma, pode-se estabelecer uma relação de causa entre a exposição do tabaco e de seu consumo em filmes e propagandas com a introdução nele de pessoas que originalmente eram aversas ao seu uso.

Nesse cenário, o hábito de fumar começou a preencher as grandes telas dos cinemas. Assim, atrizes e atores de cinema, em grande parte de Hollywood, propagavam nos filmes, cada vez mais, o tabagismo como um ato charmoso e de elegância, transformando a atuação em uma forma de propaganda extremamente influente a favor do cigarro (FIGURA 2).

Apesar dos danos que o fumo causa, a cultura de massa insiste em promover o cigarro a uma posição de alto *status* social, divulgando que o fumante será elevado a um nível socialmente superior, no qual aproveitará melhor os momentos de sua vida. Essa exposição indiscriminada a pessoas de todas as faixas etárias é preocupante, pois as conduz a desenvolver uma visão positiva do cigarro desde muito

jovens. Dessa maneira, colocando o lucro em primeiro lugar, a mídia financiada pela indústria do tabaco omite a verdade e promove danos aos espectadores em prol do ganho monetário (FIGURA 3).

A ligação entre o cinema e a indústria do cigarro é muito antiga, sendo considerado um método de exposição de marca com um altíssimo potencial, pois, ao ser um meio de construção de normas sociais, a indústria cinematográfica detinha o poder de, mesmo que subliminarmente, instigar no espectador uma visão positiva do produto. Assim, empresas produtoras de filmes e atores ganharam muito dinheiro via contratos milionários para divulgar o tabagismo.

Esse método de divulgação foi muito precioso para a indústria do cigarro, pois possibilitou outros métodos de normalização do fumo que fossem além de suas clássicas e diretas propagandas que advogavam pelo *glamour* do ato de fumar e que dependiam da omissão das consequências verdadeiras do seu uso. Ao invés disso, agora empresas poderiam pagar atores para aparecerem na “telona” segurando cigarros e, de forma subconsciente, induzir o espectador a agir como os personagens que admira e usar do tabaco vendido por eles.

De acordo com uma pesquisa do jornal “BBC” (2008), alguns famosos atores, como Clark Gable, Spencer Tracy, Joan Crawford entre outros, revelaram que receberam uma grande quantia de dinheiro para que aparecessem fumando em cenas de seus filmes mais populares, sejam cigarros ou charutos (FIGURA 4). Esses acordos se originaram na década de 1920 e até hoje podem ser identificados, agora com o nome de *Product placement*. Nessas formas de exposição da marca, os atores eram recompensados com uma significativa soma monetária, pois ao divulgarem as principais marcas de cigarro da época, como a Lucky Strike e Chesterfield, apoiaram a romantização e a *glamourização* do fumo (FIGURA 5).

O cinema de Hollywood foi descrito pelo filósofo Félix Guattari como “uma máquina de subjetividades”. Assim, seguindo o pensamento do pensador francês, pode-se inferir que o mundo contemporâneo é guiado por ideais impostos por uma mídia imperialista americana que visa à expansão do capitalismo e a manutenção de seu principal objetivo: o lucro. Com isso, pode-se relacionar que empresas se unem para manter o sistema vigente e maximizar seus ganhos monetários, mesmo que isso signifique inúmeros danos físicos, sociais, psicológicos e monetários ao dependente.

Além disso, é necessário entender que a partir da Revolução Industrial na Inglaterra, muitas empresas tornaram-se multinacionais. Dessa forma, não recebendo mais dos governos o direito exclusivo sobre vastas áreas, a concorrência entre as empresas começou a expandir exponencialmente. Como resultado, para competir em seu mercado, muitas companhias se conectaram com outras empresas de outras indústrias, como se tornou explícito pelos inúmeros acordos firmados entre o cinema e o cigarro. Esses foram fundamentais para o estabelecimento da indústria cinematográfica, uma vez que a grande injeção de capital financiou diversas produções e, ademais, permitiu que a indústria do tabaco se mantivesse relevante, uma vez que minimizou os efeitos financeiramente negativos que estudos sobre os danos desse hábito causariam.

Mas, mesmo sendo altos os investimentos de doutrinação feitos pela indústria do cigarro, esses só foram efetivos porque o cinema tem muita importância na vida cotidiana dos espectadores. Pensando nisso, o sociólogo Edgar Morin, em seu livro “As estrelas: mito e sedução no cinema” (1989) recolheu depoimentos como o de uma estudante inglesa de 22 anos que declarou “Eu me penteava como ela, e sempre me perguntava o que Deanna faria no meu lugar, para agir como ela”

(p. 53). Dessa maneira, é evidente que os artistas foram elevados a outro patamar, com seus comportamentos sendo respeitados e imitados. Com isso, é alarmante que artistas—sabendo desse pensamento tóxico que pessoas, especialmente jovens, têm em relação a eles— promovam atos tão prejudiciais quanto o fumo (FIGURA 6).

Entretanto, os atores não foram os únicos que se renderam aos investimentos milionários da indústria do cigarro. Diversos jogadores de vários esportes e países receberam grandes quantias de dinheiro para creditar seu sucesso ao cigarro, incluindo famosos jogadores brasileiros (FIGURA 7). Para garantir o sucesso dessas campanhas, empresas concordaram em investir fortemente nos principais jogadores, assim buscando os atletas selecionados como os melhores de seus esportes (FIGURA 8).

Contudo, é muito rasa a análise de que os vilões desse tipo de *marketing* são as celebridades que divulgam esses produtos, pois, apesar da baixa consciência social, dependem de parcerias com retornos financeiros para se sustentarem. Dessa forma, quem verdadeiramente promove o uso do cigarro para jovens são as empresas que, além de pagarem atores e jogadores, vão atrás até mesmo de crianças, como pode ser visto em propagandas que usam crianças, para motivar os pais a fumarem (FIGURA 9) e em cigarros falsos, de guloseima, que são criados para serem utilizados por crianças (FIGURA 10).

Tais produtos direcionados a crianças foram populares por muito tempo e, devido à falta de proteção parental desses produtos, desde muito cedo jovens foram ensinados que o fumo é uma atividade normal e pode ter um gosto bom como o de uma guloseima.

O principal produto divulgado para crianças, no Brasil, foram os cigarros de chocolate da empresa “Pan Produtos Alimentícios”. Essa

por diversos anos vendeu os produtos e engajou crianças na criação do hábito do fumo, havendo a proibição das vendas do mesmo que incentiva crianças e jovens a fumarem, apenas em 1990, com a Lei Nº 8.069/1990. A proibição deixou clara a relevância do tabaco no mercado mundial, uma vez que a empresa, que existia a quase 100 anos, pouco tempo após ter de parar de produzir seus cigarros, decretou falência.

Outrossim, ao redor do mundo, leis foram adotadas visando excluir as propagandas de cigarros de mídias e *outdoors*, com o objetivo de evitar o estímulo ao fumo. Entretanto, apesar dos esforços governamentais, nos dias atuais, de forma cada vez mais frequente, o tabaco amplia seu significado original de poder e rebeldia, via filmes e séries aclamadas e por estudos “pseudo-científicos” que induzem, por meio da omissão da verdade completa, jovens ao vício. A divulgação do cigarro por meio do cinema e propagandas, conforme previamente notado, visava passar uma ideia de que o fumo poderia tornar o usuário em alguém de destaque, que se tornaria mais atrativo a outras pessoas, aproveitaria melhor os momentos da vida e seria mais saudável.

Essa visão, atualmente, é comprovadamente incorreta, mas o tempo que ela foi considerada verdadeira foi o suficiente para que milhões de pessoas se tornassem viciadas no fumo de cigarro. Contudo, apesar das inúmeras provas científicas, a dependência do tabaco na sociedade atual ainda é muito presente. Dessa forma, pode-se observar que o trabalho de divulgação do fumo, realizado por empresas do ramo, teve muito sucesso, pois, mesmo com a ampla divulgação científica dos danos do cigarro, esse ainda é muito presente na economia mundial. O cigarro ainda é popular por ajudar pessoas a lidarem com doenças como depressão e ansiedade, mas principalmente devido ao, infelizmente, eficaz trabalho de marketing

realizado pela indústria tabagista que transformou uma das maiores causas de mortes no mundo em um item de luxo e glamour, que é necessário se a pessoa deseja ser socialmente aceita.

4. OS CUSTOS DO VÍCIO

A dependência do cigarro traz diversos prejuízos ao usuário. No Brasil, é estimado pelo Instituto Brasileiro de Opinião e Estatística (IBOPE, 2022)¹ que 111 bilhões de cigarros são vendidos anualmente, legal e ilegalmente. Dessa forma, estimando que no país atualmente o preço médio de um maço de cigarro seja de 10 reais, é possível ver que mais de um trilhão de reais são gastos, só no Brasil, em cigarros anualmente.

O valor trilionário previamente citado, é a renda estimada que as empresas de cigarro têm no país. Contudo, o cigarro é um grande problema para a saúde pública, pois causa grandes gastos ao Sistema Único de Saúde. Esses gastos são estimados pela pneumologista Graziela Brasileiro *apud* Berlamo e Costa (2023) como sendo de mais de R\$125 bilhões anualmente, enquanto são arrecadados apenas 12 bilhões de reais em impostos provenientes do cigarro. Dessa maneira, é visível que o cigarro é um grande problema financeiro para o país, que têm de investir na recuperação de pessoas afetadas por uma indústria que traz via impostos um retorno mínimo, incomparável com as despesas que precisam ser investidas no sistema público de saúde.

Além disso, atualmente, inúmeros estudos apontam que os danos trazidos pelo fumo são uma das principais causas de morte no mundo. A atividade é, segundo dados da Organização Mundial da

¹ Fonte da informação: NOBREGA, Ighor. **57% dos cigarros vendidos no Brasil em 2019 são ilegais.** Poder 360. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/brasil/57-dos-cigarros-vendidos-no-brasil-em-2019-sao-ilegais/>>. Acesso em: 14 ago. 2023.

Saúde (OMS *apud* MARTINS, 2022), responsável por cerca de 71% das mortes por câncer de pulmão, 42% das doenças pulmonares crônicas e 10% das doenças cardiovasculares registradas. Além disso, também é fator de risco para doenças transmissíveis como a tuberculose e pode causar mais de 50 doenças incapacitantes e fatais. Porém, talvez mais chocante ainda seja o fato de que, ao redor do mundo, é estimado que diariamente 19 mil mortes sejam registradas como resultado do uso ativo de cigarro, ou seja, a cada 5 segundos uma pessoa morre em decorrência do fumo ativo.

A gravidade dos danos causados pelo cigarro é extremamente alarmante, pois, segundo o Ministério da Saúde (2023), 9,1% dos brasileiros são fumantes e a idade média para o primeiro contato com a droga é de 16 anos. A introdução desse produto a pessoas tão jovens é mais nociva ainda porque são mais suscetíveis a desenvolver uma relação de dependência, além de terem órgãos mais frágeis. De acordo com a Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE 2019)², 17,02% dos jovens de 13 a 15 anos já experimentaram cigarros tradicionais e 23,95% dos escolares entre 13 e 17 anos já utilizaram cigarros eletrônicos. A pesquisa também notou que o uso dos cigarros tradicionais é maior nas escolas da rede pública do que na rede privada, enquanto o uso de cigarros eletrônicos é mais popular em escolas privadas.

O uso do cigarro vem preocupando autoridades sanitárias devido aos diferentes componentes químicos tóxicos que podem causar diversos danos ao corpo humano, tais como:

² Fonte: MALTA, Deborah Carvalho. *et al.* **O uso de cigarro, narguilé, cigarro eletrônico e outros indicadores do tabaco entre escolares brasileiros: dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2019.** Revista Epidemiol, 2022. Disponível em: < <https://scielosp.org/pdf/rbepid/2022.v25/e220014/pt>>. Acesso em: 22 jul. 2022.

- **Nicotina:** estreita as veias e artérias, podendo danificar o coração forçando ele a trabalhar mais e de forma mais rápida. Além de desacelerar o sangue e reduzir o oxigênio nos pés e mãos.
- **Monóxido de carbono:** priva o coração do oxigênio que ele precisa para bombear sangue pelo corpo. Com o tempo, as vias aéreas incham e deixam menos ar entrar nos pulmões.
- **Alcatrão:** substância grudenta que reveste os pulmões como fuligem em uma chaminé.
- **Fenóis:** paralisam e matam células nas vias aéreas. Essas células são responsáveis por limpar as vias e as proteger de infecções.
- **Pequenas partículas:** presentes na fumaça do cigarro, elas irritam a garganta e o pulmão, causando a “tosse de fumante”. Essas também fazem o corpo produzir mais muco e danificam o tecido pulmonar.
- **Amônia:** irrita os olhos, nariz e garganta, além de aumentar a velocidade que a nicotina é absorvida pelo cérebro, tornando a sensação de prazer mais intensa e rápida.
- **Químicos causadores de câncer:** fazem as células crescerem de forma rápida ou anormal, podendo resultar na formação de células cancerígenas.

Com o amplo acesso a informações sobre esses danos, as companhias de cigarro, atualmente, não conseguem conquistar novos fumantes apenas por meio de propagandas falsas, assim, elas investem nesses compostos aditivos que colocam o usuário em uma situação de dependência na qual os efeitos tranquilizantes que o produto causa duram pouco tempo e, consequentemente, o dependente precisa voltar a fumar para satisfazer o desejo por

dopamina que o seu cérebro necessita. Dessa forma, quanto mais a pessoa fuma mais dopamina ela precisa para se sentir bem e, com isso, segue fumando mais frequentemente buscando ter de novo a sensação de prazer que teve na primeira vez que fumou.

A dependência à nicotina e a abstinência desse químico são o que fazem uma pessoa ter seu desejo por fumar aumentado, pois a falta da toxina no cérebro pode causar dificuldade na concentração, cansaço, nervosismo, irritabilidade e ansiedade. Na busca por amenizar os efeitos negativos da nicotina, o usuário notará que seus dedos, língua e dentes estarão amarelados, a pele envelhecida e que perdeu peso, sofrerá de mau-hálito e poderá perder dentes. Contudo, a necessidade psicológica que o mantém refém da nicotina faz com que a pessoa se sinta obrigada a aturar esses efeitos para manter-se em um estado de tranquilidade. Por isso, as pessoas mesmo após conhecerem os danos negativos que o fumo causa às suas condições de vida continuam fumando, pois está em um estado psicológico no qual não tem condições de abandonar o viciante produto que atingiu seu cérebro de maneira avassaladora.

5. CICLOS DA GLAMOURIZAÇÃO DO TABAGISMO

5.1 VISÃO POSITIVA DO CIGARRO QUANDO FOI DESCOBERTO.

O consumo do tabaco, especialmente na forma de cigarro, ganhou impulso durante o século XX, principalmente nos Estados Unidos e Inglaterra, e até hoje o produto é extremamente popular. Durante a Primeira Guerra o cigarro restringiu-se mais ao sexo masculino, embora não muito tempo depois às mulheres também começaram a usar o produto. Assim, durante boa parte do século XX, a indústria do tabaco faturou bilhões ao distribuir cigarros e propagar uma imagem positiva do mesmo, vinculada ao glamour, independência e juventude. Surgiram anúncios que aconselhavam a troca dos doces

pelo cigarro, sendo visto como uma satisfação pessoal, além das propagandas que enganavam os consumidores mostrando fumantes como pessoas elegantes e saudáveis. Na época, o cigarro era bem aceito em lugares fechados como em trens, ônibus, restaurantes e lojas, pois acreditava-se que o cigarro poderia ser usado no combate ao stress e à ansiedade, possuindo, portanto, uma função terapêutica. Neste período, os verdadeiros efeitos e a dependência que a droga causava eram pouco conhecidos e, por causa disso, houve uma rápida adoção do fumo por grande parte da sociedade.

Dessa maneira, no começo do período de intensa comercialização do cigarro, milhões de pessoas começaram a utilizá-lo, pois os danos não eram conhecidos e o alívio às tensões habituais era muito apelativo. Durante esse período empresas tabagistas ligavam uma imagem de saúde e altivez ao seu produto, por meio de propagandas com médicos e atletas profissionais. Assim, o público maravilhado com o produto, que prometia curar dores de garganta e amenizar sintomas de depressão, rapidamente tornou-se viciado e começou a usar o cigarro mais frequentemente.

O cigarro, conforme abordado anteriormente, foi fortemente recomendado em seu primeiro momento, sendo receitado por médicos, dado a soldados que enfrentaram transtornos de estresse pós-traumático e amplamente divulgado sem restrições. Por isso foi aceito socialmente com tanta facilidade e esse status se manteve inalterado até a segunda metade do século XX, quando estudos começaram a ser publicados mostrando os efeitos negativos do uso do cigarro, fazendo com que seu tão valorizado reconhecimento, mantido até então, fosse questionado. Assim, não era mais ligado popularmente à saúde e altivez e sim a um vício que trazia prejuízos ao bem-estar do ser humano.

5.2 OLHAR NEGATIVO A PARTIR DA COMPROVAÇÃO DOS MALEFÍCIOS DO CIGARRO PELA COMUNIDADE CIENTÍFICA

A partir da década de 1950 houve uma ampla divulgação midiática dos danos causados pelo cigarro. As indústrias de tabagismo gastaram milhões em pesquisas que tentassem descredibilizar as associações entre a prática do fumo ao câncer e ao enfisema pulmonar. Porém, apesar dos esforços, o público em geral tornou-se consciente que o produto que até poucos anos atrás era recomendado por médicos, na verdade, era a principal causa do aumento no número de diagnósticos de câncer de pulmão, doenças respiratórias, cardiovasculares e neoplasias. Contudo, quando as descobertas dos malefícios do cigarro foram divulgadas, grande parte da população mundial já estava viciada no produto, pois quando inalado, a fumaça do cigarro leva cerca de dez à vinte segundos até chegar ao cérebro e alimentar os receptores das células cerebrais, por isso o cigarro traz rapidamente uma sensação de prazer, mudando o estado emocional do usuário, o que acarreta no vício, gerando uma necessidade de continuar usando essa substância, sendo ela positiva ou não à saúde.

Por isso, nos anos seguintes foram desenvolvidas terapias de reposição de nicotina e medicamentos que ajudam fumantes a largarem o vício. No Brasil, o Ministério da Saúde em parceria com a Secretaria de Vigilância em Saúde (SVS), criou um Sistema Nacional de Vigilância específico para as doenças não transmissíveis e outros fatores de risco, dentre esses, o tabagismo. Atualmente, existe no Brasil um grande sistema de pesquisa e vigilância que torna possível obter estimativas nacionais e regionais sobre o uso do tabaco, como a exposição à fumaça, cessação, exposição à propaganda pró e anti tabaco, preço e gasto médio mensal com cigarros industrializados, além de outras informações que ajudam a avaliar os resultados do controle do tabagismo e o impacto das iniciativas de prevenção ao uso

do tabaco, assim como, torna possível criar novas estratégias. Existe na legislação brasileira leis que limitam o uso do cigarro, como a Lei número 12.546 que proíbe o uso de cigarros, cigarrilhas, charutos, cachimbos ou qualquer outro produto famígero, derivado ou não do tabaco, em recinto coletivo fechado, privado ou público, em todo país. Externamente, as próprias embalagens de cigarros começaram a ter que apresentar imagens que mostrassem os malefícios e consequências derivados do uso do fumo, reforçando a necessidade de cuidado com a saúde.

Com essa forte repressão ao uso do cigarro, que ocorreu em âmbito nacional e mundial no final do século XX e início do século XXI, fumar tornou-se algo para envergonhar-se. O fumo perdeu o glamour que demorou décadas para desenvolver, conforme foi descrito por um funcionário de uma Universidade Federal no artigo “Ser Fumante em um Mundo Antitabaco: reflexões sobre riscos e exclusão social” de Mary Spink (2010)

É claro, se tornou uma coisa feia fumar. Eu fumo, mas tenho na minha mente que é feio. Que eu estou fazendo uma coisa que é feia. [...] E eu não discordo de quem acha que é feio, porque eu fumo e acho que é feio mesmo. Eu acho que eu não deveria fumar. Você entendeu? [...] Eu prefiro não incomodar o não fumante e também porque eu não quero ouvir o que eu já sei, entendeu? [...]. Eu tenho olhos, eu sou inteligente, eu tenho veículos de comunicação, eu tenho veículos medicinais que me falam; sei que vai interferir na minha saúde, mas, por favor, aceito que você não queira que eu fume, ou não goste de fumante, mas eu acho que você tem que respeitar a minha posição, porque não é tão fácil você parar de fumar (p. 10).

O trecho exibe o que se tornou a realidade de um fumante durante o começo dos anos 2000. O homem que batalhava contra o vício tinha vergonha de fumar e admitia que é um hábito ruim que pratica, exibindo, desta forma, a posição que os fumantes assumiram: a de doentes, viciados e marginalizados pela sociedade.

O fumo, neste período, não satisfazia mais alguém que buscava mostrar uma imagem de elegância, pois nesse momento aquele que mantinha o hábito de fumar, mesmo conhecendo os malefícios que o acompanhavam, era excluído socialmente, exatamente a imagem contrária da que foi propagada pela indústria tabagista por meio do cinema em décadas anteriores.

5.3 VISÃO ATUAL DA NECESSIDADE DO USO DE CIGARROS PARA A INCLUSÃO SOCIAL.

Apesar dos inúmeros avisos de agências da saúde, jovens atualmente voltaram a adotar o hábito do fumo. Esses jovens geralmente são introduzidos ao cigarro enquanto crianças, por meio de pessoas ao seu redor que fumam e, eventualmente, em sua adolescência acabam sendo menos resistentes quando deparados a oportunidade de experimentar o produto que, para si, foi normalizado. A oferta do cigarro geralmente ocorre em festas e festivais, nos quais sofrem uma pressão social para agir como as pessoas que estão ao seu redor, utilizando o produto. Menores de idade estão mais propensos à essa pressão social, pois eles ainda não possuem muita experiência e sentem a necessidade de se autoafirmar e buscar por prazeres imediatos, por isso imaginam ter que fumar para serem incluídos por seus amigos. Comprova-se que o método funciona com pessoas jovens quando se analisa o dado do "Surgeon General's Report: Preventing Tobacco Use Among Youth and Young Adults" (2012)³, no qual é estimado que 99% dos fumantes começaram a fumar antes dos 26

³ Serviço de Saúde Pública. **Prevenindo o uso do tabaco entre jovens e adultos jovens: Um relatório do cirurgião geral.** Imprensa do governo dos EUA, 2012. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?hl=pt-&lr=&id=14mKXI9cmjoC&oi=fnd&pg=PA3&dq=Surgeon+General%20%80%99s+Report:+Preventing+Tobacco+Use+Among+Youth+and+Young+Adults&ots=KmjBU9EBI-&sig=VK6dLuWtEXmtH-nhQ2mAoVIF1c#v=onepage&q=Surgeon%20General%20%80%99s%20Report%3A%20Preventing%20Tobacco%20Use%20Among%20Youth%20and%20Young%20Adults&f=false>>. Acesso em: 20 Set. 2023.

anos de idade. Dessa forma, é evidente que esses jovens são o público mais disposto a adotar um hábito que apenas lhes traz malefícios em troca da aceitação social, já que pessoas que passam dos estágios iniciais de sua vida sem fumar tendem a nunca experimentar a droga.

Essa situação, que persiste até os dias atuais, é alarmante: jovens adolescentes sentem a necessidade de fumar para serem aceitos socialmente. O glamour foi retomado, pois jovens consideram bonito ser rebelde, desobedecer a ordens e fazer o que até então não era aceito. Por isso, pode-se observar que a introdução de adolescentes a esses produtos geralmente ocorre em festas, nas quais, não obstante aos avisos prévios sobre os danos do cigarro, fumam para contrariar o que são ensinados e serem similares aos outros que estão ao seu redor.

Além disso, é notório como o cigarro apresenta-se de forma diferente dependendo da classe social do usuário. Isso pode ser observado nos dados levantados pela Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE, 2019), que mostra que estudantes da escola pública tendem a fumar cigarros tradicionais, enquanto os de escola privada costumam usar cigarros eletrônicos. Estes últimos surgiram como uma falsa solução para a crise de saúde causada pelos cigarros, isso porque muitos jovens incorretamente acreditam que essa modalidade de fumo não vicia e não causa danos, o que é uma inverdade, pois se ingerido em grande quantidade, causa sérios danos à saúde, podendo ser fatal.

Dessa maneira, é notável que está havendo uma crescente popularização dos cigarros eletrônicos. Esses, que tiveram como público inicial os jovens, eram vendidos como uma nova maneira de fumar e totalmente inofensivos. Entretanto, atualmente, é comprovado por pesquisadores que os cigarros eletrônicos são tão perigosos quanto o cigarro tradicional. Todavia, a urgência de lidar com o aumento de crianças e adolescentes dependentes do cigarro é agravada pela frequência em que fumam, pois eles estão em fase de crescimento e

desenvolvimento, tornando o uso dessas substâncias extremamente nocivo para o corpo. Ademais, o cigarro eletrônico por ter substâncias altamente viciantes e por seu aspecto inodoro e discreto, pois o mesmo não exala cheiro durante o uso, dificultando o monitoramento por parte dos adultos, faz com que os jovens utilizem de maneira indiscriminada o produto, aumentando os riscos pelas altas doses ingeridas de nicotina. Consequentemente, o cigarro tradicional vem sendo substituído por sua versão eletrônica, que é mais atrativa para os jovens e que pouco se sabe, até o momento, sobre os reais efeitos desse produto no organismo humano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cigarro teve seu status social mudado ao longo dos anos. Em seu primeiro estágio era supervalorizado, servindo como uma fonte milagrosa para curar a depressão e ansiedade que um contexto de conflitos sociais despertava nas pessoas. Dessa forma, empresas tabagistas conectaram-se fortemente à indústria do cinema, pagando grandes quantias em dinheiro para atores aparecerem nas telas fumando cigarros de suas marcas. Com isso, essas companhias conseguiram solidificar-se em uma posição de alto desejo social, na qual cigarros eram conectados a momentos grandiosos e elegantes. Disso, retira-se o poderio que a propaganda tem, já que um produto tão recente conseguiu rapidamente espalhar-se pelo mundo graças à indústria cultural.

Em um segundo momento, tornou-se acessível ao público geral informações sobre os danos que o cigarro causa ao corpo humano. Com isso, inicialmente houve um afastamento das gerações mais jovens desse produto, contudo fumantes que praticavam o hábito há mais tempo não tiveram condições de abandonar seu vício. Assim, é notável, diante deste contexto, que a população em geral confiava na

ciência e a maioria das pessoas desassociaram o cigarro da sua posição de glamour previamente imposta. A partir daí, fumar tornou-se uma atividade desprestigiada, na qual fumantes sabiam que incomodavam as pessoas com a fumaça exalada e começaram a evitar fumar em espaços públicos. Além disso, foram descobertos os danos do cigarro e de suas substâncias, dando visibilidade às causas para o aumento do número de doenças provenientes do fumo.

Contudo, é notório que o cigarro, atualmente, tornou-se um símbolo de rebeldia e liberdade, em que jovens começam a fumar, principalmente em bailes e em encontros com amigos, para serem reconhecidos como indivíduos que não seguem normas e, desta forma, serem aceitos pelo grupo. Dessa maneira, percebe-se que o cigarro conseguiu uma popularidade diferente do que em sua primeira fase de sucesso. Agora, o cigarro não é mais um item louvado pela mídia e pelo cinema, mas a forte propaganda contrária a ele fez com que adolescentes encontrassem no hábito de fumar um jeito de demonstrar desprendimento aos padrões que lhe estavam sendo impostos. Dessa maneira, jovens procuraram maneiras mais modernas para adotar o hábito do fumo, assim, houve uma crescente popularização dos cigarros eletrônicos que, a princípio, eram vendidos como mais saudáveis (da mesma maneira que os cigarros tradicionais eram na época que começaram a ser comercializados em massa). Contudo, atualmente é conhecido que essa modalidade de fumo é tão nociva quanto a tradicional e pode se tornar ainda mais perigosa quando se considera que os cigarros eletrônicos podem ser fumados em qualquer ambiente sem deixar rastros olfativos. De tal modo, esses são utilizados muito mais frequentemente, agravando a dependência do usuário e mais rapidamente afetando o seu sistema respiratório. Por fim, pode-se considerar que o cigarro segue sendo uma questão de crise global para a saúde, em que milhões de pessoas morrem

anualmente das doenças provenientes do seu uso, enquanto adolescentes seguem utilizando-os, mesmo estando no estado mais frágil de suas vidas e sabendo dos seus danos irreversíveis.

REFERÊNCIAS

AUSTRALIAN GOVERNMENT. **What are the effects of smoking and tobacco.** Department of Health and Aged Care. 2020. Disponível em: <<https://www.health.gov.au/topics/smoking-and-tobacco/about-smoking-and-tobacco/what-are-the-effects-of-smoking-and-tobacco>>. Acesso em: 13 ago. 2023.

BARATA, Germana. **Ciência e cultura: Cigarro no cinema contribui para jovens começarem a fumar.** Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, 2003. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252003000400012>. Acesso em: 19 de abr. 2023.

BBC Brasil, **Astros de Hollywood recebiam fortunas para promover fumo.** 2008. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/reporterbbc/story/2008/09/080925_hollywoodfumo>. Acesso em: 18 de abr. 2023.

BERLAMINO, João; COSTA, Mateus. **Cigarro, narguile e 'pods': tabagismo afeta a saúde, pesa no bolso e impacta os cofres públicos.** G1, 2023. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/mogicidas-cruzes-suzano/noticia/2023/05/31/cigarro-narguile-e-pods-tabagismo-afeta-a-saude-pesa-no-bolso-e-impacta-os-cofres-publicos.ghtml>>. Acesso em: 22 jul. 2023.

BRANDT, Allan. **Inventing Conflicts of Interest: A History of Tobacco Industry Tactics.** National Center for Biotechnology Information, 2012. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3490543/>>. Acesso em: 12 de ago. 2023.

BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente.** 1990. Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990. Disponível em: <<https://www.desenvolvimentosocial.sp.gov.br/a2sitebox/arquivos/documentos/182.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2023.

BRASIL. **Lei nº 12.546**, de 14 de dezembro de 2011. Brasília: Diário Oficial da União. Disponível em:

<https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-014/2011/Lei/L12546.htm#art49>. Acesso em: 23 set. 2023.

CARVALHO, Mário César. **O cigarro**. São Paulo, SP: Publifolha, 2001.

FRAGA, Sílvia. Tabaco: **Panaceia no Século XVI e Patologia no Século XX**. Acta Medica Portuguesa, 2010. Disponível em: <<https://www.actamedicaportuguesa.com/revista/index.php/amp/article/view/610/294>>. Acesso em: 29 de abr. 2023.

HALLAL, Ana. et al. **Prevalência e fatores associados ao tabagismo em escolares da Região Sul do Brasil**. Scielo, 2009.

Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/rsp/a/fZrHcvSLC3tgkCDRzVSxSyv/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em: 19 de abr. 2023.

JOHNSON, Tim. **O papel da Mídia na Promoção e Redução do Uso de Tabaco**. Instituto Nacional do Câncer, Estados Unidos, Junho 2008.

Disponível em: <https://cancercontrol.cancer.gov/sites/default/files/2020-08/m19_executive_summary_portugese.pdf>. Acesso em: 19 de abr. 2023.

MALTA, Deborah Carvalho. et al. **O uso de cigarro, narguilé, cigarro eletrônico e outros indicadores do tabaco entre escolares brasileiros: dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2019**. Revista Epidemiol, 2022. Disponível em: <<https://scielosp.org/pdf/rbepid/2022.v25/e220014/pt>>. Acesso em: 22 jul. 2022.

MARCUS, Stephen E. **O papel da Mídia na Promoção e Redução do Uso de Tabaco**. Instituto Nacional do Câncer. 2008. Disponível em: <https://cancercontrol.cancer.gov/sites/default/files/2020-8/m19_executive_Summary_portugese.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2023.

MARTINS, Fran. **Fumo é responsável por 71% das mortes por câncer de pulmão e 42% das doenças respiratórias crônicas, alerta OMS**. Ministério da saúde, 2022. Disponível em:

<<https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2022/agosto/fumo-e-responsavel-por-71-das-mortes-por-cancer-de-pulmao-e-42-das-doencas-respiratorias>>

-crónicas-alerta-

oms#:~:text=Segundo%20estimativas%20da%20Organiza%C3%A7%C3%A3o%20Mundial,aproximadamente%2010%25%20das%20doen%C3%A7as%20cardiovasculares>. Acesso em: 21 de jul. 2023.

MENDES, Elizabeth. **Stop-Smoking Breakthroughs: Past, Present and Future**. American Cancer Society, 2013. Disponível em: <<https://www.cancer.org/research/acs-research-news/stop-smoking-breakthroughs-past-present-and-future.html>>. Acesso em: 13 de Ago. 2023.

MORIN, Edgar. **As estrelas: mito e sedução no cinema**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

NÓBREGA, Ighor. **57% dos cigarros vendidos no Brasil em 2019 são ilegais**. Poder 360, 2019. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/brasil/57-dos-cigarros-vendidos-no-brasil-em-2019-sao-ilegais>>. Acesso em: 21 de jul. 2023.

NUNES, Sandra; CASTRO, Márcia. **Tabagismo: Abordagem, Prevenção e Tratamento**. Universidade Estadual de Londrina, 2011. Disponível em: <<https://static.scielo.org/scielobooks/sj9xk/pdf/nunes-9788572166751.pdf>>. Acesso em: 21 de abr. 2023.

RODRIGUEZ, Miguel. **Cinema clássico americano e produção de subjetividades: o cigarro em cena**. Repositório UFSC, 2008. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/91803/258230.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 19 de abr. 2023.

SANTOS, Fransley. **Tabagismo entre acadêmicos da área de saúde da universidade de São Paulo, Ribeirão Preto**. Teses USP, 2010. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/17/17139/tde-13012011-161707/publico/a.pdf>>. Acesso em: 19 de abr. 2023.

SILVA, Luiz. et al. **Controle do tabagismo: desafios e conquistas**. J Bras Pneumol, 2016. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/jbpneu/a/9ZRBLwC4JbRYGXb66krwjBC/?language=pt&format=pdf>>. Acesso em: 19 abr. 2023.

SOUZA, Dyego. **Os significados do tabagismo construídos na dinâmica social**. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2006.

Disponível em:
[SPADAFORA, Milena. **A vida paralela vendida pelas propagandas de cigarro: uma análise da reinvenção pessoal e do escapismo da monotonia no ato de fumar.** Departamento de História da Universidade de São Paulo, 2021. Disponível em:
<https://sites.usp.br/pet/wp-content/uploads/sites/759/2021/08/VI-EPEGH-Parte-3.pdf#page=38>. Acesso em: 29 de abr. 2023.](https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/17080/1/DyegoLB_S.p. Acesso em: 28 de abr. 2023.</p></div><div data-bbox=)

SPINK, Mary. **Ser Fumante em um Mundo Antitabaco: reflexões sobre riscos e exclusão social.** Saúde Soc. São Paulo, 2010. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/sausoc/a/NQDXRjrz4vRJdsRv8PrLTNJ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 29 de abr. 2023.

TOBACCO INDUSTRY RESEARCH COMMITTEE. **A FRANK STATEMENT TO CIGARETTE SMOKERS (1954).** Disponível em:
<https://assets.tobaccofreekids.org/factsheets/0268.pdf>. Acesso em 12 de ago. 2023.

VARGAS, Rosa. *et al.* **A Classificação Indicativa de Filmes de Popularidade nos Cinemas Brasileiros e sua Implicação para o Tabagismo entre Jovens.** RBC inca, 2011. Disponível em:
<https://rbc.inca.gov.br/index.php/revista/article/view/671/446>. Acesso em: 19/04/2023

ANEXO - LISTA DE IMAGENS



Figura 1: Advertências que devem aparecer em todos os fumígenos derivados do tabaco, segundo a Resolução da Diretoria Colegiada 195/2017, regulada pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Disponível em: <http://antigo.anvisa.gov.br/documents/10181/3119516/%281%29RDC_195_2017_COMP.pdf/f2a1411b-ee59-4ea8-a119-28d9899976cb>. Acesso em: 21 de Jul. 2023.

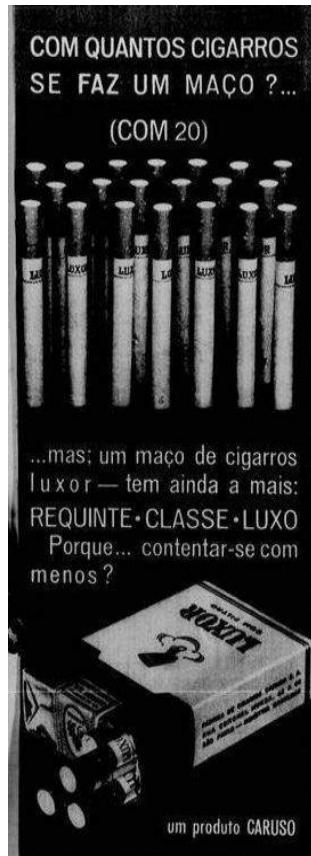


FIGURA 2: Anúncio do cigarro "Luxor". A propaganda reforça que a pessoa pode adquirir requinte, classe e luxo apenas por fumar os cigarros da marca. In: Realidade, Hemeroteca Digital Brasileira. São Paulo, 1967.



FIGURA 3: Anúncio do cigarro "Chesterfield". A propaganda conta com a participação da atriz Joan Crawford que relata adorar a marca e aparece fumando um dos produtos. Disponível em: <<https://www.grayflannelsuit.net/blog/celebrity-smokes-a-gallery-of-star-powered-cigarette-ads>>. Acesso em: 21de Abr. 2023.



FIGURA 4: Ator americano Clark Gable usando cigarros da marca “Lucky Strike” pois foi pago por ela. A empresa gastou o que atualmente seria equivalente a 3 milhões de dólares para que estrelas do cinema fumassem seus produtos. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/film/2008/sep/26/tobaccoindustry.smoking>>. Acesso em: 24 de Abr. 2023.



FIGURA 5: *Product Placement* pago pela marca “Lucky Strike”. A marca pagou uma quantia à produtora do filme para que seu produto aparecesse de fundo. Assim, quem assiste o filme subconscientemente cria uma imagem positiva da empresa. Disponível em: <<https://productplacementblog.com/tag/lucky-strike/>>. Acesso em: 21de Abr. 2023.



FIGURA 6: Anúncio do cigarro “KENT”. Essa marca clama que por toda a américa mais cientistas e educadores fumam o cigarro da empresa, pois ele possuía um filtro que foi divulgado como a solução protetora e usava de atores da época para que o espectador mentalmente conectasse a marca com sucesso. Disponível em: <<https://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,ERT14584-15254-14584-3934,00.html>>. Acesso em: 28 de Abr. 2023.



FIGURA 7: Empresa “Lincoln” paga o jogador Ademir de Menezes para divulgar a marca. Na propaganda, o celebrado atleta da seleção brasileira de futebol afirma sempre fumar um cigarro depois de sair do campo. Disponível em: <<https://www.propagandashistoricas.com.br/2015/01/cigarros-lincoln-ademir-menezes-anos-50.html>>. Acesso em 28 de Abr. 2023.

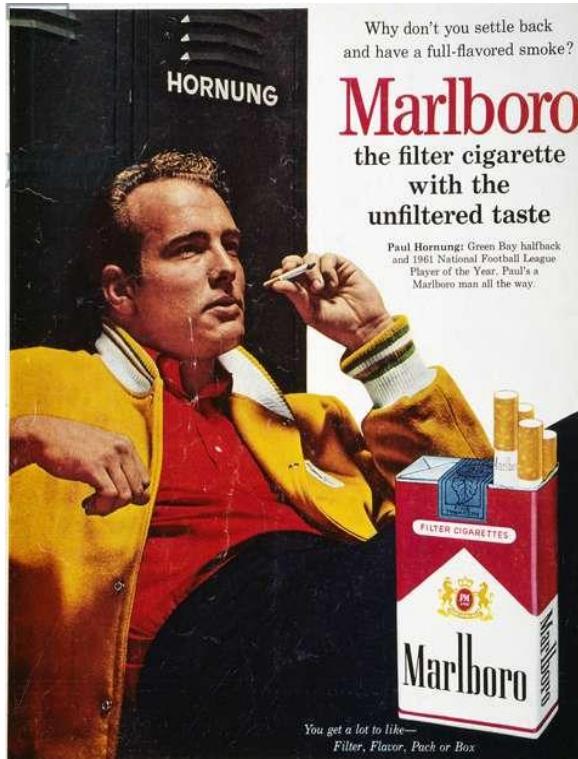


FIGURA 8: Marca “Marlboro” paga o jogador que foi eleito o melhor da National Football League (NFL) para divulgar seu produto. A empresa associa o sucesso na principal liga de futebol americano com o fato do jogador supostamente fumar os cigarros da marca. Disponível em: <<https://www.bridgemanimages.com/en/noartistknown/marlboro-cigarette-ad-football-player-paul-hornung-endorsing-marlboro-cigarettes-american-magazine/nomedium/asset/3160220>>. Acesso em: 28 de Abr. 2023.



FIGURA 9: Anúncio da marca “Marlboro”. Na propaganda é utilizada uma criança para tentar motivar pais a fumarem cigarros da empresa, apelando ao lado emocional de que até mesmo os filhos preferem que seus parentes usem os produtos da marca. Disponível em: <<https://www.propagandashistoricas.com.br/2013/01/propaganda-de-cigarros-com-criancas.html>>. Acesso em: 27 de Abr. 2023.



FIGURA 10: Anúncio de cigarros de chocolate da marca “Pan”, com público alvo infantil. A propaganda divulga um produto que visa doutrinar crianças desde uma idade muito precoce que o uso de cigarros é algo natural e bom. Disponível em: <<https://www.otempo.com.br/economia/pan-fabricante-dos-famosos-cigarros-de-chocolate-pede-falencia-1.2813000>>. Acesso em: 28 de Abr. 2023.

A IMPORTÂNCIA DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Ana Luiza Andriotti Farias
Luiza Flores Michel
Vicente Pinheiro Monteiro

"Inteligência é a capacidade de se adaptar à mudança" (STEPHEN HAWKING).

RESUMO: A inteligência artificial surgiu como um campo de estudo e aplicação no século XX, mas suas raízes remontam a ideias antigas sobre máquinas capazes de imitar a inteligência humana. Desde seu advento, a IA tem evoluído exponencialmente, impulsionada por avanços tecnológicos e algoritmos sofisticados. Na área empresarial, tal inovação assume um papel crucial, tornando-se um verdadeiro aliado na melhoria dos processos internos das organizações. Ela aprimora a análise de dados, facilita a tomada de decisões e contribui para a eficiência operacional. Nos jogos eletrônicos, ela se destaca ao proporcionar aos jogadores experiências imersivas e desafiadoras. Além disso, cria personagens virtuais com comportamentos complexos e realistas, elevando o nível de diversão e envolvimento dos jogadores. No contexto judicial, a inteligência artificial mostra seu potencial ao auxiliar na análise e organização de informações processuais. Isso resulta em uma tramitação mais ágil e eficiente dos processos, beneficiando juízes, advogados e cidadãos. Em síntese, a IA não apenas revolucionou a maneira como interagimos com a tecnologia, mas também moldou nosso mundo, afetando positivamente áreas cruciais de nossa sociedade e promovendo um futuro mais eficiente e inovador.

PALAVRAS-CHAVE: Inteligência Artificial; inovação; rotina; auxílio.

ABSTRACT: Artificial Intelligence (AI) emerged as an area of study and application in the 20th century, however its roots retrace old ideas about machines, which are capable of imitating human intelligence. Since it appeared, AI has been evolving exponentially, boosted by technological advances and sophisticated algorithms. In the business area, artificial intelligence takes on a crucial role, becoming a true ally in improving internal methods of institutions. It upgrades data analyses, eases the decision-making and contributes to the operational efficiency. Besides, in electronic games, the artificial intelligence stands out by providing gamers with immersive and challenging experiences. To do that, it creates virtual characters with complex and realistic behavior, lifting the level of fun and involvement of the players. In the juridical scenario, AI shows its potential by assisting in the analysis and organization of procedural information. That results in a series of processes done quicker and more efficiently, benefiting judges, lawyers and citizens. Overall, AI not only revolutionized the way we interact with technology, but also shaped our world, positively affecting significant areas of our society and promoting an innovative future.

KEYWORDS: Artificial Intelligence; innovation; routine; aid.

1. INTRODUÇÃO

De acordo com o dicionário de português online⁴, a inteligência artificial é a habilidade que um computador possui de realizar procedimentos considerados próprios do ser humano - como o raciocínio lógico - de forma não natural, ou seja, artificialmente. Isto é, as IAs foram desenvolvidas com o propósito de serem um atalho que torne as atividades cotidianas mais fáceis e rápidas de serem realizadas, tornando-as práticas (essas, por sua vez, são abordadas durante o desenvolvimento do artigo proposto).

Desde seu surgimento, a inteligência artificial garante inovar com a criação de máquinas que possam substituir o pensamento e ações humanas; além disso, seu primeiro objetivo era terceirizar as principais funções do ser humano. Entretanto, nos seus primórdios, durante a Segunda Guerra Mundial, as pesquisas sobre a criação de algo artificial se intensificaram e foram efetivadas ao longo dos anos 50 a fim de melhorar a segurança dos países e de promover a ascensão tecnológica no ramo armamentício. Assim, as IAs foram pioneiras nessas relevantes áreas, porém é possível perceber um grande desenvolvimento de tais máquinas nos mais variados contextos no decorrer da contemporaneidade.

Atualmente, o tema Inteligência Artificial está aparecendo cada vez mais nos principais portais de comunicação, principalmente com novas descobertas e invenções, uma vez que ela está tomando conta de diversas áreas de nossas rotinas, fazendo com que o cenário da IA deixe de ser algo tão idealizado e distante, tornando-se algo concreto e vivenciado cotidianamente.

⁴ Dicionário online de português. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/ia-4/#:~:text=Significado%20de%20IA&text=%5BInform%C3%A1tica%5D%20Ci%C3%A1ncia%20que%20no,ou%20similar%20a%20intelig%C3%A1ncia%20humana.>> Acesso em: 25 nov. 2023.

Sendo assim, hoje sabe-se que podemos encontrar facilmente sistemas baseados em tal modelo de inteligência em diversas atividades, isto é, em simples ações comuns a nós como entrar em estacionamentos, realizar pesquisas virtuais, pegar estradas monitoradas, pagamentos com cartões de crédito, dentre outros.

De acordo com Andrew Yan-Tak Ng *apud* Eidt (2022), importante cientista da computação e líder global em IA, é complicado pensar em um setor que não passará por mudanças com o crescimento da inteligência artificial, incluindo a área da saúde, educação, transporte, logística, comércio, comunicações e agricultura. Além disso, ele acredita que a IA tem um claro caminho para fazer a diferença em todos esses ramos.

Nesta perspectiva, por mais que muitos saibam o que é a inteligência artificial, grande parte desconhece suas finalidades e em que ela pode atuar de maneira eficaz, isto é, na maioria das vezes acredita-se que a IA está apenas ligada a robótica e criação de assistentes virtuais, mas não se considera a atuação desta em outros possíveis setores. O que é a Inteligência Artificial? Como a IA influencia no cotidiano das pessoas sem ser notada? Em quais grandes áreas ela está inserida? De que maneira essa inteligência está presente em ramos diversos?

Neste trabalho, são abordadas questões acerca do surgimento e os primeiros fundamentos da inteligência artificial, desde o seu aparecimento em lendas do século XVI até os dias atuais. Ademais, são apresentados os principais conceitos e a participação de formaativa de tal tecnologia facilitadora em contextos como: empresas, jogos eletrônicos e o meio judiciário, com o objetivo de responder tais problemáticas e evidenciar a importância de tal temática em nossa vida.

2. A IMPORTÂNCIA DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

A inteligência artificial (IA) nada mais é do que a capacidade que uma máquina/programa/algoritmo tem de reproduzir características humanas como raciocínio lógico, interpretação e criatividade. Além disso, é um tema que tem recebido um grande destaque na atualidade, visto que está cada vez mais presente em nossas rotinas, no dia a dia empresarial, *smartphones* e na facilitação de pesquisas na *internet* como, por exemplo, assistentes pessoais.

Afinal, o ser humano tem um grande problema em administrar o seu próprio tempo. 24 horas já não são mais suficientes para suprir tudo o que é requisitado fazer em um único dia. Por isso, a Inteligência artificial tem o objetivo de otimizar tarefas que levariam horas para serem feitas e realizá-las em apenas meros minutos. Isso porque, diferente do ser humano, a máquina não precisa de pausa e também não se cansa, podendo realizar a mesma ação pelo tempo que for necessário. À vista disso, diversas áreas, como o judiciário, as empresas que usufruem do atendimento ao público e até mesmo o campo dos jogos eletrônicos estão recorrendo a essa tecnologia.

Inicialmente, em especial no plano da ficção cinematográfica, a inteligência artificial era retratada, exageradamente, com uma força negativa e maléfica, representada por máquinas adquirindo consciência e, de alguma forma, causando malefícios para a humanidade; o que pode gerar uma certa resistência ou medo nas pessoas para aceitarem a implementação da IA no cotidiano como algo benéfico. Um exemplo disso é que, em um dos filmes da saga “Divergente” a máquina causa uma revolução, colocando diversas classes sociais em um transe, causando brigas entre elas e levando diversas pessoas à morte. Imagens como essa, quando mostradas desde cedo e em larga escala –como é o caso dos filmes- causavam ansiedade na população que tinha medo de que, no futuro, o mundo

fosse dominado por máquinas. Todavia, hoje o medo é de que o desemprego se torne tão grande que o mundo como conhecemos não possa se recuperar. Porém, de acordo com o livro Inteligência Artificial de Russel e Norvig (2013, p.1188):

[...] Alguém poderia argumentar que milhares de trabalhadores foram demitidos por esses programas de IA, mas, de fato, se não houvesse os programas de IA esses trabalhos não existiriam porque o trabalho humano adicionaria um custo inaceitável às transações. Até agora, a automação por meio da tecnologia de IA criou mais empregos do que eliminou, e criou empregos mais interessantes e com remuneração mais elevada.

À vista disso, o livro afirma que os possíveis desempregados e a nova geração não serão inativos desde que procurem se adaptar a esse novo mercado, buscando carreiras que se adequem aos padrões que serão impostos no futuro.

Além disso, diferentemente da ideia comumente retratada em filmes, inteligência artificial não tem o mesmo significado de emoção artificial. Tendo em vista que, a primeira faz menção a um algoritmo desenvolvido para solucionar um problema de forma inteligente, por exemplo, uma calculadora que soluciona uma expressão matemática. Em contraponto, a emoção artificial é a capacidade de uma IA expressar sentimentos humanizados - o que atualmente ainda não é possível.

Basicamente, um algoritmo é um conjunto de passos a serem seguidos a fim de obter uma solução para um problema, ele pode ser usado para tomar decisões baseadas em fatores lógicos e para interpretar imagens ou textos. Porém, ele consegue aprender a partir da sua própria experiência muito superficialmente – fator que o diferencia do cérebro humano -, necessitando ainda do auxílio de uma pessoa, tanto para o manuseio quanto para a manutenção de informações. Pouco se sabe ainda sobre os limites que essa inteligência

pode atingir, muito menos quanto tempo levará para ser desenvolvida uma mais próxima da lógica humana. Sendo assim, segundo o físico Stephen Hawking *apud* Moreira (2015),

Não há consenso entre os pesquisadores de inteligência artificial em relação ao tempo necessário para construir a tecnologia com inteligência no nível humano. Quando isto de fato ocorrer, é possível que seja a melhor ou a pior coisa a acontecer com a humanidade (s/p).

Em suma, muitas coisas sobre a Inteligência Artificial ainda são uma grande incógnita e, a partir de um ponto, tornam-se apenas suposições, o que faz com que as pessoas criem uma visão fantasiosa sobre a mesma e, até mesmo, a enxerguem como uma ameaça ao ser humano.

2.1 O SURGIMENTO DA IA

O desejo de ter uma máquina que substituísse as ações e o raciocínio humano surgiu, surpreendentemente, antes do desenvolvimento da própria tecnologia contemporânea, ou seja, o interesse em algo tão inovador começou a aparecer há muitos anos, quando a disponibilidade tecnológica ainda não era o suficiente para tal feito. Dessa forma, a IA era vista como algo distante e extremamente trabalhoso de ser materializado.

Nessa perspectiva, o livro "Inteligência artificial" de Teixeira (2019), expõe as primeiras ideias acerca dessa temática:

O sonho de construir máquinas pensantes é muito antigo. Os primeiros registros de criaturas artificiais com habilidades humanas têm uma forma mítica ou por vezes lendária, tornando difícil uma separação nítida entre imaginação e realidade. Isso faz com que a IA seja uma disciplina com um extenso passado, mas com uma história relativamente curta (p. 13).

Segundo o autor, isso faz com que a IA seja um ramo do conhecimento com um extenso passado, mas com uma história relativamente curta, ficando exposta a ideia de que o pensamento da construção de máquinas realizando as principais funções cognitivas do homem se instala muito antes da possibilidade de pesquisa e realização dele.

Diante desse cenário, surge o começo de um possível desenvolvimento humano não natural em ficções, principalmente em lendas, mitos e obras literárias com a idealização de criaturas monstruosas durante o século XIX e início do século XX. Além disso, essas eram representadas de uma maneira maléfica, isto é, as primeiras idealizações foram visualizadas com um viés negativo, com uma perspectiva de substituir os humanos e querer fazer o "mal" a todos.

Como exemplo desses personagens que representaram o início da aplicação de um ideal primitivo da inteligência artificial tem-se a lenda do Golém, presente na mitologia do folclore judaico. Essa narrativa apresenta a história de um rabino que, durante a Idade Média, teria construído um homem de argila, o qual foi trazido à vida e seria capaz de proteger e servir seu povo. Além disso, outras versões dessa ficção contam que foi necessário que essa criatura - durante esse período - protegesse os judeus de pessoas que os discriminavam religiosamente. Porém, com toda essa evolução a partir de suas necessidades, Golém teria ficado forte e perigoso demais ao ponto de ameaçar vidas. Logo, entende-se que desde o século XVI o ser humano já idealiza a vontade de criar algo que substituisse as funções dele.

Apesar dessas aparições em ficções, a concretização da inteligência artificial se torna cada vez menos distante no século XX, mais especificamente a partir da Segunda Guerra Mundial. Nesse período, era crucial que um país se desenvolvesse tecnologicamente

no âmbito militar - potencial bélico, comunicacional e administrativo – e conseguisse celeridade na comunicação e na resolução de problemas, por exemplo, computadores eletrônicos capazes de solucionar “enigmas” complexos até para o ser humano.

Em um momento de extrema relevância, todas as áreas de pesquisa que pudessem colaborar para a resolução de demandas direcionadas ao poder bélico e a segurança estavam mobilizadas. O autor João Teixeira (2019) corrobora com tal ideia ao afirmar que "Os bombardeios aéreos feitos pelos nazistas sobre as cidades europeias pressionaram o desenvolvimento de canhões antiaéreos dotados de um sistema de pontaria que corrigisse os eventuais desvios causados pelo deslocamento do alvo e do próprio canhão no momento do disparo" (p. 14).

Logo, foi durante esse violento momento que foram dados os primeiros passos para desenvolver a inteligência artificial, com um viés armamentista. Posteriormente, continuou-se avançando cada vez mais em pesquisas em torno desse tema, agora, direcionadas a outras áreas, como a dos problemas matemáticos. Nessa perspectiva, ganha destaque o pioneiro experimento realizado nos anos 50, pelos cientistas Hebert Simon e Allen Newell, no primeiro laboratório de IA. O programa criado por eles chamou-se "O Teórico da Lógica" e tinha por objetivo reproduzir as habilidades do homem em solucionar diversos cálculos; posteriormente, foi possível a criação de algoritmos.

Após essa fase de descobrimentos, já no final do século XX, a inteligência artificial ganha forças imensuráveis, com novos grandes laboratórios e inovações, como a ascensão da robótica. Neste período deu-se início a uma série de especulações sobre máquinas capazes de pensar racionalmente e, se possível, futuramente simular uma ordem de sentimentos e sensações humanas.

3. IA EM DIFERENTES ÁREAS

O homem sempre teve a necessidade de evoluir. Na era paleolítica, a descoberta do fogo serviu como um mecanismo mais tecnológico para a caça. Já na revolução industrial as máquinas foram o centro dessa mudança. Acontece que, independentemente da época, o ser humano se vê forçado a aprimorar suas ferramentas com o objetivo de vencer as demandas cotidianas de forma mais rápida e eficaz, isto é, se antes utilizavam o fogo para a caça de animais, agora utilizam armas produzidas com madeira e material lítico. Esse aprimoramento instrumental chegou, na Era contemporânea, aos patamares da produção e do mercado de trabalho.

No cenário pós-pandemia, ficou ainda mais evidenciada a crescente demanda por inovação tecnológica. Fato que legitimou maiores investimentos na inteligência artificial nos últimos anos. Mais recentemente, se destacam as máquinas de gerenciamento de pedidos em empresas de *fast food* como o McDonald's. Tarefa essa que, em restaurantes menores, é operada por um ser humano. Tal tecnologia promete revolucionar até mesmo o campo da gastronomia.

Ademais, essas mudanças não são mais vistas apenas por uma classe social mais elevada, mas sim em qualquer espaço do dia a dia. Antigamente, era necessária uma pessoa para cobrar a entrada de outras no ônibus, carreira essa que não existirá mais, pois as máquinas substituirão essa função. Até mesmo o governo já se utiliza da IA para acelerar processos no campo jurídico, o que também tirará o emprego de uma outra parcela da população.

Independente de como seja, o mundo como conhecemos está mudando, pois, o mercado está se movimentando para fazer investimentos exponenciais em tecnologia que, a longo prazo, trarão maiores possibilidades de lucro. E assim como na era paleolítica, o

homem segue atrás de mecanismos que aumentem sua produtividade e também seu ganho.

À vista disso, deve-se considerar que, numa sociedade de informações, isto é, muitos dados disponíveis e circulando continuamente, poucas fontes podem parecer confiáveis. Neste cenário virtual, algumas empresas acabam lucrando também com a desinformação, inclusive propagando as chamadas "fake news". Acontece que a IA pode ser, também, um grande instrumento de propagação da desinformação, auxiliando na massificação da ignorância, já que ela não faz a distinção do "certo" ou "errado" de forma espontânea. Verdadeiro ou falso está mais ligado ao que o programador colocou no banco de dados.

Todavia, as "fake News" são só um exemplo, já que para a obtenção de lucro não existem barreiras insuperáveis. Antigamente, na revolução industrial a fábrica era a melhor forma de ter o maior ganho no menor tempo. Depois, surgiram os computadores cujas funções eram – inicialmente – enviar um comunicado de forma mais veloz do que uma carta faria, visando uma maior rapidez na conclusão daquela ação. Acontece que, esses exemplos seguem até hoje de diferentes maneiras.

Percebe-se, portanto, que as mudanças sociais ocorridas nas últimas décadas têm origem comum na necessidade do sistema capitalista se atualizar, frente a novas exigências econômicas e políticas.

3.1 IA EM EMPRESAS

A IA pode ser utilizada de várias formas em diferentes áreas. Algumas grandes empresas como a Amazon, Apple e Google têm usufruído desse recurso há anos, através de assistentes virtuais. A Siri, por exemplo, foi criada com o objetivo de auxiliar os usuários da Apple

respondendo perguntas. Com o avanço da Inteligência Artificial, hoje existe a possibilidade de atender chamadas, além de configurar alarmes e lembretes. A Amazon utilizou de uma tecnologia com objetivos parecidos ao desenvolver a Alexa, a exemplo de outras companhias como o Google. Hoje, muitas empresas utilizam *chatbots*, ou seja, robôs de bate-papo.

Na área comercial são usualmente utilizados no serviço de atendimento ao cliente - ou potencial cliente - através de sites, mensagens e outras plataformas digitais. O primeiro *chatbot* foi criado por Joseph Weizenbaum em 1966 e ficou conhecido como "Eliza".

Portanto, os *chatbots* têm como objetivo aproximar o cliente da empresa. Como o serviço realizado por uma pessoa só pode ocorrer durante o período que é determinado pelo expediente dos funcionários, o robô funcionaria como um método para aquelas pessoas que buscam determinado produto além do horário de funcionamento da loja. Além disso, se em um dia a empresa está com alta demanda de produtos, muitos consumidores nem seriam atendidos pela falta de tempo ou disponibilidade dos funcionários, sendo este problema inexistente com o uso de assistentes virtuais.

Ademais, esses dispositivos podem processar dados de forma independente e aprender novas tarefas. Entretanto, muitos consumidores acreditam que essa tecnologia impede um atendimento personalizado, por muitas vezes concederem respostas inúteis, além de não solucionarem as necessidades dos clientes. Nestes casos, se a máquina não for capaz de responder, ele direciona o comprador a um empregado.

Além disso, as grandes empresas, como as citadas anteriormente, aderiram aos programas de IA gerando a possibilidade de substituir pessoas por máquinas, ocasionando, desta forma, o chamado desemprego estrutural. Uma vez que um programa pode

fazer o trabalho de um ser humano com maior velocidade ou até mesmo maior precisão, a necessidade das empresas de manter um amplo quadro de funcionários começou a ser questionada. Por exemplo, não é mais comum encontrar funcionários que organizam a entrada e a saída de um ambiente que possui uma catraca; por ela ser automatizada por uma inteligência artificial, não existe a necessidade de uma pessoa ficar controlando o vai e vem naquele local. Essa lógica também pode ser aplicada em supermercados ou lojas de roupas, tendo em vista que a preferência tem sido pelo “self-checkout”, um aparelho que o próprio comprador organiza as suas compras e realiza o pagamento, sem entrar em contato com um atendente em momento algum.

Outro acontecimento importante nesse ramo da inovação tecnológica, e que tem irritado muitos trabalhadores da área cinematográfica, é a substituição de figurantes por programas de inteligência artificial. Fato que mobilizou os atores de Hollywood em uma greve sem precedentes. Uma das empresas que foi exposta por esse escândalo é a Disney; ela contratou diversas pessoas e comprou os seus direitos autorais de imagem por uma média de US\$100,00. Com isso a empresa escaneou o rosto desses contratados e agora tem utilizado essas imagens como figurantes ilimitadamente, sem ter que pagar nada a mais para essas pessoas, sendo esse um dos motivos que impulsionou o início da greve.

À vista disso, a União Europeia resolveu criar um guia ético com normas sobre a utilização da Inteligência Artificial em 2019. Segundo a revista portuguesa Público⁵, são eles: (a) Garantia da supervisão e

⁵ PEQUENINO, Karla. Comissão Europeia lança guia ético para a inteligência artificial. Revista Público. 2019. Disponível em: <<https://www.publico.pt/2019/04/09/tecnologia/noticia/comissao-europeia-lanca-guia-etico-inteligencia-artificial-1868540>>. Acesso em: 20 ago. 2023.

controle humano; (b) robustez e segurança; (c) privacidade e controle de dados; (d) responsabilização; (e) transparência; (f) diversidade; (g) não-discriminação; (h) justiça; e (i) promoção do bem-estar ambiental e social (MAIRINK e SILVA, 2019).

3.2 IA EM JOGOS ELETRÔNICOS

Os jogos eletrônicos são bastante reconhecidos por ser um *hobby* ou uma fonte de lazer para diversas pessoas. Todavia, além do papel prazeroso na rotina da população, suas funções também são de suma importância para o mercado capitalista. Sobre isso, a IA se distingue em duas ao se tratar dessa área, segundo (FUNGE, *apud* KISHIMOTO, 2004) pois,

Para os desenvolvedores de jogos eletrônicos, as aplicações computacionais de IA e o significado do termo IA são diferentes dos encontrados no meio acadêmico. Para distinguir a inteligência artificial utilizada em jogos das demais, os desenvolvedores adotaram o termo Game AI (p.1).

A maior diferença entre a IA de jogos e a acadêmica é o alvo que cada uma busca, pois nos jogos, diferentemente da acadêmica, as resoluções de questões difíceis - como a maneira que o sistema pode imitar seres humanos- não é o foco principal dessa área. Além disso, a forma na qual o sistema pensa não tem tanto valor quanto como ele age para os criadores da IA em jogos eletrônicos. Isso porque o objetivo dos games é a diversão, não fazendo diferença como a personalidade de um personagem foi criada, e sim como isso faz ele ser mais dinâmico. Além da necessidade do sujeito tomar decisões coerentes com o contexto do jogo (TOZOUR e SCHWAB *apud* KISHIMOTO, 2004).

Todavia, segundo (TOZOUR *apud* KISHIMOTO, 2004) é absurdo que a IA de Games seja considerada uma inteligência artificial, uma

vez que nos jogos o papel da IA é criar indivíduos com comportamentos adequados num determinado contexto, embora a adaptabilidade da inteligência humana nem sempre é necessária ou desejada para produzir tais comportamentos.

Ademais, o autor Brian Schwab apud Kishimoto (2004) disserta

Tanto que, no início dos desenvolvimentos dos jogos, a programação da AI era mais conhecida como “programação de jogabilidade”, pois não tinha nada de inteligente sobre o comportamento dos personagens que eram controlados pelo computador (p.4).

Porém, tudo isso mudou quando os jogos de estratégia começaram a ganhar força. Se previamente os jogos eram baseados em movimentos repetitivos e um padrão para que os personagens pudessem ser controlados pelo computador, como por exemplo, seria o jogo Fix-it Felix Jr, descrito no filme “Detona Ralph” (SCHWAB apud KISHIMOTO, 2004), agora os jogos de estratégia precisam que a IA seja boa o suficiente para que o computador seja capaz de controlar um grupo de personagem, administrando táticas ainda mais complexas. Dois exemplos de jogos recentes de estratégia são o Warcraft e o xadrez.

A IA em jogos eletrônicos vem servindo como uma alternativa de trabalho para determinadas pessoas, mas principalmente como uma fonte de lazer e até como um *hobbie* para milhares de outras. Isso porque, independente da função que faça na vida de cada um, o ser humano utiliza-se de um instinto que norteia suas decisões, chamado de intuição.

Diante disso, é necessário considerar que todas as grandes invenções vieram de um questionamento. No caso dos jogos, a grande pergunta seria como torná-lo mais interessante para os seus usuários? Todavia, para que isso seja respondido, é importante analisar que o

ser humano sempre está em busca de respostas que melhorem ou resolvam alguma situação-problema. Um exemplo representativo repousa no experimento realizado por Alan Turing, ilustre matemático que se debruçou sobre a engenharia de uma máquina apta a decifrar, grafar e eliminar símbolos binários numa fita de longa extensão, segmentada em quadriláteros de dimensões equitativas, no decorrer do cenário bélico da Segunda Guerra Mundial. Dentro desse cenário, esse aparelho seria essencial para a vitória dos aliados na guerra. Acontece que, para uma invenção como essa ser criada, é fundamental utilizar-se de um conhecimento inato para guiar uma linha de raciocínio que seja suficiente para que o dispositivo se concretize. E isso só é possível porque os humanos têm a capacidade de utilizar os seus conhecimentos - mesmo inconscientes - e aplicá-los em áreas distintas.

Como dito anteriormente, esse aspecto intuitivo pode ser percebido em diversas áreas, mas principalmente no campo dos jogos. À vista disso, os jogos são criados com muitas opções, tanto no caminho - dentro de um mapa - que pode ser seguido, algo que é observado em jogos como xadrez e *charted*, quanto nas respostas que são dadas a outros personagens, o que costuma ocorrer dentro de jogos com diálogos entre personalidades, nos quais diferentes tomadas de decisões trazem duas versões distintas da mesma história. Em vista disso, o jogador tem a obrigação de escolher alguma opção, - já que, caso contrário, ele será impedido pela máquina de prosseguir -, como em *Hogwarts Legacy*. Independente disso, a decisão do jogador muda toda a sequência do jogo e isso é feito através da intuição.

Há pessoas que a utilizam como forma de lazer, ou seja, jogam conforme seu instinto natural e se satisfazem com o resultado independente de qual seja. Todavia, há outras que buscam por todas as opções possíveis, jogam diversas vezes para obter diversos

resultados. E para isso, muitas recorrem a vídeos de pessoas que a utilizaram de forma distinta.

Com isso, é possível notar que os desenvolvedores de jogos necessitam utilizar desse princípio norteador ao criar um novo game, pois cabe a eles descobrir como diversas pessoas pensariam e até mesmo como o “criminoso” - pessoa que burla as regras – atuaria em determinada situação. É só a partir desses questionamentos que um jogo é feito. Por isso, seria adequado afirmar que esse “instinto” - para os desenvolvedores - é o encontro do cérebro humano com os computadores, já que nada seria criado sem a participação de ambos. Esse paralelo entre o cérebro humano e a máquina foi inicialmente exposto em 1948, no Simpósio de Hixon, evento que reuniu diversos cientistas interessados em apresentar e discutir suas descobertas.

O artigo “O que é inteligência artificial” de João Teixeira (2019) diz

Os resultados do Simpósio de Hixon não teriam sido tão surpreendentes se não levassem, através de uma intuição verdadeiramente criadora, a se estabelecer uma analogia entre o cérebro humano e os computadores (p.8).

Nessa analogia, o computador seria o objeto no qual as ideias se materializam, ou seja, o ser humano utiliza da sua capacidade, dos seus conhecimentos e questionamentos (guiados por essa intuição) para colocar grandes ideias no papel-como a expressão diz-, já o computador seria o lugar no qual elas entram em prática. Todavia, tudo isso só é possível porque o ser humano é capaz de utilizar de seus saberes como uma bússola para a criação de novos aparelhos.

3.3 IA NO JUDICIÁRIO

Na área do direito, a Inteligência artificial já tem sido utilizada em diferentes campos. Assim, um exemplo é a IA chamada de Elis, que

foi criada para o Tribunal de Justiça de Pernambuco (TJPE). Segundo uma matéria de 2019 do site G1, Pernambuco tinha em torno de 447 mil processos de Execução Fiscal acumulados.

Em contrapartida, em quinze dias a Elis analisou em torno de 70 mil processos, agilizando tanto as ações judiciais quanto as demandas. Sobre os impactos positivos dessa IA, a Secretaria de Tecnologia da Informação e Comunicação do TJPE, Juliana Neiva (2018), diz

Estamos vivenciando a era da transformação digital, e o Judiciário está completamente inserido no atual contexto de disruptão que a tecnologia tem proporcionado a todos nós. O projeto 'ELIS' representa o início do uso da Inteligência Artificial pelo TJPE, impactando positivamente na celeridade dos processos de executivos fiscais e contribuindo para redução da taxa de congestionamento e aumento da recuperação do crédito público⁶. (s/p)

Além disso, o Supremo Tribunal de Justiça também conta com outra IA, essa chamada de Victor. Segundo os órgãos competentes, este será capaz de ler todos os recursos extraordinários que sobem para o Tribunal e identificar quais estão vinculados a determinados temas de repercussão geral (MAIRINK e SILVA, 2019).

O objetivo inicial é aumentar a velocidade de tramitação de cada ação judicial. Se antes era feito manualmente levando cerca de 44 minutos, com o novo sistema será realizado em 5 segundos. Além disso, a máquina não tomará decisões, apenas será treinada para atuar em camadas de organização (Jusbrasil, STF, 2018).

Esse sistema aprende e cresce com cada nova interação, pois, segundo os desenvolvedores, ele foi criado para entender a linguagem

⁶ TJPE. **TJPE usará inteligência artificial para agilizar processos de execução fiscal no Recife.** Recife, 2018. Disponível em: https://www.tjpe.jus.br/inicio?p_p_id=101&p_p_lifecycle=0&p_p_state=maximized&p_p_mode=view&_101_struts_action=%2Fasset_publisher%2Fview_content&_101_returnToFullPageURL=https%3A%2F%2Fwww.tjpe.jus.br%2Finicio%3Fp_auth%3DbArS1onF%26p_p_id%3D3%26p_p_lifecycle%3D1%26p_p_state%3Dnormal%26p_p_state_rcv%3>. Acesso em: 20 Jul. 2023.

jurídica e não apenas as palavras-chave. Por isso, sua aplicação em escritórios tem se expandido cada vez mais, principalmente naqueles em que os advogados contratados já não são mais suficientes para manter a qualidade do atendimento porque a demanda é absurda.

Um dos benefícios apontados é a automação dos documentos, em que haveria a possibilidade de classificar as cláusulas e criar uma árvore de problemas. Podendo auxiliar nos melhores argumentos a serem utilizados, quais cláusulas são mais usadas em determinadas demandas e quais ocasionaram discussões judiciais (ZAVAGLIA *apud* MAIRINK e SILVA, 2019, p. 76).

Ademais, alguns desses robôs podem elaborar petições, realizar pesquisas e em um nível mais elevado prever resultados com a base de dados de outras sentenças já divulgadas que são constatadas no sistema. Cada vez mais a inteligência artificial se assemelha com a produção de diversos advogados, o que faz muitos escritórios investirem nessa tecnologia.

Um exemplo disso é o robô criado pela Startup Tikal Tech, que tem o objetivo de acelerar a criação de ações em casos recorrentes. Segundo matéria feita no Jornal Folha de São Paulo em 2018, ele é capaz de interagir com o advogado e, a partir disso, fazer cálculos e criar uma petição, mesmo que inicial. Com isso, o sistema promete fazer download e organizar projetos, além de cadastrar os projetos no sistema (MAIRINK e SILVA, 2019).

Diante das novas mudanças tecnológicas a IA permite que os advogados consigam se dedicar a áreas que exigem um maior foco desses profissionais, já que a máquina trabalha com a parte mais repetitiva e burocrática do jurídico, a qual toma muito tempo e espaço dos trabalhadores, porém agora, essa nova tecnologia está abrindo espaço para novas oportunidades na vida desses especialistas.

Todavia, a utilização de tecnologias como essa trazem riscos para a profissão, já que, como citado anteriormente, é incomparável a velocidade e a precisão na qual esse aparelho consegue realizar a mesma ação. O site CONJUR⁷ publicou uma matéria em 2018 quanto ao estudo realizado por uma startup de tecnologia jurídica chamada de *LawGeex*. Essa pesquisa consistia numa batalha de vinte advogados contra uma máquina dotada de inteligência artificial. Primeiro foi constatado a precisão, na qual a máquina venceu de 94% contra 86% - essa segunda sendo a média de todos os profissionais. Quanto ao tempo, o robô levou 26 segundos para realizar o trabalho de cinco contratos, já o humano mais rápido levou 51 minutos (MAIRINK e SILVA, 2019).

Não há dúvidas de que, se utilizadas com responsabilidade, essa nova invenção tende a ajudar diversas pessoas que, antes, por uma demanda muito grande e por ser um processo lento e gradual, não conseguiam conferir a documentação ou iniciar o processo dentro dos seus próprios prazos estabelecidos. Ademais, apesar de máquinas serem mais precisas e levarem menos tempo para realizar ações, elas não têm senso crítico, nem criatividade e, portanto, serão incapazes de substituir o papel do ser humano em determinados trabalhos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inteligência artificial é uma inovação tecnológica que revoluciona nosso mundo de maneiras nunca antes imaginadas. Sua relevância é indiscutível, pois permeia todos os aspectos da sociedade moderna, desde a economia até a saúde, a educação e até mesmo a cultura. A justificativa para a importância da IA reside no seu potencial

⁷ CONJUR – Consultoria Jurídica do Governo Federal.

para impulsionar o progresso, resolver problemas complexos e melhorar a qualidade de vida de milhões de pessoas.

No âmbito econômico, a IA otimiza processos produtivos, melhora a eficiência dos negócios e cria novas oportunidades de mercado. Na área dos jogos eletrônicos, a Inteligência Artificial serve como uma forma de lazer e, por consequência, estimula a intuição natural do ser humano. No contexto jurídico, ela objetiva agilizar processos que costumam levar muito tempo para serem analisados, o que torna a justiça muito mais ágil e operacional. Além disso, ela tem impacto nas políticas públicas, na mobilidade urbana, na segurança e em muitos outros domínios, proporcionando soluções mais rápidas e eficazes.

No entanto, é essencial que este avanço tecnológico seja acompanhado de uma reflexão ética, garantindo que os benefícios da IA estejam disponíveis para todos, minimizando desigualdades e promovendo a inclusão. A governança da tal tecnologia, a transparência e a responsabilidade são fatores críticos e cruciais para garantir que a inteligência artificial seja usada de maneira ética e benéfica.

Olhando para o futuro, as IAs prometem continuar a evoluir exponencialmente, ampliando sua capacidade de compreensão, aprendizado e interação com o mundo. A tendência é que ela seja incorporada em mais setores, impulsionando a automação e a inovação em um ritmo sem precedentes. No entanto, para alcançar todo o potencial da IA de forma responsável, é necessário um esforço colaborativo entre governos, organizações, pesquisadores e a sociedade em geral.

A educação e a conscientização sobre IA serão cruciais para que as pessoas compreendam seu funcionamento, suas implicações e possam participar ativamente das decisões relacionadas a essa

tecnologia. Dessa forma, poderemos moldar um futuro em que a IA contribua significativamente para a melhoria do nosso mundo, com equidade, sustentabilidade e bem-estar para todos.

REFERÊNCIAS

CABAL, Agustín Joel Fernandes. **4 qualidades humanas que a inteligência artificial não consegue copiar**. BBC. 2023. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/articles/c4nrkrew00yo>>. Acesso em: 13 ago. 2023.

EIDT, Thiago Almeida. **Aplicação de Machine Learning para a Predição de Estado das Portas em Refrigeradores Domésticos Utilizados na Rede de Frio**. UFSC, Joinville, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/242892/Aplica%C3%A7%C3%A3o_de_machine_learning_para_a_predi%C3%A7%C3%A3o_de_estado_das_portas_em_refrigeradores_dom%C3%A9sticos_utilizados_na_rede_de_frio.pdf?sequence=1>. Acesso em: 20 set. 2023.

ESTADÃO. **Os primeiros 60 anos de feitos da Inteligência Artificial – Revisitando as previsões de Herbert Simon**. Disponível em: <<https://estadodaarte.estadao.com.br/os-primeiros-60-anos-de-feitos-da-inteligencia-artificial-revisitando-as-previsoes-de-herbert-simon/>>. Acesso em: 23 ago. 2023.

FILHO, Alexandre Roberto Gobete; FILHO, João de Lucca. **Inteligência Artificial em Jogos Digitais**. Interface Tecnológica, 2022. Disponível em: <<https://revista.fatectq.edu.br/interfacetecnologica/article/view/1546/814>>. Acesso em: 12 jun. 2023.

FORBES. **As 13 melhores citações sobre o futuro da inteligência artificial**. Disponível em: <<https://forbes.com.br/principal/2019/07/as-13-melhores-citacoes-sobre-o-futuro-da-inteligencia-artificial/?amp>>. Acesso em: 15 ago. 2023.

G1. Justiça de Pernambuco usa inteligência artificial para acelerar processos. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2019/05/04/justica-de-pernambuco-usa-inteligencia-artificial-para-acelerar-processos.ghtml>>. Acesso em: 13 abr. 2023.

GONÇALVES, Letícia Silva *et al.* **Inteligência artificial na indústria 4.0.** Revista E-Acadêmica, 2023. Disponível em: <<https://doi.org/10.52076/eacad-v4i2.485>>. Acesso em: 11 set. 2023.

JUS BRASIL. **Inteligência artificial vai agilizar a tramitação de processos no STF.** Disponível em: <<https://www.jusbrasil.com.br/noticias/inteligencia-artificial-vai-agilizar-a-tramitacao-de-processos-no-stf/584499448>>. Acesso em: 20 Jul. 2023.

KISHIMOTO, André. **Inteligência Artificial em Jogos Eletrônicos.** 2004. Disponível em: <http://www.karenreis.com.br/pdf/andre_kishimoto.pdf>. Acesso em: 10 Jul. 2023.

MAIRINK, Carlos Henrique Passos; SILVA, Jennifer Amanda Sobral. **Inteligência artificial: aliada ou inimiga.** Revista Libertas. Belo Horizonte, 2019. Disponível em: <<https://famigvirtual.com.br/famig-libertas/index.php/libertas/article/view/247>>. Acesso em: 20 Ago. 2023.

MOREIRA, Isabela. **4 reflexões de Stephen Hawking sobre a inteligência artificial.** Revista Galileu. 2015. Disponível em: <<https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/noticia/2015/10/4-reflexoes-de-stephen-hawking-sobre-inteligencia-artificial.html>>. Acesso em: 20 Jul. 2023.

NORVIG, Peter; RUSSEL, Stuart. **Inteligência Artificial: Uma abordagem moderna.** 3^a ed. Estados Unidos: GEN LTC, 2013.

OLIVEIRA, Jairo Jean; SILVA, Wagner Jorge dos Reis; ZONOVELLI, Bruno. **A Inteligência Artificial para as Pequenas Empresas.** Juiz de Fora, 2020. Disponível em: <<http://www.revista.universo.edu.br/index.php?journal=1JUIZDEFORA2&page=article&op=viewFile&path%5B%5D=8509&path%5B%5D=4317>>. Acesso em: 6 Jul. 2023.

REZENDE, Andriel de Oliveira *et al.* **Inteligência Artificial nas Empresas.** UNIFEOB. São Paulo, 2021. Disponível em: <<http://ibict.unifeob.edu.br:8080>

/jspui/bitstream/prefix/2408/1/ARTIGO.ADM.M8.G5.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2023.

SOUZA, Marcelo de; VAHLDICK, Adilson. **Influência dos Jogos no Campo da Inteligência Artificial.** REAVI. Santa Catarina, 2013.

Disponível em:

<<https://revistas.udesc.br/index.php/reavi/article/download/4062/2917>>. Acesso em: 10 jul. 2023.

TEIXEIRA, João. **O que é inteligência artificial.** 3. ed. São Paulo: e-galáxia, 2019.

A INTERAÇÃO HUMANO-ANIMAL: ANÁLISE NO ÂMBITO SOCIOECONÔMICO ATUAL

Anaïs Abreu da Silva

Clara Garcia Gonçalves dos Santos

"A compaixão para com os animais é das mais nobres virtudes da natureza humana" (CHARLES DARWIN).

RESUMO: Esse artigo procura elucidar a função e a importância dos animais na atualidade com foco nos bichos domesticados que participam ativamente nos diferentes âmbitos do cotidiano, destacando suas habilidades e seus impactos na vida dos seres humanos. A partir disso, será aprofundada a relação homem-animal, destacando os possíveis prejuízos se tal interação for pautada na desinformação e no ideal de inferioridade dos bichos. Além disso, tem-se como foco a análise informativa da evolução dessa relação que se vê presente durante toda a humanidade, constatando as mudanças benéficas para o equilíbrio e respeito entre as espécies, fato visto na mudança de visão do animal de um simples uso para um ser senciente. Com base em elementos argumentativos, será desenvolvido o processo de aproximação do homem com os diferentes animais, mostrando como tal interação se fortaleceu e como pode ser vantajosa no tratamento psicológico e físico tanto nas instituições quanto no âmbito individual e, ao mesmo tempo, como tal continua sendo marcada pelo passado de exploração indiscriminada.

PALAVRAS-CHAVE: Evolução, exploração, humano-animal, domesticados, relação.

ABSTRACT: This article aims to elucidate the function and the importance of animals nowadays, focusing on domesticated animals that actively participate in different spheres of daily life, highlighting its skills and impacts on human lives. From that, the human-animal relationship will be deepened, highlighting the possible prejudices if that interaction is based on misinformation and on the ideal of animals' inferiority. Beyond that, there's a focus on the informative analysis of the evolution of that relationship that is seen present through all humanity, attesting the beneficial changes to the balance and respect between species, fact seen on the change of perception of the animal as a simple use to a sentient being. Based on argumentative elements, it will be developed the process of approximation of humans with different animals, showing that that interaction has been strengthen and how it can be profitable in psychological and physical treatment, both in the institutions and in the individual aspect, and, at the same time, how it is still marked by the past of indiscriminate exploitation.

KEYWORDS: Evolution, exploitation, human-animal, domesticated, relationship.

1. INTRODUÇÃO

Os cães de apoio físico e emocional têm se tornado cada vez mais presentes nas vidas dos seres humanos, contudo, muitas pessoas ainda não têm muito conhecimento sobre esses animais. Dessa maneira, torna-se muito importante o desenvolvimento de debates, conversas e pesquisas sobre o assunto, a fim de haver maior respeito com esses seres e seus donos, impedindo a disseminação de ideias equivocadas acerca do trato com os animais.

Porém, até chegarmos no momento em que o animal é um ser respeitado e protegido por lei, ocorreram muitos desafios ao longo do tempo. A relação homem-animal tem início há cerca de 20 mil anos, quando o ser humano passou a domesticar os animais selvagens para usá-los em caças, proteção e alimento, ou seja, o homem começou a enxergar a fauna como algo a ser utilizado a seu favor. Essa aproximação foi mais bem-sucedida com os cachorros, os quais evoluíram a partir dos lobos. Estes, antes de se tornarem “o melhor amigo do homem”, beneficiavam-se de algumas ações cotidianas dos seres humanos, como os restos de comida, por exemplo. Por outro lado, esses animais começaram a fazer parte das atividades do dia a dia dos homens, sendo úteis, principalmente, na sobrevivência. Portanto, foi estabelecida uma relação de mútua dependência entre os dois seres no meio ambiente.

A partir desse momento, percebe-se como a ligação homem-animal desenvolveu-se e evoluiu muito, tendo em vista que, atualmente, muitas pessoas são bem apegadas aos animais. Isto é, hoje os animais não são mais vistos como inferiores aos seres humanos e destinados a uma função, mas são considerados uma extensão da família, como uma parte essencial na vida das pessoas.

Por conta dessa forte relação e pela evolução das ideias e pensamentos acerca do bem-estar da fauna, percebemos, hoje em dia, a presença de leis que protegem essas vidas. Contudo, este ainda é um assunto que gera muitas discussões, já que há muitos indivíduos que não enxergam os animais como seres merecedores de respeito e outros que lutam diariamente para assegurar a proteção dos mesmos.

Dessa forma, os animais não são apenas um apoio físico ao ser humano, mas um suporte emocional, auxiliando as pessoas a lidarem com traumas, ansiedade e depressão. Os Animais de Assistência Emocional (ESAN) fazem parte de tratamentos de transtornos psicológicos, sendo extremamente essenciais nos processos de recuperação dos indivíduos. Além disso, os animais, como os cachorros, podem ser muito benéficos para pessoas do espectro autista, pois ajudam a desenvolver habilidades emocionais e sociais. Portanto, esse contato ajuda esses indivíduos a desenvolverem e aprimorarem suas interações com outras pessoas, o que melhora sua inserção na sociedade e diminui os estigmas sobre o autismo.

Nesse âmbito, existem também muitas vantagens para as crianças que crescem ao lado de um animal, ou seja, de um “pet”. É nessa relação que os pequenos aprenderão muitas lições de vida, como responsabilidade, comprometimento e respeito. A companhia de um “pet” ajuda na autoestima e auxilia no desenvolvimento emocional das crianças, as quais passam a ter conhecimento sobre os seres e os acontecimentos ao seu redor, o que facilita a noção de respeito ao próximo e de preservação da natureza. Somado a isso, as crianças que tiveram a presença de um animal na infância têm maiores chances de fortalecerem seus sistemas imunológicos, reduzindo os riscos a alergias e asma, por exemplo.

Contudo, esse forte vínculo homem-animal pode levar a cenários polêmicos, como a humanização excessiva dos animais. Esse tópico é

capaz de dividir opiniões entre as pessoas e levar muitos estudiosos a questionarem os limites dessa relação; a linha que separa os seres humanos dos animais.

Por fim, o foco desse estudo é a importância dos animais de suporte emocional e físico no cotidiano dos seres humanos. Há diversos tipos de apoio físico que os animais, como os cães, podem providenciar ao homem e, dependendo de sua função, recebem treinamentos diferentes e adaptados à tarefa à qual estão destinados. Desse modo, é importante levar em consideração os diversos tipos de animais de apoio existentes atualmente, como os cães farejadores e os cães de alerta para pessoas com diabetes, por exemplo.

Todos esses tipos são essenciais, não existe um melhor ou mais eficiente que o outro. Cada um é preparado de acordo com determinada necessidade humana, respeitando o bem-estar e os limites de cada animal. Nesse sentido, destaca-se a importância do descanso para esses animais, tendo em vista que estão em constante estado de alerta para qualquer situação que possa acontecer com o seu dono ou ao seu redor. Logo, nesse artigo serão desenvolvidos os motivos pelos quais Instituições e pessoas físicas priorizam cães e não seres humanos para determinadas tarefas e como ocorre todo o processo que transforma um filhote em cão-guia/apoio.

2. A MUDANÇA DAS RELAÇÕES DOS SERES HUMANOS COM OS ANIMAIS

2.1. AS INTERAÇÕES ENTRE SERES HUMANOS E ANIMAIS – MUDANÇAS COMPORTAMENTAIS NO DECORRER DO TEMPO

A expressão “o cão é o melhor amigo do homem” tem se tornado cada vez mais perceptível no cotidiano dos seres humanos pela forte relação que mantemos com os animais, especialmente os domésticos, como gatos e cachorros. Entretanto, essa proximidade que o homem

apresenta hoje em dia com as diferentes espécies resulta de muitos anos de técnicas e convivências entre esses dois seres no mesmo ambiente. Apesar de, antigamente, o ser humano observar os animais como caça e alimento, foi esse contato inicial que desenvolveu todo o vínculo entre o homem e a natureza até os dias de hoje, em que é possível notar uma grande dependência emocional e até mesmo física que os seres humanos têm com os animais. Isso leva muitos estudiosos a questionarem os limites desse convívio e a diferenciarem a relação homem-animal dos maus tratos.

O estudo das convivências entre os seres humanos e os animais é o que define a Etnozoologia, um ramo da Etnobiologia. Com essa ciência, é possível analisar e compreender os efeitos gerados a partir da influência da vida humana na fauna e na biodiversidade, conhecendo e relacionando o uso e a relevância dos animais nas sociedades. Portanto, de acordo com o sociólogo Marques (2002), esse conceito se caracteriza pelo estudo das atitudes, das interpretações e dos sentimentos que interferem nas relações entre a natureza e os homens, como as crenças, os comportamentos e o afeto. Isto é, a Etnozoologia analisa como as ações e as emoções humanas são capazes de intervir e modificar o modo de vida animal, como cada sociedade enxerga esses seres e quais sensações e afetos estão envolvidos na relação homem-animal para entender como esse vínculo se desenvolveu em algo tão importante nos dias atuais. Essa área da Etnobiologia é um campo de pesquisa fundamental acerca das importantes conexões que os seres humanos criaram com os animais há muitos anos e que mantêm até os dias de hoje, em que se percebe vínculos de dependência com a natureza.

Há cerca de 20 mil anos, iniciou-se o processo de domesticação de animais, prática que consiste em “transformar” um animal selvagem em manso, a partir de uma perspectiva humana da utilização da fauna

a seu favor em atividades cotidianas e para a sobrevivência. É possível relacionar essa técnica com uma constante “obediência” de certa espécie ao convívio humano. A partir desse momento, os seres humanos passaram a ter uma frequente convivência com os animais ao seu redor. Tal relação homem-animal ganhou força durante o período Neolítico, época em que o homem deixou de ser nômade e passou a estabelecer-se em regiões específicas. Os cachorros foram os primeiros animais a serem domesticados, contudo, naquele momento, ainda eram lobos.

Muitas são as teorias acerca da aproximação dos seres humanos e dos lobos. A mais aceita e estudada é a de que esses animais se beneficiavam dos restos de alimentos dos humanos, enquanto que estes últimos faziam uso dos lobos em atividades do dia a dia, como a caça, e para aumentar sua proteção contra-ataques de outros animais mais selvagens, estabelecendo assim uma relação de mútua dependência entre os dois seres. Isso levou a um processo de evolução e desenvolvimento dessas espécies, que cada vez se tornavam mais mansas e menos selvagens, originando os cães e suas diversas raças.

Nesse momento, os cachorros foram transformados em importantes ferramentas de auxílio aos seres humanos, já que eram capazes de proteger os homens, de caçar e de identificar sinais através dos seus sentidos, os quais não eram muito desenvolvidos nos humanos. Com isso, tornou-se mais fácil a domesticação de animais de produção, como cabras, ovelhas, bois, etc, iniciada por volta de 10 mil anos atrás. Isso possibilitou com que gradativamente mais espécies se transformassem em animais domesticados e com que o ser humano começasse a dominar a agricultura, não vivendo mais apenas da caça. Dessa maneira, os cães tiveram que se adaptar à situação, indo de caçadores a pastores.

Ainda que os seres humanos estavam conseguindo cada vez mais domesticar determinadas espécies de animais para seus interesses, como a alimentação, outras representavam uma maior dificuldade para se relacionarem. Alguns estudiosos defendem a ideia de que, na época do início da domesticação, os homens tentaram uma aproximação com outras espécies, entretanto, isso só foi possível com os lobos devido a diversos princípios comportamentais deles. Acredita-se que uma percepção de vínculo e um comportamento social muito apurados tenham sido necessários para que os seres humanos e os animais estabelecessem uma grande aliança. Dessa forma, somente a caça como vantagem não era o bastante para que a forte relação homem-animal ocorresse. Foi-se, portanto, criando um vínculo emocional entre os homens e os seres da natureza, deixando de ser somente uma relação de necessidade de sobrevivência mútua. Dessa maneira, os animais foram evoluindo ao lado dos humanos e seus papéis no cotidiano passaram a ser diferentes dos iniciais, além do fato de que algumas de suas características, como seus instintos naturais, foram modificados a partir dessa convivência, melhorando alguns e enfraquecendo outros.

A partir do momento em que os seres humanos passaram a domesticar outras espécies de animais, os cachorros começaram a ter outros papéis e relevância no cotidiano dos humanos. Além de auxiliarem no pastoreio e na proteção contra selvagens, os cães também se tornaram uma grande companhia do homem, já que tanto o ser humano quanto os animais se beneficiavam desse relacionamento. Com isso, esses animais iniciaram a sua transição na vida dos homens, deixando de ser somente um objeto para a sobrevivência e transformando-se em um importante componente para a história da humanidade.

2.2. A FUNCIONALIDADE ANIMAL E HUMANA AO LONGO DA HISTÓRIA

Com o processo de domesticação, os seres humanos foram capazes de possuir maior proteção no meio em que habitavam e de dominar diferentes técnicas de alimentação e organização social. Na época, os animais eram vistos pelo homem apenas como algo a ser utilizado a seu favor, não existindo ainda um sentimento de que eles eram seres merecedores de respeito e direitos. Tal ideia só começa a ser elaborada a partir do momento em que o ser humano não tem mais a necessidade de utilizar os animais como um fator de sobrevivência no ambiente em que vivem, passando a enxergá-los como algo muito maior que isso. Porém, anterior a isso, desenvolveu-se uma concepção de que o homem é superior aos bichos e à natureza e, apesar de muito tempo ter se passado desde o início do convívio dos humanos com a fauna, muitas pessoas atualmente ainda enxergam os animais dessa maneira, sendo uma luta constante a garantia da segurança e dos direitos desses seres.

Como citado anteriormente, a relação homem-animal começou com o uso das habilidades dos animais para fins humanos. Por isso, os seres humanos passaram a utilizar a natureza a seu favor em diversos planos do seu dia a dia. A caça e a proteção são os exemplos mais fortes disso, tendo em vista que o homem se utilizava da força dos animais em trabalhos mais pesados. Com a domesticação, veio também uma melhor alimentação e uma vida mais estável aos humanos, a partir do instante em que os ancestrais se tornaram fazendeiros e deixaram de ser nômades e caçadores.

Os seres humanos começaram a cruzar os cães e a criar novas raças, a fim de estabelecer animais mais capazes de ajudar nas tarefas. Dessa forma, cruzavam-se os cachorros que eram menos prováveis de atacar e se alimentar dos rebanhos e, assim, manter uma utilidade desses animais para as necessidades humanas. Os seres humanos

faziam uso desses cruzamentos específicos com o objetivo de possuir um cão que impusesse respeito ao bando sem ser agressivo e sem representar um perigo às outras espécies. Contudo, os cães não eram os únicos animais usados para auxiliar nas atividades cotidianas humanas, mas foram eles que desenvolveram maior relação com o homem ao longo dos anos, podendo, então, ser utilizados como exemplo ao analisar a evolução simultânea dos seres humanos e dos animais na natureza e nas sociedades.

Com essa presença de animais domesticados no cotidiano dos homens, muitos fatores da natureza foram alterados, como a alimentação, o comportamento e a relação da fauna com o ambiente. Segundo a veterinária Marina Morena *apud* Karla Alessandra (2010), bichos como lobos, cães e gatos, ao conviverem com os seres humanos, passaram a ter conforto e proteção, porém, deixaram de ter seu próprio espaço para as atividades que possuíam antes com outras espécies e entre si. MORENA ainda afirma que isso desenvolveu uma diminuição na exatidão das capacidades sensoriais dos animais para a sobrevivência, já que estes se diferenciavam dos humanos na questão de nível de inteligência e de sentidos apurados, o que pode ter sido alterado conforme os homens domesticavam tais espécies.

Contudo, esse controle que os seres humanos passaram a ter sobre alguns animais fez com que se criasse uma ideia de que a natureza existia somente como algo para servir o homem. Isso desencadeou em violência, abusos e crueldade por parte dos humanos com a fauna. Naquela época, como explicado anteriormente, não existiam leis que asseguravam os direitos dos animais, portanto, os seres humanos tinham uma visão equivocada de que a natureza girava ao seu redor e de que estava disponível para qualquer utilização, mesmo que violassem a fauna e a flora. Foi o próprio homem que, no decorrer do tempo, passou a julgar o que era correto e justo aos

animais, determinando normas e princípios de proteção a esses seres, o que fez com que ocorresse uma maior inserção desses na vida dos homens. Ao longo da evolução humana, a presença animal nos aspectos do dia a dia dos homens foi se tornando cada vez mais forte. Iniciando como um objeto de ajuda na proteção e na alimentação, os seres humanos começaram a utilizar os animais também nas áreas de lazer, como circos, e em guerras. Todos esses fatores contribuíram para uma grande violência e desprezo com os animais, que só foram reconhecidos como seres merecedores de respeito muitos anos depois.

O primeiro direito dos animais é o de não ser propriedade de outrem. Ou seja, direito de não ser explorado, o direito de não ser escravizado. Esse me parece ser um direito fundamental e desse direito fundamental se desdobrariam outros como por exemplo: direito à vida, o direito à integridade física e psicológica e o direito à liberdade corporal. (*LOURENÇO apud ALESSANDRA, 2010, s.p.*).

Graças à mudança de percepção sobre as relações entre seres humanos e animais, as pessoas começaram a adquirir maior consciência acerca da proteção da vida dos animais. Enquanto muitos maltratam, outros dedicam suas vidas pela causa dos direitos dos animais. Nesse sentido, a relação homem-animal vem mudando muito nas últimas décadas, já que os animais passaram a ter grande presença na vida das pessoas, sendo considerados por muitos como integrantes da família. O forte vínculo dos seres humanos com os animais leva muitos estudiosos a questionar até onde vai essa harmoniosa relação e a discutir a visão que os homens têm de propriedade sobre a natureza.

2.3. ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO COMO SUJEITOS DE DIREITO E APOIO

Após o longo histórico das relações entre os seres humanos e os animais, pode-se perceber uma coevolução entre ambos, na qual

ocorreram diversas mudanças comportamentais e fisiológicas por conta desse contato direto das espécies. Na atualidade é visto com mais clareza a alteração no vínculo do animal de estimação com o Homem, pois o primeiro é considerado, por muitas pessoas, como uma extensão da família, indo muito além de um objeto para alcançar determinado objetivo. Em contramão, anteriormente era extremamente comum a presença de bichos domesticados para a segurança ou caça, sendo negligenciados ou passando por agressões justamente por serem ligados, de modo exclusivo, a uma utilidade.

Além disso, a convivência direta com os animais de estimação surge como um instrumento forte para o suporte emocional e físico dos humanos, visto que essa relação estreita aporta diversas características importantes para o desenvolvimento da socialização, recuperação de traumas psicológicos e, até mesmo, no processo terapêutico-muscular em casos de acidentes. Ao todo, observa-se o desenvolvimento de um sistema de apoio que está passando por mudanças e melhorias, no qual o estigma de inferioridade animal passa a ser trocado por um olhar afetivo e respeitoso.

Nesse contexto, ganha força o termo “família multiespécie” para demonstrar a forte modificação das definições do agrupamento familiar na realidade atual, onde os seres humanos reconhecem os animais como verdadeiros membros da família, tendo então um grande grau de importância emocional na contemporaneidade.

Conseguinte, com as mudanças do olhar sob essas relações, também ocorrem alterações no modo que os meios jurídicos abordam o assunto dos animais de estimação, que ganham mais direitos para superar os obstáculos e estigmas criados socialmente.

Com o antropocentrismo, a sociedade se formou sob o princípio de que a humanidade é o centro do universo e que a capacidade de raciocinar torna o ser humano como uma espécie superior. Essa visão

serviu como base para a exploração indevida da natureza no seu aspecto geral e, mais especificamente, dos animais que a compõem, pois sempre prevaleceu o ensinamento de inferiorização e objetificação dos bichos. Tal fato é comumente utilizado como justificativa para perversidades contra qualquer outra espécie em prol da própria felicidade e satisfação humana. Visto isso, a evolução comportamental entre animal-humano levou à mudança dessa perspectiva citada, já que os demais seres vivos passaram a ser considerados como merecedores de respeito.

Exemplo disso é a discussão jurídica em torno da classificação dos animais não humanos dentro da lei, pois o Código Civil Brasileiro enquadra estes como “coisas móveis semoventes”, ou seja, objetos desprovidos de direito individual. É importante frisar que tal ideia é, de certo modo, contrária ao que está previsto pela Constituição de 1988, no artigo 225, que classifica os bichos como seres sencientes e dignos de proteção jurídica. Justamente por serem reconhecidos então como passíveis a sofrimento e dotados de natureza biológica e emocional, eles deveriam ter uma existência digna, o que não é garantida ao nomearem como “coisas”, pois isso normaliza ações violentas contra esses seres, diminuídos como meros instrumentos para serem comercializados e utilizados para diferentes fins, fato que não deveria ocorrer com espécies reconhecidas como sencientes.

Art. 225. Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações. {...} VII - proteger a fauna e a flora, vedadas, na forma da lei, as práticas que coloquem em risco sua função ecológica, provoquem a extinção de espécies ou submetam os animais a crueldade (BRASIL, 1988, p.132).

Por esse motivo, cada vez mais ativistas defendem mudanças nessas questões, pois a sociedade que enxerga o animal com um elevado grau de afeição e estima tem o dever de se comprometer com a proteção de todos eles em sua forma geral. A relação com os animais de diferentes espécies evoluiu, então é necessário que o modo como as leis tratam estes também passe por uma mudança. Desse modo, em 2017, a Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania aprovou a proposta que determina que os animais serão considerados como bens móveis, e não como coisas. Essa mudança nomeia os bichos como algo suscetível de movimento próprio ou de remoção por força alheia sem que haja mudança da substância, o que, na prática, funciona como uma brecha jurídica para a continuidade do uso da exploração e violência contra o animal.

A alteração foi extremamente necessária para o avanço dos direitos da fauna brasileira, porém mostra uma continuidade do ideal de superioridade humana ao ainda evitarem, na lei escrita, nomear os animais como “seres”. Tal fato permite diversas práticas de venda e uso dos animais, pois a nomenclatura de “bens móveis” abre espaço para essas práticas. Assim, também se comprehende a importância de diferenciá-los de simples objetos inanimados, observando uma melhoria no respeito da dignidade animal, que seria basicamente a proteção da saúde necessária para uma boa qualidade de vida evidenciada na Constituição.

Ao passo disso, também houve um maior comprometimento na formação de leis e projetos para a proteção dos animais, garantindo a segurança e a preservação de todos os seres presentes no meio ambiente que são asseguradas na Constituição Federal de 1988. Atualmente, o ato de maus-tratos prevê pena de reclusão de dois a cinco anos mais multa que depende da gravidade do caso, deixando

evidente que a situação é levada com mais seriedade, já que antigamente a pena era de três meses a um ano no máximo.

Mesmo com essas melhorias, a sociedade brasileira ainda precisa passar por muitos avanços para que os direitos dos animais sejam completamente respeitados, pois continua sendo comum atos violentos contra algum animal sem que haja maiores consequências para o agressor. Além disso, os bichos de estimação são vistos, por algumas pessoas, como um simples símbolo de riqueza e status, já que determinadas raças selecionadas artificialmente são mais caras e, automaticamente, acabam sendo ligadas ao ideal de ostentação construído historicamente, o que volta novamente para as raízes problemáticas da objetificação dos animais. A comercialização dos chamados “pets” virou uma grande tendência no mundo todo, predominando a preferência por raças específicas, muitas vezes geneticamente modificadas ou feitas por interferência humana, que carregam a imagem de poder econômico do dono ao ter algo considerado como chique.

Com isso, observa-se que o animal de estimação ainda é visto como uma “coisa-algo” por determinados grupos sociais ao transformá-lo em mercadoria, o que leva ao desenvolvimento de algumas predisposições a doenças genéticas das raças e a um processo de, basicamente, automação da criação de seres vivos para uma simples utilidade do cotidiano. Exemplo disso é a formação da raça buldogue francês, que foi selecionada artificialmente para servir como um símbolo de riqueza e que, por conta do focinho curto (braquiocefálico), sofre com obstrução nas vias aéreas e outras características que diminuem a qualidade de vida do animal unicamente para um fim estético. Apesar de que casos como esse ainda estão presentes na sociedade atual, tal realidade vem passando por uma mudança no Brasil por meio de medidas e projetos que

incentivam a adoção de bichos, fato comprovado por dados da empresa de pesquisa PoderData⁸, mostrando que mais de 59% dos brasileiros defendem a adoção ao invés da compra de animais. Outra problemática que vem sendo debatida é o uso destes seres para a realização de testes em cosméticos e em outros produtos gerais de uso humano, fato extremamente comum até muito recentemente, quando, no dia 24 de fevereiro de 2023, foi aprovado o projeto de lei que proíbe esse ato de violência.

A exploração do animal pelo homem vem sendo utilizada ao longo dos anos, como forma de enriquecimento de alguns, por trás da negação do Direito dos Animais esconde-se muitos interesses das grandes companhias industriais em atender suas necessidades de produção em massa sem o mínimo respeito e muitas vezes com sistemas de criação em confinamento e crueldade aos animais, isto porque o que importa para esse grupo de pessoas é o aumento do lucro (PIMENTEL *apud* SCHVAMBORN; OLIVEIRA; CARDOSO, 2018, p.5).

Essas novas atitudes mostram uma maior conscientização em relação à realidade do país, já que milhões de bichos que foram abandonados ou que nasceram sem tutores precisam de apoio e auxílio para conseguir um lar. Além disso, a indústria criada nos testes de cosméticos é algo extremamente cruel, então a disponibilização desses fatos é extremamente necessária para que projetos efetivos sejam criados em prol do bem-estar animal. Infelizmente, essa constante violação dos direitos dos animais acabou passando despercebida durante muito tempo por ser tão normalizada historicamente, deixando raízes profundas na relação com os bichos de estimação. Ou seja, percebe-se que essa coevolução ainda luta no avanço contra as dificuldades e estigmas criados socialmente e que a sociedade segue

⁸ Dados disponíveis no site do Poder 360. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/brasil/59-dos-brasileiros-dizem-ser-melhor-adotar-pets-abandonados-do-que-comprar/>>. Acesso em: 10 abr. 2023.

um caminho promissor, mas continua sendo importante admitir alguns atrasos atuais para que a problemática não seja negligenciada.

A lenta progressão dos direitos dos animais é algo diretamente ligado com o passado de exploração visto anteriormente e da visão utilitarista que permeava a base da relação dos seres humanos com outras espécies, pois essa doutrina avalia o valor moral de uma ação com base na sua utilidade prática. Ou seja, por meio da justificativa dessa visão filosófica, os maus-tratos animais e a objetificação deles seria considerada como algo moralmente correto, pois estaria servindo para o bem-estar do Homem, mesmo que fosse somente para um fim cosmético ou de status. É preocupante que leis como a proibição do animal como cobaia e a alteração da nomenclatura “coisa” para se referir a eles, sendo elementos tão básicas na garantia da segurança de todas as espécies, ocorreram somente nos últimos anos.

Tal fato é o maior marco da melhoria recente de uma relação harmônica entre os humanos e os animais, pois começa a ganhar cada vez mais força a ciência de que os bichos são seres sencientes e que precisam de respeito, não sendo mais aceitos os atos de crueldade ou a visão de inferioridade e desprezo de espécies diferentes. A situação se relaciona com um “labirinto de vidro”, pois a busca pelo direito animal apresenta muitas dificuldades e obstáculos que não são vistos ou que são até mesmo ignorados por grande parte da sociedade. Atualmente, esse labirinto está cada vez mais se tornando concreto e reconhecido, visto que a afeição criada em torno dos animais de estimação e a importância que eles apresentam para a vida de cada pessoa demonstra a necessidade crescente de segurança e saúde que todos devem ter para que cada “pet”, presente tanto na família quanto na rua, seja cuidado e respeitado.

Nesse contexto, o animal de companhia é considerado como uma parte essencial na esfera cotidiana dos seres humanos, sendo visto

como uma parte integrante da família e podendo ser alvo de afeto equivalente à de outras pessoas. Ocorre então a aproximação de um modo mais respeitoso das pessoas com os animais presentes na sociedade e a relação se estreita cada vez mais, criando um âmbito complexo que envolve questões de bioética e da parte jurídica, como já foi citado anteriormente. Esses seres são extremamente importantes e estão presentes em diferentes áreas da vida humana, podendo fazer uma diferença enorme com um auxílio e apoio mútuo entre o “pet” e o tutor responsável por cuidá-lo.

3. INTERAÇÃO HUMANO-ANIMAL: O APOIO EMOCIONAL E SEUS LIMITES

3.1. O APOIO EMOCIONAL DADO PELOS ANIMAIS

A evolução da relação homem-animal passou por diversos ocorridos para chegar no cenário atual, no qual os animais se tornaram essenciais para a vida e a rotina humana. No decorrer do tempo, as pessoas passaram a desenvolver maior afeto e empatia pelos “pets” e fortes vínculos foram sendo criados. Esse carinho vai se transformando cada vez mais e percebe-se que, hoje em dia, muitas pessoas não conseguem viver sem os animais, pelo fato destes terem se tornado um grande apoio emocional aos seres humanos.

Dessa maneira, os animais podem ser vistos como um suporte aos homens, ajudando-lhes a lidar com a saúde mental, sendo denominados Animais de Assistência Emocional (ESAN). Esses seres caracterizam-se por participarem de tratamentos de transtornos psicológicos, como ansiedade, depressão e estresse pós-traumático, e apenas podem ser classificados como ESAN por um especialista, ou seja, um médico psiquiatra, porém, não é necessário treinamentos e certificados formais. Animais como gatos, cães, coelhos, tartarugas e até mesmo cavalos, os quais não apresentam grandes perigos aos

humanos, além de auxiliarem e confortarem as pessoas, eles também contribuem para o desenvolvimento de um senso de responsabilidade, já que cuidar de um “pet” envolve muitas tarefas diárias e indispensáveis, como alimentação, passeios e higiene.

Contudo, é importante ressaltar que esse modo de interação se difere fortemente do uso dos animais como objeto de serventia, visto que no apoio considera-se o direito do animal, conforto e saúde de forma benéfica para ambos da relação. Portanto, essa situação de relação homem-animal acaba sendo diferente da existente muitos anos antes, em que apenas o bem-estar do ser humano era levado em consideração, enquanto que os animais eram vistos como seres inferiores, os quais tinham a função de atender aos interesses humanos.

Um dos melhores benefícios gerados pelos animais de assistência emocional é a companhia, amenizando os sentimentos de solidão. A presença de um “pet” traz muitas vantagens, como a diminuição do estresse e da ansiedade e o aumento da felicidade, melhorando, assim, a qualidade de vida das pessoas. Portanto, eles também são responsáveis por promover uma maior socialização dos seres humanos e por incentivar exercícios físicos com mais frequência, resultando em melhorias na saúde mental e física. O vínculo e o carinho criados entre o homem e o animal podem ativar os neurotransmissores relacionados ao bem-estar, fazendo com que sejam produzidos e liberados os “hormônios da felicidade”, serotonina e dopamina, além de reduzir a frequência cardíaca e a pressão arterial. Dessa forma, esses seres são capazes de combater a depressão e de minimizar o uso de medicamentos prescritos para transtornos mentais.

Essa assistência dos animais à saúde mental dos seres humanos é chamada de Cinoterapia ou Terapia Assistida por Animais (TAA). Essa técnica teve seu início no Brasil na década de 1950 com a psiquiatra e

pesquisadora Dra. Nise da Silveira, a qual tratava pacientes com esquizofrenia. A especialista encorajava as pessoas às quais atendia a cuidarem e manterem contato com animais como cães e gatos. Assim sendo, a cinoterapia é definida como uma terapia realizada na presença de animais, os quais facilitam o processo terapêutico. A TAA não somente traz benefícios para a saúde mental dos seres humanos, como também “veio para somar aspectos positivos para profissionais de diversas áreas, como psicólogos, pedagogos, terapeutas ocupacionais e até mesmo fisioterapeutas” (PREISSER, 2021, s.p)⁹.

Além de os animais de assistência emocional ajudarem a lidar com a ansiedade, eles também são essenciais na superação de estresse pós-traumático, caracterizado pela manifestação de sintomas psíquicos, emocionais e físicos decorrentes de traumas e eventos de grande tensão. Isso se dá pelo fato de que a presença desses seres em sessões de terapia facilita o processo do paciente de conseguir falar sobre suas questões e inseguranças. A companhia de um “pet” no dia a dia a fim de aprender a superar um episódio traumático tem se tornado algo cada vez mais recomendado por profissionais da saúde.

O animal estará suprindo alguma carência momentânea. A pessoa divide a atenção com a perda e aos cuidados com a nova responsabilidade. Estas alternativas funcionais, que chamamos de buscas saudáveis, são muito importantes até que a pessoa preencha o vazio causado pelo trauma (CASTRO *apud* VELOSO, 2019, s.p).

Nesse sentido, com o intuito de auxiliar soldados de guerra que sofrem de estresse pós-traumático a se habituar à nova realidade, a Royal Dutch Guide Dog Foundation (KNGF), uma fundação holandesa,

⁹ Fonte: CINOTERAPIA: conheça os benefícios da terapia assistida por cães. Portal Hospitais Brasil, 2021. Disponível em: <https://portalhospitaisbrasil.com.br/cinoterapia-conheca-os-beneficios-da-terapia-assistida-por-caes/>. Acesso em: 11 ago. 2023.

tem oferecido cães especializados para os amparar nas situações de ansiedade e crises. Esses animais são treinados para perceber algum comportamento incomum do ser humano enquanto dorme e acordá-lo, tirando-o de seus pesadelos gerados a partir de um trauma. Tal assistência dos cães transmite maior segurança e conforto aos seus donos, tornando o processo de superação de eventos traumáticos mais fácil e menos solitário.

Outra alternativa no tratamento de estresse pós-traumático são os cavalos que, embora sejam animais de grande porte, conseguem ser muito dóceis. O contato com essa espécie tem sido recomendado por terapeutas que encorajam os pacientes a saírem dos consultórios e aprendam sobre seus sentimentos, traumas e emoções ao ar livre. A convivência do homem com o cavalo estabelece benefícios para a qualidade de vida e para o bem-estar de ambos.

De acordo com a especialista em equinos e médica veterinária Bruna Patrícia Siqueira *apud* Ferreira e Padovan (2017), a seleção dos cavalos é baseada na personalidade de cada um. Isso se dá pelo fato de que esses animais fazem grande uso dos músculos faciais, como os do nariz, dos olhos e dos lábios, a fim de se expressarem em diferentes cenários. Com isso, no processo de andar a cavalo, este animal é capaz de captar as emoções dos humanos, estabelecendo, assim, uma ligação muito forte com o homem. Esses animais têm a linguagem corporal como sua principal forma de comunicação, sabendo diferenciar os sentimentos e as expressões faciais e corporais transmitidos pelas pessoas, afirma Bruna.

Dessa maneira, o contato com os cavalos é um procedimento terapêutico único para cada pessoa, pois a andadura e a estrutura do animal respondem à exigência particular de cada praticante. Pelo fato de os cavalos serem capazes de perceber os sentimentos dos seres humanos a partir dos movimentos e tensões do corpo, esses seres

podem ser considerados como um espelho, o qual é responsável por refletir as angústias e as questões internas e inconscientes do indivíduo em busca de respostas e caminhos para seguir. Isto é, se um indivíduo subir ansioso ou nervoso no cavalo, o animal também ficará dessa forma.

Portanto, para que ocorra um tratamento terapêutico eficaz, o ser humano precisa desenvolver laços e harmonia de emoções com o animal. Ao aprender a lidar com o cavalo e conciliar os movimentos e sensações de cada um, geram-se resultados na vida social dos indivíduos, os quais aprendem a enfrentar as relações interpessoais, segundo a psicóloga cognitivo-comportamental Thailyne Gazzetta *apud* Ferreira e Padovan (2017). Ela ainda afirma que, ao estar bem consigo mesmo, o ser humano consegue transmitir esse bem-estar não somente ao animal, mas às pessoas ao seu redor no dia a dia.

3.2. OS BENEFÍCIOS NA VIDA DE CRIANÇAS QUE CRESCEM AO LADO DE ANIMAIS

É muito comum que, durante a infância, as crianças peçam aos seus responsáveis um animal de estimação. E, apesar de os pais acreditarem que um “pet” na casa trará muito mais trabalho, crescer com animais gera muitos benefícios para a vida dos pequenos, tanto na saúde mental quanto na física. Portanto, se a companhia de um “pet” na vida adulta é muito vantajosa no desenvolvimento das pessoas, na infância é melhor ainda, tendo em vista que, no início de suas vidas, as crianças já aprendem muitas responsabilidades e lições sobre o mundo, então a presença do animal ajuda a aprimorar ainda mais suas saúdes, emoções e habilidades.

Existem diversos animais de estimação, porém, gatos e cachorros são os mais comuns nos núcleos familiares no mundo todo. Pelo fato de esses últimos serem, geralmente, carinhosos, a sua

convivência com crianças faz com que elas desenvolvam maior afetividade e empatia por si e pelo mundo ao redor. Ter um “pet” em casa durante o crescimento de uma pessoa significa cuidar de outra vida enquanto cuida da sua própria, o que auxilia no processo emocional dos seres humanos e em um sentimento de responsabilidade. A presença de um animal de estimação no cotidiano dos pequenos ensina amor, cuidado, respeito, cooperação e companheirismo, ideais essenciais para saber lidar com o espaço e os indivíduos a sua volta.

A convivência com um “pet” no dia a dia é um importante fator para se criar noções de coletividade e de que nossas ações afetam os indivíduos e o ambiente à nossa volta. Com isso, cuidar de um animal ensina que a criança não é o único ser que possui sentimentos e individualidade, ou seja, respeitar o espaço dos outros torna-se um aprendizado importante para sua adaptação na sociedade. Somado a isso, há também a questão do cuidado com o próximo, isto é, a presença de um “pet” no crescimento de uma criança, ensina a levar em consideração as necessidades e sentimentos das pessoas com quem se convive. Dessa forma, conviver com um animal de estimação está preparando o pequeno a viver em grupo e a ter noção de que cada indivíduo tem seus próprios gostos e sensações e de que cada um está passando por situações e cenários diferentes.

Com isso, ao estabelecer uma ligação com o “pet”, a criança está aprendendo a criar relações com os outros, sendo capaz de estabelecer e manter confiança e fortes conexões com as pessoas ao longo da vida. Em um estudo realizado em 2015 pela Universidade de Cambridge, crianças de 2 a 12 anos de idade tiveram seus comportamentos analisados a partir de suas relações com animais de estimação. De acordo com os resultados da pesquisa, os pequenos que apresentavam grande vínculo com os animais tinham maior facilidade de ajudar os

outros, de aprender a dividir e de interagir. E, segundo Matt Cassels¹⁰, um dos envolvidos na pesquisa citada acima, as crianças possuem maior confiança nos “pets” do que em seus irmãos, por exemplo, e ele ainda afirmou que “elas podem sentir que os pets não estão julgando e, como eles não parecem ter os próprios problemas, eles simplesmente escutam” (s/p).

Outro aspecto importantíssimo acerca da convivência de crianças com animais desde cedo é como esses últimos são essenciais para a saúde mental dos pequenos. Assim como com os adultos, as crianças têm a tendência de apresentarem menos estresse e ansiedade quando têm a companhia de um “pet”. O sentimento de solidão é muito menor na presença de um animal, pois esse último consegue ser uma boa distração e um bom companheiro. Conforme uma pesquisa feita pela Universidade de Oklahoma, na qual 643 crianças foram acompanhadas por 18 meses, a ansiedade infantil é menos provável nos indivíduos que convivem com cães de estimação.

A relação com o animal estimula o afeto, o companheirismo, a organização, a paciência, a responsabilidade [...]. Quem tem uma tendência a desenvolver ansiedade na infância tem uma preocupação muito grande com tudo. O animal tira um pouco esse foco e ajuda a criança a aproveitar mais o momento e curtir ali com seu novo amigo, sem pensar no que vai acontecer depois, sem acelerar o fluxo (CALÇADA *apud* LIMA, 2015, s.p).

Logo, a interação da criança com o animal é muito benéfica para a saúde mental e emocional dos pequenos. Além de ajudar na diminuição da ansiedade e do estresse, a companhia dos “pets” melhora a autoestima das crianças, pois, por possuírem diversas

¹⁰ Fonte: 5 motivos para seu filho ter um animal de estimação. Blog da Xalingo. 2015. Disponível em: < <https://blog.xalingo.com.br/2019/10/5-motivos-para-seu-filho-ter-um-animal-de-estimacao-parte-1/>>. Acesso em: 12 mai. 2023.

tarefas em relação ao animal, os pequenos passam a criar um sentimento de orgulho de si mesmos ao conseguirem cumprir seus deveres. Isso resulta também no fortalecimento da autoconfiança, já que a criança deve acreditar em si e de que é capaz de realizar suas obrigações sozinha. No seu crescimento ao lado de um “pet”, o indivíduo não passa pela experiência de se sentir julgado ou rejeitado por esse ser, isto é, os animais não dão importância para a aparência e para as opiniões das crianças, aprimorando, então, a autoestima. Portanto, nesse cenário, o animal pode servir como um espelho que reflete uma imagem positiva dos pequenos, estimulando e incentivando suas habilidades emocionais e sociais.

Nesse âmbito, os animais são uma forma de a criança poder se expressar e desenvolver sua fala e o diálogo. É muito comum, durante a infância e ao longo da conexão entre os dois, que as crianças conversem com seus “pets”, assim como fazem com os brinquedos. Muitas, ainda, inserem sua companhia animal em brincadeiras e atividades, usando a imaginação para formar histórias e diálogos. Somado a isso, os “pets” são ótimos ouvintes e não contestam o que as crianças têm para falar. Por isso, os pequenos podem encontrar grande facilidade para se abrir com os animais, contando seus pensamentos e segredos.

Com isso, os “pets” se tornam bons companheiros e uma maneira de as crianças conseguirem se expressar com maior conforto. Como resultado disso, os pequenos acabam aprimorando suas capacidades verbais e sociais, encorajando-os a enfrentar com menos medo as pessoas e as situações ao seu redor. Além disso, ao brincar com o animal de estimação, a criança também pode contar histórias ao ler livros em voz alta, fazendo com que o aprendizado à leitura seja mais leve e divertido, transformando esse processo em um momento para o pequeno se soltar e ficar à vontade. Logo, essa interação

criança-animal ajuda também na descoberta e controle sobre o próprio corpo e sobre as próprias emoções durante a infância, o que incentiva as crianças a cada vez mais se aventurarem e a testarem coisas novas.

Quanto mais as crianças convivem com animais de estimação, mais estímulos elas recebem e, consequentemente, mais conexões neurais são formadas e aperfeiçoadas em seus cérebros. Pelo fato de os “pets” demandarem tarefas específicas e cotidianas, ou seja, atividades que devem ser repetidas todos os dias várias vezes, as habilidades motoras dos pequenos são aprimoradas. “Isso tudo é um estímulo muito grande no desenvolvimento motor e é algo espontâneo. É uma experiência lúdica do desenvolvimento” (FARACO *apud* GONTIJO, 2019, s.p). Então, ao conviver com um animal, a criança passa a conviver com uma realidade muito diferente da sua própria, na qual as necessidades são outras, mas tão importantes quanto.

Ter um animal de estimação no cotidiano é uma boa forma de entender sobre a vida e suas etapas. Na convivência com um “pet”, as crianças enxergam no dia a dia questões como o nascimento, incidentes, a morte e o luto. Resultante a isso, muitos sentimentos são gerados dentro dos pequenos ao encararem a realidade do mundo, auxiliando-os a enfrentar muitos obstáculos e conquistas no decorrer de suas trajetórias. É um ensinamento sobre aproveitar a vida e a presença de quem amamos, e sobre aprender a lidar com as perdas e a falta que algo ou alguém importante faz para a nossa vida.

O contato com um “pet” é também um jeito de se conectar com a natureza. Ao entender a diferença e a diversidade do outro, nesse caso, o animal de estimação, a criança passa a aprender a respeitar e a cuidar das coisas ao seu redor, respeitando assim os outros seres vivos e a natureza em seu geral. Conviver com um “pet” significa conviver com diferentes espécies e suas individualidades, ou seja, aprende-se na prática e nessa coexistência que não estamos sozinhos

no mundo e que não somos os únicos que temos demandas. Para isso, torna-se essencial o cuidado com as coisas que estão além das nossas necessidades, garantindo que os animais e a natureza também tenham seu espaço.

Nesse sentido, as crianças começam a entender que dependemos do ambiente natural para nossa sobrevivência, assim como os animais. Portanto, elas passam a ter mais ferramentas para compreender a importância da preservação do planeta e das diversidades de espécies, tornando isso uma ação natural e comum para o resto da trajetória dos pequenos. Essa presença de um “pet” ensina que nossas atitudes são capazes de impactar fortemente o cenário e os indivíduos ao redor. Dessa maneira, as crianças passam a ter maior noção acerca da importância vida, desenvolvendo sentimento de solidariedade e empatia durante a infância.

Se os animais de estimação são um incentivo para os adultos se exercitarem, esse efeito é ainda maior nas crianças. Portanto, ter um animal de estimação em casa estimula a saúde física e mantém as crianças ativas. É importante ressaltar que isso não necessariamente significa que uma criança que não convive com animais de estimação não seja saudável, mas que a presença do “pet” na infância incentiva fortemente a prática de atividades físicas. Por isso que, ao crescer com o costume de se exercitar, os pequenos encontram menos dificuldades para continuarem se movimentando ao longo da vida.

Ainda no âmbito da saúde física, crescer com animais de estimação fortalece o sistema imunológico dos pequenos, diminuindo os riscos a alergias, asma e dermatite atópica. Isso se deve ao fato de que as crianças são expostas a microrganismos presentes nos “pets”, o que faz com que sua imunidade contra infecções, muito comuns para os primeiros momentos de vida dos bebês, aumente. O contato dos pequenos com esses microrganismos são um incentivo para as células

de defesa, além de que a relação criança-animal é capaz de impactar de maneira positiva na composição da microbiota intestinal, podendo, assim, amadurecer a resistência do corpo.

Em 2015, foi desenvolvido na Suécia, pela revista *Jama Pediatrics*, um estudo sobre os riscos de crianças apresentarem asma. Ao analisar os registros de mais de um milhão de jovens, concluiu-se que uma infância ao lado de animais de estimação, como cachorros, é capaz de reduzir em 15% o risco de manifestação da asma. Isso é perceptível nas mais diversas realidades dos pequenos, ou seja, tanto os que convivem com animais de fazenda quanto os que têm “pets” em casa são favoráveis para apresentarem menores chances de desenvolverem asma.

Estudos anteriores mostraram que crescer em uma fazenda reduz o risco de a criança apresentar asma pela metade. Queríamos ver se essa relação também era verdadeira para crianças que crescem com cães em casa. Nossos resultados confirmaram o efeito das fazendas e também vimos que crianças que cresceram com cães tinham 15% menos asma do que as outras (FALL *apud* LIMA, 2015, s.p.).

Desse modo, são muitos os benefícios gerados na vida das crianças que crescem com animais de estimação, tanto no âmbito físico quanto no emocional. A relação homem-animal é fortalecida com as conexões criadas na infância e o indivíduo passa a enxergar o mundo e a realidade com outros olhos. As crianças também acabam por desenvolver maior empatia e respeito aos outros e a si mesmas, descobrindo suas emoções, seus limites e suas capacidades.

3.3 A RELEVÂNCIA DO CONTATO DOS ANIMAIS COM PESSOAS DO ESPECTRO AUTISTA

Como foi visto anteriormente, o apoio emocional dado pelos animais é um fortalecedor da relação destes com os seres humanos,

trazendo diversos benefícios para a saúde emocional e física dos tutores se realizado de maneira respeitosa e correta. Dentro desse aspecto, é interessante destacar que a interação com as diferentes espécies como modo de auxiliar a socialização e inserção social de pessoas dentro do espectro autista vem ganhando força, tendo cada vez mais pesquisas que mostram a eficácia desse contato na melhoria da qualidade de vida.

Inicialmente, é de suma importância identificar corretamente as especificidades do Transtorno do Espectro Autista (TEA), sendo um distúrbio do desenvolvimento neurológico que pode ser caracterizado por diferentes manifestações comportamentais, dificuldade de comunicação e socialização, padrões de comportamentos repetitivos e muitas outras condições. Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU)¹¹, estima-se que há mais de 70 milhões de pessoas dentro do espectro, mostrando como isso representa uma grande parcela da população mundial. Mesmo constituindo um número expressivo na atualidade, essas pessoas costumam apresentar maior taxa de pobreza e menores níveis de escolaridade em comparação com a parte da população sem esse transtorno. Tal fato é explicado pelas barreiras invisíveis presentes em diversos âmbitos do cotidiano, que barram a inserção de indivíduos com autismo por conta das bases capacitistas que formaram o mundo desde a sua antiguidade.

Desse modo o capacitismo se faz presente ao compor a lógica errônea de que a pessoa com algum transtorno é incapaz de ser independente, resultando na inferiorização por parte da sociedade. Além disso, o diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista é extremamente complexo devido às variedades dos sintomas e, durante

¹¹ Fonte: Conselho Nacional de Saúde – Ministério da Saúde, 2011. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/ultimas_noticias/2011/01_abr_autismo.html>. Acesso em: 15 jul. 2023.

a história do mundo, criaram-se diversas hipóteses e ideias que colaboraram para a formação de preconceitos enraizados. Exemplo disso é a teoria do psiquiatra Leo Kanner, publicada em 1948¹², que afirmava que as mães dos pacientes provocavam autismo nos filhos ao não oferecerem os estímulos necessários, criando uma imagem que foi chamada de “mãe-geladeira”. Com essa e muitas outras teorias criaram-se conceitos incorretos acerca do autismo, resultando em uma forte discriminação e exclusão.

Esses fatores somente contribuíram para a construção de mais estigmas acerca do autismo, como por exemplo a ideia da necessidade de contenção física como forma de evitar crises nervosas, enquanto pesquisas apontam que a solução mais segura e saudável é a consulta com terapeutas especializados.

É nesse cenário de preconceitos, que inferiorizam as pessoas dentro do espectro autista, que o apoio emocional dos animais é inserido como forma de melhorar exponencialmente a autoconfiança e a autonomia desses indivíduos, desconstruindo alguns estigmas sociais. Sabe-se que o contato com o animal auxilia no desenvolvimento das interações de maneira ampla, podendo ser um grande instrumento para que a pessoa com autismo consiga ultrapassar alguns obstáculos.

A presença de um pet na vida de pessoas dentro do espectro auxilia na necessidade de desenvolver habilidades emocionais, visto que alguns desses indivíduos podem ter dificuldades em expressar e compreender emoções nas interações com pessoas fora do mesmo espectro, fato que serve como uma grande barreira na inserção social.

¹² LOPES, Bruna Alves. **A culpabilização de mães de autistas ao longo das décadas de 1940 a 1960.** Revista Territórios & Fronteiras, Cuiabá, 2021. Disponível em: <<file:///C:/Users/simon/Downloads/dosreiss,+09A+CULPABILIZA%C3%87%C3%83O+DE+M%C3%83ES.pdf>>. Acesso em: 12 jul. 2023.

Assim, ao entrar em contato direto com um animal que precisa de cuidado e atenção, o tutor neurotípico acaba apresentando avanços na relação com o pet e com outras pessoas, melhorando a identificação de leitura corporal e a compaixão por conta do relacionamento construído com o bicho em questão. Ademais, o apoio emocional com os animais pode fazer uma grande diferença na vida das pessoas que apresentam o autismo não-verbal, cuja tendência é não ter expressão por meio da fala e apresentar dificuldades maiores na comunicação, pois os estímulos frequentes na relação com uma espécie diferente podem trazer a evolução do caso e fazer com que o indivíduo comece, aos poucos, a se comunicar de maneira mais efetiva.

No caso das crianças com autismo, o rótulo "autista" evoca equivocadamente a ênfase obrigatória de limites - aprender, limite para falar, limite para comunicar-se, enfim - como se a associação entre autismo e limitação fosse inevitável. (OLIVEIRA, 2002, p.47).

Desse modo, a Terapia Assistida por Animais (TAA) se insere no desenvolvimento da autonomia de pessoas que apresentam TEA, pois estas normalmente apresentam padrões repetitivos nos comportamentos e a TAA os auxilia a terem avanços comportamentais por meio da capacidade de imitação e da coordenação muscular dentro do aspecto físico e motor. Essa modalidade de terapia também oferece novos estímulos para esses indivíduos em forma de brincadeiras e atividades, fazendo com que o contato animal auxilie na criatividade e na adaptação de diferentes situações cotidianas. Existem muitos outros pontos em que os bichos melhoram a vida de pessoas inseridas dentro do espectro, principalmente ao considerar que a presença deles auxilia na ansiedade ao diminuir a frequência cardíaca, acalmando o seu tutor em situações de estresse social e, consequentemente, gerando resultados positivos na inserção em grupos, ambientes de trabalho,

esporte, lazer, entre muitos outros setores básicos que seriam considerados como barreiras para indivíduos autistas.

Dentre os diversos tratamentos recomendados para pessoas com o transtorno do espectro autista se encontra a chamada equoterapia, metodologia que utiliza a interação do humano com o cavalo como um meio terapêutico, promovendo melhorias em níveis psicológicos e motores, como na coordenação e na autoconfiança. Essa relação do indivíduo com o cavalo visa o desenvolvimento biopsicossocial e exige um trabalho corporal que traz inúmeros benefícios na postura e na sensação de bem-estar ao estimular diferentes grupos musculares.

A deficiência não precisa ser um obstáculo para o sucesso. Durante praticamente toda a minha vida adulta sofri da doença do neurônio motor. Mesmo assim, isso não me impediu de ter uma destacada carreira como astrofísico e uma vida familiar feliz (HAWKING apud ZARILI, 2020, p. 4).

Como a sociedade carrega estigmas negativos a respeito do autismo, tendo a tendência de inferiorizá-los e excluí-los das diferentes atividades do cotidiano, na equoterapia o animal é usado justamente como agente de inserção social ao auxiliar na construção da autonomia e independência da pessoa com TEA.

Ao praticar exercícios de equitação (técnica de andar a cavalo) em conjunto com a equipe composta por um psicólogo, especialista do esporte e fisioterapeuta, o praticante desenvolve habilidades que antes realizava com dificuldade e muito estresse, tendo uma melhor desenvoltura comunicativa, corporal e emocional. Assim, vendo seu próprio desenvolvimento e capacidades, a pessoa dentro do espectro tem avanços na confiança e em outras questões psicológicas, desestruturando ideias preconceituosas e limitadoras a respeito do transtorno e resultando numa melhor inserção graças ao apoio emocional advindo da relação animal e humano.

3.4. A HUMANIZAÇÃO EXCESSIVA NA RELAÇÃO HUMANO-ANIMAL

É fato que a relação dos seres humanos com os diferentes animais evoluiu muito com o passar do tempo e que, atualmente, essa interação continua passando por mudanças para aumentar o respeito mútuo entre as diferentes espécies. Ao passo disso, cresce uma perigosa visão que liga o aumento do afeto com a humanização excessiva gerada tanto por uma possível dependência emocional do humano para com o animal quanto pela falta de seriedade em se tratar da saúde do bicho. A humanização é um processo ligado à ideia de antropomorfização, na qual as pessoas dão características e vontades humanas aos animais, que não deveriam tê-las para a sua própria saúde física e emocional.

Desse modo, alguns tutores apresentam a tendência de pensar que, para seus pets serem felizes e terem uma vida plena, eles precisariam de hábitos cotidianamente humanos, como se alimentar das mesmas comidas, ter o prazer do doce com a glicose, colocar o animal na frente da televisão para tentar entreter, usar perfume, entre muitos outros hábitos que parecem simples ao olhar da ignorância. Apesar disso, essas escolhas dos tutores, com o viés de estarem fazendo o bem, somente causa prejuízos que podem ser irreversíveis para o bicho, causando problemas de visão, falta de apetite pela falta de captação de odores, úlceras, obesidade e muitos outros danos, visto que a alimentação incorreta é igualada a veneno para diferentes espécies e que outros hábitos não-naturais trazem malefícios e transtornos ao pet.

Essa relação descrita acaba se tornando extremamente tóxica e problemática, pois a humanização do animal não deveria ser uma realidade em nenhuma circunstância. Tal situação comprova que a sociedade precisa passar por diversos avanços ainda nas questões éticas e jurídicas relacionadas aos animais, pois essa tendência de

antropomorfização em que o humano sempre aparece como centro e espelho de tudo é perigosa para a natureza e não é vista com tamanha seriedade. O cerne do problema dessa tendência é justamente a falta de consciência ambiental, fato enraizado historicamente por conta da exploração da fauna e da flora. Resultado da realidade descrita comparece no fato de que grande parte da população não admite que os hábitos humanos são diferentes do restante das espécies e que cada animal tem seu determinado habitat (local onde a espécie vive) e nicho ecológico (conjunto de características e condições para a sobrevivência da espécie em determinado habitat), devendo ser respeitado ao máximo para o equilíbrio da interação.

Outro viés do mesmo assunto está presente no egoísmo humano escondido por trás de justificativas afetivas que, verbalmente, parecem inofensivas. O fato de o tutor humanizar as ações do animal que está sob sua guarda mostra irresponsabilidade e preocupação somente com as vontades de si mesmo, sem pensar na saúde do pet e no que realmente é melhor para este. Isso ocorre, pois, muitas pessoas enxergam o bicho como um boneco que serve para diversão, entretenimento ou status social, agindo de maneira negligente com espécies diferentes por conta da visão de inferioridade do animal já que, caso o dono considerasse seu pet como um ser merecedor de respeito e digno de saúde, não realizaria atos tão prejudiciais.

Há situações nas quais a antropomorfização é tão intensa que o pet perde o direito de expressar comportamentos naturais básicos. Os impactos no bem-estar do animal são imensos, além de eles poderem sofrer distúrbios comportamentais sérios, como agressividade, medo, depressão e transtorno de ansiedade. (MACEDO *apud* MOUHAMAD, 2023, s.p.).

Nesse mesmo âmbito, há pessoas que optam por ter algum pet como sinônimo de adotar uma criança ou um bebê, tratando-o como um ser humano real e gerando então uma grande carga de estresse ao

animal que se vê impossibilitado de realizar ações do seu instinto natural. É importante demarcar que essa relação também é prejudicial para o tutor que realiza a humanização, pois envolve questões psicológicas complexas que podem evoluir para transtornos e doenças tanto no humano quanto no animal presente nessa interação. Essa situação ocorreu com uma estudante brasileira chamada Lays Miranda, de 20 anos, que, após adotar um cão em 2020 para auxiliar em suas crises de ansiedade, começou a ter cada vez mais crises até parar na emergência do hospital, onde foi diagnosticada com depressão pós-parto. Isso ocorreu devido à falta de diferenciação entre os hábitos e necessidades das diferentes espécies, em que a humanização do cachorro fez com que a dona tivesse uma piora no quadro e que o animal se encontrasse enfermo por conta dos hábitos humanos em sua rotina.

Além disso, também é visível a questão da humanização dos animais na alimentação de espécies silvestres na natureza, situação na qual muitas pessoas oferecem comidas aos bichos no intuito de agradá-los, tirar fotos ou vê-los de perto. Tal ação é extremamente prejudicial e mostra novamente a falta de consciência ambiental de alguns indivíduos, que não se importam com as possíveis consequências de suas ações para com os animais ou simplesmente não compreendem que se trata de duas espécies diferentes e que os alimentos dos humanos ofertados podem fazer muito mal e incapacitar o bicho.

Essa tendência muda hábitos naturais dos animais que são imprescindíveis para a sua saúde, pois, ao se acostumar com o oferecimento de comida vindo de humanos, a espécie que se encontra na natureza acaba perdendo a capacidade de caçar e encontrar alimento por conta própria, além é claro de ingerir substâncias presentes nos industrializados que são consideradas como venenosas

aos animais. Percebe-se então um perigo que necessita ser visto com a devida seriedade, pois a humanização da fauna é um impedimento para a construção de avanços na relação entre humano e animal. Interações que deveriam ser positivas, como a intenção da estudante brasileira de ter um cão de apoio emocional e o caso de pessoas em contato com animais na natureza ou em zoológicos (cujo intuito é aumentar a consciência ambiental do público), acabam sendo corrompidas e prejudiciais por conta dessa falta de cuidado e de responsabilidade com o assunto.

A humanização ligada à antropomorfização é algo completamente diferente do apoio emocional, visto que a primeira é uma relação prejudicial e inconstitucional que fere a dignidade e o direito à segurança assegurado aos animais na Constituição Brasileira de 1988. Esse hábito também é um modo de exploração moderna que se esconde por trás de aparências de sentimento de afeto e curiosidade sobre a fauna, visto que o caso descrito de oferecer alimento para tirar foto é algo completamente irresponsável e que mostra a visão do animal como inferior a um ser merecedor de respeito. Enquanto isso, o apoio emocional é uma interação que, ao contrário da última, promove a melhoria e evolução da relação com as diferentes espécies, aumentando a importância do meio ambiente e de todos presentes nele.

4. O APOIO FÍSICO QUE OS ANIMAIS DÃO AOS SERES HUMANOS E ÀS INSTITUIÇÕES

4.1. O APOIO FÍSICO DADO ÀS PESSOAS E ÀS INSTITUIÇÕES PELOS ANIMAIS: UMA VISÃO FOCADA NO CÃO

Na atualidade, os animais estão inseridos em campos complexos da sociedade, incluindo o mercado de trabalho como um modo de auxílio para as instituições e para pessoas com determinadas

necessidades. Nesse sentido, o bicho presente na relação compõe parte de uma dinâmica em que ele realiza tarefas com foco principal na parte física ao invés da emocional citada anteriormente, sendo considerado como um modo de trabalho em que o animal faz parte da equipe (no caso das instituições) ou da família (no caso pessoal). A principal diferença entre o apoio emocional e o físico se encontra no objetivo de cada um, visto que o primeiro se enquadra em casos de pessoas com problemas psicológicos a fim de fornecer segurança emocional aos tutores. Além disso, tal apoio conta com a possibilidade do uso de diferentes espécies, como tartarugas, gatos, cachorros, coelhos, etc.

Enquanto isso, o segundo ocorre justamente em pacientes que necessitam de um apoio e auxílio da parte física ou de organizações que utilizam de fatores fisiológicos do animal para realizar determinada tarefa, tendo como um foco, nesse caso, o cão por se adaptar e por ter características mais vantajosas ao comparar com outras espécimes da fauna. Ademais, os animais de serviço necessitam de um treinamento extremamente específico para estabelecer todos os requisitos da tamanha responsabilidade do seu dever e são inseridos dentro de uma realidade de trabalho, enquanto os de apoio emocional não precisam necessariamente de treinamento, pois depende do quadro que o tutor se encontra.

Ou seja, estes podem sim ser adestrados para identificar mudanças comportamentais ligadas a transtornos psicológicos, mas em outros casos também podem somente fazer parte de um tratamento de um médico especialista em psiquiatria para uma maior estabilidade afetiva do paciente. Todavia, ambos os modos de apoio estão fortemente interligados, pois a utilização do animal e a relação deste com o humano sempre apresenta reações emotivas e sentimentais, fato que será visto adiante e que é aproveitado em

algumas atividades das próprias instituições para gerar calma nas diferentes situações.

Com um foco no apoio físico realizado de maneira pessoal, em uma relação de tutor e animal, tem-se como principal exemplo os chamados cães guias, cujo trabalho é servir como um possível meio de locomoção e auxílio para as pessoas com deficiência visual, em especial os casos de cegueira que necessitam de modos de inclusão para que possam estar inseridas na sociedade de maneira plena. A falta de visão pode ser analisada como uma limitação ou restrição da participação ativa no mundo atual, sendo relacionada, de acordo com a Classificação Internacional da Funcionalidade feita pela Organização Mundial de Saúde (OMS), como uma alteração das funções do corpo que pode ser classificada como leve, ligeira, moderada ou grave dependendo da percepção visual da pessoa. Desse modo, observa-se que a sociedade não é inclusiva e que muitas ações básicas são um grande desafio para indivíduos com essa deficiência, como por exemplo andar nas ruas esburacadas sem pisos táteis e completar o ensino com a falta de materiais com Braile (sistema de escrita tátil), atividades essenciais para o ser humano que são impedidas para pessoas com falta de visão.

Em vista disso, o animal é inserido em treinamentos como guia para ser um meio de auxiliar fisicamente a locomoção das pessoas com deficiência visual, surgindo os cães guias, que contribuem na vida de milhares de indivíduos. Com esse apoio físico do cachorro, o tutor consegue desenvolver autoconfiança e autoestima, permitindo que os ambientes de lazer, trabalho e escola se tornem mais acessíveis por meio da sua presença e alterando a mentalidade preconceituosa da sociedade que enxerga a falta de visão como sinônimo de incapacidade. A relação criada entre o tutor e o cão guia é extremamente complexa e interessante, pois envolve questões

jurídicas nas quais o último é protegido por lei, tendo permissão para entrar em estabelecimentos públicos e necessitando de momentos de descanso, já que o serviço é algo essencial para a pessoa que o acompanha e que isso gera estresse ao animal. Além disso, também apresenta questões emocionais profundas, visto que o indivíduo confia diversos âmbitos da sua vida ao cão que o acompanha.

Os cães de assistência têm um impacto positivo na saúde dos indivíduos, bem-estar psicológico, interações sociais, desempenho de atividades e participam em vários papéis da vida da pessoa com deficiência, em casa, como em todos os outros contextos. No entanto, para que tudo isto se possa concretizar é necessário que a comunidade e o estado estejam preparados para aceitar a presença deste tipo de cães em locais públicos, nomeadamente em transportes, hotéis, restaurantes, supermercados, sem ser necessário, para os indivíduos envolvidos, argumentar sistematicamente sobre a importância de se fazer acompanhar pelo seu cão de assistência. (LIMA; SOUSA, 2004, p. 7).

A relação pessoal também é vista em outros exemplos na sociedade atual, como em cães acompanhantes de indivíduos com deficiência auditiva e, até mesmo, pessoas com epilepsia e diabetes. No primeiro caso, o tutor com deficiência recebe diversos auxílios do seu cachorro de apoio, que transmite para o dono sinais de algum alerta sonoro do ambiente e que o auxilia na melhoria das questões sociais. Tal fato é visto pois, muitas vezes, indivíduos com algum problema físico são excluídos socialmente e a presença do animal pode ajudar na inserção em grupos e no aumento da autoconfiança, já que é motivo de interesse e de interação com as demais pessoas. Além disso, é comprovado no estudo feito em 2021 pela *Canine Science Collaboratory*, da Universidade Estadual do Arizona, que o cachorro diminui o estresse e aumenta os níveis da produção de dopamina (neurotransmissor relacionado com o humor e o prazer), aumentando

o conforto do tutor em situações difíceis e, consequentemente, melhorando a sua qualidade de vida.

Já no caso dos cães de alerta para pessoas com diabetes, estes são treinados para terem uma forte sensibilidade a mudanças comportamentais e sensoriais dos seus tutores a fim de identificar e evitar que ocorra uma crise de hipoglicemia, o que acompanha um grande perigo na possível ocorrência de perda de consciência. A Diabetes Mellitus (DM) é uma síndrome metabólica de origem múltipla, originada da falta de insulina (hormônio responsável por reduzir a glicemia e permitir a entrada da glicose nas células) ou da incapacidade desta substância de exercer sua função, gerando então um déficit na metabolização da glicose. Ou seja, essa doença é caracterizada pela alta taxa de açúcar no sangue e pode gerar sérios danos à saúde no caso de crises hipoglicêmicas, como lesões na retina do olho, redução na função dos rins, distúrbios digestivos, infecções, infarto do miocárdio e, até mesmo, morte.

Nesse sentido, o animal tem o papel de reduzir os riscos de vida do tutor com tal condição por meio da capacidade de identificar uma possível crise antes da sua ocorrência ou de alertar pessoas próximas caso seu dono perca a consciência em uma crise de hipoglicemia. Tal trabalho é extremamente importante para aumentar a qualidade de vida dos indivíduos em um nível exponencial ao gerar autonomia e segurança. Esse apoio físico vem sendo estudado em pessoas com epilepsia, condição médica que apresenta mau funcionamento da emissão de sinais enviados pelos neurônios (células que fazem parte do cérebro na transmissão das informações), porém ainda não há comprovação científica da sua eficácia exata e dos motivos do cão conseguir identificar uma crise epiléptica. O que é considerado como fato é que os animais sim têm a capacidade incrível de mudar a vida dos seus tutores e auxiliá-los em diversos âmbitos do cotidiano.

Além disso, também existem os cães que prestam apoio físico às instituições presentes na sociedade, sendo considerado como um trabalho que necessita de treino, descanso e regras que não prejudiquem a integridade do animal presente nessa relação. O cão policial ou o farejador estão presentes na polícia federal, nas guardas municipais e no âmbito militar, participando de operações de busca de armas, substâncias entorpecentes, bombas e de pessoas desaparecidas ou procuradas por determinadas atividades ilícitas. Atualmente, destaca-se o emprego desse animal em atividades com foco na segurança pública ao auxiliar o trabalhador no policiamento e na detecção de drogas, sendo um componente extremamente necessário para a apreensão do narcotráfico na área da fronteira da Amazônia, onde há comercialização de bebidas alcoólicas, cocaína e outras substâncias proibidas em terras indígenas. Os cães farejadores também realizam um trabalho essencial na detecção de narcóticos na fronteira dos Estados Unidos da América com o México, encontrando grandes quantidades de drogas ilegais e dinamizando o trabalho militar ao aumentar a segurança e eficiência da procura.

Como último exemplo, tem-se o apoio físico realizado pelos cães bombeiros, que apresentam um papel fundamental no resgate e no salvamento de milhares de pessoas ao participarem de operações de busca com a sua agilidade e efetividade na procura de indivíduos desaparecidos em florestas, presas em escombros e vítimas de acidentes. Para estarem aptos a entrar no Pelotão de Busca, Resgate e Salvamento com Cães, esses animais passam por um longo período de treinamento para que consigam manter a calma em situações extremas e que consigam detectar diversos odores específicos (no caso de localizar alguém que desapareceu) ou genéricos (na ocorrência de desastres para procurar pessoas vivas ou também restos mortais).

Os nossos cães são de fato treinados para entregar esse serviço à sociedade e reforçar a capacidade de resposta de todo o Corpo de Bombeiros. Eles são uma ferramenta que auxilia no trabalho das forças no local, e é justamente para melhorar a capacidade da corporação para a resposta das nossas ocorrências. Então, os cães potencializam o trabalho das equipes no terreno. A gente consegue diminuir o tempo que leva para a execução da tarefa e, com isso, a gente reduz os custos e, consequentemente, também expõe os nossos militares a um risco menor. (FILHO *apud* BRAGA, 2023, s.p.).

É visível então a importância que a utilização dos cachorros apresenta nessas situações extremas, nas quais eles têm a capacidade de salvar a vida tanto dos próprios bombeiros quanto das vítimas do ocorrido. Exemplo disso se encontra na tragédia de Brumadinho, quando, em 25 de janeiro de 2019, a barragem da Vale em Brumadinho rompeu por conta de problemas na estrutura ignorados pelas empresas, deixando mais de 270 pessoas mortas e resultando no despejo de milhões de metros cúbicos de rejeitos de mineração que destruíram moradias, vidas e a natureza.

Nesse cenário, os animais foram fundamentais para encontrar diversas vítimas desaparecidas em meio aos rejeitos do minério, aprimorando a busca e o salvamento com a sua agilidade ao encontrar as pessoas. Além disso, a presença do cão também auxilia na parte emocional e apelativa durante um resgate, podendo servir para acalmar o indivíduo que precisa sair de um local de incêndio ou mesmo alguém que se encontra em algum tipo de situação perigosa, aumentando a segurança do salvamento.

Desse modo, o animal é retirado de um espaço em que era utilizado para o uso humano sem limites éticos e com violência extremamente normalizada, como era o caso do uso de diferentes espécies para a composição de cosméticos, permitido até começo de 2023, para ser realocado em um ambiente com direitos mais esclarecidos. Consequentemente, o cão sendo inserido no ambiente de

trabalho e tendo um papel extremamente importante para a segurança da população simboliza a evolução dos direitos dos demais animais também, na qual são vistos como seres de direito e dotados de capacidades essenciais. É visível que muitas pessoas ainda não têm consciência do auxílio que os cães realizam nas diferentes situações e âmbitos do cotidiano, sendo necessário que a divulgação de materiais e pesquisas a respeito dessa participação ocorram cada vez mais para que não diminuam a importância social que eles realmente apresentam.

4.2. DE FILHOTE A CÃO-GUIA: COMO OCORRE O TREINAMENTO DOS ANIMAIS

Existem variados tipos de cães de apoio físico, em que cada um tem uma especialidade diferente. Portanto, os treinamentos para cães-guias também apresentam diferenças ao longo de seus processos. Por exemplo, um cachorro acompanhante de uma pessoa com diabetes deve ser treinado especificamente para essa função, já que esses cães são capazes de identificar a baixa de glicemia no ser humano. Dessa forma, torna-se necessário o reconhecimento das mais distintas tarefas dos cães-guias e, a partir disso, desenvolver suas técnicas de treinamentos especializados.

Porém, de uma forma geral, os processos de adestramento têm a mesma base e alguns aspectos similares. Com isso, o Curso de Especialização de Treinador e Instrutor de Cães-Guias do Instituto Federal Catarinense – Campus Camboriú utilizou os métodos empregados pela *Seeing Eye Dogs*, uma organização australiana membro da Federação Internacional de Cães-Guias (IGDF), com o intuito de aprimorar seus procedimentos de treinamentos para esses animais no Brasil. Para que o cachorro possa acompanhar um ser humano, primeiramente é preciso passar por diversas etapas, nas

quais serão preparados para suas tarefas e seus comportamentos serão avaliados por profissionais.

Toda a especialização do cão-guia inicia-se na escolha dos filhotes. Para isso, a genética desses animais é analisada, levando em conta as características físicas e comportamentais necessárias para que o trabalho seja efetuado. Portanto, qualidades como porte físico adequado, docilidade, boa saúde física, contato com o ser humano e demonstração das capacidades, interesses e vontades em servir são aspectos imprescindíveis e que devem ser levados em consideração no momento de escolha dos animais para começar o treinamento. Logo, os procedimentos que levam um animal a se tornar um cão-guia já têm início nos primeiros dias de vida dos filhotes.

Em uma média de dois anos de adestramento, esses animais já estarão aptos a serem considerados cães-guias. Mas, antes disso, todo o processo pode ser analisado em duas fases extremamente importantes para a formação da trajetória de especialização das funções dos animais: a socialização e o treinamento. Cada uma dessas etapas exige atenção, cuidado e atividades específicas, como técnicas que respeitem o desenvolvimento de cada animal.

A primeira fase se caracteriza como a socialização dos cachorros, tarefa realizada por famílias selecionadas a partir da oitava semana de vida do animal, as quais serão responsáveis pelo cuidado e bem-estar e por socializá-los. Antes da inserção do animal em um núcleo familiar, testes são efetuados a fim de avaliar as atitudes e o perfil físico dos filhotes. Esse momento é essencial para que a escolha de uma família seja feita a partir dos resultados obtidos sobre os cães. Dessa maneira, os animais deverão ser introduzidos em famílias que apresentem perfis adequados para a adaptação e vivência do cão. Essa decisão deve ser tomada com cautela, pois, ao escolher a família errada, o cachorro terá

sua socialização e sua qualidade de desenvolvimento muito impactadas.

Durante o processo de socialização, visitas semanais são feitas para analisar se as famílias socializadoras estão realizando os procedimentos adequados para a vida dos cães, tais como alimentação apropriada, descoberta de novos ambientes, interação com outros animais e passeios na guia. Essa checagem é importante para avaliar como estão os comportamentos dos cachorros, principalmente os indesejáveis, como sinais de agressividade, de desconfiança de seres e objetos, mastigação de utensílios e estrago da guia. As famílias socializadoras também têm a função de mostrar o mundo aos filhotes, fazendo com que eles tenham como oportunidade a convivência com distintos cenários e ambientes, apresentando-os à realidade dos seres humanos.

Já na fase adulta, entre 14 e 16 meses de vida, os animais retornam ao local do curso e iniciam a segunda etapa, o treinamento. Nesse momento, os cães passam a aprender as habilidades que os capacitarão para exercer a tarefa de cão-guia. Durante toda essa fase, os cachorros passam a morar no canil e são inseridos em uma rotina cotidiana que tem papel na garantia do bom aprendizado, do bem-estar e da sanidade do animal. Com isso, ao longo da primeira semana desse processo os cachorros são introduzidos à nova matilha e se adaptam novamente ao canil.

Nesse âmbito, atividades de interação são realizadas a fim de lidar com a ansiedade de separação das famílias socializadoras e com o convívio com outros seres. A inserção do cão na nova etapa significa a retirada repentina da rotina que ele antes já conhecia e das pessoas com quem já havia se adaptado. Desse modo, o animal sai da vida familiar para entrar na vida do canil. Esse acontecimento pode fazer com que esses seres tenham reações indesejadas acerca do novo

cotidiano, pois eles estabelecem uma forte ligação com os socializadores, e essa mudança de ambientes e pessoas é muito sentida por eles. Por isso, é necessário que esses primeiros momentos da fase do treinamento sejam levados com respeito, já que o cão precisa de um tempo para se acostumar ao novo cenário e a nova rotina. Nesse sentido, na semana seguinte a esse processo, o treinamento em si é iniciado com os animais.

Essa etapa tem uma duração de 4 a 6 meses, de segunda a sexta-feira, pois os finais de semana se caracterizam como o momento de recreação e descanso. Ocorrem atividades entre os períodos da manhã e da tarde, alternando os exercícios e os horários entre os grupos de cães. Enquanto alguns descansam, outros são treinados. Durante esse processo, há tarefas como a higienização e as atividades de matilha. Esses acontecimentos somam, em média, 12 horas de trabalho e treinamento diários, estabelecendo, assim, uma nova rotina aos cachorros.

Contudo, essas atividades só podem ser efetuadas se o clima estiver a favor da rotina, pois isso é um fator determinante e limitante para as circunstâncias de trabalho. O calor intenso, por exemplo, desenvolve um grande estresse térmico nos cães, o que dificulta a execução das tarefas. Logo, o instrutor deve encontrar locais e horários em que a temperatura esteja mais estável e amena, reduzindo os riscos aos estresses para que a qualidade do treinamento e do desenvolvimento dos animais não seja tão afetada.

Além disso, o estado de saúde dos cães é outro fator que influencia em seus desempenhos. Por esse motivo, todos os dias, antes do começo do adestramento, todos os cachorros são analisados e examinados para conferir se ocorreu alguma mudança comportamental, como falta de apetite, desânimo e dificuldades de locomoção, ou física. A partir dos dados adquiridos, avalia-se se o

animal apresenta alguma anormalidade. Caso os resultados forem positivos, os cães são deixados em observação no canil e, se preciso, serão levados para serem examinados por médicos veterinários.

Nesse sentido, é essencial que esses cachorros não apresentem condições limitantes de saúde, pois eles têm a função de conduzir e acompanhar seres humanos. Se porventura algum cão expressa certo problema de saúde que possa resultar em outros fatores no futuro, ele é afastado do programa e inserido no programa de adoção. Por isso, é importante que, no decorrer do processo de treinamento, o instrutor fique atento aos comportamentos e às condições dos animais, sendo o responsável por definir quais cães serão capazes de se tornarem guias e quais deverão ser encaminhados para o procedimento da adoção.

Em seguida, na conclusão da etapa do treinamento, ocorre a “formatura” dos cães, a qual conta com a presença dos animais avaliados como aptos para o trabalho de cão-guia, realizando a tarefa com eficiência e segurança. Os registros obtidos todos os dias acerca da evolução de cada animal ao longo do adestramento são fatores determinantes na graduação dos cachorros. São esses dados que fundamentarão o relatório final, isto é, o documento oficial que reconhece as condições e as características físicas e emocionais dos cães, definindo, assim, quais pessoas podem se adaptar com cada cão.

Levando em consideração que o cão-guia realiza um trabalho diário, são necessários períodos de descanso para os animais, a fim de retomarem suas energias e não esgotarem suas saúdes. Isso é iniciado ainda no processo de treinamento, em que há um momento chamado de “liberdade assistida”, caracterizado por períodos diários em que os animais são livres para “serem cachorros”. Ou seja, eles são soltos em um local fechado na companhia de outros cães onde podem brincar, correr e interagir entre si. Porém, os animais continuam sendo

assistidos e monitorados pelo instrutor para que suas disciplinas não sejam afrouxadas.

Desse modo, ocorre um fortalecimento de um sentido do mundo canino. Os cães estão saindo do âmbito de serem apenas seres selvagens para se tornarem parte do universo social humano, o qual é caracterizado por conter muitos significados. Então, esse ingresso do animal na sociedade será um movimento bem-sucedido no instante em que os seres humanos forem capazes de interagir e aprender a lidar e a se comunicar com os animais em uma linguagem relevante para os cachorros. Dessa forma, a relação homem-animal será estabelecida pelos esforços tanto dos seres caninos quanto dos seres humanos, isto é, os treinadores, e, para isso, é importante que os animais que trabalham como guias tenham seus períodos de lazer, sem obrigações e com tempo para descanso, mantendo, assim, a forte ligação entre o cão-guia e seu instrutor.

Os períodos de descanso para os cães-guias são uma maneira de garantir o bem-estar do animal e devem ser uma atitude moral do tutor. Essa preservação da saúde do cachorro vem da ideia de defender os animais do seu “uso humanitário”, com o intuito de atingir um nível de bem-estar a partir da oposição à “crueldade desnecessária”, a qual pode ser uma maldade física e/ou psicológica. Isso se dá pelo fato de o trabalho realizado pelos cães-guias ser uma atividade muito estressante, já que há uma constante demanda do animal para exercer suas funções. Portanto, o instrutor pode e deve se divertir com o cachorro, pois esses últimos merecem relaxar e receber muita atenção e carinho, fazendo brincadeiras e atividades com seu dono.

Logo, a fim de aprimorar o vínculo entre o tutor e o cão-guia, além de momentos de descanso, alguns animais também se aposentam depois de um período trabalhando, geralmente ao atingirem 10 anos de acompanhamento. Isso se dá pelo fato de esses

animais envelhecerem e, com isso, ficarem mais cansados, frágeis e indispostos. Caso o cachorro se aposente, seu próprio tutor pode adotá-lo como um “pet”. Porém, para que isso ocorra, será necessário que um novo cão-guia seja designado para tal pessoa, para que o animal aposentado possa, enfim, descansar e ser um “pet”.

Esse procedimento de troca de cães-guias pode ser um momento difícil para os seres humanos, os quais já criaram um costume e um vínculo com o companheiro. Se o instrutor decidir não permanecer com o cachorro, esse último será inserido em uma campanha de adoção, na qual só poderá ser adotado caso a família que o receber tiver boas condições de cuidá-lo durante sua aposentadoria.

4.3. A IMPORTÂNCIA SOCIAL DOS CÃES-GUIAS

Além de serem seres extremamente essenciais para pessoas que necessitam de alguma ajuda especial, os cães guias também são importantes socialmente. São eles que vão auxiliar no processo de inclusão social de seu tutor, oferecendo segurança, confiança e proporcionando a independência e autonomia do mesmo. Desse modo, esses animais são indispensáveis para a realidade humana atual, já que servem para inserir as pessoas na sociedade e no convívio dos seres humanos. Esses animais também são necessários para o desenvolvimento da autoestima de seus tutores. Ao acompanhar o humano nas tarefas diárias e auxiliá-lo a se locomover e a executar diversas atividades comuns do cotidiano, o cachorro fornece a segurança da pessoa e garante a independência dos mesmos, os quais têm sua autoestima aprimorada ao perceberem que são sim capazes de realizar ações cotidianas como todos os outros seres humanos. Com isso, os cães assistentes proporcionam maior liberdade e mobilidade ao tutor, possibilitando a inserção e a interação social.

Portanto, a companhia de um cão-guia desmistifica a ideia de que pessoas com alguma deficiência não são aptas a viver em sociedade. Muito pelo contrário, é essa ajuda do animal que faz com que ocorra maior inclusão social e diminua os preconceitos. Não apenas sobre seus tutores, mas o trabalho desses cachorros também acaba com a concepção de que esses animais são inferiores a outros. Assim como há cuidadores humanos, existem os cães-guias, os quais devem ser tratados com muito respeito e não devem ser considerados seres irrelevantes, pois, sem eles, milhares de pessoas no mundo não teriam auxílio, apoio e maior independência.

Somado a isso, esses animais também têm funções para com a sociedade, os quais ajudam as autoridades a realizarem seus trabalhos e facilitar a vida social, como os cães farejadores. A partir do olfato aguçado, esses cachorros são especializados para diversas missões, tais como localizar pessoas perdidas, armamentos, entorpecentes e detectar explosivos e vazamentos químicos. Os cães farejadores têm habilidades além das humanas, possuindo o sentido do olfato muito mais desenvolvido. Por esse motivo, esses animais apresentam limitações e recursos inerentes, sendo muito confiáveis para a execução das atividades citadas acima.

Nesse âmbito, de acordo com os serviços de defesa da Ucrânia, até março de 2022, um cão farejador já tinha sido capaz de identificar mais de 90 bombas no país desde o começo da invasão russa. Chamado de Patron, o cachorro é um acompanhante da equipe do esquadrão antibomba em Chernihiv, no norte do território, a 140km da capital Kiev, local onde os combates eram intensos. Em um vídeo divulgado na época, é possível ver o cão farejador sendo preparado com um colete pela equipe para iniciar seu trabalho. Com suas habilidades e competências, Patron foi capaz de salvar diversas vidas

de bombas dez vezes maiores que ele e que representavam grandes riscos para combatentes e civis.

Portanto, ao pensar em um cão-guia, deve ser levado em consideração todo o trabalho e esforço feito por ele na vida dos seres humanos. Os preconceitos e julgamentos devem ser erradicados e deixados de lado quando se trata do respeito e do bem-estar desses animais. Eles também têm tarefas a serem cumpridas diariamente e também possuem demandas, as quais devem ser atendidas e asseguradas pelos seres humanos para que essa relação e sua convivência sejam harmônicas. Logo, é importante respeitar o espaço dos cães-guias e de seus tutores.

4.4. MOTIVOS DA UTILIZAÇÃO DE ANIMAIS AO INVÉS DE HUMANOS

Como visto anteriormente, a sociedade utiliza animais para diferentes fins que podem ser considerados como benéficos principalmente para os seres humanos, pois, no caso de um trabalho de animal como guia ou associado a uma empresa, não há privilégios comprovados na melhoria da qualidade de vida do bicho que participa desse vínculo em específico. Neste âmbito, é importante destacar que tal afirmação não significa que a relação de apoio físico com o humano prejudique o animal, pois isso depende do acompanhamento e cuidado envolvido com o tutor e do modo de treinamento, que deve ser feito de maneira respeitosa e responsável. Considerando então que a população atual segue passando por um processo de conscientização ambiental e de aumento do respeito frente às diferentes espécies da fauna brasileira, é visível a complexidade nas questões éticas e motivos que permeiam a problemática do uso animal para o apoio físico.

O principal fator utilizado como justificativa da preferência do uso de animais para fins médicos é o olfato extremamente aguçado, pois, por exemplo, um cachorro pode apresentar de 100 a 300 milhões de

receptores olfativos, enquanto o ser humano apresenta uma faixa de 5 a 6 milhões somente. Com isso, os animais, com foco no cão por ser a espécie mais presente no uso de apoio físico, têm uma vantagem corporal por serem capazes de realizar tarefas impossíveis para uma pessoa e que não são viáveis tecnologicamente por não haver pesquisas conclusivas ou por terem um custo inacessível para grande parte da população.

Exemplo disso são os cães “de alerta”, que detectam quadros de hipoglicemia em tutores com diabetes, podendo avisá-los com lambidas no rosto ou outro modo de demonstração para evitar episódios de perda de consciência, fato extremamente perigoso e que pode levar a pessoa até a morte dependendo do tempo inconsciente. Em relação a isso, em 2016, pesquisadores da Universidade de Cambridge e do Instituto de Ciência Metabólica da Wellcome Trust observaram que, durante o quadro de hipoglicemia, os níveis do isopreno (subproduto da produção de colesterol encontrado, entre outros lugares, no hálito humano) sobem consideravelmente e que os cachorros conseguem notar a presença dessa alteração pelo olfato¹³. Tal ideia é uma teoria que está presente em diversas pesquisas promissoras na tentativa de explicar essa sensibilidade do animal de detectar a crise hipoglicêmica e, mesmo não sendo completamente comprovada, é fato que as características do cão permitem que muitas pessoas tenham uma qualidade de vida melhor ao evitar alguns perigos da doença.

Além disso, o olfato extremamente aguçado também é o fator essencial para a escolha dos cães farejadores que trabalham para encontrar bombas, drogas e, até mesmo, pessoas desaparecidas ou

¹³ Fonte: Revista Cláudia. Pesquisadores descobriram como cães farejam o diabetes. 2016. Disponível em: <<https://claudia.abril.com.br/saude/pesquisadores-descobriram-como-caes-farejam-o-diabetes>>. Acesso em: 20 ago. 2023.

seus restos mortais. A característica permite que o animal identifique os componentes químicos específicos de tais objetos de procura, não havendo aparelhos na atualidade com a mesma combinação de mobilidade, agilidade e precisão do que os cachorros treinados para a tarefa.

Outra utilidade que vem sendo ligada a essa capacidade do animal é a detecção de possíveis crises epilépticas (doença cuja característica é a atividade anormal das células cerebrais, causando convulsões e perda de consciência) e de alguns tipos de câncer em seus estágios iniciais. Tal teoria foi defendida em abril de 2019 pela pesquisadora Heather Ann Junqueira, formada em medicina veterinária na Universidade Saint Peter, ao realizar testes com animais que conseguiram apontar indícios de neoplasia maligna mamária (câncer de mama) 18 meses antes de o tumor ser diagnosticado por meio de exames de mamografia. Ambas as utilidades podem ser ligadas também a forte capacidade animal de identificar sutis mudanças comportamentais dos seres humanos, pois, ao sentir alterações físicas no paciente ou tutor, o bicho treinado consegue detectar uma crise ou doença antes de se desenvolverem.

A audição dos bichos também é considerada como outra vantagem corporal que os torna mais aptos para atividades específicas, visto que os sons são determinados pelas frequências sonoras transmitidas e que são captados de diferentes formas pelas espécies, podendo ter uma percepção das ondas de som maior ou não. Visto isso, sabe-se que diversos animais apresentam um espectro sonoro muito mais amplo ao comparar com o humano, como o cachorro que capta alguns infrassons até os ultrassons (entre 18 e 40.000 Hz), enquanto os humanos escutam somente os sons audíveis (entre 20 e 20.000 Hz). Fato que exemplifica o que foi dito é a presença dos “cães de busca” (normalmente trabalhando para os bombeiros ou para a

polícia) utilizados para detectar pessoas desaparecidas em incêndios ou presas em escombros e, até mesmo, identificar a presença de algumas bombas com sons imperceptíveis às pessoas e aparelhos.

Segundo estudiosos, a relação dos homens com os cães tem pelo menos 30 mil anos. De lá para cá, essa parceria vem se aperfeiçoando e o ser humano vem reconhecendo, cada vez mais, as habilidades desses animais em atuações diversas. O faro e a audição são elementos que os fazem diferenciados para o trabalho de busca; e o fator tempo também é crucial entre as operações. Por isso, os cães são tão essenciais para essas atividades. (BRAGA, 2023, s.p.).

Apesar disso, não são só questões fisiológicas que justificam o uso de animais para certas atividades do cotidiano, pois estes também carregam uma certa facilidade na questão do adestramento e da obediência, fato que não está tão presente nas relações humanas. O animal utilizado para o auxílio físico de pessoas e instituições passa por um longo treinamento e rotina até que ele seja considerado confiável e bem instruído. Enquanto isso, para um ser humano realizar tal trabalho são envolvidas questões de maior liberdade física, não havendo esse fator de controle tão forte. É claro que os animais escolhidos continuam com a tendência de imprevisibilidade, porém é algo que diminui conforme ocorre os treinos e o adestramento. Apesar disso, ainda existem formas de treinamento que utilizam meios de punição ao animal (prender o bicho, gritar com ele exacerbadamente, entre outros modos de repressão), fato que é normalizado ao ocorrer com animais, mas que seria visto com urgência se tal violação fosse deferida a um humano.

Tal fator descrito acima é retrato de uma visão que ainda permeia a relação entre o humano e a fauna, pois, apesar de estar evoluindo cada vez mais e melhorando nas questões jurídicas e de respeito, ainda há essa sombra da visão de inferioridade animal

enraizada historicamente, na qual se enxerga a natureza como algo para o uso humano. Isso pode ser verificado como uma justificativa escondida da utilização dos bichos em determinadas instituições, já que, como estes não são nomeados como “seres” pela lei, não há tanta burocracia e complexidade nos seus direitos trabalhistas.

Exemplo que comprova tal ideia é o caso que ocorreu em junho de 2023 das quatro crianças que ficaram perdidas durante 40 dias na Floresta Amazônica colombiana, contando com uma busca incessante com helicópteros, militares e cães farejadores altamente treinados. Após muito esforço, conseguiram encontrá-las com vida e sem ferimentos físicos sérios, porém o cão farejador principal, cujo nome era Wilson, se perdeu na floresta e continua sem ser localizado. Nesse sentido, foi comprovado pelo sargento Sánchez, operante da missão, que o cachorro não utilizava nenhum instrumento de localização, fato que permitia uma grande brecha para que se perdesse e que mostra como há muitas falhas causadas pela falta de equidade na importância da vida de diferentes espécies. Finalizando o ocorrido, as autoridades afirmaram que irão continuar na busca do animal por ele ser considerado como um membro da equipe e um soldado como os outros, mas isso não retira a irresponsabilidade que permitiu tal perda.

É extremamente importante demarcar essa visão de negligência que se encontra mascarada atrás dos avanços dos direitos dos animais, pois o auxílio físico feito pelos bichos é sim resultado da objetificação deles. Assim como já foi mencionado, o apoio na parte física ajuda na conscientização da importância social e dos direitos que a fauna brasileira deve ter, porém é fato que tal situação é atrelada a visão de objetificação de outras espécies, pois os animais não deveriam ter que trabalhar para receber respeito, seres devem ter sua dignidade sem necessariamente dar algo em troca. Apesar da necessidade de lembrar dessas raízes do problema, tal fato não apaga os avanços da

mentalidade referente aos direitos dos animais e da natureza, que, mesmo com as problemáticas, segue em uma perspectiva positiva de evolução.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base em nossas pesquisas e análises mostradas nos capítulos anteriores, buscamos expor a evolução da relação entre humano e animal, desenvolvendo as diversas nuances que compõe essa interação a fim de cumprir o objetivo principal de informar sobre a complexidade do assunto, desmistificando algumas ideias preconcebidas da sociedade sobre o uso dos animais e os seus direitos.

Conclui-se que a visão preconceituosa de inferioridade animal está presente desde as primeiras civilizações humanas e que, com a fauna sendo uma das principais bases para a própria sobrevivência do planeta e do homem, a relação entre eles deve receber um grande foco nas questões políticas e econômicas da atualidade. Além disso, é visível que essa relação, vista de modo tão intríseco na história da humanidade, passa por uma evolução constante pautada na melhoria dos direitos e na mudança da visão dos animais, que começam a ser considerados, cada vez mais, como seres repletos de habilidades e merecedores de respeito.

Infelizmente a visão antropocêntrica e ignorante frente aos animais se encontra em diversos âmbitos da sociedade, pois ainda há muitos casos onde ocorre a humanização excessiva por conta do egoísmo humano, que se recusa a identificar as diferentes necessidades de outras espécies se não vierem de encontro com a vontade da pessoa. Por isso, buscamos ter um forte cuidado ao informar o prejuízo que tais interações tóxicas trazem tanto para o ser humano quanto para o animal, dando um enfoque no fato de que diferentes seres apresentam inúmeras diferenças, sendo necessário o

respeito para que o ambiente se encontre saudável e harmonioso para todos.

Sabe-se que os problemas atuais em relação a biodiversidade e a violência contra os animais domésticos ou selvagens são agravantes. Porém, também se conclui ao final do artigo, que cada vez mais estão existindo marcos históricos na luta do direito animal e melhorias que visam demarcar a proteção da saúde e da dignidade de todas as espécies, deixando de lado o passado de forte exploração tão enraizado no mundo. Nesse âmbito, analisamos algumas mudanças no cenário brasileiro que mostram essa dualidade entre evolução e preconceito, como a mudança da nomenclatura dos animais como objetos para bens móveis na lei e o aumento da adoção frente a compra de pets.

Nesse âmbito, foi escolhido como foco da argumentação a importância da relação humano-animal de maneira positiva, sendo pautada no benefício mútuo e na garantia dos direitos dos animais. Buscamos aprofundar questões presentes no uso animal para o apoio físico e emocional, mostrando como os bichos estão presentes em tarefas necessárias tanto na melhoria de questões emocionais quanto de maneira física como, por exemplo, os cães que ajudam no patrulhamento policial e no resgate de pessoas, animais que auxiliam na socialização do tutor com alguma deficiência, entre outros casos comentados que evidenciam o papel essencial do animal na vida humana.

É de extrema importância evidenciar a temática da relação do ser humano com os bichos, pois isso incentiva a evolução dos direitos dos animais e aumenta o palco para as discussões acerca do meio ambiente no geral, mostrando também a urgência de mudanças e de melhorias constantes. Por meio de uma abordagem informativa, que mostra diferentes visões e realidades dos bichos, destaca-se a importância da fauna e do respeito para com ela, desenvolvendo

diferentes facetas da problemática para desmistificar estigmas e aumentar a disseminação de conhecimento responsável.

A sociedade sempre foi e ainda é muito preconceituosa e atrasada nas pautas ambientais. Entretanto, aos poucos, com as mudanças de pensamento, os incentivos à adoção e o aumento de leis que protegem os animais, estamos passando por uma forte evolução na relação dos humanos com os demais seres que compõem a fauna e avançando para uma sociedade mais respeitosa e informada acerca da importância dos bichos para o equilíbrio e melhoria da vida.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA MINAS. Cães dos bombeiros agilizam resgate e salvamento de vidas em Minas e em outros estados. 2023. Disponível em: <<https://www.agenciaminas.mg.gov.br/noticia/caes-dos-bombeiros-agilizam-resgate-e-salvamento-de-vidas-em-minas-e-em-outros-estados>>. Acesso em: 10 ago. 2023.

ALESSANDRA, Karla. A história da domesticação e o Direito dos Animais. Rádio Câmara, 2010. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/radio/programas/332544-especial-1a-historia-da-domesticacao-e-o-direito-dos-animais-0449/>>. Acesso em: 28 abr. 2023.

ANDRADE, Renata Coelho et al. Utilização de Animais como Coterapeutas na Redução de Estresse e nos Tratamentos de Transtornos Mentais e Emocionais do Ser Humano. Ensaios e Ciência, 2021. Disponível em: <<https://ensaioseciencia.pgsscogna.com.br/ensaioesciencia/article/view/8512>>. Acesso em: 7 ago. 2023.

APAE. Cinoterapia e o apoio emocional oferecidos pelos animais. 2023. Disponível em: <<https://apaearacaju.org.br/page.php?sa=0&pgtit=noticia-detalle&cod=170&title=Cinoterapia%20e%20o%20apoio%20emocional%20oferecidos%20pelos%20animais>>. Acesso em: 8 Ago. 2023.

BABALO, Carla. O papel do cão-guia como facilitador da inclusão da pessoa cega na sociedade: mobilidade, segurança,

interação social e qualidade de vida. Repositório Universidade de Lisboa de Motricidade Humana, 2014. Disponível em: <https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/7312/1/Carla_Tese_Final%c3%adssima.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2023.

BAMPI, Joseane. A terapia assistida por animais e crianças com transtorno do espectro autista. Repositório Universidade de Caxias do Sul, 2021. Disponível em: <<https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/8517/TCC%20Joseane%20Krewer%20Bampi.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 10 ago. 2023.

BARBOSA, Elisangela; SOARES, Agnelo. Direito dos animais: regulamentação no Brasil. JusBrasil, 2020. Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/86119/direito-dos-animais-regulamentacao-no-brasil>>. Acesso em: 25 abr. 2023.

BASTOS, Paula Cristina Reale Rosa et al. Etnozoologia e educação ambiental para escolas da Amazônia: experimentação de indicadores quantitativos. 2016. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/tes/a/bZ9GGKLGXbQ4VqXkkhxz8RN/?lang=pt>>. Acesso em: 29 abr. 2023.

BELCHIOR, Germana; DIAS, Maria. Os animais de estimação como membros do agrupamento familiar. Periódicos UFBA, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/RBDA/article/view/38788/21900>>. Acesso em: 28 abr. 2023.

BRAGA, Josy. Conheça o trabalho e o treinamento dos cães bombeiros. Radioagência, 2023. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/geral/audio/2023-01/conheca-o-trabalho-e-o-treinamento-dos-caes-bombeiros>>. Acesso em: 12 jul. 2023.

BRASIL. Constituição Cidadã. 1988. Brasília: Diário Oficial da União. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/consti/1988/constituicao-1988-5-outubro-1988-322142-publicacaooriginal-1-pl.html>>. Acesso em: 14 abr. 2023.

BUENO, Chris. Relação entre homens e animais transforma comportamentos dos humanos e dos bichos. Ciência e Cultura, 2020. Disponível em:

<http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252020000100004&script=sci_arttext>. Acesso em: 27 abr. 2023.

CABRAL, Francisco Giugliano de Souza; SAVALLI, Carine. **Sobre a relação humano-cão.** 2020. Disponível em:
<<https://www.scielo.br/j/pusp/a/BJvpLMPJfmJSH6nLWYRVTft/abstract/?lang=pt#>>. Acesso em: 28 abr. 2023.

CARVALHO, Vininha F. **A Evolução do Relacionamento Entre os Homens e os Animais.** Ambiente Brasil, 2005. Disponível em:
<<https://noticias.ambientebrasil.com.br/artigos/2005/12/06/22047-a-evolucao-do-relacionamento-entre-os-homens-e-os-animais.html>>. Acesso em: 28 abr. 2023.

CERVENKA, Luiza. **Dia do cão-guia ressalta importância da atuação dos cães junto a pessoas cegas.** Estadão, 2021.
Disponível em:
<<https://www.estadao.com.br/emails/comportamento-animal/dia-do-cao-guia-ressalta-importancia-da-atuacao-dos-caes-junto-a-pessoas-cegas/#:~:text=O%20c%C3%A3o%20treinado%20para%20ser,eleva%20a%20autoestima%20do%20usu%C3%A1rio>>. Acesso em: 12 ago. 2023.

CHRISTIAN, Hérica. **Senado aprova presença de animais de apoio emocional em locais coletivos e meios de transporte.** Rádio Senado, 2022. Disponível em:
<<https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2022/05/25/senado-aprova-presenca-de-animais-de-apoio-emocional-em-locais-de-uso-coletivo-e-meios-de-transporte#:~:text=Os%20chamados%20Animais%20de%20Assist%C3%A3ncia,%2C%20ferozes%2C%20venenosos%20ou%20pe%C3%A7A7onhentos>>. Acesso em: 8 ago. 2023.

CNN BRASIL. **Ter um cachorro pode ajudar crianças em habilidades sociais e empatia.** 2020. Disponível em:
<<https://www.cnnbrasil.com.br/sauder/ter-um-cachorro-pode-ajudar-criancas-em-habilidades-sociais-e-empatia/>>. Acesso em: 9 ago. 2023.

CORREIO BRAZILIENSE. **Amizade entre cães e homens começou há 30 mil anos e influenciou a evolução.** 2011. Disponível em:
<https://www.correobraziliense.com.br/app/noticia/ciencia-e-sauder/2011/10/26/interna_ciencia_saude,275638/amizade-entre->

caes-e-homens-comecou-ha-30-mil-anos-e-influenciou-a-evolucao.shtml>. Acesso em: 28 abr. 2023.

EPSTEIN, Richard. **Animais como objetos, ou sujeitos, de direito.** International Articles, 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/RBDA/article/view/12117/865>>. Acesso em: 28 abr. 2023.

ESAKI, Breno. **Comissão discute proposta que considera animais não humanos como sujeitos de direitos.** Agência Câmara de Notícias, 2021. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/noticias/815243-comissao-discute-proposta-que-considera-animais>>. Acesso em: 27 abr. 2023.

FEIJÓ, Anamaria Gonçalves dos Santos; SANDER, Aline; STEFFEN, Jéssica. **Cuidadores não humanos: a difícil tarefa dos cães-guia.** Revista Saúde e Desenvolvimento Humano, 2013. Disponível em: <https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/saude_desenvolvimento/article/view/1227>. Acesso em: 10 ago. 2023.

FERNANDES, Tiago Albandes et al. **Características comportamentais dos bovinos: Influências da domesticação e da interação homem-animal.** REDVET: Revista Electrónica de Veterinária, 2017. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/636/63654640003.pdf>>. Acesso em: 29 abr. 2023.

FERREIRA, Amanda; PADOVAN, Marília. **Com sua imponência, os cavalos são grandes aliados na superação de traumas.** Correio Braziliense, 2017. Disponível em: <https://www.correobraziliense.com.br/app/noticia/revista/2017/04/30/interna_revista_correio,592101/como-os-cavalos-podem-ser-usados-em-terapias.shtml>. Acesso em: 12 ago. 2023.

G1. A evolução dos cães até se tornarem animais de estimação. 2014. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/bauru-marilia/mundo-pet/2014/noticia/2014/12/mundo-pet-evolucao-dos-caes-ate-se-tornarem-animais-de-estimacao.html>. Acesso em: 28 abr. 2023.

G1. Cão farejador ajudou a identificar mais de 90 bombas na guerra contra a Rússia, diz Defesa da Ucrânia. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/ucrania-russia/noticia/2022/03/23/cao-farejador-ajudou-a-identificar-mais->>

de-90-bombas-na-guerra-contra-a-russia-diz-defesa-da-ucrania.ghml>. Acesso em: 11 Ago. 2023.

G1. Relação entre animais de estimação e humanos proporciona benefícios. 2014. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/presidente-prudente-regiao/noticia/2014/11/relacao-entre-animal-de-estimacao-e-humanos-proporciona-beneficios.html#:~:text=Segundo%20a%20psic%C3%B3loga%2C%20E%2080%9Cn%C3%B3s%20humanos,%C3%A9%20sempre%20um%20amor%20incondicional%2080%9D>>. Acesso em: 28 Abr. 2023.

GAEDTKE, Kênia Mara. Relações entre humanos e animais de estimação: pela defesa de um olhar sociológico. Anpocs, 2014. Disponível em: <https://www.academia.edu/14927042/Rela%C3%A7%C3%A3o%C3%A7%C3%A3o_de_estima%C3%A7%C3%A3o_pela_defesa_de_um_olhar_sociol%C3%B3gico>. Acesso em: 27 Abr. 2023.

GAÚCHA ZH. Relação das crianças com animais ajuda a desenvolver habilidades sociais. Gaúcha ZH, 2010. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/noticia/2010/12/relacao-das-criancas-com-animais-ajuda-a-desenvolver-habilidades-sociais-3153866.html>>. Acesso em: 10 ago. 2023.

GONTIJO, Joana. Companhia de animais desenvolve nas crianças relações de afeto, lealdade, cumplicidade e muito amor. Uai, 2019. Disponível em: <<https://www.uai.com.br/app/noticia/saude/2019/07/08/noticias-saude,248464/companhia-de-animais-desenvolve-nas-criancas-relacoes-de-afeto-lealda.shtml>>. Acesso em: 10 ago. 2023.

IMBRAMIL. A importância do cão-guia para a socialização. 2015. Disponível em: <https://imbramil.com.br/dicas/208/a-importancia-do-cao-guia-para-a-socializacao>. Acesso em: 12 ago. 2023.

JORDÃO, Lilian de Rezende; FALEIROS, Rafael Resende; NETO, Hélio Martins de Aquino. Animais de trabalho e aspectos éticos envolvidos: revisão crítica. Periódicos, 2011. Disponível em: <<https://periodicos.ufersa.edu.br/acta/article/view/1837>>. Acesso em: 27 abr. 2023.

KLEFENZ, Micheli Gonzalez. **A importância dos animais de assistência emocional para pessoas com TEA – Transtorno do Espectro Autista.** Brasil Escola. Disponível em: <https://monografias.brasilescola.uol.com.br/saude/a-importancia-dos-animais-de-assistencia-emocional-para-pessoas-com-tea-transtorno-do-espectro-autista.htm#indice_4>. Acesso em: 10 ago. 2023.

LEITURINHA. **Por que ensinar as crianças a amar os animais?** 2022. Disponível em: <<https://leiturinha.com.br/blog/por-que-ensinar-as-criancas-a-amar-os-animais/>>. Acesso em: 12 ago. 2023.

LEONARDI, Ana Carolina. **Humanos da Idade da Pedra já tratavam seus cachorros feito gente.** Super Interessante, 2018. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/comportamento/humanos-da-idade-da-pedra-ja-tratavam-seus-cachorros-feito-gente/>>. Acesso em: 28 abr. 2023.

LIMA, Jaciara Raquel Barbosa de; FLORÊNCIO, Roberto Remígio; SANTOS, Carlos Alberto Batista dos. **Contribuições da etnozoologia para a conservação da fauna silvestre.** Revista Ouricuri, 2014. Disponível em: <<https://www.revistas.uneb.br/index.php/ouricuri/article/view/1121/76>>. Acesso em: 28 abr. 2023.

LIMA, Mariely; SOUSA, Liliana. **A influência positiva dos animais de ajuda social.** Interações Revista, 2004. Disponível em: <<https://interacoes-ismt.com/index.php/revista/article/view/106/110>>. Acesso em: 12 ago. 2023.

LIMA, Vanessa. **Animal de estimação: 5 motivos (comprovados pela ciência) para o seu filho ter um.** Revista Crescer, 2015. Disponível em: <<https://revistacrescer.globo.com/Criancas/Comportamento/noticia/2015/12/animal-de-estimacao-5-motivos-comprovados-pela-ciencia-para-o-seu-filho-ter-um.html>>. Acesso em: 11 ago. 2023.

MACHADO, Maria; OLIVEIRA, Yasmin; CARDOSO, Waleska. **A objetificação dos animais como reflexo do sistema capitalista: uma análise da peculiar indústria de animais domésticos.** Fadisma, 2019. Disponível em: <<http://sites.fadismaweb.com.br/entretementes/anais/wp->>

content/uploads/2018/01/a-objetificacao-dos-animais-como-reflexo-do-sistema-capitalista-uma-analise-da-peculiar-industria-de-animaissdomesticos.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2023.

MARQUES, José Geraldo. O Olhar (Des)Multiplicado: O Papel do Interdisciplinar e do Qualitativo na Pesquisa Etnobiológica e Etnoecológica. In: Anais do Seminário de Etnobiologia e Etnoecologia do Sudeste. Rio Claro: UNESP, 2002. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Eraldo-Neto/publication/26488821_The_interactions_between_humans_and_animals_the_contribution_of_ethnozoology/links/0c960529c6465e6ec9000000/The-interactions-between-humans-and-animals-the-contribution-of-ethnozoology.pdf>. Acesso em: 14 mai. 2023.

MARTINS, Isabella; MOTTA, Oswaldo. A equoterapia como método terapêutico para crianças com transtorno do espectro autista. Revista Saúde Dinâmica, 2022. Disponível em: <<http://www.revista.faculdadedinamica.com.br/index.php/saudedinamica/article/view/101/85>>. Acesso em: 9 ago. 2023.

MEMED. Como os animais ajudam na saúde mental? 2023. Disponível em: <<https://blog.memed.com.br/como-os-animais-ajudam-na-saude-mental/#:~:text=Os%20animais%20ajudam%20na%20sa%C3%BAde%20mental%20por%20simplesmente%20oferecerem%20companhia,n%C3%ADveis%20de%20ansiedade%20e%20tristeza>>. Acesso em: 12 ago. 2023.

MICHAELIS. Domesticação. In: Michaelis, Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. 2023. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/palavra/XwvG/domestica%C3%A7%C3%A3o/>>. Acesso em: 28 abr. 2023.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Diabetes. Biblioteca Virtual da Saúde, 2009. Disponível em: <<https://bvsms.saude.gov.br/diabetes/>>. Acesso em: 9 ago. 2023.

{MORAES, Eloíze; APPOLINARIO, Paula. Animais na legislação brasileira: objetos ou sujeitos de direito? Revista Arco, 2022. Disponível em: <[https://www.ufsm.br/midias/arco/animais-sujeitos-de-direito-legislacao-brasileira#:~:text=O%20direito%20animal%20na%20%C3%A1rea%20civil&text=Isso%20porque%20o%20%C3%B3digo%20Civil,por%20terceiros%20\(seus%20donos\)](https://www.ufsm.br/midias/arco/animais-sujeitos-de-direito-legislacao-brasileira#:~:text=O%20direito%20animal%20na%20%C3%A1rea%20civil&text=Isso%20porque%20o%20%C3%B3digo%20Civil,por%20terceiros%20(seus%20donos))>. Acesso em: 26 abr. 2023.

MOUHAMAD, Letícia. **Cada espécie no seu quadrado: antropomorfizar os animais pode ser arriscado.** Correio Braziliense, 2023. Disponível em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/revista-do-correio/2023/04/5085206-cada-especie-no-seu-quadrado-antropomorfizar-os-animal-pode-ser-arriscado.html>>. Acesso em: 8 ago. 2023.

NASCIMENTO, Nicole Stephanie Moura do. **Cinoterapia: uma alternativa para auxiliar crianças vítimas do abuso sexual.** Psicologia.pt, 2016. Disponível em: <<https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1096.pdf>>. Acesso em: 12 ago. 2023.

OLIVEIRA, Aline Mamede Vidica. **Etnozoologia: uma ciência voltada para a conservação da biodiversidade.** TEDE: Sistema de Publicação Eletrônica de Teses e Dissertações, 2020. Disponível em: <<https://www.bdtd.ueg.br/handle/tede/524#:~:text=A%20etnozoologia%20%C3%A9uma%20ramo,sua%20rela%C3%A7%C3%A3o%20com%20a%20biodiversidade>>. Acesso em: 28 abr. 2023.

OLIVEIRA, Aniê Coutinho. **O Autismo e as "Crianças-Selvagens": da "prática da exposição" às possibilidades educativas.** UFRGS, 2022. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/200652/000366741.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 12 jul. 2023.

OLIVEIRA, Bruno. **Como funciona o treinamento dos cães-guia.** Petlove. Disponível em: <<https://www.petlove.com.br/dicas/como-funciona-o-treinamento-dos-caes-guia>>. Acesso em: 12 ago. 2023.

OLIVEIRA, Lumara Laiane Gomes de. **Importância do cão-guia para deficientes visuais através de relatos obtidos no Centro de Treinamento de Cão-Guia do Instituto Magnus no Estado de São Paulo.** Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da UFCG, 2019. Disponível em: <<http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/riufcg/24637/LUMARA%20LAIANE%20GOMES%20DE%20OLIVEIRA%20-TCC%20MED.%20VETERIN%c3%81RIA%20%20CSTR%202019.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 12 ago. 2023.

PEREIRA, Ismália de Jesus; CARVALHO, Ronaldo da Silva; SANTANA, Cristiana de Cerqueira Silva. **Etnozoologia: o uso da fauna como recurso medicinal.** Revista Gestão Universitária, 2020. Disponível em: <<http://www.gestaouniversitaria.com.br/artigos/etnozoologia-o-uso-d-fauna-como-recurso-medicinal>>. Acesso em: 28 abr. 2023.

PIMENTA, Maria Luísa. **Cão-guia: tudo que você precisa saber sobre o assunto.** Patas da Casa, 2022. Disponível em: <<https://www.patasdacasa.com.br/noticia/cao-guia-tudo-que-voce-precisa-saber-sobre-o-assunto>>. Acesso em: 11 ago. 2023.

PORTAL HOSPITAIS BRASIL. **Cinoterapia: conheça os benefícios da terapia assistida por cães.** Portal Hospitais Brasil, 2021. Disponível em: <<https://portalhospitaisbrasil.com.br/cinoterapia-conheca-os-beneficios-da-terapia-assistida-por-caes/>>. Acesso em: 11 ago. 2023.

PRADA, Irvenia L. S. **Os animais são seres sencientes.** Simpósio Multidisciplinar sobre Relações Harmônicas entre Seres Humanos e Animais, 2016. Disponível em: <https://eventos.ufu.br/sites/eventos.ufu.br/files/documents/anais_i_simhhanimal_2016_final.pdf#page=15>. Acesso em: 28 de abril de 2023.

RODRIGUES, Adriana Ribeiro Ferreira; LABURU, Carlos Eduardo. **A Educação Ambiental no ensino de biologia e um olhar sobre as formas de relação entre seres humanos e animais.** Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências, 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbpec/article/view/4359>>. Acesso em: 28 abr. 2023.

SAKAMOTO, Luis Carlos. **A ajuda dos animais para combater a ansiedade.** Marjan Farma. Disponível em: <<https://marjan.com.br/blog/a-ajuda-dos-animais-para-combater-a-ansiedade/>>. Acesso em: 9 ago. 2023.

SANTOS-FITA, Dídac; COSTA-NETO, Eraldo Medeiros. **As interações entre os seres humanos e os animais: a contribuição da etnozoologia.** Revista Biotemas, 2007. Disponível em: <<http://www.avesmarinhas.com.br/5.1%20-%20As%20intera%C3%A7%C3%A3o%20entre%20os%20seres%20humanos%20e%20os%20animais.pdf>>. Acesso em: 28 abr. 2023.

SANTOS, Vanessa Sardinha dos. **Relações ecológicas.** Brasil Escola. Disponível em: <<https://brasilescola.uol.com.br/biologia/relacoes-ecologicas.htm>>. Acesso em: 28 abr. 2023.

SCHVAMBORN, Maria Angélica Machado; OLIVEIRA, Yasmin Barrozo; CARDOSO, Waleska Mendes. **A objetificação dos animais como reflexo do sistema capitalista: uma análise da peculiar indústria de animais domésticos.** Entremeses, 2018. Disponível em: <<http://sites.fadismaweb.com.br/entremeses/anais/wp-content/uploads/2018/01/a-objetificacao-dos-animais-como-reflexo-do-sistema-capitalista-uma-analise-da-peculiar-industria-de-animais-domesticos.pdf>>. Acesso em: 8 mai. 2023.

SEGATA, Jean. **Pessoas, coisas, animais e outros agentes sobre os modos de identificação e relação entre humanos e não-humanos.** Revista Caminhos, 2011. Disponível em: <<http://wpcaminhos.s3.amazonaws.com.s3.amazonaws.com/wp-content/uploads/2011/08/Artigo06.pdf>>. Acesso em: 27 abr. 2023.

SILVA, Catarina. **Estresse Pós-traumático no Pré-humano.** Reposicons, 2017. Disponível em: <<http://www.reposicons.org:8080/handle/123456789/5474>>. Acesso em: 9 ago. 2023.

SILVEIRA, Evanildo da. **Dinossauros e companhia: a diversidade de animais do Brasil pré-histórico.** BBC News Brasil, 2019. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-49301717>>. Acesso em: 27 abr. 2023.

SIQUEIRA, Wanderson Nunes de. **O emprego do cão farejador na localização de substâncias entorpecentes ilícitas.** Revista Científica, 2010. Disponível em: <<http://revistacientifica.pm.mt.gov.br/ojs/index.php/semanal/article/view/168>>. Acesso em: 10 ago. 2023.

SOUZA, Márcia Santos de et al. **Cães-guia no Brasil: primeiros estudos.** Research Gate, 2019. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Diana-Cuglovici-Abrao/publication/340870653_Marcia_Santos_de_Souza_CaES-GuIA_NO_BRASIL_primeiros_estudos/links/5ea1a9f6a6fdcc88fc37b052/Marcia-Santos-de-Souza-CaES-GuIA-NO-BRASIL-primeiros-estudos.pdf#page=62>. Acesso em: 11 ago. 2023.

TAFAREL, Renan. **Além do cão guia: como funciona o treinamento dos cães de assistência.** Canal do Pet, 2021. Disponível em: <<https://canaldopet.ig.com.br/guia-bichos/cachorros/2021-07-08/alem-do-cao-guia--como-funciona-o-treinamento-dos-caes-de-assistencia.html>>. Acesso em: 12 ago.2023.

UOL. **Vamos por Wilson: o cão-herói do resgate das crianças na Amazônia colombiana.** 2023. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/afp/2023/06/13/vamosporwilson-o-cao-heroi-do-resgate-das-criancas-na-amazonia-colombiana.htm>>. Acesso em: 12 ago. 2023.

VELOSO, Valdivan. **Cumplicidade entre tutor e pet ajuda a superar grandes traumas, diz psicóloga.** G1, 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mg/grande-minas/eobicho/noticia/2019/01/15/cumplicidade-entre-tutor-e-pet-ajuda-a-superar-grandes-traumas-diz-psicologa.ghtml>>. Acesso em: 10 ago. 2023.

VIDELA, Marcos Díaz; CEBERIO, Marcelo Rodríguez. **Las mascotas en el sistema familiar.** Revista de Psicología Universidad Nacional de La Plata, 2019. Disponível em: <<https://revistas.unlp.edu.ar/revpsi/article/view/6441>>. Acesso em: 27 abr. 2023.

VIEIRA, Tereza Rodrigues. **Biodireito, animal de estimação e equilíbrio familiar: apontamentos iniciais.** DocPlayer, 2016. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/37527077-Biodireito-animal-de-estimacao-e-equilibrio-familiar-apontamentos-iniciais-bioderecho-animal-de-mascota-y-familia-notas-iniciales.html>>. Acesso em: 26 abr. 2023.

VIVALDINI, Viviane Heredia. **Terapia Assistida por Animais: Uma abordagem Lúdica Em Reabilitação Clínica De Pessoas Com Deficiência Intelectual.** Patas Therapeutas, 2011. Disponível em: <https://patastherapeutas.com.br/pesquisas/data/files/121/1599859032_Jw44MLCOD6BEaPg.pdf>. Acesso em: 7 ago. 2023.

WEID, Olivia von der. **No caminho: técnica, movimento e ritmo na formação de cães-guia.** Revista Transporte y Territorio, 2023. Disponível em: <<http://revistascientificas2.filoz.uba.ar/index.php/rtt/article/view/13046>>. Acesso em: 10 ago. 2023.

ZARILI, Thais Fernanda Tortorelli. **Desenvolvimento de um Modelo de Avaliação da Atenção à Deficiência em Serviços de Atenção Primária à Saúde.** Unesp, 2020. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/416bfbb-a0845-44a9-902f-2452b4077914/content>>. Acesso em: 12 jul. 2023.

ALZHEIMER: UMA DOENÇA SILENCIOSA

Melissa Lenuzza

"A vida é toda ela memória, exceto por um momento presente indo embora tão rápido que você mal percebe ele ir" (TENNESSEE WILLIAMS).

RESUMO: É inegável as consequências que a doença de Alzheimer traz para a vida das pessoas. Por ser uma enfermidade neurodegenerativa gravíssima, danifica de maneira progressiva a mente do paciente, afetando diretamente sua memória e autonomia. Isso leva a grandes consequências no decorrer de seu envelhecimento, como declínio das capacidades motoras e cognitivas, trazendo forte desgaste emocional para o paciente e aos seus familiares, além de inegáveis dispêndios financeiros à família. A doença de Alzheimer vem desencadeando um forte custo social para toda população global, fenômeno agravado com o envelhecimento da população em vários países. Diante disso, torna-se de extrema importância o investimento em pesquisas e no desenvolvimento de tratamentos e de medicamentos que possam estagnar ou minimizar os sintomas da doença.

PALAVRAS-CHAVE: Alzheimer; Saúde mental; Doença neurodegenerativa.

ABSTRACT: The consequences that Alzheimer's disease brings to people's lives are undeniable. As it is a very serious neurodegenerative disease, it progressively damages the patient's mind, directly affecting their memory and autonomy. This leads to major consequences as they age, such as a decline in motor and cognitive abilities, causing severe emotional distress for the patient and their families, in addition to undeniable financial costs for everyone; triggering a strong social cost for the entire global population, which will be worsened with the aging of the population in several countries. Therefore, it is extremely important to invest in research and development of treatments and medications that can stop or minimize the symptoms of the disease.

KEYWORDS: Alzheimer's; Mental health; Neurodegenerative diseases.

1. INTRODUÇÃO

Com o crescente fenômeno de envelhecimento populacional vivenciado no Brasil, tornasse urgente a possibilidade de enfrentamento de doenças senis, dentre as quais se encontra a Doença de Alzheimer, uma condição progressiva que afeta principalmente a memória, o raciocínio e a capacidade de realizar tarefas diárias simples. Essa doença é uma das principais causas de demência global, e é de suma importância ter uma compreensão mais profunda sobre sua gravidade, progressão e como ela afeta a sociedade. Ao longo

deste artigo serão explorados diversos aspectos relacionados ao Alzheimer.

O Alzheimer consiste no acúmulo anormal de certas proteínas no cérebro, sendo elas placas de beta-amiloide e emaranhados de proteína tau. Essas mudanças em relação à distribuição de tais proteínas levam à gradual morte das células cerebrais, prejudicando as funções cognitivas e, normalmente, trazendo como primeiros sinais, problemas relacionados à memória recente, como esquecer compromissos, nomes e datas. À medida que a doença avança, o impacto na vida cotidiana se torna mais evidente. Tarefas simples do dia a dia, como cozinhar, vestir-se ou realizar atividades domésticas passam a ser desafiadoras; reconhecer familiares e amigos próximos pode se tornar uma dificuldade para alguém com a doença, causando desconforto tanto para os enfermos quanto para as pessoas próximas.

Portanto, devido aos danos devastadores do Alzheimer, um diagnóstico precoce torna-se essencial para oferecer um tratamento eficaz e permitir que o paciente e sua família se preparem para os desafios futuros. Identificar a doença nos estágios iniciais possibilita a implementação de estratégias para retardar sua progressão e melhorar a qualidade de vida do paciente. Isso pode incluir o uso de medicamentos para controlar os sintomas, terapias ocupacionais e intervenções não farmacológicas, como atividades físicas e estímulos cognitivos.

Além do mais, a doença acaba não afetando apenas o paciente em si, trazendo impactos significativos na vida dos familiares, cuidadores e para toda a sociedade.

Os fardos emocionais, físicos e financeiros associados aos cuidados serão abordados mais detalhadamente no decorrer do artigo, tal como os danos físicos e psicológicos ao próprio enfermo e a importância que há no avanço das pesquisas sobre o tema para

desenvolver tratamentos mais eficazes e conteúdo de qualidade para informar a população.

2. ALZHEIMER: UMA BREVE INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea enfrenta desafios significativos devido ao aumento dos casos da Doença de Alzheimer (DA), uma vez que esse estado de saúde coloca um fardo emocional e econômico sobre os pacientes, seus cuidadores e sistemas de saúde, trazendo a necessidade de pesquisa, tratamentos mais eficazes e apoio às famílias afetadas. O Alzheimer consiste em uma doença neurodegenerativa que se caracteriza pela presença de placas senis (de beta-amiloide) e emaranhados neurofibrilares nas regiões do hipocampo e córtex cerebral, causando, de maneira progressiva, o déficit de memória e de aquisição de novas informações.

A DA foi descoberta pelo neurologista e psiquiatra Alois Alzheimer que, em 1901, ao atender um paciente com sintomas distintos constatou variações de humor extremas e o esquecimento de conhecimentos básicos, como o do próprio nome e data de nascimento, enquanto ainda lembrava de detalhes sobre a vida da filha. Alois ficou fascinado e passou a acompanhar de perto as variações do paciente, constatando além dos lapsos de memória, ansiedade, agitação, falta de apetite, além de outros sintomas relacionados à depressão.

Após a morte do paciente ele começou a estudar seu cérebro, concluindo que além das semelhanças ao cérebro de um idoso com demência senil, havia presença de “depósitos” que lembravam placas esféricas em todo o cérebro (essas que atualmente conhecemos como placas beta-amilóides). No ano de 1906, o psiquiatra foi ao 37º Congresso de Psiquiatria do Sudoeste da Alemanha para apresentar o caso e os resultados de suas pesquisas sob o título “Sobre uma doença peculiar do córtex cerebral”, publicado no ano

seguinte. O caso ficou conhecido como o primeiro de um novo subtipo de demência pré-senil a ser documentado, e em forma de homenagem a doença ficou conhecida por seu nome (ENGELHARDT e GOMES, 2015).

A partir das descobertas de Alois Alzheimer, os estudos sobre a doença foram sendo aprimorados e atualmente sabe-se que os primeiros indícios de Alzheimer muitas vezes não são percebidos por aqueles mais próximos ao enfermo, por serem sintomas considerados “comuns” durante o envelhecimento.

Alguns desses sintomas mais comuns são a dificuldade para lembrar de palavras certas e tomar decisões, confundir nomes e lugares, esquecer datas e a localização de objetos e até mesmo a diminuição da velocidade ao andar ou ainda o controle da postura. Estágios pré-clínicos da doença são bastante complicados de identificar, por isso que o mais comum é que os diagnósticos sejam dados tarde, quando a doença já está mais avançada. Para analisar se o paciente possui, ou não, provável DA, especialistas investigam o histórico familiar ou realizam testes genéticos, pois Alzheimer pode ser transmitido hereditariamente¹⁴.

De acordo com a Associação Americana de Psiquiatria (2019), caso não haja a mutação genética causadora da DA contrastada, porém se façam presentes os seguintes sintomas: evidentes declínios de memória e aprendizado; declínio constante progressivo e gradual da cognição; ausência de outra doença neurodegenerativa, cerebrovascular ou outras doenças que prejudique o cognitivo, é diagnosticado com possível ocorrência da doença.

¹⁴ American Psychiatric Association. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-5**. Estados Unidos: Artmed, 2014.

A doença de Alzheimer é a forma mais comum de demência neurodegenerativa em pessoas de idade avançada, sendo a causa de 10 milhões de casos de deficiências anualmente, dentre as 55 milhões de pessoas que possuem algum tipo de deficiência, segundo pesquisas da Organização Mundial da Saúde (OMS) de janeiro de 2023. Conforme estimativas feitas pela Alzheimer's Disease International existem, aproximadamente, 50 milhões de pessoas com Alzheimer no cenário mundial, podendo chegar a 131,5 milhões em 2050. No Brasil, 11,5% da população idosa é afetada pela DA, e devido ao aumento das taxas de envelhecimento populacional nos últimos anos, a tendência é que esses números cresçam consideravelmente, necessitando cada vez mais de pessoas e lugares especializados nos cuidados requeridos por estes pacientes.

Segundo o Ministério da Saúde, “**centros de referência** do Sistema Único de Saúde (SUS) oferecem tratamento multidisciplinar integral e gratuito para pacientes com Alzheimer, além de medicamentos que ajudam a retardar a evolução dos sintomas”, contudo, os pacientes precisam de atenção em tempo integral, havendo necessidade da procura por instituições terceirizadas, cuidadores ou os próprios familiares para prosseguir com os cuidados¹⁵. Mas apesar da gravidade da situação, existe pouca oferta de cursos de capacitação de profissionais da saúde visando os cuidados com os portadores da DA, assim como pesquisas e informações de qualidade sobre a doença em âmbito nacional (PASCHALIDIS, et al., 2019). Assim, acaba se fazendo necessária a busca por especializações da área no exterior, para que as pesquisas nacionais avancem. Um exemplo disso foi o caso do um jovem estudante de medicina da

¹⁵ Informações retiradas do site do Ministério da Saúde. Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/a/alzheimer>>. Acesso em: 12 mai. 2023.

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), que ganhou reconhecimento internacional em sua pesquisa sobre Alzheimer no curso de doutorado da *University of Pittsburgh* (EUA), com uma bolsa de estudos dada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)¹⁶.

Não existe uma cura para o Alzheimer, nem tratamentos totalmente aprovados, mas existem cuidados que devem ser tomados para manter a saúde física e o conforto dos idosos portadores desta doença. As pessoas com Alzheimer sofrem muitas quedas e dificuldades para fazer atividades devido ao declínio cognitivo causado pela doença, um exemplo disso é que 60% dos portadores da mesma sofrem duas vezes mais quedas do que os idosos que não possuem esse declínio, requerendo a necessidade de maior atenção de seus familiares. Ao evoluir a doença, os afetados passam a perder a capacidade de executar atividades cotidianas sozinhos, e acabam por demandar um cuidado específico, que nem sempre pode ser atendido por aqueles com quem convivem.

[...] A perda progressiva da autonomia, assim como a progressiva dependência e a necessidade de cuidados específicos, contribui para o aumento do risco de institucionalização. Por essas razões, o declínio cognitivo e as doenças mentais do idoso têm se tornado um grande problema de saúde pública. (ZIDAN, Melissa; et al. 2012, p.161)

Assim como afirmado na citação, a perda de autonomia requer cuidados especializados, que nem sempre podem ser dados pela família. Afinal, é uma situação incrivelmente delicada que, a longo prazo, gera um nível excessivo de cansaço mental e físico nos envolvidos, podendo causar a exaustão e o desgaste psicológico,

¹⁶ Disponível em: <<https://www.gov.br/capes/pt-br/assuntos/noticias/estudo-brasileiro-sobre-alzheimer-e-reconhecido-internacionalmente>>. Acesso em 12 mai. 2023.

especialmente se aquele que se coloca na posição de cuidador não está emocionalmente preparado. Esse tipo de convivo acaba criando uma demanda por instituições especializadas, para que os pacientes recebam a atenção especial que precisam. É estritamente necessário, para que haja qualidade nos cuidados com os pacientes, a realização de pesquisas que viabilizem o aprofundamento de conhecimentos sobre a doença; atualmente, com auxílio das tecnologias avançadas, vêm sendo desenvolvidas buscas por progresso na área, obstinando ampliar o que se sabe sobre o Alzheimer, e desse modo conseguir criar medicamentos para reduzir sintomas, com expectativas de encontrar um método para a cura da doença.

3. OS ESTÁGIOS DEGENERATIVOS DA DOENÇA DE ALZHEIMER

A progressão do Alzheimer pode ser classificada em três estágios de acordo com sua gravidade e deterioração: inicial, intermediário e avançado. Cada estágio apresenta características específicas que refletem a evolução da patologia no cérebro e agravamento dos sintomas. Afetando primeiramente a memória episódica anterógrada, que consiste na recordação de fatos e eventos recentes, e ainda na consolidação de novas memórias; ao evoluir, prejudica a memória genérica, a qual possibilita o conhecimento de conceitos e palavras, e a memória episódica retrógrada, responsável pela capacidade de recordar experiências anteriores, lembranças (FUENTES; et al, 2014).

No estágio inicial, ou leve, é predominante a perda da aptidão de memória recente. Assim os indivíduos podem demonstrar certa dificuldade em lembrar-se de coisas que aconteceram recentemente, como compromissos, eventos ocorridos em dias próximos ou onde colocaram objetos. Outras características comuns são a dificuldade de concentração, tornando tarefas que antes eram simples mais complicadas, e a tendência de apresentarem-se confusos em situações

familiares, como se perdessem o sentido de direção em locais conhecidos. É importante destacar, porém, que durante o estágio leve não há comprometimento da funcionalidade do indivíduo, de modo que a autonomia dele se encontra preservada.

Diferente do anterior, o estágio intermediário passa a atingir diretamente a autonomia do idoso ao afetar além da memória episódica, a memória semântica e a memória operacional (de curto prazo) comprometendo outros domínios cognitivos e tornando a progressão da doença mais perceptível para os familiares e cuidadores. A memória semântica é considerada a memória de longo prazo que reata do conhecimento conceitual, de fatos, e é responsável pelos nomes e significados necessários para a linguagem.

Deste modo, as habilidades de comunicação também são afetadas. Passando assim a haver maior complicaçāo para encontrar as palavras certas durante uma conversa. Os pacientes podem demonstrar problemas em se expressar e assim esquecer o significado de certos termos, repetindo as mesmas palavras ou perguntas. A capacidade de planejamento e organização também é comprometida, o que torna tarefas diárias, como se vestir ou preparar refeições, mais desafiadoras.

O estágio intermediário é um período onde ocorre deterioração da memória de curto prazo, sendo assim os pacientes lembram coisas muito antigas, como, por exemplo, recordações de sua infância ou de seus filhos pequenos em detrimento de coisas recentes, como respostas a perguntas recém feitas. Além disso, a capacidade de reconhecer rostos familiares pode ser afetada, e eles podem se sentir confusos em relação ao tempo e lugar, apresentando dificuldades de orientação espacial.

Durante esse estágio da doença de Alzheimer também são comuns as mudanças de comportamento por parte dos pacientes,

tornando-se mais irritáveis, agitados, ansiosos ou deprimidos. A apatia também é comum, levando à redução do interesse em atividades anteriormente apreciadas, além de ter o sono afetado, com episódios de insônia ou sono agitado. Desse modo, os cuidados e o suporte aos pacientes tornam-se essenciais. Eles podem precisar de ajuda para realizar tarefas diárias e supervisão constante para garantir sua segurança.

No mais avançado estágio da doença de Alzheimer, a deterioração cerebral é significativa, resultando em uma perda quase completa das habilidades cognitivas e funcionais. Os enfermos geralmente se tornam totalmente dependentes de cuidados veementes e enfrentam desafios na realização de atividades básicas do cotidiano. Em determinado ponto ocorre incontinência esfincteriana, e o paciente pode desenvolver rigidez generalizada, assumindo postura de flexão dos quatro membros¹⁷; sendo fundamental a partir disso fornecer cuidados com equipes de cuidadores treinados para lidar com as necessidades específicas dos pacientes com Alzheimer em estágio avançado. O óbito ocorre em média 10 anos depois dos sintomas, geralmente devido a complicações clínicas relacionadas às dificuldades motoras.

Diante disso, a identificação precoce dessa doença é de extrema importância, pois oferece diversas vantagens tanto para os indivíduos afetados como para os familiares e outras pessoas próximas ao enfermo, permitindo que os pacientes e seus cuidadores se preparem adequadamente para os desafios que virão. Com um diagnóstico precoce, os pacientes têm a oportunidade de participar do plano de cuidados e tomar decisões sobre o tratamento enquanto ainda

¹⁷ FUENTES, Daniel; et al. **Neuropsicologia: teoria e prática**. Estados Unidos: Artmed, 2014.

possuem capacidade cognitiva para fazê-lo. Além disso, os cuidadores podem receber orientação e apoio adequados para lidar com os sintomas iniciais da doença, o que pode melhorar a qualidade do cuidado prestado ao paciente.

Dentre os principais benefícios do diagnóstico precoce está a possibilidade de intervenções terapêuticas mais eficazes. Embora não haja cura para o Alzheimer, como citado anteriormente, existem tratamentos e abordagens terapêuticas que podem retardar a progressão da doença e melhorar a qualidade de vida dos pacientes. Quando iniciados precocemente, esses tratamentos têm uma chance maior de serem eficazes, uma vez que podem atuar em estágios iniciais da doença, antes que ocorram danos cerebrais significativos.

A identificação precoce do Alzheimer também é de grande importância para a pesquisa científica. Com diagnósticos precisos e antecipados, os pesquisadores podem acompanhar a progressão da doença em seus estágios iniciais, estudar a evolução dos sintomas e testar novos tratamentos em pacientes com maior probabilidade de responder positivamente. Isso acelera a busca por novas terapias e, potencialmente, a possibilidade de uma cura para a doença.

Alguns fatores genéticos estão ligados a suscetibilidade e desenvolvimento desta doença neurodegenerativa. Existem duas principais formas de Alzheimer relacionadas à genética sendo através do gene APOE que é associado ao Alzheimer de início tardio e dos genes APP (que codifica a proteína precursora amiloide), PSEN1 e PSEN2 (que codificam proteínas envolvidas no processamento da proteína amiloide) fortemente ligados com mutações genéticas hereditárias do Alzheimer de início precoce.

Porém, apesar da propensão genética, todos estamos sucessíveis a desenvolver Alzheimer. Existem alguns fatores que colocam determinados grupos em maior risco, como hipertensão, diabetes e

obesidade, tais grupos se tornam mais inclinados a desenvolver a doença do que aqueles que carregam os genes citados anteriormente.

Da mesma forma, o consumo excessivo de álcool, o sedentarismo, o tabagismo e a alimentação pobre em nutrientes, por aumentarem as chances de contração desses fatores, tendem a tornar o indivíduo mais suscetível ao desenvolvimento do Alzheimer na velhice.

Estudos publicados pelas revistas científicas *The Lancet* e *Journal of Neurology, Neurosurgery & Psychiatry* no ano de 2020, indicam que há algumas medidas preventivas para que a doença se desenvolva mais tarde. Tais medidas são, evitar concussões, monitorar níveis de homocisteína e tratar o máximo possível a depressão e ansiedade, evitando o estresse excessivo. Além disso, detectar perda de audição ao longo da vida, adotando aparelho auditivo se necessário, é um dos pontos de atenção, pois a perda auditiva está associada a dano na região cerebral vinculada à memória. A prática de exercícios físicos adequados, assim como ter boa qualidade de sono e o consumo de vitaminas aliados ao baixo consumo de álcool e a abstenção ao fumo tendem a apresentar resultados favoráveis, segundo a revista.

Ou seja, é possível retardar o surgimento dos sintomas da doença de Alzheimer com mecanismos simples que devem se fazer presente durante toda vida adulta, não apenas tarde quando já se conhece a possibilidade de estar predisposto à doença. Desse modo, com a genética não sendo o único predeterminante da doença, todos passam a ser sucessíveis aos seus sintomas e aos impactos que ela traz aos pacientes, familiares e a sociedade no geral.

4. CONVIVENDO COM O ALZHEIMER: O CUSTO SOCIAL DA DOENÇA

O Alzheimer tem um impacto significativo no cotidiano de todos os envolvidos com a doença. A DA deixa o paciente dependente, como citado anteriormente, e ao conviver com pessoas com a doença, é importante adotar cuidados específicos para proporcionar um ambiente seguro, respeitoso e compreensivo. O indicado é que o idoso viva em um ambiente longe de riscos, como tapetes escorregadios ou objetos pontiagudos e com uma boa iluminação; mantenha uma rotina organizada, para sentir-se mais seguro e orientado diariamente; tenha auxílio de alguém que o ajude a seguir regularmente o acompanhamento com o médico, a ingestão correta dos medicamentos prescritos, e a manutenção de uma rotina de higiene pessoal. Como o Alzheimer deixa o paciente mais sensível e com maior irritabilidade, é necessário a adoção de abordagens mais calmas, mesmo diante de circunstâncias desafiadoras, reduzindo ao máximo situações que possam deixá-lo ansioso ou estressado.

Suas famílias passam a sofrer de extremo desgaste psicológico, devido a frequentemente lidarem com a instabilidade emocional e variação de sentimentos, incluindo tristeza, frustração, sensação de impunidade e até mesmo culpa ao cuidar do paciente, além dos desafios financeiros associados ao tratamento e cuidados médicos que podem ser de alto custo, causando dificuldades à família. Ademais é preciso que haja alterações na dinâmica familiar, pois os cuidados ao paciente demandam tempo e atenção, muitas vezes restringindo a participação em atividades sociais.

Existem mudanças de rotina e muito abalo emocional ao lidar com a doença, principalmente quando se trata de alguém da família.

Como é o caso de Lígia Galli¹⁸ de 59 anos, cuja mãe foi diagnosticada com DA em 2012. Em dezembro de 2021, Lígia deu um depoimento à BBC News Brasil em Londres, contando um pouco sobre a dificuldade em conciliar os cuidados com a progenitora, o trabalho e a criação da filha pequena. Ela relata que apesar de todas as complicações não queria colocar sua mãe em uma instituição, pois sentia que estaria a abandonando. "E quanto mais difícil a situação ficava, mais eu achava que tinha de ser capaz de cuidar" diz Lígia, pois estava se desgastando e sofrendo por não conseguir lidar sozinha com sua mãe; após a enferma sofrer a uma queda em casa, ela percebeu que sua mãe ficaria mais segura em uma instituição especializada, com uma equipe preparada tecnicamente para cuidá-la.

Ela seguiu visitando sua mãe frequentemente: "Até hoje eu converso com ela, como se ela entendesse" disse Ligia, e por vezes mesmo a paciente não se lembrando dela, continua demonstrando-lhe carinho e conforto. Apesar de Ligia não poder tomar conta da mãe diretamente, foi o melhor que podia ser feito diante de suas possibilidades. "Piadas começaram a ser misturadas com momentos de raiva, mau humor, desespero, de falar sozinha, de tirar a fralda e guardar as fezes em gaveta." Era um grande fardo emocional que ela conseguiu lidar por um certo tempo, porém, conforme foi se agravando a situação, adquiriu a consciência que existem outros métodos de lidar com a doença da mãe, tal como buscar ajuda de cuidadores especializados.

Com tamanha demanda, as famílias acabam se sobrecarregando e há uma grande busca por cuidadores especializados nas necessidades das pessoas com DA. Eles desempenham um papel fundamental e

¹⁸ Reportagem da BBC News Brasil em Londres, feita por Mônica Vasconcelos, em 2021.

multifacetado, fornecendo supervisão constante, ajudando nas atividades diárias, garantindo a segurança e oferecendo apoio emocional e afetivo. Além disso, o cuidador pode ajudar a estimular a mente do idoso por meio de atividades terapêuticas e sociais, o que pode ajudar a retardar o avanço dos sintomas. A dedicação do cuidador é um elemento essencial para manter a dignidade e a qualidade de vida do idoso com Alzheimer, proporcionando-lhe conforto em tal momento de vulnerabilidade.

Apesar disso, os cuidadores também acabam sendo afetados pelas consequências da doença, por estarem em constante contato com o idoso, o que é uma tarefa exigente e pode levar à exaustão física e emocional, podendo, muitas vezes, negligenciar suas próprias necessidades, colocando sua saúde e o seu bem-estar em risco, afastando-se de amigos e outras relações sociais. Deste modo é essencial que o cuidador não esteja sozinho nessa trajetória, tal como afirmado na citação:

[...] Diante disso, é extremamente importante que o cuidador possa receber apoio de outros familiares, pois a sobrecarga imposta pela execução das tarefas, a dificuldade no manejo com o doente, a falta de recursos financeiros, bem como o cansaço físico e mental podem contribuir para o aparecimento do estresse (LUZARDO; WALDMAN, *apud* SANTOS, PELZER e RODRIGUES, 2007, p.8.).

A doença do Alzheimer impõe ônus significativo à sociedade, representando um dos maiores desafios globais em termos de custo social e impacto humano. O envelhecimento da população em alguns países tem resultado em maior incidência da doença, proporcionalmente a perda de produtividade econômica, assim aumentando as despesas com cuidados médicos, além de cuidados formais e informais.

Indivíduos, famílias e cuidadores são afetados tanto economicamente quanto em termos de qualidade de vida pelos custos sociais globais da DA, sendo influenciados pelo estágio da doença e pelo custo de vida no local onde o paciente reside. De modo geral, esses gastos podem ser medidos pelos recursos hospitalares, serviços médicos, medicamentos (obtidos ou não pelo SUS), serviços sociais e pagamentos familiares a cuidadores formais, além de indiretamente acarretar na perda de renda pelo paciente e por membros da família, bem como afetar suas carreiras. Também podendo ser considerado uma despesa não direta do Alzheimer, os gastos necessários para preservar a saúde dos cuidadores e familiares, que em meio à toda sobrecarga da situação tendem a experimentar níveis significativamente mais elevados de depressão e ansiedade (CASTRO; et al., 2010).

Gabriel García Márquez, um dos mais importantes escritores do século XX e dos mais renomados autores da história latino-americana, tendo dentre sua vasta obra, que envolvia desde contos, romances e textos não ficcionais, seus romances de maior sucesso “Cem anos de solidão” e “O amor nos tempos do cólera”, foi uma das “grandes mentes” perdidas para a doença. Porém, o ganhador do Prêmio Nobel de Literatura de 1982, dentre outros, é apenas um exemplo de como os custos trazidos pela doença senil vão além dos números, se tornando perdas para a sociedade. Gabriel Garcia Márquez foi uma perda cultural, um grande escritor com uma mente brilhante que foi sendo apagada aos poucos por essa doença devastadora. Outros nomes, porém, consistem em perdas de grandes contribuições científicas, políticas ou econômicas que nos afetam de maneiras diferenciadas. E para enfrentar essas consequências sociais do Alzheimer é necessário cada vez mais investimentos em pesquisas, em

tratamentos eficientes e políticas públicas para o melhor atendimento aos pacientes, cuidadores e familiares.

Entre esses investimentos que vêm ocorrendo, alguns estudos em andamento se destacam, como os que trazem a possibilidade do uso de fitocanabinóides ajudar no tratamento, por agirem como reguladores da plasticidade neuronal e, consequentemente, contribuírem para o controle da sintomatologia. Pesquisas na área além de possuírem extrema importância, ganham cada vez mais espaço devido a aplicação de novas tecnologias na área da saúde, que facilitam os estudos, surgindo assim maior margem para reduzir os custos à sociedade trazidos pela doença.

Nessa conjuntura, surge um novo medicamento com a possibilidade de estagnar o declínio cognitivo da doença, recebendo a aprovação completa nos Estados Unidos em julho de 2023, para que programas centrados na saúde de idosos e planos de saúde começem a cobrir os tratamentos de DA. Com a promessa de retardar em um terço o avanço da enfermidade, o medicamento intravenoso Leqembi desacelerou o declínio da memória e do pensamento em cerca de cinco meses naqueles que receberam o tratamento. Mas, apesar dos resultados positivos, médicos alertam para a possibilidade de raros, porém graves, efeitos colaterais com o uso deste medicamento, como inchaços e sangramentos no cérebro¹⁹.

Apesar do alerta por especialistas de que não está claro se o tratamento continuará fazendo efeito por um período mais longo, os resultados obtidos até o momento, mesmo que não confirmando 100% de eficácia, retratam o grande avanço das pesquisas na área. Pesquisas essas que são de extrema importância, tal como os estudos gerais sobre o Alzheimer, seu desenvolvimento e sintomas, que trazem a

¹⁹ Reportagem de julho de 2023, feita pelo G1, em São Paulo.

possibilidade de tratamentos mais conscientes e de uma sociedade mais inclusiva e atenta às necessidades dos afetados por essa doença devastadora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A doença de Alzheimer não é um fenômeno atual, pois existe o conhecimento sobre a enfermidade há mais de um século e ela vem afetando a sociedade há mais tempo que isso. Mas atualmente se tem mais conhecimento sobre a doença e os danos que ela causa, além de haver maior incentivo para pesquisas na área e tratamentos, devido ao grande avanço tecnológico.

Assim, vai sendo descoberto, aos poucos, como a doença avança gradualmente no cérebro e como alguns hábitos, de estilo de vida e alimentação, podem ajudar na diminuição das possibilidades de contrair a doença.

Porém, apesar de existirem diversos fatores que corroboram com o surgimento da doença ao envelhecer, não existem ainda tratamentos de cura ou, até mesmo, de prever seu surgimento ou nem mesmo evitá-la. Por esse motivo, os investimentos em pesquisas e desenvolvimento de novos medicamentos são tão importantes, visto que a partir disso surge a possibilidade de estagnar o avanço da doença e dar mais tempo e qualidade de vida para os pacientes.

Infelizmente, os abalos da DA vão além das consequências negativas que trazem aos enfermos, pois ela também afeta física e psicologicamente a saúde de seus familiares. Há diversos atenuantes ao ser responsável por cuidar de uma pessoa com tais variações de humor, de personalidade, confusões mentais e descontrole, sendo alguns deles a forte sobrecarga no cotidiano e problemas emocionais. Ao implicar no abalo da sobriedade dos familiares, comumente, existem cuidadores ou instituições especializadas, que se encarregam

de proporcionar melhores condições de vida, tanto aos pacientes quanto à seus familiares. Porém, há indícios que profissionais que cuidam de tais pacientes também acabam sendo atingidos por uma vulnerabilidade semelhante aos familiares.

Sendo assim, é notável que o Alzheimer atinge a sociedade de diversas maneiras, com seus altos custos de tratamento, pelo forte impacto causado àqueles que convivem com o paciente e pelos danos globais oriundos da perda de grandes mentes que, até adquirirem a doença, contribuíamativamente para a sociedade. Essa doença possui proporções devastadoras, e atualmente não há uma maneira totalmente eficaz para saná-la, pelo contrário, existe uma forte tendência de agravamento de doenças de senilidade com o envelhecimento da população mundial.

REFERÊNCIAS:

Alzheimer's Association. **10 Primeiros sinais e sintomas da doença de Alzheimer.** 2021. Disponível em: <https://www.alz.org/alzheimers-dementia/10_signs>. Acesso em: 10 mai. 2023.

Alzheimer's Association. 2021. **Comunicação e Alzheimer.** 2021. Disponível em: <<https://www.alz.org/help-support/caregiving/daily-care/communications>>. Acesso em: 27 jun. 2023.

Alzheimer's Association. **Stages of Alzheimer's.** 2021. Disponível em: <<https://www.alz.org/alzheimers-dementia/stages>> Acesso em: 10 mai. 2023.

American Psychiatric Association. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-5.** Estados Unidos: Artmed, 2014.

ARAÚJO, Rosana Soares; PONDÉ, Milena Pereira. **Eficácia da memantina na doença de Alzheimer em seus estágios moderado a grave.** São Paulo, Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, abril, 2006. Disponível

em: <<https://www.scielo.br/j/jbpsiq/a/qqZNvhdq49ZvTmcgByDNqJL/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 14 abr. 2023.

BERTRAM, Lars; TANZI, Rudolph E. **Genome-wide association studies in Alzheimer's disease. Human molecular genetics.** 2009. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/19808789/>>. Acesso em: 13 ago. 2023.

BOTTINO, Cássio M.C. **Diagnóstico precoce da doença de Alzheimer: contribuição da neuroimagem estrutural.** São Paulo, 2003. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0101-60832003000300008>>. Acesso em: 10 abr. 2023.

CASTRO, Diego M.; et al. **The economic cost of Alzheimer's disease: Family or public-health burden? 2010.** Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/dn/a/FrVbh5YhRSfgXVh4gpGfQ5H/?format=html#>>. Acesso em: 15 ago. 2023.

CHARCHAT, Helenice; et al. **Investigação de Marcadores Clínicos dos Estágios Iniciais da Doença de Alzheimer com Testes Neuropsicológicos Computadorizados.** São Paulo: Universidade de São Paulo, 2001. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/prc/a/McBmXvMJgXNWxMBQRmsnm8N/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 14 abr. 2023.

CNNBrasil. **Agência dos EUA aprova uso de medicamento contra Alzheimer,** São Paulo, 2023. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/agencia-dos-eua-aprova-uso-de-medicamento-contra-alzheimer/>>. Acesso em: 12 set. 2023.

DINIZ, Breno Satler; FORLENZA Orestes Vicente. **O uso de biomarcadores no líquido cefalorraquidiano no diagnóstico precoce da doença de Alzheimer.** São Paulo, 2007. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0101-60832007000300007>>. Acesso em: 28 jul. 2023.

ENGELHARDT, Eliasz e GOMES, Merleide da Mota. **O 100º aniversário de morte de Alzheimer e sua contribuição para uma melhor compreensão da demência senil.** Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/anp/a/zWP6WQRdjXYBdCtdKvsQ7mm/?format=pdf&lang=en>>. Acesso em: 14 Abr. 2023.

FAGAN, Anne M; et al. **Toward defining the preclinical stages of Alzheimer's disease: recommendations from the National Institute on Aging-Alzheimer's Association workgroups on diagnostic guidelines for Alzheimer's disease. Alzheimer's & Dementia.** Elsevier Inc., 2011. Disponível em:<<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/21514248/>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

FUENTES, Daniel; et al. **Neuropsicologia: teoria e prática.** Estados Unidos: Artmed, 2014.

G1. Descoberta do Alzheimer faz cem anos e doença ainda é mistério. São Paulo, 2006. Disponível em:
<<https://g1.globo.com/Noticias/Ciencia/0,,AA1337731-5603,00.html>>. Acesso em: 21 abr. 2023.

G1. Óleo de Cannabis: após resultado positivo para tratamento de Alzheimer, 28 novos pacientes passam a integrar estudo no Paraná. Foz do Iguaçu, 2022. Disponível em:<<https://g1.globo.com/pr/oeste-sudoeste/noticia/2022/09/07/oleo-de-cannabis-apos-resultado-positivo-para-tratamento-de-alzheimer-28-novos-pacientes-passam-a-integrar-estudo-no-parana.ghtml>>. Acesso em: 20 ago. 2023.

GALVAN, Agatha Carina; et al. **Fitocanabinóides na Doença de Alzheimer.** Chapecó: Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), 2021. Disponível em:<<https://portaleventos.uffs.edu.br/index.php/SIMPNEURO/article/view/16096>>. Acesso em: 14 ago. 2023.

National Institute on Aging. **Ficha Informativa da Doença de Alzheimer.** 2021. Disponível em:<<https://www.nia.nih.gov/health/alzheimers-disease-fact-sheet>>. Acesso em: 10 mai. 2023.

OPAS. **Mundo não está conseguindo enfrentar o desafio da demência.** 2023. Disponível em:<<https://www.paho.org/pt/noticias/2-9-2021-mundo-nao-esta-conseguindo-enfrentar-desafio-da-demencia>>. Acesso em: 14 abr. 2023.

PASCHALIDIS, Mayara et al. **Trends in mortality from Alzheimer's disease in Brazil, 2000-2019.** Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ress/a/YHmSWbJdNs49FqDz459gzb/>?lang=pt>. Acesso em: 28 jul. 2023.

PINTO, Carolina Tebaldi; et al. **Alzheimer: diagnóstico precoce auxiliando na qualidade de vida do cuidador.** 2015. Disponível em: <<http://periodicos.uesc.br/index.php/memorialidades/article/view/1304/1102>>. Acesso em: 07 abr. 2023.

REIMER, Nayara. **Neurológico.** Disponível em: <<https://www.neurologica.com.br/blog/quais-os-estagios-da-doenca-de-alzheimer/>>. Acesso em: 14 abr. 2023.

RICO, Bianca Lourdes; et al. **Doença de Alzheimer: a dependência e o cuidado.** São Paulo, 2014. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/21630/15877>>. Acesso em: 28 jul. 2023.

RODRIGUES, Rosalina Aparecida Partezani; et al. **Doença de Alzheimer: declínio funcional e estágio da demência.** São Paulo, 2013. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ape/a/6QYKZNFnLPCq9Vp3vKqRPGC/?format=pdf&lang=p>>. Acesso em: 14 abr. 2023.

SANTOS, Silvana Sidney Costa; PELZER, Marlene Teda; RODRIGUES, Mônica Canilha Tortelli. **Condições de enfrentamento dos familiares cuidadores de idosos portadores de doença de Alzheimer.** Passo Fundo, 2007. Disponível em: <<file:///C:/Users/simon/Downloads/133-Corpo%20do%20artigo-527-1-10-20071218.pdf>>. Acesso em: 30 ago. 2023.

VASCONCELOS, Mônica. **Alzheimer, um recomeço? Três histórias surrendentes sobre a demência.** CNNBrasil. Londres, 2021. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-59750714>>. Acesso em: 25 set. 2023.

Viva Bem UOL. **Tudo sobre Alzheimer.** 2019. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2019/02/02/alzheimer-acomete-115-da-populacao-idosa-do-pais.htm>>. Acesso em: 22 abr. 2023.

ZIDAN, Melissa; et al. **Alterações motoras e funcionais em diferentes estágios da doença de Alzheimer.** São Paulo, 2012.

ANIMAL ONTEM, MÁQUINA HOJE, HOMEM NUNCA: A DISSOLUÇÃO DO SER CONTEMPORÂNEO NA DINÂMICA TRABALHISTA.

Artur Henrique Da Silva Roux Leite

Aurora Nicola Ribeiro

Isabela Franck Kellermann

Mateus Sbardelotto Dewes

“Quanto mais as ideias tornam-se automáticas, instrumentalizadas menos se vê nela os pensamentos com sentido próprio. Elas são consideradas coisas, máquinas. A linguagem foi reduzida a apenas outra ferramenta no gigantesco aparato de produção da sociedade Moderna” (MAX HORKHEIMER).

RESUMO: Este artigo analisa a dissolução do ser humano na dinâmica trabalhista neoliberal, que contribui na perda da alteridade, bem como do tempo social. É através da perda das características humanas transformadas em trabalho que o homem contemporâneo tornou-se um “robô”, cujo propósito é aumentar sua produtividade e seu rendimento. No entanto, ao implementar o modo 24/7 numa tentativa de sobrevivência o trabalhador informal entende-se como parte do mundo empresarial. A partir dessa lógica, o indivíduo procede seu isolamento da vida coletiva, atentando na lógica individualista, exaltadas pelo self made man, esgotando o aspecto físico, mental e emocional do ser, o que o transforma em uma espécie de animal, isolado, conectado e cansado.

PALAVRAS-CHAVE: Produtividade, Sociedade do Cansaço, Biopolítica, Infocracia, *Self made man*.

ABSTRACT: This article analyzes the dissolution of the human being in neoliberal labor dynamics, which contributes to the loss of otherness, as well as social time. It's through the loss of human characteristics transformed into work that contemporary man has become a “robot”, whose purpose is to increase your productivity and income. However, by implementing the 24/7 mode in an attempt to survive, informal work is understood as part of the business world. Based on this logic, the individual proceeds with his isolation from collective life, paying attention to the individualistic logic, exalted by the self made man, exhausting the physical, mental and emotional aspect of the being, which transforms him into a kind of animal, isolated, connected and tired out.

KEYWORDS: Productivity, The Burnout Society, Biopolitic, Infocracy, *Self made man*.

1. INTRODUÇÃO

Segundo um antigo filósofo, “nenhum ser humano nasce pronto, mas o homem é, em sua essência, produto do meio em que vive, que

é construído a partir de suas relações sociais em que cada pessoa se encontra". Dessa forma, ao adentrar na lógica do atual modelo econômico, é imprescindível analisar os efeitos do neoliberalismo e os discursos meritocráticos no indivíduo, no quesito trabalhista, e como isso afeta seu tempo social e o desaparecimento da alteridade.

Para tanto, é preciso a comparação histórica da relação sujeito-trabalho na quebra de paradigma da *Sociedade Disciplinar* ao advento da *Sociedade do Desempenho*. A comunidade moderna é baseada no poder ilimitado, enquanto a *Sociedade Disciplinar* ainda está dominada pelo não; sua negatividade gera loucos e delinquentes (aqueles que fogem do dever imposto pelo meio). A *Sociedade do Desempenho*, ao contrário, produz depressivos e fracassados (aqueles que não conseguem maximizar a produção que impõem a si mesmos). Faz-se uma relação desse novo funcionamento social com a crescente ocorrência da depressão na sociedade, o excesso de iniciativa pessoal que gera pressão perante o desempenho mandatório. O fato de obter-se autonomia gera uma liberdade paradoxal: se tudo é liberdade, tudo é permitido, então nada é proibido, consequentemente, se a não-liberdade não existe, então nada é livre, pois torna-se um conceito que não se distingue de nada. Este é o paradoxo da invisibilidade do limite no âmbito do trabalho.

Em linhas gerais, o homem era força de trabalho nas fábricas e descartado pelas instituições sociais; afinal, não contribuía economicamente ao mercado - devido aos baixos salários. Hoje, na sociedade de culto ao desempenho, o desgaste do trabalhador não se resume somente a horas trabalhadas, é também o seu papel fomentar o sistema. O consumo é também parte da rotina laboral e é extremamente estimulado. Nesse sentido, torna-se crucial a compreensão do *self made man* - ideologia baseada no individualismo em que o sujeito toma posse do seu futuro e, sozinho, consegue ir

rumo ao sucesso; ele estaria, então, acima do sistema - resgatada pelo neoliberalismo, mudando de nome para "empreendedorismo". Essa ideologia é disseminada através da simplificação do discurso meritocrático de "é só querer fazer" ou "tudo é possível, basta trabalhar", pela *Indústria Cultural*, essa que tem como objetivo coercitivo de nutrir o sistema frente à corrente do Estado mínimo, em que os sujeitos são teoricamente capazes de gerar condições favoráveis ao seu próprio sucesso, sem o zelo estatal para criação de políticas públicas de inserção social.

Com isso em mente, o propósito estatal resume-se a criar um imaginário cultural propenso para a manutenção da ordem social, visto que o mercado é controlado aos moldes da "Mão Invisível", termo criado pelo economista Adam Smith. Na Era da Informação, o comportamento do homem é sociopoliticamente controlado e a falsa ideia de que o homem pode virar milionário de um dia para a noite gera o princípio da autoexploração excessiva - pois são utilizadas propagandas para que qualquer indivíduo se encante pelo comprometimento do trabalho à máxima de "fazer seus próprios horários". O princípio da flexibilidade é, nesse contexto, colocado como um atrativo de que a resposta para o sucesso seja empreender. No processo de uberização o ilusório é a crença de ser dono dos meios de produção, de não precisar investir em capacitação ou depender de atualizações para seguir no mercado.

Então, é criado a produção de um imaginário e a concretização da "lógica industrial" no indivíduo que consiste em metas e na eficiência - que devem ser aumentadas constantemente. Por ser uma fala reproduzida e padronizada, gera não só o aumento da competitividade dos ditos "donos de si", mas também a situação de refém do sistema. Eis o processo de adequação à massificação da sociedade contemporânea, em que a disseminação da ideologia dominante é dada

pela utilização da *Razão Instrumental*, cujo ideal consiste em modificar o objeto em prol da manutenção da meritocracia. Na sociedade do desempenho, a manipulação funciona pelo ideário do “sim”, da afirmação, a fim de estimular o sujeito a produção, extraindo toda a potência do indivíduo.

Assim, o homem vive numa corrida consigo mesmo em que, na medida que acelera (aumenta seu desempenho), não há como parar, dado o aumento de metas criadas por ele. O espaço para a exaustão foi extinto pelo excesso de estímulos da idolatria ao sucesso. A função social dos *coaches* nesse contexto é dar respostas simples a problemas sistemáticos. A desigualdade social, por exemplo, é resumida pelo princípio da “desocupação” e que só não há trabalho para aqueles que “não se esforçam”. Eles, então, utilizam desse discurso meritocrático para disseminar a ideologia do empreendedorismo.

O culto ao desempenho já está tão enraizado ao passo que as crianças são alvo da propaganda e, desde pequenas, já são estimuladas a desenvolver características e habilidades propícias para a entrada no mercado de trabalho. Para o capitalismo todos são ferramentas laborais que impulsionam o desenvolvimento econômico e quanto mais preparados, mais riquezas trarão. O homem é, então, mecanizado - e encorajado a produzir tal qual um robô. Dessa forma, ao “desumanizar” o ser em prol do aumento de riquezas, é perceptível o aumento da individualidade e do isolamento social, bem como a fragilidade das relações interpessoais. Por isso, o presente artigo reflete sobre a ausência do tempo social na contemporaneidade e como o ser humano foi retido no trabalho.

2. A AUTOEXPLORAÇÃO: O VÍRUS DA MODERNIDADE

Por volta do século XIX, após a ascensão do capitalismo e a mudança da organização social, surge a ideologia da *Sociedade Disciplinar*, teorizada pelo filósofo Michel Foucault por volta dos anos 70 do século XX. Esse conceito esboça o homem como ser obediente; facilmente controlado. “Essa obediência é fruto de uma sociedade em que o poder se encontra entre as malhas sociais, pois gera uma hierarquia entre aqueles que mandam e aqueles que se sentem compelidos a obedecer a esse poder” (GARCIA, 2021, p.4). Portanto, a obediência imposta foi a base para o fortalecimento do ideal capitalista liberal, pois é possível moldar o indivíduo de acordo com as necessidades do mercado, de modo que ele se adapte às condições requisitadas pelos donos de produção (capitalistas). Para isso, a sociedade estabeleceu as instituições disciplinares, tais como: hospitais; asilos; presídios; quartéis; fábricas e escolas. Essas têm o propósito de vigilância social, de forma a funcionar como instrumento de normatização do sujeito, impondo-o condutas a serem seguidas, preferencialmente para a formação e aperfeiçoamento das forças produtivas. Foucault compara essa ideologia da sociedade industrial ao sistema penitenciário *Panóptico*²⁰, pois ambos utilizam o ideal disciplinar e de manutenção da população, transformando o indivíduo em produtos consumíveis para o sistema econômico, que se alimenta unicamente de sua força de trabalho e rapidamente o descarta.

No entanto, a sociedade a partir do século XX superou o modelo disciplinar, tornando-se uma *sociedade do desempenho*. A população não é mais sujeita a obediência, mas sim a produtividade (HAN, 2010).

²⁰ Um modelo penitenciário, projetado por Jeremy Bentham em 1785, que comprehende um edifício de observação circular no centro da prisão, de modo que se possa ver todas as celas e os aprisionados ao redor; um sistema de vigilância ideal.

Em contrapartida, o coletivo da obediência ainda está fortemente presente na comunidade atual, principalmente na questão do liberalismo. Antes, o lucro era produzido a partir da mão de obra do sujeito, explorada até seu limite, ou seja, o trabalhador era exclusivamente a força de trabalho. No entanto, por volta do século XX, essa ideia foi sendo diluída pelo liberalismo, estabelecendo ao sujeito outro papel; além de ser força de trabalho, ele também se tornou a força de consumo. Isto é, os donos de produção, visando aumentar seu poder de distribuição e venda, utilizaram seus próprios trabalhadores para isso; dando a eles uma sensação ilusória de independência e autonomia, simplificados pela ideologia do *self made man* e da meritocracia.

Essa ideia começou a se formar após a Primeira guerra mundial, pela propaganda do *American Way of Life*. Esse conceito diz respeito ao modo de vida norte-americano, em que o consumismo seria a chave para a felicidade e realização, sendo os pilares da cultura da época. A população passou a almejar maior poder aquisitivo, principalmente pelo jogo da especulação do mercado financeiro. Devido à implementação do sistema fordista, os Estados Unidos viviam uma época de alta produtividade, em que a fabricação em massa possibilitou o consumo em larga escala por preços extremamente baixos e, consequentemente, fez com que o capitalismo americano disparasse. Portanto, a ascensão da sociedade do desempenho faz com que os trabalhadores obtenham um salário suficiente para comprar os produtos produzidos por eles mesmos, ou seja, o ideal de consumo se alastrá por todas as camadas sociais, ampliando a perspectiva de acumulação de capital dos setores produtivos. A sociedade disciplinar elitizou o consumismo, já a do desempenho popularizou-o.

No entanto, toda essa euforia aquisitiva cessou com a *Crise de 1929*, momento em que a superprodução não acompanhou a lei de oferta e procura, ocasionando uma política de estocagem com redução exorbitante dos preços e, consequentemente, dos lucros. Com isso, o desemprego foi generalizado na sociedade norte-americana, acarretando, entre outros fatores, a *Grande Depressão*.

A crise pode ser resumida em outras palavras: a crise do liberalismo. A ilusão da riqueza fácil que gerou uma euforia na sociedade mostrou sua verdadeira face: o modelo baseado na desregulamentação, além de proporcionar o desequilíbrio econômico, o fortaleceu devido à sua política de não intervenção estatal. O governo estadunidense, controlado por liberais conservadores, tornou o Estado incapaz de agir para administrar o colapso, pois estavam depositando sua fé na ideologia do *self made man*, em que, o homem, pelo esforço e trabalho duro poderia, mesmo em condições desfavoráveis, construir seu próprio império. No entanto, essa esperança não se mostrou realista, o que obrigou os Estados Unidos a mudar seu modelo econômico para o *Keynesianismo*.

Segundo essa perspectiva teórica, o Estado deveria ter uma forte atuação na economia, fiscalizando a produção de mercadorias, além de executar obras públicas e criar empregos; por isso, também era chamado de *Estado de Bem-Estar Social*. Deveria, portanto, instigar e dar suporte ao consumo em grande escala, favorecendo a geração do pleno emprego.

Desse modo, a gestão de empregos desse modelo pode ser resumida a políticas macroeconômicas, regulamentação das leis trabalhistas e proteção social, distanciando-se da visão liberal (VEGI *apud* SOUZA, 2021). No entanto, o Estado de Bem-Estar Social chegou ao fim por volta da década de 1970, por conta da abertura de mercado que estava ocorrendo durante a Guerra Fria, visando uma

reorganização econômica no mundo globalizado. Além disso, havia uma desconfiança geral da população norte-americana em relação ao governo, especialmente após a Guerra do Vietnã e o caso de Watergate. Em ambos ocorreu a degradação da verdade, que fez com que o governo perdesse controle sobre a própria sociedade (LASCH, 2023). Portanto, os estadunidenses não queriam estar submetidos a um modelo econômico com forte presença do Estado, como é o caso do keynesianismo, dando forças para um cuja participação é limitada, possibilitando a ascensão do neoliberalismo. Este possui os mesmos princípios do liberalismo, entretanto, diferente do modelo tradicional, em momentos de crise o Estado intervém na economia para corrigir as falhas de mercado.

O neoliberalismo se distancia do keynesianismo ao compreender a empregabilidade como um compromisso individual, e o Estado só serve para preparar os sujeitos para o mercado de trabalho, sendo esses os únicos que decidem ou não em conseguir um emprego (VEGI *apud* SOUZA, 2021). Portanto, o ideal do *self made man* volta a ser a principal vertente de mais um modelo econômico; no entanto, esse termo passa agora a ser chamado de "empreendedorismo", como uma nova possibilidade de ficar rico ou morrer tentando, representando a autonomia e individualidade no mercado, o homem como dono de seu próprio futuro.

A ascensão do empreendedorismo está diretamente relacionada à ideologia da sociedade sem pai. Esta traz uma visão patriarcal de que o pai (figura paterna) seria o poder superior, em que todos estariam submetidos, enquanto nós, como sociedade (os filhos), temos como obrigação obedecê-lo. "A figura poderosa, ao mesmo tempo amada, venerada e temida, à qual nossa vontade tem se render e se submeter.

O chefe que conduz a horda"²¹ (KELSEN apud CABRAL, 2015, s/p). Tanto no modelo liberal quanto no keynesianismo, havia uma autoridade sob o comando dos indivíduos, como os donos de produção e o próprio Estado, que comandavam os trabalhadores de acordo com os padrões de conduta. Contudo, em contraposição com os outros modelos econômicos, o neoliberalismo, associado ao empreendedorismo, não possui autoridade.

O indivíduo é o próprio limitador de suas ações; são empresários de si mesmo, possuindo suas próprias leis e regras. O empreendedor é, ao mesmo tempo, o chefe e funcionário, não estando submetido a ninguém, a não ser ele próprio. No livro, *A cultura do Narcisismo*, de Christopher Lasch (2023), o autor comprehende esse modo empreendedor de vida como "uma guerra de todos contra todos", sendo uma "cultura do individualismo competitivo" (p.20), que seria a simplificação da sociedade do desempenho, citada anteriormente.

O empreendedor acaba sendo o principal ser atuante dessa sociedade, que se consolidou por completo após a ascensão do neoliberalismo. Ela é dominada pelo excesso de produtividade, que é expandida por meio da ideologia do empreendedorismo. Tal doutrina comprehende uma lógica industrial, que pode ser simplificada por três conceitos: a busca pela eficiência; o cumprimento de metas e a padronização dos produtos. Tais palavras simplificam o funcionamento de qualquer indústria. No entanto, elas também são utilizadas para demonstrar o funcionamento da concepção empreendedora: a busca pela eficiência (maior produtividade e lucro); o cumprimento de metas

²¹ Análise de Hans Kelsen, fazendo referência ao pensamento de Freud. Fonte: CABRAL, Guilherme Peres. **Um pai na democracia, a sociedade sem pai.** UOL Educação, 2015. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/colunas/guilherme-cabral/2015/08/31/um-pai-na-democracia-a-sociedade-sem-pai.amp.htm>>. Acesso em: 12 jun. 2023.

(busca pela realização financeira) e a padronização dos produtos (padronização da sociedade).

Portanto, a sociedade sem pai forma narcisistas, que, em simbiose com a ideologia do empreendedorismo, lembra o *Homem Soberano* de Nietzsche. Ele, de acordo com Peter Poellner *apud* Leiter (2019), exprime “as condições constituídas de pessoa independente, autônoma e não heterônoma” (p. 71). Segundo Peter Marin *apud* Lasch (2023): “a vontade do indivíduo é toda-poderosa e determina totalmente seu destino; intensificam o isolamento do *self*” (p. 61). Compreende-se que o empreendedor nada mais é do que um produto industrial; a sociedade capitalista, agora em sua versão como *Indústria Cultural*²², dissemina essa lógica para o maior número de pessoas possível. Sua doutrina de individualidade e soberania torna-se um padrão de consumo, o que faz com que a ideologia perca seu significado original: o egocentrismo do ser. A propaganda empreendedora, do homem soberano como autoridade máxima, não passa de uma alienação. Você não está acima do sistema, mas ele está acima de você.

A Indústria Cultural funciona em escala superindustrial, massificando o pensamento e disseminando-o pela sociedade. Portanto, a população torna-se vítima do consumismo ideológico. Não é mais possível distinguir o consumidor, produtor e cidadão, pois sendo um cidadão qualquer, consequentemente ele irá consumir a ideologia cultural da localidade, e posteriormente, a reproduziria para o resto dos indivíduos (Bucci *apud* Haddad, 2021).

Dessarte, cada localidade em épocas específicas necessita da disseminação de um ideal imaginário (ideológico). É necessário, para

²² Conceito desenvolvido por Theodor Adorno e Max Horkheimer no contexto pós-revolução Industrial, que diz respeito à transformação de cultura em mercadoria disseminada para as massas.

o controle populacional, uma mentalidade dominante que possibilite o consumo uniformizado do pensamento social. Tal massificação auxilia na hegemonia das classes preponderantes.

Contudo, para que a inserção de valores em uma comunidade seja bem aceita e disseminada é necessário que seu governo conheça bem seu “público alvo”. Para isto ocorrer é necessária uma *Economia de Atenção*, teoria desenvolvida pelo economista Herbert Alexander.

Esta: “consiste em mercadejar com o olhar, ouvidos, o foco de interesse e a curiosidade um atento aleatório dos consumidores” (ZANATTA; ABRAMOVAY *apud* BUCCI, 2021, p 18). Logo, deve-se ter o fluxo de informações acerca dos cidadãos para o sucesso do controle populacional.

Por conta disso, o livro *A superindustria do imaginário*, de Eugênio Bucci (2021), aborda os dados pessoais na *internet* como o “novo petróleo”, pois possibilitam maior controle social pelas autoridades, já que estes conhecem seu povo. Segue a mesma lógica da lei da oferta e procura: quanto se conhece os anseios de seu público alvo (sociedade), propõe-se uma oferta específica que cumpra tais requisições, - para aquela específica esfera - que possibilita seu consumo em larga escala. Portanto, utiliza-se a *Razão Instrumental*²³ para modificar o modo de propagação de tal ideologia, de forma que se adeque ao grupo requisitado, ou seja, o conteúdo continua o mesmo, o que muda é o modo de inserção. Trata-se de uma técnica de dominação baseada no utilitarismo. Esse mesmo modelo foi utilizado pelo próprio empreendedorismo.

²³A razão instrumental, ou razão subjetiva, de Max Horkheimer – membro da Escola de Frankfurt - é uma faculdade inerente ao sujeito, responsável pelo pragmatismo da existência cotidiana, já que as ações do indivíduo obedecem a uma lógica, pelos meios mais adequados, tendo em vista os fins propostos (Horkheimer, 2015, p. 12).

Inicialmente, a ideologia do *self made man* não ocorreu como esperado, pois fortaleceu a Crise de 29. Assim, desenvolveu-se um redirecionamento na política e na economia que abriu espaço para a atuação de uma espécie de Estado empresário. Contudo, com a ascensão do neoliberalismo, fortaleceu-se novamente o *self made man*, mas agora chamado de empreendedorismo. Logo, houve a implementação da mesma ideologia, mas vendida como algo novo. O horizonte de possibilidade construído pela razão instrumental, junto a todo o aparato tecnológico que a fundamenta, resulta em uma tecnologia social cujo teor subjetivo é socializado pela indústria cultural na forma de ideologia do empreendedorismo e a falsa impressão de que todos podem enriquecer ao mesmo tempo, a exemplo de 29.

Na sociedade de classes, as ideias que preponderam na sociedade possuem origem material; sua fonte encontra-se nos interesses particulares da burguesia, mas sempre revestidos como interesses coletivos para que sejam apropriadas por todos e mantenha-se o status quo de dominação dessa classe sobre as outras. Esse fato leva à unificação daquela classe a partir do menor uso de violência e maior uso do convencimento, mascarando a realidade e facilitando a dominação. (CEOLIN *et al*, 2020, p. 123).

Dessarte, apesar do empreendedorismo não representar de fato um ideal de autonomia e individualidade, tal ideologia ainda assim é vendida, de forma ilusória, com essas características, pois o indivíduo só precisa acreditar que está consumindo esses princípios por vontade própria, apesar de ser totalmente induzido.

2.1 24/7: UMA VIDA SEM PAUSA

Logo, como o empreendedor busca construir seu próprio império de forma autoritária, utiliza-se da própria força de vontade e trabalho para alcançar o lucro, centrando no empreendedorismo e na autoexploração. De acordo com Elton Corbanezi: “Aqui não entra o outro como explorador, que me obriga a trabalhar e me explora. Ao

contrário, eu próprio me exploro a mim mesmo de boa vontade na fé de que possa me realizar" (CORBANEZI apud HAN, 2015, p. 338).

Assim, a autoexploração seria muito mais efetiva e ilusoriamente mais lucrativa comparada com a feita pelo outro. Anteriormente, na sociedade disciplinar, a produtividade capitalista necessitava que a mão de obra fosse explorada pelos donos da produção, no entanto, existiam gastos para isso acontecer, como os próprios salários instituídos pelas empresas ou pelo Estado, além da infraestrutura do local de trabalho. Contudo, na sociedade de desempenho é o oposto. O investimento no outro é quase inexistente, pois o empreendedor não está sob controle de ninguém, a não ser dele mesmo; o próprio homem soberano.

Com isso, em teoria há muito mais rendimento com o menor uso de recursos possíveis - princípio neoliberal. Ele mesmo constrói sua remuneração e local de trabalho. Seu lucro é a representação de sua própria vontade laboral: quanto mais ele trabalhar, maior será sua produtividade, ou seja, maior será seu retorno monetário. Um exemplo concreto dessa autoexploração é o processo de *Uberização* do trabalho: definido como um novo modelo trabalhista, na teoria, mais flexível, no qual o profissional presta serviços conforme a própria demanda e sem que haja vínculo empregatício. Esse processo é a base das novas relações no contexto laborativo.

De acordo com Alain Ehrenberg apud Han (2015), a sociedade do trabalho degrada o homem a um *Animal Laborans* - animal trabalhador. Esse explora a si mesmo; agressor e vítima simultaneamente. O empreendedor é a atual representação do *animal laborans*, pois o trabalho abrange toda sua esfera social. Não existe uma separação entre a vida de trabalho e a vida pública, pois a primeira consome todo o sujeito, não dando espaço para o surgimento de outras relações, pois a produtividade é seu maior propósito.

Portanto, o *animal laborans* de acordo com Hannah Arendt, é composto de ego e individualismo. “Nossa sociedade, em vez de estimular a primazia da vida privada sobre a vida pública, tornou cada vez mais difícil o surgimento de amizades, relacionamentos amorosos e casamentos profundos e duradouros” (LASCH, 2023, p. 89). A demanda pelo lucro faz com que o sujeito tenha, nas palavras de Christopher Lasch, uma vida bárbara, não possibilitando a formação de vínculos pessoais, pois estes interferem em sua produtividade. Há a perda da coletividade em prol da individualidade.

O que estamos entendendo aqui por declínio do político é a imbricação das fronteiras entre vida política e vida biológica, público e privado e liberdade e libertação, ou seja, é o momento em que os homens não mais se importam com as questões coletivas, mas apenas com a pura necessidade de satisfação biológica. Nesse processo, ocorre a glorificação do trabalho e a vitória do *animal laborans* (ARENKT APUD GIAROLA, 2017, p. 12).

Segundo Hannah Arendt, o animal laborans está inserido na *Vita Activa*, que engloba as relações humanas em suas condições fundamentais: trabalho, labor e ação. Dessarte, ele está limitado somente ao ambiente laboral. Esse, como citado no excerto, não são mais meras atividades, mas processos biológicos. Portanto, o indivíduo tem um comprometimento absoluto com o trabalho, estabelecendo um ambiente 24/7 - uma vida sem pausas (GARCIA, 2021). Esse é o contexto do “home office” – cuja tradução literal seria “escritório em casa” – uma vez que as atividades laborais, a vida e o lazer se misturam no mesmo local. Ele obriga o empreendedor a ter uma vida sem interrupções, com um ritmo de trabalho frenético, para que atinja plena produtividade. Esse ideal auxilia a sobreposição da vida laboral pela social, mencionada anteriormente, pois a ação e identidade do indivíduo são reduzidas a esfera do trabalho e produção.

Como citado, o rendimento do empreendedor é proporcional à sua eficiência, portanto, o indivíduo desenvolve uma noção de trabalho totalizante: deve-se trabalhar ininterruptamente para alcançar a realização. “A própria pausa se conserva implícita no tempo de trabalho” (HAN *apud* CORBANEZI, 2017, p. 338). O tempo seria a unidade indissociável do indivíduo, pois ele delimita o lucro; o empreendedor torna-se uma máquina, em que sua única função é produzir. “Todo tempo disponível é imprescindível para o atingimento de metas [...]” (GARCIA, 2021, p. 207). Byung-Chul Han compara o empreendedor da sociedade do desempenho como um *hamster* correndo em sua roda (HAN, 2015). Quanto mais o animal girar em sua rodinha, mais rápido ele terá que correr para acompanhar o próprio ritmo; um movimento de superação. O mesmo acontece com o empreendedor; quanto mais ele buscar a produtividade, mais deve trabalhar.

Como ele almeja o maior desempenho possível, deve trabalhar o máximo que consegue, resultando em um ritmo incessante e interminável, pois o sujeito sempre vai querer aumentar suas metas, nunca de fato parando de girar a roda, implementando cada vez mais velocidade até não suportar seu ritmo; uma condução à autorrealização destruidora. Assim, implementa-se diversas propagandas que instiguem cada vez mais os empreendedores a seguir esse novo padrão, como é o caso do *slogan* do presidente norte americano Barack Obama - Yes, we can (cuja tradução literal seria “Sim, nós podemos”) - a qual degrada a ideologia disciplinar coercitiva (tu deves) para uma em que há, ilusoriamente, mais liberdade (nós podemos) (HAN *apud* CORBANEZI, 2017, p. 336). Portanto, a positividade do desempenho faz um indivíduo mais eficiente e produtivo, podendo girar mais ainda sua roda. Destarte, assemelha-se à Crise de 29: quanto mais o empreendedor produzir, mais próximo

ele chegará a seu colapso. “Trabalhar incessantemente é o novo normal para quem quer ser visto no sistema neoliberal e fazer parte desse jogo. O tempo no neoliberalismo parece se tornar cada vez mais ininterrupto, em que não há mais limites no tempo e espaço” (GARCIA, 2021, p.209).

A autoexploração sujeita a autodestruição, pode ser comparada com a prisão Panóptico citada anteriormente. Os indivíduos estão submetidos ao empreendedorismo que instiga sua própria exploração pela busca irrefreável de produtividade. Entretanto, a busca ininterrupta pela produtividade leva o empreendedor ao seu esgotamento, pois está exausto de sua autoexploração. Isso faz com que, aos poucos, o indivíduo reduza seu desempenho, e consequentemente seu lucro. Desse modo, também afeta o rendimento dos capitalistas. Assim sendo, são realizadas propagandas de superação constantes, com enunciados tais como: “Nada é impossível”; “O único obstáculo a ser superado é você mesmo”; “Acredite em seu potencial”. Essas publicidades exprimem uma ideia positiva visando extrair toda a potência e eficácia do indivíduo; o custo da autossuperação é substituída pela auto supressão (HAN *apud* CORBANEZI, 2017, p. 336).

Essa ideologia, portanto, submete o indivíduo ao seu narcisismo, remetendo-se a uma forma ideal de existência. No entanto, o ideal da positividade será melhor abordado posteriormente, especialmente como forma de coerção social.

3. O PODER REGULADOR DA VIDA E A SEDE PELO IMEDIATO

O conceito “biopolítica” é compreendido pelo filósofo Michel Foucault como a transição do foco do poder, que passa da política para gestão da vida, ou seja, a passagem da soberania sobre territórios para

a regulação das populações. Tal poder é regido por interesses, no caso da modernidade: a riqueza. A biopolítica é o conjunto de mecanismos que têm como finalidade ampliar a relação de dominação da população, passando a ser parte intrínseca de todas as relações sociais. Enquanto antes, o objeto da administração política eram terras e a economia, agora, restringe-se ao controle das pessoas: seus corpos, sua saúde, sua subjetividade, suas vidas; com a finalidade de alcançar o máximo lucro com o mínimo esforço.

A partir do capitalismo liberal, cabe ao Estado não interferir nos movimentos do mercado, concentrando seu esforço na estruturação das relações de livre concorrência e mercado. E a melhor forma de fazer isso é fixando uma visão de mundo, pois para moldar as ações deve-se primeiro moldar as ideias. A grande questão da obra de Foucault é como as subjetividades são produzidas, considerando o sujeito como produto, resultado e efeito de um enorme conjunto de técnicas de poder.

O problema é que um ser humano não pode ser adestrado – pelo menos não é isso que se espera – para ser um meio de produção, isso não seria possível sem transformá-lo em um bem. É por isso que, diante da aparente impressão de vivermos na Era mais racional já existente – em que até as subjetividades, produtos da razão instrumental, são produzidas em escala industrial – a busca pela simbiose entre humano e máquina se torna uma possibilidade; esse é o caso da inteligência artificial. É um sistema que simula a inteligência humana, indo muito além da capacidade de pensamento por dispor de um enorme banco de dados. Há quem acredite que a situação saiu tanto do controle que, hoje, a principal narrativa dos filmes de ficção científica tornou-se realidade: o medo da substituição. Ora, o maior objetivo do homem desde o início de sua existência foi arquitetar utensílios que lhe permitissem desfrutar do ócio; a chegada dos

avanços tecnológicos acabou por traçar um paradoxo: a promessa do nosso descanso tornou-se o motivo da nossa escravidão. E trata-se da perfeita definição de servidão: aquele que luta por sua escravidão imaginando lutar por sua liberdade – aderimos às tecnologias imaginando que elas servem a nós, e acabamos aprisionando nosso intelecto.

3.1 DILEMAS DA ERA DA INFORMAÇÃO

As subjetividades apontadas pelo pensador Foucault, cujos pressupostos fundamentam as técnicas de poder, são discutidas à luz da democracia e da tecnologia da informação na obra *Infocracia: Digitalização e a crise da democracia*, do filósofo contemporâneo Byung-Chul Han. O livro em questão explora o risco à democracia frente uma era do capitalismo da informação, que se faz presente na *Sociedade do Cansaço*. Vive-se um aumento exponencial da individualidade na sociedade e, no mundo virtual, as pessoas são cercadas pelo poder do algoritmo, tornando difícil o contato com opiniões divergentes. Nesse contexto, o autor, pessimista em relação ao futuro, assume que a bolha criada pela digitalização vende uma imagem utópica da realidade, desse modo, a verdade vai perdendo valor, virando poeira, porque a verdade dói, e a dor não vende bem.

O mundo moderno fez dos seres humanos acessórios; acessórios do tempo, da vida e da tecnologia. É inegável que a inclinação do homem da sociedade hodierna tem sido para a satisfação imediata, rápida e instantânea dos seus desejos, vive-se a plenitude da “idolatria à tecnologia”, pois essa alimenta a ganância humana. O dito imediatismo tem influência em todos os aspectos da vida, por exemplo, na construção de relações. Em contradição com o fluxo imediato, não se constrói uma amizade pesquisando-a no *Google*, superar um luto não é instantâneo, existem coisas que nunca vão ser “para já”, e em

uma sociedade imediata essas coisas perdem o valor, porque elas levam tempo e, afinal, pelo viés imediatista, o tempo livre é algo que deve ser evitado a todo custo.

Assim, a escassez do tempo o torna o maior luxo em uma sociedade de instantes. O sociólogo Zygmunt Bauman criou o termo *Sociedade Líquida* para se referir a superficialidade das relações e valores do mundo atual, que escorrem pelos dedos como água. Sendo assim, tudo é descartado facilmente: as pessoas, a fama, as convicções e as personalidades. Quando as relações deixam de ser sólidas e as interações não são mais tão prioritárias no mesmo espaço físico, o isolamento social torna-se uma tendência. Tem-se, então, uma sociedade isolada, mas conectada.

Mudanças abruptas não são raras na comunidade moderna, onde os ideais mudam rapidamente. Um exemplo da liquidez é a “cultura do cancelamento”: trata-se de um linchamento virtual contra uma pessoa que teve algum comportamento não tolerado pelo seu público. Aqui nota-se a liquidez da fama e da admiração. Apesar de ser uma forma de “justiça social” – uma maneira eficiente de calar comentários racistas, homofóbicos e machistas – tal comportamento é totalmente aberto à contradição, no caso de um comentário mal interpretado. Portanto, criou-se um tribunal da internet.

[...] é possível observar semelhanças entre o “cancelamento” e o termo “panóptico”, utilizado em 1785, pelo filósofo utilitarista e jurista inglês Jeremy Bentham, para fazer referência a uma prisão ideal. Nessa prisão idealizada, os prisioneiros ficariam instalados em celas separadas, sem nenhuma comunicação, enquanto apenas um único vigilante observaria todos os prisioneiros em um espaço no centro, sem que estes soubessem se estariam ou não sendo observados. Como consequência, os presos demonstrariam um bom comportamento, já que teriam a sensação de estarem sendo vigiados constantemente. (BESSA, 2021, s/p.)

O indivíduo contemporâneo – isolado, cansado e imerso em sua ficção de empreendedor – é vigiado em caráter permanente. O espaço virtual gera a ilusão de liberdade e democracia, quando, na verdade, as redes são um grande aglomerado de arquivos, que formam uma estrutura de anonimização e, simultaneamente, exposição. Os mecanismos que exemplificam a concretude dessa situação são os *metadados*²⁴. Caracterizam-se como informações adicionais que descrevem os dados que são armazenados ou transmitidos, ou seja, são dados que fornecem informações sobre outros dados. A conjuntura em questão também é prevista no livro *1984*, de George Orwell, que aborda temas como opressão, controle governamental e propaganda política; é uma crítica ao poder de manipulação e uma advertência sobre os perigos da vigilância excessiva. Resumidamente, a distopia apresenta como modelo de organização da sociedade repressiva em questão: o Ministério da Verdade (responsável pelas propagandas e por reescrever o passado; a Polícia do Pensamento (aqui a liberdade de expressão é tida como crime); o Grande Irmão (ditador que tudo vê); o Ministério do Amor (o amor e as interações são proibidos).

É possível traçar um paralelo atual, respectivamente: as *fake News* (manipulam informações assim como o Ministério da Verdade); os juízes online (papel da Polícia do Pensamento ao julgar se determinado comentário pode permanecer); a *internet* (meio pelo qual grande parte das interações acontecem); relações por trás das telas (mecanismo de isolamento social). Qualquer semelhança é mera coincidência. O risco à democracia no contexto virtual vem à tona

²⁴ Por exemplo, ao tirar uma foto, os metadados podem incluir informações sobre a câmera utilizada para tirar a foto, a data e a hora em que foi tirada, a localização geográfica e outros detalhes. Os metadados ajudam a garantir que os dados possam ser facilmente localizados, compartilhados e usados de maneira eficiente e precisa.

quando tal cultura torna-se antipolítica por excelência, pois não suporta conflito ou agonia, apenas consenso. Negar a existência do outro transparece o extremo cansaço de uma sociedade, que não tem mais a energia para argumentar. Se não concorda, cancela.

O documentário de 2020 *Dilema das Redes* retrata que o desempenho da *internet* – revestida de dados – só funciona a partir de um acessório: as pessoas. Somos os apetrechos fundamentais para o funcionamento das mídias. Expõe-se que o verdadeiro lucro da tecnologia é o tempo gasto pelos usuários, independente da exploração da vulnerabilidade da saúde psicológica, o produto das redes é a vida das pessoas. Uma síntese viável e sugestiva sobre a moral das mídias sociais foi expressa pelo designer do Google: Tristan Harris. Segundo ele, se você não está pagando pelo produto, então você é o produto. Nesse sentido, a sociedade contemporânea é indissociável da diluição completa do tempo, em todas as circunstâncias da vida: na atividade laboral, no lazer administrativo e na realidade paralela do mundo virtual.

A lógica da autoexploração, explicada no item anterior, intensifica o crescente individualismo nas relações sociais, de tal forma que não se precisa mais do outro para ser explorado, o “eu” basta. Aqui surge, novamente, a linha de raciocínio seguida pelo intelectual Byung-Chul Han no livro *Sociedade do Cansaço*, no qual ele caracteriza a sociedade atual pelo desaparecimento da alteridade – natureza do outro – e da estranheza. Tal descrição se comprova pelo fato de que as principais doenças do século XXI são neurológicas, como a depressão, transtorno de déficit de atenção com síndrome de hiperatividade (TDAH), transtorno de personalidade limítrofe (TPL) e a síndrome de *burnout* (SB).

Essas são doenças provocadas pelo excesso de positividade, isto é, o desequilíbrio hormonal causado pelo espaço virtual, que se manifesta com o excesso de estímulos, informações e impulsos.

Empregando uma metáfora, o autor usa o processo de imunização para explicar a violência do igual, essa pode ser exemplificada a partir do sistema de “sugestões” do *Instagram*: com base no que o consumidor costuma “curtir” e visitar dentro da plataforma, o algoritmo programa-se para entregar de volta as preferências deste que consome. O processo de vacinação funciona de tal forma que o organismo entra em contato com uma doença e é estimulado a produzir anticorpos, acionando uma defesa que imuniza essa pessoa contra a patologia em questão; atentando-se para o fato de que para imunizar é preciso entrar em contato com o negativo, no caso, a doença; a violência do igual não leva à formação de anticorpos, e sim ao esgotamento, a exaustão e ao sufocamento frente à demasia - sintomas que levam a doenças neurológicas. Não há imunológico na positividade, há rejeição; negação do outro; transformando a vida humana em uma grande massa de individualidade.

Nesse sentido, não é à toa que as telas (dispositivos de celular, televisão etc.) são mestres em manter a atenção das pessoas, a neurociência e a psicologia comportamental explicam esse fenômeno. A resposta do porquê é tão difícil largar as telas está em uma palavra: dopamina. Esse neurotransmissor (também conhecido como “hormônio da felicidade”) produzido pelo cérebro atua sobre o humor, o prazer, a motivação e a coordenação motora. Sua liberação ocorre sempre que um estímulo externo é interpretado pelo cérebro como algo prazeroso, podendo ser: realizar atividades físicas, comer chocolate e, não surpreendentemente, buscar gratificação nas redes sociais.

No documentário já citado *Dilema das Redes*, desenvolvedores de sites e redes sociais como *Facebook*, *Instagram*, *Pinterest* e *Gmail*, afirmam que projetaram o design desses produtos com base em estudos sobre psicologia comportamental. Através de esquemas de reforço, se determinada ação é classificada como “boa”, há um estímulo positivo para que o cérebro repita essa ação no futuro. Quando uma ação é classificada como “ruim”, acontece o contrário por meio de um estímulo negativo. Nas redes sociais, os reforços positivos são através das curtidas, comentários e atualização dos feeds. Assim, por meio de algarismos e coleta de dados, as redes passam a mostrar mais do conteúdo que estimula a liberação de dopamina no usuário, que acaba viciado em uma felicidade fácil, afinal, é muito mais cômodo obter satisfação apenas rolando a tela do que sair e praticar atividade física. As cargas exageradas de dopamina desequilibram o organismo e levam o cérebro a entender que não precisa mais produzir o neurotransmissor nas quantidades habituais. Com repetidas exposições a esses estímulos começa o processo da tolerância: o corpo passa a necessitar de doses maiores e mais frequentes para obter a mesma sensação das primeiras vezes.

A massificação do positivo, conforme já enunciada, gera uma sociedade cujo principal objetivo é garantir o fornecimento contínuo de dopamina. A negatividade, em contrapartida, é entendida como desconforto, monotonia, dor e tédio; isto é, tudo aquilo que é difícil de aturar e, portanto, é rejeitado. A metáfora imunológica usada não mais no campo biológico, mas no âmbito social conclui que, ao rejeitar a estranheza, o diferente e a ausência da dopamina, essa sociedade moderna molda-se emocional e psicologicamente para não lidar com o negativo. O desaparecimento da alteridade significa que se vive em uma época pobre de negatividade. A vida contemporânea nos priva de

sentir as emoções que nos tornam humanos, como a falta do elemento contemplativo e do ócio.

No livro “Vita contemplativa: Ou sobre inatividade”, Han investiga os benefícios do ócio e dos momentos contemplativos para enfrentar a crise contemporânea de auto exploração e desumanização. Ele afirma que:

Estamos perdendo nossa capacidade de não fazer nada. Nossa existência é completamente absorvida pela atividade e, portanto, totalmente explorada. Como só percebemos a vida em termos de desempenho, tendemos a interpretar a inatividade como um déficit, uma negação ou uma mera ausência de atividade quando, muito pelo contrário, é uma capacidade independente interessante. (BYUNG-CHUL HAN, 2023, p. 78)

O autor analisa a inatividade no contexto capitalista, e conclui que o “tempo livre” é, hoje, um derivado do trabalho. Assim, o tempo, de fato, livre, desaparece. As mídias sociais aceleram a desconstrução da comunidade, estimulando o consumo a todo momento, consumidores são solitários; o consumo desenfreado isola os seres humanos. Nesse contexto, no qual busca-se a máxima do desempenho, até o tempo torna-se mercadoria. No mundo moderno, tem-se a impressão de que os dias têm menos horas, e de que tudo passa mais rapidamente, mas uma hora é uma hora, um dia é um dia, desde sempre. A imposição de metas para potencializar a produtividade é o que proporciona a “aceleração” do ritmo da vida, tem-se fome de tempo.

A *superprodução*, o *superdesempenho*, a *supercomunicação* e o bombardeamento de informações fazem parte da Indústria Cultural. Ela exerce forte influência no conhecimento raso da população. Nesse sentido, em sua frase mais célebre: “só sei que nada sei”, Sócrates, um dos pensadores mais influentes da história, admite a própria ignorância e a transforma em vantagem; vantagem essa que o faz

chegar mais perto da verdadeira sabedoria, pois admitir que não se sabe nada já é mais sábio do que achar que se sabe alguma coisa.

Parece que enquanto o conhecimento técnico expande o horizonte da atividade e do pensamento humano, a autonomia do homem enquanto indivíduo, a sua capacidade de opor resistência ao crescente mecanismo de manipulação de massas, o seu poder de imaginação e o seu juízo independente sofreram aparentemente uma redução. O avanço dos recursos técnicos de informação se acompanha de um processo de desumanização. (HORKHEIMER, 2003, p. 9-10).

A atualidade está fundida com o imediatismo do conhecimento e, consequentemente, cada vez mais longe do saber autêntico. A realidade da hiper informação resulta na falsa ideia do saber, portanto, a arrogância. Usando a lógica de Sócrates, a humildade e a desconfiança são fundamentais quando as verdades vêm prontas e imediatas. O bombardeio constante de conteúdo informativo não representa nenhum progresso civilizatório, apenas retrocesso, e gera ignorância, por mais contraditório que pareça, o excesso da informação atiça uma atenção ampla, mas rasa; é a vida contemplativa que se faz ausente.

Han emprega o termo *SFI* (*Síndrome da Fadiga da Informação*), enfermidade psíquica causada pelo excesso de informação, para evidenciar que tal excesso prejudica a capacidade de reduzir as coisas ao essencial. O transtorno manifesta-se pela insônia ou sonolência excessiva, estresse, tensão, ansiedade, perda de memória, necessidade de estar sempre conectado às mídias digitais, dificuldade de concentração, sentimento de incapacidade e depressão. Falta a atenção profunda, o controle dos instintos limitativos e a resistência aos estímulos opressivos vindos da Indústria Cultural. Cria-se um ciclo de reação e absorção inquieta e hiperativa, recebe-se informações a todo o momento e a mente fica tão ativa que acaba por se tornar um

processo de hiper passividade, o cérebro recebe tanta informação que já nem a interpreta mais: assim é uma sociedade passiva no pensar.

Com isso, a Indústria Cultural pode ser utilizada para legitimar determinados interesses, como um instrumento de poder. Desde o início do século XX, o instrumento catalisador e principal disseminador dos ideais de produtividade, consumismo, empreendedorismo, narcisismo e positividade é a superindústria do imaginário, nela fluem tanto a sociedade tecnológica em sua mais imediata materialidade quanto a ideologia do “Eu soberano” e todo o radicalismo de seu autocentramento. Em contraponto com a razão subjetiva, ou razão instrumental de Max Horkheimer, tem-se a razão objetiva²⁵. Esse tipo de racionalidade está presente nas narrativas míticas, nas grandes religiões e nos sistemas metafísicos de Platão e Hegel. Na razão instrumental, também é traçada uma semelhança entre o que seria certo e o que seria errado – conceitos teoricamente universais – pois dentro desse paradoxo tudo é subjetivo, e dentro da lógica capitalista, aquilo que traz mais lucro que é tido como ideal.

Segundo Horkheimer, o mesmo momento histórico que forja o indivíduo e sua autonomia (momento quando se estabelece o capitalismo liberal e o surgimento do Iluminismo) prepara a sua dissolução. “A Revolução Industrial abriu espaço para uma máquina que “ejetou o piloto” (Horkheimer, 2015, p. 143). Ou seja, a sociedade atual não precisa de indivíduos autônomos e pensantes, mas de pessoas que possam exercer tarefas para as quais foram designadas, designadas para apertar botões, não importando se esses são para chamar um elevador, acionar o semáforo vermelho para os veículos ou disparar uma ogiva nuclear.

²⁵ Uma força não apenas na mente individual, mas também no mundo objetivo, nas relações entre seres humanos e entre classes sociais, em instituições sociais, na natureza e em suas manifestações. (Horkheimer, 2015, p. 12).

Aqui, a crise da razão se vê acompanhada pela crise do indivíduo. Algumas pessoas irão usar essa crise de valores como fonte de riqueza, e as redes como parte do processo produtivo. Essas pessoas são os *coaches*, cujo trabalho consiste em dar instruções para ajudar outros indivíduos. Esse cargo moderno é intrínseco ao anseio da sociedade moderna em obter respostas imediatas. Qual o sentido da vida? Talvez os *coaches* possam responder. Quais são os valores do capitalismo? Os livros de empreendedorismo e autoajuda devem saber, mas se a resposta demorar muito para ser respondida, vale perguntar ao *ChatGPT*.

4. CULTO À PRODUTIVIDADE: A LIMITAÇÃO DO INDIVÍDUO

Com isso em mente, somos, enquanto sociedade contemporânea e capitalista, fundada no princípio da flexibilidade - não de papéis sociais, como veremos a seguir, mas em relação ao modo que utilizamos nosso tempo. Movido pelo processo de uberização, como explicado anteriormente, o *animal laboran* torna-se chefe de si mesmo e, para tanto, sem freios, isto é, sem limites, utiliza-se da busca incessante de ser produtivo como mecanismo de sobrevivência. Tendo isso em mente, o trabalhador informal é subjugado a viver sem direitos trabalhistas, enquanto os de carteira assinada são reféns da empresa e do medo de perder seu emprego. Num primeiro plano, analisaremos aos do primeiro tipo: se o *motoboy*, por exemplo, quebrar a perna, logicamente, não terá como trabalhar; no entanto não há nenhum respaldo jurídico que o assegure financeiramente. Vivemos na era em que o individualismo chegou ao extremo e a lei do “cada um por si” reina; até mesmo um herói dos quadrinhos tem mais descanso que o trabalhador: “[...] diferente do super-herói, não é dado a ele (o trabalhador) a oportunidade de tirar seu uniforme – o sujeito deve estar pronto, a qualquer momento, para os desempenhos

excepcionais” (Facas e Ghizoni, 2018, p. 2). Dessa forma, a flexibilidade é puramente ilusória. Como que para sobreviver um cidadão médio poderá se dar ao luxo de trabalhar apenas alguns dias da semana? A ideia de “chefe de si mesmo” é, na verdade, do escravo de si mesmo.

Na *Sociedade do Cansaço*, o excesso de positividade, sintetizado pela máxima: “basta o esforço para alcançar o sucesso financeiro”, significa, na prática, a antiga ideia de “self made man”; que é endeusada através do discurso meritocrático do empreendedorismo. O termo empreendedorismo é bastante controverso, já que trabalhadores informais se entendem como empresários, mas os relatos cotidianos tendem a dizer o contrário. De acordo com Paulo “Galo” Lima, integrante do Entregadores Antifascistas, eles não fazem parte do mundo empresarial, mas sim do trabalhador comum e afirma ser ingenuidade pensar o contrário. Ademais, complementa que apesar do título de “empreendedor que faz seus horários”, o único aspecto que regula seus horários são, de fato, suas dívidas (LIMA, 2021)²⁶.

A mídia é usada como chave para criação de meios para estimular a produtividade, dando “glamour” às “novas profissões” - o princípio de um mundo excessivamente positivo, como explicado anteriormente. O mantra da economia atual é “pense positivo e busque soluções”; a crítica - fonte de negatividade - deve ser extinguida e dar lugar, assim, para a aceitação do novo pensar (BRINKMANN, 2022). Então, como visto, vivemos numa era em que estamos fragilizados emocionalmente, assim a *Positividade Tóxica* - isto é, ver o mundo apenas por uma perspectiva - vem sendo vendida como a solução para

²⁶ LIMA, Paulo “Galo”. Precarização e rebeldia na garupa de uma moto. Outras Palavras, 2021. Disponível em: <<https://outraspalavras.net/trabalhoeprecariado/precarizacao-rebeldia-na-garupa-de-uma-moto/>>. Acesso em: 12 ago. 2023.

todos os problemas contemporâneos: se ele não é taxado como tal, existe? Essa nova ideologia afirma que não e, raramente, quando aceita sua existência, basta pensar positivo e produzir.

Afinal, somos considerados livres para a produção e a mensagem do “tempo nos pertence” ou “temos todo o tempo do mundo” permanece; assim, os trabalhadores não podem parar. Ora pela ganância (narcisista), mas também pela ideia positivista linear de progresso que é transgredida para a vida do indivíduo, que gera metas para as faixas etárias que devem ser cumpridas. O ímpeto de sempre haver necessidade de progredir, somado aos valores atuais de trabalho, gera uma sociedade doente por metas. Os positivistas foram “seduzidos pelo progresso contínuo” das ciências em que o homem e o científico se combinam, tornando um só.

Comte - pai do positivismo - afirma que o nosso único direito é o de cumprir o dever, nesse contexto, o trabalho. Por essa lógica, somos levados a crer que a recompensa seja a felicidade - está presente num futuro. O esforço, sempre maior a cada dia - dada a concorrência globalizada, seria, então, o meio para alcançá-la. E o ciclo meritocrata continua: degradando os sujeitos sem pausas - justamente porque o princípio de trabalhar cada dia mais é dado pela linearidade imposta pela sociedade do desempenho de que é preciso sempre ser melhor do que ontem, e amanhã, melhor ainda. O tempo futuro, o desconhecido, é o único respiro - ainda que ilusório - que o trabalhador tem à espera de tempos melhores e, por isso, é onde mora sua “felicidade”. Contudo, a busca por ela, nessa óptica, significa ser cada vez mais produtivo; até porque, o sucesso (ser feliz) atrelado ao trabalho é tido como uma normalidade "Trabalhar incessantemente é o novo normal para quem quer ser visto no sistema neoliberal e fazer parte desse jogo. O tempo no neoliberalismo parece se tornar cada vez

mais ininterrupto, em que não há mais limites no tempo e espaço” (GARCIA, 2021, p.231).

Por isso, para que seja possível se manter nesse jogo, a sociedade sem freios acha uma solução que também é o motivo de seu cansaço: a multitarefa. Han, chama isso de retrocesso animalesco, que fragmenta a atenção, pois é através do número exorbitante de estímulos e informações, que o homem modifica seu foco para superficial, como estratégia para “acompanhar tudo”. A qualidade da atenção é transformada em quantidade. O sujeito contemporâneo é exigido socialmente para estar atento não só ao seu meio, mas também a sua produtividade. Assim, vive-se em alerta: como um animal que ao se alimentar, precisa cuidar de seu entorno para não ser atacado. Esse estado gera, além do cansaço, estresse que corta o efeito criativo do tédio.

Ademais, ser mantido dentro da competitividade doentia é crucial para o sucesso e a busca da felicidade. Isso gera nos indivíduos a necessidade de performar a perfeição, que é assegurada pelo medo de fracassar. O capitalismo coloca os indivíduos no patamar de máquinas - estas que só trabalham em módulo: que não erram, nem pensam negativo.

O capitalismo implanta a ideologia da perfeição, e a busca incessante por ela abrange também as relações humanas, ocasionando uma verdadeira corrida rumo ao vazio, afinal, nada é construído quando se busca aquilo que não existe. Com isso, os defeitos são intoleráveis, os obstáculos insuportáveis, a solidez ameaça à liberdade de movimento e a durabilidade às novas possibilidades (RIVAS e SILVA, 2017, p. 11).

A perfeição descrita pelas autoras do excerto, dentro do mundo do trabalho, está diretamente associada ao medo. No culto ao desempenho, a associação é justificada pelo significado de fracasso.

Fracassar seria, então, perder o emprego - caso trabalhe em uma empresa - ou perder o rendimento - para os autônomos como visto anteriormente. Vejamos o caso daqueles com carteira assinada: a empresa, esta está entre a sociedade disciplinar de Foucault e a de desempenho de Han - mantém o sujeito aos moldes disciplinado, mas também faz culto ao desempenho.

Surge então, os *workaholics* - viciados em trabalho - que são extremamente valorizados e estimulados, já que são pessoas que se dissociam do resto de suas vidas e focam apenas na esfera do trabalho. Vivemos numa fábrica de pessoas viciadas, principalmente pelo medo de perder o emprego - o maior significado de fracasso no capitalismo -, pois, assim, não farão mais parte do jogo nem terão como sobreviver. Somos refém do dinheiro para manutenção da vida e, por isso, o sofrimento da instabilidade laboral, abre a porta para os transtornos psíquicos.

A angústia é sentida tanto dentro quanto fora dessa organização repressiva: o maior medo do trabalhador é perder seu emprego e ficar à margem, e o do desempregado é de não conseguir um. Há também a justificativa da sociedade narcisista que, na contemporaneidade, idealiza a função social do trabalho como status. "O medo torna-se um poderoso instrumento de manipulação" (Castelhano, 2005, p.3). As empresas canalizam essa angústia para aumentar a dependência empregado-empresa, silenciando sua dor. Assim, o sujeito fecha os olhos e volta a produzir na esperança do futuro, mas também, com medo dele.

Por isso, performa a perfeição, ou ao menos tenta - para se manter dentro do mundo do trabalho. O sentimento de medo acoplado à vergonha - em caso de demissão - materializa-se num aumento da produtividade. A excelência é o esperado, afirma Castelhano: "o trabalhador precisa ser rápido, porque o tempo do dinheiro. É rápido;

bondoso e cooperativo com os outros, reprimindo qualquer atitude de hostilidade" (2005, p. 4). Assim, esse sentimento aniquila qualquer presença de carga negativa na sociedade e permite que a aceitação passiva do "pense positivo e busque soluções" continue; assim, toda e qualquer atividade sindical para uma melhoria na qualidade de vida é enfraquecida. Então, o cansaço laboral acontece no esforço excessivo para se manter no padrão estipulado pela organização disciplinar e pelo desenvolvimento que propaga a ideia de:

[...] pessoas perfeitas, aplicando e propagando a ideia de aparência e de mercadoria em que só devem se sujeitar às relações à altura dessa perfeição, que diminuam a ansiedade de um ritmo de vida absurdo e que se renovem constantemente sob pena de se tornar menos interessante do que a variedade de possibilidades do que ainda não se conhece e que se promete maior benefício. (RIVAS e SILVA, 2017, p.18).

Consequentemente, com base no que foi dito, é perceptível que vivemos através de um mundo de metas, centralizado em entregas, negando a vida como processo. O foco do modelo econômico capitalista não é o "processo" ou a expressão do período literário do Arcadismo "carpe diem" - viver o momento- que não é permitido. A vida dos sujeitos é destinada apenas aos resultados da entrega, das metas; se considerar que a vida é um processo, a sociedade do desempenho irá se contradizer e aceitar erros - conforme visto, não são toleráveis. O computador em módulo - sem algoritmos negativos, sinal de retrocesso - que é o *homem laboran*, deve aprender a fazer tudo sem errar. Os objetivos cumpridos são a materialização do trabalho feito.

Em contraponto, em tom poético, a escritora Julia Tolezano (2016), afirma que a sociedade contemporânea é segmentada em três estados: "ser", "sou" e "fui". O 'ser' é o futuro que é onde reside nossos sonhos; o segundo, as lamúrias de negar o processo e se ater ao

resultado de determinada prova, meta ou trabalho; e o último é o fim da nossa existência em que nada mais importa. Isto é, uma vida limitada por metas. O homem contemporâneo sente apenas segundos de alívio, momento quando finaliza a tarefa, mas logo em seguida já há outra em suas mãos. A pilha de trabalho só vai se acumulando. Tendo isso em mente, ele está extremamente preocupado em não cometer erros - pois isso irá "atrasá-lo" - negando a jornada de aprendizado que poderia percorrer caso cometesse um equívoco. Assim, no culto ao desempenho, nosso valor só é dado pelos resultados e isso, infelizmente, limita nossa existência, gerando o cansaço - já que é preciso performar a perfeição.

No entanto, se determinado indivíduo anulasse a premissa de metas, a sociedade o chamaria de desocupado ou "preguiçoso", como já é feito com a população mais pobre - principalmente, os mais vulneráveis socialmente. O discurso discriminatório desse grupo social é dado pela moral do desempenho que rege a contemporaneidade. O conceito de útil torna-se equivalente a "ter um trabalho". Assim, se tal classe não tem, vivem na angústia de não o possuírem e permanecem ligados a adjetivos pejorativos associados à inoperância frente ao capital. Ao indivíduo marginalizado reputam o status social inferior, o cidadão de segunda classe. Isso, infelizmente, ocorre pois não é objetivo do sistema extinguir a pobreza.

Desse modo, dentro da lógica de consumo e produção, quem não é funcional é relegado à pobreza. Assim, o sujeito inserido nesse contexto não tem outra opção a não ser escolher pela máxima produtividade, almejando a perfeição até seu esgotamento. A mendicância, vem a ser, nesse contexto, um reflexo do que aconteceria caso o indivíduo decidisse flexibilizar suas metas. Ou seja, está fadado a ser uma espécie de escravo de si mesmo ou de alguma empresa para não ser excluído.

Observando esse cenário, pensa-se em como o homem vem “robotizando” seu comportamento - como Christoph Türcke (2010) cita em “Repetição Maquinal” - para se encaixarem melhor em uma rede produtiva. Ou seja, o ser humano, cada vez mais, tenta adequar-se a uma forma considerada “perfeita” e mais profissional possível, para assim terem chance de uma maior visibilidade e maior salário.

Porém, essa maneira como a sociedade atual organizou o viver, tornou o tempo de sociabilidade escasso, devido a alta exigência de especialização - estudos e cursos focados no trabalho, e da elevada carga laboral – não há espaço para relaxar e descansar. Essa é a dita “Sociedade do Cansaço”, aquela do sujeito cada vez mais depressivo, esgotado e cansado de si mesmo e de tentar continuar lutando. Sujeito este incapacitado de sair e confiar no outro ou no mundo, fato que o acaba levando à autoerosão e ao esvaziamento.

Em face do cenário atual, muitas dessas pessoas acabam vivendo um episódio chamado de *burnout*, nome dado para ‘perder o fogo, perder a energia’. É uma síndrome em que o trabalhador perde o sentido de sua relação com o trabalho, acreditando que as coisas não importam mais e que se esforçar é inútil, causando depressão, e em alguns casos, atitudes extremadas de autoflagelo. Maslach e Jackson (1981) definem *burnout* como uma reação à tensão emocional crônica gerada a partir do contato direto e excessivo com outros seres humanos, particularmente quando estes estão com um elevado nível de preocupação ou com problemas pontuais. Essa síndrome é entendida como um conceito multidimensional com três componentes: exaustão emocional, despersonalização e falta de envolvimento pessoal no trabalho.

Ademais, esses indivíduos vêm sendo “treinados” desde crianças a se tornarem objetos de um grande sistema de acumulação de capital, através do seu trabalho. Para serem bem-sucedidos e “melhores” que

os outros concorrentes, essas crianças vêm sendo preparadas através de cursos especializados, aulas de idiomas e atividades extracurriculares, para, assim, já terem uma maior chance de inserção em faculdades requisitadas e, consequentemente, em empregos melhor remunerados e com maior visibilidade.

A infância vem sendo cada vez mais abreviada pela centralidade de um princípio de desempenho condizente com um modelo de sociedade baseada na obtenção máxima do lucro. Sucessivas gerações naturalizaram a pressão sobre o rendimento da mesma forma que abriram mão do processo de amadurecimento social saudável. O futuro adulto imaturo, despreparado para a vida, mas não para o trabalho tende a sofrer rotineiramente de sintomas como ansiedade, depressão e, porque não dizer, *burnout*. Essa forma de vivenciar a infância, não permite aflorar nenhum lado criativo, já que na maioria dos empregos, essa não é uma característica visada.

Visto isso, os *coaches* estão cada vez mais presentes na *internet* por meio de *podcasts* ou entrevistas, já que muitas pessoas sem uma experiência real e crítica sobre a vida, desesperadas pela busca da felicidade e do autoconhecimento, procuram ajuda motivacional nesses gurus dos padrões pré-estabelecidos. Desta maneira, vive-se em uma sociedade onde a felicidade é um objeto a ser consumido, algo a ser conquistado de forma permanente; ser feliz é um mérito e quem não consegue alcançar, não se esforçou o suficiente. Autores como, Edgar Cabanas e Eva Illouz, em sua obra *HappyCracia* (2022), analisaram essa apologia à felicidade tão presente atualmente. A principal crítica do livro é em relação à psicologia positiva e aos “gurus” de autoajuda da *internet*, refletindo a forma como lidamos com a felicidade e com a falta dela. Essa linha de raciocínio dos “gurus da felicidade” está mais interessada em lucrar do que auxiliar de uma forma especializada,

transmitindo para as pessoas que sua felicidade ou infelicidade está relacionada à sua vontade.

É neste contexto que a violência neuronal só é percebida no cansaço ou quando o indivíduo já está depressivo - fato que o torna impossibilitado de fazer parte do culto ao desempenho e à produção. A precarização do trabalho e da qualidade de vida do trabalhador informal é consequência da ausência de maiores questionamentos sobre a realidade vivida e da passividade moral coletiva. Nem mesmo algum "Sócrates moderno" e sua *Maiêutica*²⁷ parecem capazes de tirar a sociedade dessa passividade patológica. Na verdade, mesmo se existisse, ele perceberia que o homem moderno está cada vez mais distante de atingir o conhecimento pleno, já que está desnorteado por preocupações superficiais e caprichos materiais - princípios que são base da sociedade de consumo. É preciso a atenção profunda que o homem multitarefa não é capaz de ter. Além disso, o *animal laborans* encontra outro obstáculo para atingir o foco de Sócrates: seu narcisismo e sua inaptidão em admitir que não têm tal conhecimento sobre qualquer assunto.

No entanto, é necessário colocar um terceiro fator para o cálculo da cegueira dos limites do trabalho: grande parte da população está cansada, isso para não dizer exausta. A sociedade do desempenho exige de seus cidadãos aceitar a competitividade em um mundo globalizado e levá-los a produção sem limites: "em nenhuma outra época os ativos, isto é, os inquietos, valeram tanto" (NIETZSCHE apud HAN, 2015, p.42). Como visto anteriormente, quando foi mencionado o conceito de sociedade do desempenho, foi usada a analogia da roda

²⁷ Técnica utilizada pelo filósofo para a construção do conhecimento verdadeiro, através do diálogo.

do hamster na qual o sujeito, dono de si, movimenta a roda compulsivamente. Quanto mais ele gira - produz -, mais rápido ele terá que correr para acompanhar o próprio ritmo, estabelecido por sua versão passada. Pois bem, logicamente, o animal cansa e tem a opção de parar; contudo, o ser humano, não. O sistema não permite. Porém, o cansaço funciona aos moldes de uma bola de neve que será acumulado ao longo da vida do sujeito.

É fato que o nosso modelo econômico atual dificulta, segundo a visão socrática, de alcançar o conhecimento verdadeiro - tanto pela visão imediatista sobre a realidade quanto pela futilidade e pelo espectro narcisista que não permite admitir a própria ignorância. Assim, sem assumi-la, não há como identificá-la. Eis a sociedade da ignorância. Porém, o empecilho mais gritante é, de fato, o cansaço e a falta de tempo. Estamos ocupados demais contribuindo ao culto do desempenho.

Não há como mudarmos a visão acerca do entorno se toda energia dos sujeitos é encanada na produção. O cansaço - o último aspecto da negatividade no mundo pós-imunológico - habilita o homem para o “não fazer” (Han, 2010). Contudo, o culto ao positivo faz o sujeito ter culpa do descanso, de parar. Na época da hiperatividade, o sono é visto com teor negativo, equiparado a um “roubo do tempo”. Dessa forma, o indivíduo é impossibilitado de fazer pausas no cotidiano e, quando as realiza, o sentimento de culpa logo vem à tona. O próprio excesso de positividade tenta achar uma solução (produtiva) para o impasse: o trabalhador, mesmo não estando mais no trabalho, deve produzir - ter “hobbies”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No transcorrer da narrativa desse artigo é possível perceber um ser humano fragmentado, devidamente conectado às tendências de autoexploração, sendo estas necessárias para a manutenção do *status quo*. Isso se deve ao fato de vivermos num mundo centrado na adequação social de cumprir metas e trabalhar incansavelmente. A lógica industrial incutida no sujeito leva a crer integralmente no discurso meritocrático de que com esforço, todos chegam ao sucesso econômico almejado. Além disso, é importante ressaltar que falas como “trabalhe, enquanto os outros dormem!”, só são possíveis pela releitura do *self made man* - chamado hodiernamente de empreendedorismo. O homem é estimulado a ser “dono de si mesmo” e fazer seus próprios horários. Consequentemente, seu tempo social resume-se ao trabalho - eis, então, a consolidação do *animal laboran*.

Um dos elementos que ajudam na compreensão desse fenômeno social é a Indústria Cultural, que tem como função criar o imaginário social que mantém a alma empreendedora viva. Essa simplificação serve para a manutenção das mazelas do Estado mínimo que vai contra políticas públicas trabalhistas; afinal, o trabalhador é capaz de gerar sua própria riqueza. Essa premissa de massificação do novo discurso laboral, foi organizada no contexto da *Sociedade sem pai* de Freud, cuja característica principal é a ausência de um elemento limitador. Pela lógica, cada pessoa representa seu próprio limite, portanto quem realmente desejar ter sucesso, terá. O marketing e a propaganda legitimam a falsa esperança de que apenas o mérito é suficiente para atingir a felicidade.

Dessa maneira, o trabalhador “dono de si” encontra-se num dilema entre ser um membro ativo do empreendedorismo, adepto do estilo de vida meritocrático, ou preservar-se em nome de uma vida mais humanizada. Caso opte pela segunda opção, é importante

ressaltar a constante repressão sistemática que será sofrida pelo sujeito em questão. No entanto, se continuar aos moldes da “lógica industrial”, para se manter no “jogo”, faz-se necessário o uso de estimulantes, como cafeína, remédios para aumentar o foco, dentre outros, com vistas a remediar o cansaço e retardar, numa tentativa falha, os sintomas do *burnout* - que, infelizmente, todos estão sujeitos a experienciar.

Byung-Chul Han considera que a verdadeira felicidade se deve ao que é vão e inútil, ao improutivo, ao fazer “para nada”. Em uma sociedade em que o tempo é escasso, a inatividade é um luxo. É a fórmula essencial da felicidade. A prova da negação da inatividade é o fato de termos estendido a pressão por desempenho até o sono, pois esse seria uma “perda de tempo”. O autor, ainda, afirma que o crescente imediatismo e a atual incapacidade do tédio também são produtos da falta da inatividade. O intelectual alemão Walter Benjamin define o tédio como o “limiar de grandes feitos”, isto é, o que nos torna capazes de produzir algo que ainda não existia. Por causa da “falta de tempo”, as pessoas acabam não criando suas versões de felicidade. Todos os temas abordados no artigo em questão levam ao esgotamento do homem.

A exaustão sentida pelo homem contemporâneo devido aos seus afazeres e de sua demanda, faz com que tendências individualistas aumentem. É como se ele fosse, de fato, uma máquina: sem empatia, sem coletividade, sem sentidos, nem pensamento próprio. Tornou-se mais difícil do que nunca adquirir o verdadeiro conhecimento em meio a esse bombardeamento de informações e estímulos que fragmentam a atenção, já que o estado de alerta é constante. É uma situação paradoxal: ao mesmo tempo que o indivíduo está cada vez mais conectado, está, na verdade, isolando-se na mesma medida. O tipo de

sobrevivência que o ser humano dispõe atualmente leva a reflexão sobre a verdadeira identidade de nossa espécie.

Questiona-se, portanto, o verdadeiro significado de ser humano. Não mais um ser produtivo, pois está cansado demais; não mais um ser fiel aos instintos, pois tenta, a todo custo, banir a dor e o tédio; não mais um ser criativo, pois as subjetividades são, agora, padronizadas e produzidas em grande escala. Sugerimos, então, uma nova definição de ser humano: ser isolado, conectado e cansado.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Airan Milititsky et al. **Filosofia Contemporânea III**. Vol. IV. Editora Fundação Fênix, 2022.
- ALBORNOZ, Suzana. **O Que é Trabalho**. Editora Brasiliense. 1994.
- ALVES, Neto, R. R. **Tecnologia, política e modernidade**. Cadernos De Ética E Filosofia Política, 2016.
- ARAÚJO, L.G. **A indiferença epistêmica e suas manifestações: desafios para o ensinar na sociedade da ignorância**. Educação - UFRGS, Porto Alegre, 2022.
- ASSIS, Fran. **Imediatismo perigoso**. A Gazeta do Acre, junho de 2013.
- ATUNES, André. **Indústria Cultural**. EPSJV/Fiocruz, 2011.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BENJAMIN, Walter. **Baudelaire e a modernidade**. Edição e tradução de João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- BESSA, Liz. **Cultura do cancelamento: o que é?** Politize, 2021. Disponível em: < <https://www.politize.com.br/cultura-do-cancelamento/>>. Acesso em: 12 jun. 2023.
- BRINKMANN, Svend. **Positividade Tóxica: Como resistir à sociedade do otimismo compulsivo**. Tradução Alessandra Bonruquer. 1 Ed. Rio de Janeiro: BestSeller, 2022.

BRIGOLINI, Vinícius. A crise de 1929: o ciclo econômico do American Way of Life, **Estratégia Militares**, 10, março, 2023. Disponível em: <https://militares.estategia.com/portal/materias-e-dicas/historia/a-crise-de-1929-o-ciclo-economico-do-american-way-of-life/>. Acesso em: 26, abril, 2023.

BUCCI, Eugênio. **A Superindústria do imaginário: Como o capital transformou o olhar em trabalho e se apropriou de tudo que é visível**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

CABANAS, Edgar; ILLOUZ, Eva. **Happyocracy**. Colombia: Editora Planeta Colombiana, 2022.

CABRAL, Guilherme. **Um pai na Democracia**, Educação UOL, 2015. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/colunas/guilherme-cabral/2015/08/31/um-pai-na-democracia-a-sociedade-sem-pai.amp.htm>>. Acesso em: 12 ago. 2023.

CASTELHANO, L.M. **O medo do desemprego e a(s) nova(s) organizações de trabalho**. Psicologia & Sociedade, n.17, p. 17-28, 2005.

CEOLIN, Bruna et al. **População em situação de rua: estudo da realidade vivida**. Caderno Humanidades em Perspectivas, v. 4, n. 8, p. 118-126, 2020.

CIAVATTA, Maria. **Trabalho Como Princípio Educativo**. Dicionário de Educação Profissional em Saúde. 2009. Disponível em: <https://www.epsjv.fiocruz.br/upload/d/trab_princ_educativo.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2023.

CORBANEZI, Elton. **Resenha – Sociedade do Cansaço**, de Byung-Chul Han. Revista Tempo Social, USP, 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ts/a/6vbqVgYtLDWCCSvszXZVVp/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 24 mai. 2023.

DANNER, F. **O Sentido da Biopolítica em Michel Foucault**. Revista Estudos Filosóficos UFSJ, 2010. Disponível em: <<https://www.seer.ufsj.edu.br/estudosfilosoficos/article/view/2357/163>>. Acesso em: 12 jul. 2023.

DILEMA das redes. Direção: Jeff Orlowski. Produção: Larissa Rhodes. Agent Pictures: EUA, 2020. Plataforma Netflix. (89 min.)

DONIZETTI, Paulo. **Como o neoliberalismo transformou as políticas de emprego na Europa.** Rede Brasil Atual, 2007. Disponível em:<<https://www.redebrasilatual.com.br/blogs/blog-na-rede/neoliberalismo-emprego-europa/>>. Acesso em: 11 ago. 2023.

FACAS, Emílio Peres; GHIZONI, Liliam Deisy. **As falácia do culto ao desempenho no mundo do trabalho.** Trabalho (En)Cena. 2018. Disponível em: <<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/encena/article/view/5496>>. Acesso em: 08 ago. 2023.

FERRAZ, Fernando Gigante. **Comentário à “Propedêutica do conceito de democracia”: immunitas: a pele, a nova fronteira.** 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0101-3173.2021.v44n3.19.p245>>. Acesso em: 3 ago. 2023.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão.** Petrópolis: Vozes, 1987.

GARCIA, Adrienne. **The clock is ticking: reflexões sobre o ambiente 24/7 e o mito do self-made man.** Revista Brasileira de Estudos Organizacionais, UFS. 2021. Disponível em: <https://rbeo.emnuvens.com.br/rbeo/article/view/381/pdf_1>. Acesso em: 12 jun. 2023.

GIAROLA, Shênia Souza. **O animal laborans como condição para o surgimento do totalitarismo segundo Hannah Arendt.** UFMG, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUOS-B2XLUX/1/dissertacao_final_shenia2018__1_.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2023.

HADDAD, Fernando. **A superindústria do imaginário.** A terra é redonda, Belo Horizonte, 2021. Disponível em:<<https://aterraeredonda.com.br/a-superindustria-do-imaginario-2/>>. Acesso em: 13 ago. 2023.

HAN, Byung-Chul. **Vita Contemplativa: Ou sobre inatividade.** Trad. Lucas Machado. Petrópolis, RJ: Vozes, 2023.

HAN, Byung-Chul. **Infocracia: Digitalização e a crise da democracia.** Trad. Gabriel S. Philipson. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço.** Trad. Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

KEHL, Maria Rita. **O espetáculo como meio de subjetivação**, Concinnitas, v.1, n.26, p. 71-85, 2015.

LASCH, Christopher. **A cultura do Narcisismo: a vida americana em uma era de expectativas decrescentes**. Trad. Bruno Cobalchini Mattos. 9, março, 2023.

LEITE, Gisele. **Baudrillard e mundo contemporâneo**. Jornal Jurid, 8, novembro, 2021.

LEITER, Brian. **Quem é o 'indivíduo soberano'? Nietzsche sobre a liberdade**, Estudos Nietzsche, Espírito Santo, v.10, n.1, p. 69-90, jan./jun. 2019.

Maslach, Cristina & Jackson, Susan E. **The measurement of experienced Burnout**. California, 1981. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/227634716_The_Measurement_of_Experienced_Burnout>. Acesso em: 23 ago. 2023.

NONATO, Raimundo. **Revolução informacional, novas tecnologias e consumo imediatista**. 2012. 14. Psicologia & Sociedade, n.17, p. 17-28, 2005.

ORWELL, George. **1984**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

RIVAS, Érika Petersen; SILVA, Priscila de Lima. **O impacto do capitalismo nas relações interpessoais da contemporaneidade: uma perspectiva da psicologia analítica**. Psicologia. 2017. Disponível em: <<https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1110.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2023.

SALCEDO, Bernardo. **Como redes sociais hackeiam sua mente**. Revista Arco (UFSM), fevereiro, 2021. Disponível em: <<https://www.ufsm.br/midias/arco/como-redes-sociais-hackeiam-sua-mente>>. Acesso em: 10 jul. 2023.

SILVA, Rafael. HORKHEIMER, Max. **Eclipse da razão**. SciELO, São Paulo, 8, abril, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0101-3173.2019.v42n1.12.p245>>. Acesso em: 3 ago. 2023.

SINGER, Paul. **Trabalho Produtivo e Excedente**. Revista de Economia Política, v.1, n.1, p 101-131, 1981.

SOUZA, Paulo Donizetti. **Como o neoliberalismo transformou as políticas de emprego na Europa**. RBA. 2021. Disponível em: <<https://www.redebrasilitual.com.br/blogs/blog-na-rede/neoliberalismo-emprego-europa/>>. Acesso em: 23 mai. 2023.

TALAVERAS, Rafael. **Razão objetiva e razão subjetiva: ascensão e declínio da razão.** Revista Multidisciplinar da UNIESP, 2009. Disponível em: <https://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20180403123712.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2023.

TOLEZANO, Julia. **Tá todo mundo mal: o livro das crises.** São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

TÜRCKE, Christoph. **Sociedade Excitada: Filosofia da sensação.** Campinas: Ed. UNICAMP, 2010.

O CINEMA COMO AGENTE ESCULTOR DA SOCIEDADE E SEU REFLEXO SOBRE ESTIGMAS TOCANTES À IDENTIDADE RACIAL, À IMAGEM CORPORAL E ÀS QUESTÕES DE GÊNERO

Catarine Oliveira Adam
Graziela Bruny Ferrari
Mirela Bruny Ferrari

"Precisamos educar o mundo para compreender a diferença entre produções audiovisuais que envolvem sua humanidade e inteligência, e produções cujo propósito é vender algo" (MARTIN SCORSESE).

RESUMO: Sendo o cinema uma indústria do imaginário capaz de dar visibilidade aos mecanismos de reprodução social, da mesma forma que estigmatizar pessoas ou grupos através de preconceitos, é de fundamental importância compreender tal fenômeno pelos referenciais da Era moderna. Sob essa ótica, este trabalho almeja comprovar o papel da sétima arte como difusora de convicções sociais. Inicialmente, explora-se a cronologia do cinema, dividindo-a em quatro fases gerais; na sequência é realizada uma breve reflexão teórica acerca do preconceito e o respectivo processo de estigmatização social; por fim, relacionam-se os conceitos à abordagem cinematográfica considerando os estereótipos mais comuns de raça, gênero e estética corporal. A presente análise aborda três sucessos de bilheteria internacionais — “História Cruzadas” (2011), “O Amor é Cego” (2001) e “O Lobo de Wall Street” (2013) — que se referem, respectivamente, a rótulos envolvendo identidade de raça, imagem corporal e questões de gênero.

PALAVRAS-CHAVE: cinema, estigmas, raça, corpo, gênero.

ABSTRACT: With cinema being an industry of imagination capable of giving visibility to the various mechanisms of social reproduction, whilst also stigmatizing certain groups through the establishment of prejudices, it becomes of fundamental importance to comprehend said phenomenon by the references of the modern Era. From this perspective, the present article aspires to bring light to the role of the seventh art as a diffuser of social convictions. Initially, we explore the chronology of the film industry, dividing it in four general phases; then, a brief theoretical reflection about prejudice and its respective process of social stigmatization is made; and finally, the concepts studied are related to their cinematographic approach, considering the most universal stereotypes regarding race, gender and body aesthetics. The present analysis acknowledges three international blockbusters – “The Help” (2011), “Shallow Hal” (2001) and “The Wolf of Wall Street” (2013) – which concern, respectively, to labels involving racial identity, body image and gender issues.

KEYWORDS: film industry, stigmas, race, body, gender.

1. INTRODUÇÃO

Desde seus primórdios, o cinema configura-se, essencialmente, como uma arte de massas (LIPOVETSKY, 2009). Sua criação deve-se, dentre diversos outros motivos evolutivo-tecnológicos, à formação de uma indústria cultural, produtora de imagens estereotipadas de fácil compreensão, responsáveis pelo rumo passivo que a sociedade tomou em sua era hodierna. Isso implica, substancialmente, compreender a sétima arte, mais como um produto comercial do que uma arte propriamente dita (ADORNO; HORKHEIMER, 2002), difundida ao ponto de se tornar parte basilar do cotidiano humano. Similarmente, a ideia da existência de uma hiper-realidade, assim denominada pelo filósofo e sociólogo francês Jean Baudrillard (APUD HARRISON; WOOD, 1992) e defendida, embora indiretamente, pelo filósofo e cineasta também francês Guy Debord (1970), faz-se presente como estímulo ao entendimento do cinema como ferramenta não apenas de réplica extensiva, como também de imposição e ditado social.

À luz disso, afirma-se que, na era tecnológica contemporânea, os símbolos que são de fácil compreensão e reconhecimento tendem a ofuscar e, fundamentalmente, substituir a concretude daquilo que representam, tornando-se, com o tempo, mais reais do que a própria realidade (BAUDRILLARD APUD HARRISON; WOOD, 1992). Adicionalmente, quando o mundo factual se converte, intencionalmente ou não, em meros símbolos — descritos por Debord como “imagens” —, tais símbolos passam a exprimir valor hipnótico e desagregador; a realidade, ao ser definida não por si mesma, mas por elementos figurativos, apresenta-se como intangível em sua forma crua (Debord, 1970). Em outras palavras, ao ser mais observada por imitações de si mesmo que examinada fidedignamente, a vida assenta-se como inalcançável à sociedade industrial moderna.

No contexto cinematográfico, é possível destacar como exemplo simples dessa tese a obra audiovisual de 1997, “Titanic”: o sucesso de bilheteria que se tornou um clássico atemporal, ao inspirar-se em um evento real famoso e socialmente traumático para mostrar à audiência um romance fictício, distante da realidade dos fatos. Representa um elo entre aqueles que não presenciaram o ocorrido e o fato em si. Há, inevitavelmente, um certo distanciamento perante a realidade do famoso naufrágio, especialmente no que diz respeito às gerações atuais, as quais não foram afetadas diretamente pelo acontecimento. O filme “Titanic”, na condição de versão simulada da realidade, aproxima o público do episódio, de forma a tornar-se mais palpável e concreto, coletivamente, do que a real tragédia na qual se inspira.

O mesmo ocorre com diversos outros longas-metragens inspirados no passado real, como “A Lista de Schindler” (1993), que conecta os espectadores ao Holocausto, “O Gladiador” (2000), que ilustra a vida na antiguidade romana, e “Maria Antonieta (2006), que expõe o cotidiano da nobreza às vésperas da Revolução Francesa. Isso se repete, também, com a representação de grupos minoritários — a qual, historicamente, é feita em torno de rótulos errôneos e prejudiciais. Tomando-se a obra da sétima arte “Velozes & Furiosos 5: Operação Rio” (2011) como referência para essa afirmação, comprehende-se que, ao representar o território brasileiro como um ambiente propenso a crimes de corrupção e estampar a potência sul-americana como um santuário para procurados criminosos norte-americanos que planejam fugir de um sistema coercivo propriamente funcional e, sobretudo, produtivo (MINASSE *et al*, 2021) a narrativa materializa o país, para aqueles que nunca o visitaram, como um berço para a ilegalidade e um aglomerado desproporcional de desigualdades irreversíveis.

Desse modo, num contexto contemporâneo, a análise do cinema como um reproduutor quantitativo de convicções sociais faz-se necessária para a compreensão do mundo como é atualmente.

Objetiva-se, portanto, neste artigo, a investigação da indústria audiovisual como propagadora e fixadora de rótulos, principalmente aqueles alusivos às questões de identidade racial, imagem corporal e identidade de gênero. Logo, realizam-se ensaios sobre três filmes pertinentes aos temas abordados, escolhidos, principalmente, por sua fama, abrangência de público e grande bilheteria internacional; são eles, respectivamente: "Histórias Cruzadas" (2011), "O Amor é Cego" (2001) e "O Lobo de Wall Street" (2013).

2. CINEMA

O cinema surgiu ainda no século XIX, em 1895, com o primeiro filme criado pelos irmãos Lumière, "Sortie de L'usine Lumière à Lyon" (com o enredo de empregados deixando a Fábrica Lumière). Esse feito foi possível em razão das diversas transformações sociais, econômicas, culturais e principalmente tecnológicas que ocorreram durante a Segunda Revolução Industrial — processo que teve seu início em meados do século XIX. Foi a partir dela que os meios de comunicação em massa — respectivamente o jornal, o cinema e o rádio — ajudaram a opinião pública a ganhar espaço. A sétima arte emerge, então, como meio de utilizar e explorar as novas tecnologias da época, unindo-as com o fascínio pelo espetáculo.

O cinema, como uma obra da indústria cultural – a qual produz, comercializa, vende e distribui bens referentes à cultura –, é uma arte de massas, que, além de aspirar ao entretenimento, visa também alguma forma de lucro. Tal tipo de arte tem como características principais o meio que as produz e sua reprodução para um público geral. Lipovetsky e Serroy (2009), respectivamente filósofo e autor

franceses, em sua obra “A tela global: mídias culturais e cinema na era hipermoderna”, afirmam “O cinema visa ao grande público, um público de massa considerado sem distinção de classe, de idade, de sexo, de religião e de nação. Ele se dirige a um indivíduo médio ou universal, evitando chocar espectadores formados por culturas diferentes” (LIPOVETSKY; SERROY, 2009, p. 40).

Ainda segundo os autores, a história do cinema pode ser dividida em quatro fases, com a primeira definindo-se no período entre 1895 e os anos 1930 — a qual representa uma modernidade primitiva. Nessa era, o cinema era mudo e, por isso, desenvolveram-se técnicas que ambicionavam a promoção da expressão de ideias e da inserção da audiência na narrativa; para ter sons durante a exibição, as apresentações de música ao vivo eram comumente feitas, e, com o tempo, estabeleceu-se um código cromático que definia a utilização de cores específicas para a representação de sentimentos e aspectos, gerando na plateia diferentes impressões de acordo com tonalidades preestabelecidas. As histórias, que eram inicialmente curtas e dramáticas, evoluíram gradativamente para algo mais complexo, baseando-se, muitas vezes, na literatura e com atuações expressionistas e melodramáticas (LIPOVETSKY; SERROY, 2009).

A segunda fase assenta-se no período entre as décadas de 1930 e 1950, denominada de modernidade clássica. Esse foi o início do cinema falado – progresso alcançado graças aos novos avanços tecnológicos que sincronizavam a imagem com o som –, o que possibilitou o surgimento de um maior catálogo de gêneros (despontam, aqui, os musicais gravados), além do drama e comédia, e a popularização de filmes de fantasia e ficção, uma vez que a sonoridade auxiliava na produção de realismo — integrante crucial do processo de criação e exibição destes. No final dos anos 1930, o cinema ganhou cores, ampliando ainda mais a proximidade com a realidade

cotidiana, e propiciando maior identificação e interação do público com a narrativa no decorrer dos filmes (LIPOVETSKY; SERROY, 2009).

A ascensão dos estúdios cinematográficos deu-se ainda durante essa fase. Hollywood torna-se, aqui, uma “fábrica de sonhos”, produzindo e distribuindo filmes idealizadores da realidade. Os enredos passam a ser lineares e fluídos, com verossimilhança, o que intensifica o envolvimento do público com a história – ou seja, as histórias contadas passaram a ser mais parecidas com a vida real, e por isso as pessoas ficam mais interessadas neles. Consoante a essa lógica, segundo Lipovetsky e Serroy (2009, p. 19) “o cinema clássico guia, dirige de um ponto de vista único e onisciente a compreensão do filme”.

A terceira fase é desenvolvida entre as décadas de 1950 e 1970, e compõe um cinema moderno emancipador e modernista (LIPOVETSKY; SERROY, 2009). Não houve alterações drásticas nas tecnologias envolvidas na indústria entre esta fase e sua precedente; a diferença notável entre elas encontra-se, portanto, nas mudanças sociais e históricas que afetaram a sociedade e, consequentemente, fizeram-se presentes nas narrativas dos filmes produzidos (LIPOVETSKY; SERROY, 2009).

Com as transformações vigentes num mundo pós Segunda Guerra Mundial, a indústria da sétima arte precisou modificar-se de acordo; as indústrias cinematográficas internacionais ganharam mais força, trazendo uma renovação nos pontos de vista e enredos dos filmes. Filmes com narrativas descontínuas e fragmentadas foram criados; a montagem, agora, aproxima-se mais das tendências literárias da época. As histórias tornam-se mais fluidas, com maior subjetividade, e passam a apresentar mais metáforas e alegorias.

Nessa fase, as produções feitas por estúdios têm seu poder reduzido, devido ao crescimento da tecnologia e os filmes independentes – afinal, por conta do avanço tecnológico, fica mais

barato realizar filmes – o que permite uma maior variedade e autonomia de produções e um maior destaque dos jovens nas telas. Quanto às temáticas, as questões sexuais e do corpo ganham espaço também, acompanhando uma modernidade individualista e libertária – em meio a uma sociedade consumista –, enfatizando abordagens que retratam a felicidade, a sexualidade, a juventude, os prazeres, a liberdade e a recusa as normas convencionais rigorosas (LIPOVETSKY; SERROY, 2009). Uma nova linguagem foi criada para capturar, elaborar ou estimular transformações na vida das pessoas, sendo elas políticas, sociais, morais ou econômicas.

Uma nova consciência das potencialidades e dos mecanismos de comunicação do meio, afirmada pelas ciências humanas (psicologia, semiótica, estética, sociologia), atribui ao cinema papéis importantes não só para a definição de novos modelos de representação, mas também para o conhecimento das mudanças em curso. (COSTA, 1989, p.115)

A quarta fase refere-se ao tempo entre os anos 1980 e o início do século XXI, chamada por Lipovetsky e Serroy de hipermodernidade. O cinema, agora, envolve as tecnologias, os meios de comunicação, a economia, a cultura, o consumo e a estética. A variação de gêneros aumentou, assim como o número de filmes (LIPOVETSKY; SERROY, 2009).

Observando a popularidade do cinema e sua utilização como meio de comunicação em massa desde o seu surgimento, é certo que ele possui o poder de moldar o pensamento e comportamento dos seres humanos. O autor e crítico de cinema porto-alegrense Luiz Carlos Merten (1995), em sua obra “Cinema: Um zapping de Lumière a Tarantino”, defende:

Esse mecanismo vale para outros processos de comunicação de massa, mas é o cinema que adquire sua força máxima. Organizando imagens no inconsciente do público, o cinema impõe conceitos e influencia pessoas. E, dessa maneira,

participa do processo básico de educação e aprendizado.
(MERTEN, 1995, p.8)

Com isso, ao se observar a evolução do cinema, torna-se inegável a sua importância na formação de conceitos sociais, principalmente quando introduzidos os diferentes temas que os filmes são capazes de abordar. Há uma manipulação na exibição de cenários e realidades que, ao colocá-las em destaque, pode ser utilizada com o objetivo de ajudar ou prejudicar minorias. Com o poder que o cinema possui, ele cria, mantém e quebra os estigmas sociais de diferentes grupos.

3. ESTIGMAS

Entende-se por “estigma”, um conjunto de crenças, opiniões e expectativas, geralmente negativas, injustas e com grande falta de respeito, sobre alguém ou um grupo de pessoas. Ao longo deste ensaio, esse conceito será aplicado para preconceitos com raça (racismo), imagem corporal (gordofobia) e gênero (sexismo).

O termo “estigma” teve sua origem na Grécia Antiga, e fazia referência a sinais corporais, a partir dos quais era possível observar características definidoras de alguém, como, por exemplo, marcas que identificassem um escravizado (GOFFMAN, 2004). Atualmente, o conceito de estigma é aplicado de forma similar — sendo associado a um conjunto de expectativas e crenças que a sociedade impõe sobre um indivíduo; os atributos estigmatizados são utilizados de forma depreciativa, e, por conta dessa rotulação, tal depreciação é normalizada.

O sociólogo norte-americano Erving Goffman, em sua obra “Estigma – notas sobre a manipulação da identidade deteriorada” (2004) determina alguns exemplos de atributos estigmatizados nitidamente identificáveis, sendo estes: abominações do corpo (como

deficientes físicos); culpas de caráter (como vícios, prisão, desemprego, comportamento radical, distúrbios mentais, alcoolismo, tentativas de suicídio etc.); e, por último, os tribais (de raça, de religião e de nação). Por serem facilmente identificados no indivíduo, tais elementos – na maior parte dos casos – se sobressaem em relação às suas outras características, impedindo, assim, a observação e a admiração do ser como um todo — ele se torna fragmentado, de forma a ofuscar seu potencial integral. Em outras palavras, ao deparar-se com um indivíduo gordo ou obeso, assume-se, socialmente, que essa pessoa não se exercita, alimenta-se precariamente, não tem parceiros e não se importa com sua aparência física: essas são crenças implantadas num racional massificado, por conta de um rótulo, e que diminuem as chances de que se pare para conhecer, conectar-se ou entender tal pessoa.

Concomitantemente, a sociedade tende a reparar e julgar cidadãos, carimbando-os como seres apenas parcialmente humanos, e, dessa forma, pré-julgando e discriminando-os. Essa sentença reduz a vida do estigmatizado, por construir teorias em cima de uma convicção infundada, como o objetivo único de explicar sua inferioridade e racionalizar a animosidade sentida em relação à pessoa (GOFFMAN, 2004).

"Tendemos a inferir uma série de imperfeições a partir da imperfeição original e, ao mesmo tempo, a imputar ao interessado alguns atributos desejáveis, mas não desejados, frequentemente de aspecto sobrenatural, tais como "sexto sentido" ou "percepção" (GOFFMAN, 2004, p 8).

Outrossim, a sociedade é propensa a justificar — defensivamente — sua maneira de agir em relação àquele que estigmatiza: sua aversão é apenas uma retribuição a algo que a comunidade, família ou o próprio estigmatizado fez. Em outras palavras, maltratar o que foi tachado é

aceitável, uma vez que sua condição não é, essencialmente, de responsabilidade da maioria. Essa atitude de discordância, portanto, comprehende-se apenas como uma reação “natural” ao que ele é e/ou se tornou. Ao assediar uma mulher na rua, por exemplo, o responsável se vê defendido popularmente no momento em que a culpa recai sobre a vítima — aos olhos sociais, ele comporta-se de tal maneira por conta do corpo dela, das roupas que ela usa, do jeito que ela anda; dessa forma, embora o assediador esteja agindo de modo errôneo, seu comportamento é "justificado", e não condenado, por grande parte da sociedade.

Além disso, estigmas carregam consigo uma expectativa: é esperado que pessoas estigmatizadas ajam de certa maneira, tenham certos trejeitos, dentre outras coisas. Essa expectativa é normalmente apoiada pela sociedade. Ademais, espera-se dessas pessoas que não apenas encorajem tal expectativa, mas que a cumpram. Tem-se um exemplo disso na estigmatização direcionada a pessoas pretas — é expectado, pela sociedade em geral, que elas não sejam ricas, que não tenham educação, ou que sejam violentas; anseia-se para que elas correspondam, e quando isso não acontece, ocorre uma quebra da expectativa.

Contudo, em algumas situações, o indivíduo ignora as expectativas que o envolvem, e, por esse motivo, ficam indiferentes ao seu fracasso na sociedade. Essa pessoa é, nas palavras de Goffman: “protegido por crenças de identidade próprias, ele sente que é um ser humano completamente normal e que nós é que não somos suficientemente humanos” (GOFFMAN, 2004, p 9). Isso significa que, por mais que os rótulos sejam impostos ao indivíduo, ele não se importa com esse fato; muitos dos estigmatizados têm as mesmas ideias de identidade que os normais, entendem que têm as mesmas oportunidades que os outros, que, pelos mesmos caminhos, com os

mesmos esforços, chegarão ao mesmo lugar — mas não possuem, e não chegaram, pois são pessoas que carregam estigmas.

À vista disso, Goffman considera a questão central da vida a "aceitação" de seus estigmas e as relações com essas pessoas — tanto entre o estigmatizado e os normais, quanto o estigmatizado e seu estigma. A sociedade, ao se envolver com uma pessoa rotulada, não consegue respeitá-la completamente, o estigma interfere e contamina todos os aspectos da vida, até mesmo nas questões de sua identidade que não são relacionadas a tal expectativa.

A pessoa que carrega o estigma, frequentemente, o tenta obliterar, seja de maneira direta ou indireta. Diretamente pode ocorrer por meio de procedimentos estéticos, melhor educação ou psicoterapia – embora nem sempre funcionem de maneira efetiva, não mudando o estigma, alteram o ego do indivíduo. E, indiretamente, a mudança acontece quando o julgado se dedica a realizar objetivos que são considerados impossíveis para ele, por conta do seu rótulo.

Um dos efeitos da estigmatização é a possível vitimização feita pelo indivíduo que carrega consigo uma mácula – por conta do volume das dificuldades que enfrenta –; e utiliza disso como forma de justificar seus fracassos em certas áreas, além de poder utilizar para amplificar seu sucesso, que, apesar de sua estigmatização foi capaz de conquistar. A fim de exemplificar, imaginemos que uma mulher não tenha conseguido o sonhado emprego apenas por falta de capacidade e qualificação (ela realmente não merecia o dito emprego), ela pode dizer que, pelo ramo escolhido ser dominado por homens, não existe abertura para ela – embora essa situação injusta ocorra diariamente na sociedade, não é o caso dessa mulher. Em outra situação, digamos que essa mesma mulher tenha conseguido o emprego – neste caso ela é qualificada e o merece – ela diz que apesar da dificuldade de se infiltrar no mundo dominado por homens, ela o conquistou.

As relações entre os ditos normais e os estigmatizados são estudadas por Goffman (2004). Nessas interações ambos grupos tendem a evitar contato, modificando e adaptando sua vida ao redor desses contatos; porém, segundo o autor, os que são rotulados passam mais trabalho na busca por evitar os normais, pois como minoria, precisam esquematizar mais suas vidas. Contudo, a falta de intercâmbio entre as duas coletividades pode causar mal. “Faltando o feedback saudável do intercâmbio social quotidiano com os outros, a pessoa que se auto-isola possivelmente torna-se desconfiada, deprimida, hostil, ansiosa e confusa” (GOFFMAN, 2004, p. 14).

Então, quando os dois grupos entram em contato é que realmente ocorre e são observadas as consequências dos estigmas. O estigmatizado irá perceber que carrega consigo um rótulo, um estigma, e não será possível que ele saiba como o normal o receberá, nem em qual categoria irá colocá-lo, em outras palavras, não saberá o que pensam dele. Por conta dessa dúvida, o indivíduo que carrega o estigma fica autoconsciente – em relação a todas suas ações. Consequentemente ele pode entrar em modo defensivo, mesmo sem ter iniciado a interação ainda, evitando-a o máximo possível.

Tendo isso em mente, a fim de aprimorar a confraternização entre ambas coletividades, os normais devem aprender a aproximar as relações. Geralmente os ditos normais tendem a tratar os estigmatizados: de maneira melhor do que se pensa que ele é; de forma pior do que se pensa que ele é; ou trata como uma “não pessoa”, algo que não merece a atenção. Enfim,

[...] se mostramos sensibilidade e interesse diretos por sua situação, estamos nos excedendo, ou que se na realidade, esquecemos que ele tem um defeito, far-lhe-emos, provavelmente, exigências impossíveis de serem cumpridas ou, inadvertidamente, depreciamos seus companheiros de sofrimento. (GOFFMAN, 2004, p 18-19).

Percebe-se então que a sociedade como um todo tende a estipular estigmas para as pessoas, muitas vezes inadequados, criando situações que deixam todos desconfortáveis.

Um exemplo dessa situação pode ser encontrado na adaptação para as telas do livro de Stephen King “O Iluminado”, cuja direção ficou a cargo de Stanley Kubrick. Embora o filme tenha sido um sucesso, tanto em público quanto em crítica, o autor do livro não gostou de diversos aspectos da adaptação, incluindo a verossimilhança das personagens, a falta de humanidade e o final diferente. Um dos principais problemas de King com o filme é que a personagem da mãe, Wendy Torrance, interpretada por Shelley Duval, não correspondia a personalidade original do livro. Embora a atriz tenha feito uma bela interpretação de seu papel, a personagem foi transformada em uma mulher fraca – que apenas gritava ou se comportava de maneira estúpida. Em outras palavras, a personagem, em sua transposição para o cinema, foi estigmatizada.

4. O CINEMA E OS ESTIGMAS

A estigmatização estabelece uma relação entre representação, diferença e poder, e neste artigo isso será tratado nas obras da sétima arte. A representação de um grupo social carrega consigo poder, e este afeta diretamente como a sociedade trata e interage com a comunidade exposta.

Representação é descrita pelo dicionário de Cambridge como o modo que algo ou alguém é mostrado ou descrito. Segundo Hall (2016) a representação pode marcar, atribuir e classificar; ou seja, na lógica do cinema o que vemos na tela tem o poder de influenciar como agimos.

A definição de diferença, segundo o dicionário Britannica, é uma qualidade que deixa alguém ou algo desigual ao resto. Logo, o cinema

como agente capaz de gerar empatia ou apatia, ao evidenciar os estigmas em algumas de suas produções, não os abordando de maneira crítica, acaba por ampliar no imaginário social a diferença entendida como preconceito, afastando mais os ditos normais e os estigmatizados, de forma a isolá-los.

O termo poder pode ser classificado como a capacidade que alguém ou algo tem de influenciar, controlar e dirigir o caminho ou pensamento dos outros ou de eventos. E o cinema em conjunto com os estigmas tem poder. Eles podem iniciar, manter ou modificar as definições que as pessoas têm.

Em outras palavras, o cinema, ao perpetuar determinados estigmas relacionados a pretos, mulheres e obesos, acaba manipulando a mentalidade coletiva. Antes do século XXI, os preconceitos direcionados a estes três grupos eram amplamente difundidos em diversas obras cinematográficas. Com a problematização e, respectiva, reflexão sobre o impacto causado por estes estereótipos, a produção cinematográfica vem tentando modificar esse tipo de abordagem. Entretanto, ainda existem filmes que, abertamente ou de maneira velada, auxiliam na reprodução social desses preconceitos.

4.1 IDENTIDADE RACIAL

O racismo é uma discriminação baseada na premissa que existem diferentes raças humanas, e que algumas são superiores às outras, seja por características físicas típicas, ou por traços culturais de certo grupo. Historicamente, as sociedades foram organizadas política e socialmente para reproduzir a desigualdade de oportunidades e ações. O poder de discriminhar, oprimir e limitar o direito dos outros, das chamadas minorias, é diariamente atualizado pelas vias institucional e individual.

Essa espécie de preconceito que incide sobre os poderes político, econômico e jurídico afeta diretamente a geração de renda, a educação, a saúde e os direitos de uma pessoa. Ele afeta diretamente a possibilidade de conseguir empregos e subir na carreira, a possibilidade de se engajar na política local, em fortalecer a autoestima, os vínculos sociais e, principalmente a segurança individual- ficar protegido da violência física e psicológica, dentre outras.

O preconceito racial ampliou sua abrangência, em sua forma mais moderna, nos séculos XVI e XVII, com o colonialismo e a escravidão praticada pelos europeus na América. A ideia de que eles eram melhores que os colonizados, foi espalhada, institucionalizada e enraizada na sociedade. O racismo não ficou estacionado na história, ele muda ao longo do tempo, e impacta diferentes grupos e comunidades de maneiras diferentes, inclusive é intensificado em diferentes momentos da história.

Outrossim, o racismo se apoiou também nos meios de comunicação em massa para se expandir e internalizar nas comunidades. E o cinema, como um dos principais meios, não foi deixado de lado. Virou lugar comum personagens não caucasianos apresentarem-se de forma caricata e estigmatizada.

Uma das principais etnias afetadas pelo racismo é a africana. Os filmes norte-americanos, desde o início do século XX, trazem personagens pretos nas telas; porém isso não significa que atores pretos tinham o direito de participar deles. Atores brancos pintavam suas caras com tinta preta para interpretar tais personagens. Essa prática é chamada de *blackface* e tem sua origem ainda no meio do século XIX em apresentações teatrais. Os artistas que participaram dessa prática representavam pessoas preguiçosas, ignorantes,

covardes ou hipersexualizadas, essa conduta é extremamente ofensiva e é hoje condenada como ato racista.

Ainda na primeira fase do cinema, cinegrafistas alegavam que a pele escura não ficava boa na câmera, e por este motivo não contratavam atores pretos, optando pela realização de *blackface* – a prática na qual atores brancos pintavam suas faces com tinta e maquiagem pretas, ou marrom escuro, para representar seus papéis.

Ademais, nos anos 1930, as personagens afro-americanas – que já eram interpretadas por pessoas pretas – tinham geralmente as mesmas características e personalidades, e essas são mantidas até a atualidade em diversas obras cinematográficas. Segundo o estudo de Donald Bogle *apud* Hall (2016), existem 5 estereótipos ocupados: Pai Tomás, Malandros (*coons*), Mulata trágica, Mães-pretas e Mal-encarados (*bad bucks*).

O estigma pai Tomás é o do “bom negro”, aquele que embora seja maltratado, insultado e escravizado, não se revolta, continua submisso, comportado, generoso e estoico; fazem parte da narrativa apenas para apoiar os brancos. Os malandros (*coons*) são os “loucos”, servem como alívio cômico, são preguiçosos, burros e ignorantes. A mulata trágica é aquela que é de “raça” mista, tem heranças diferentes, mas consegue se passar como uma mulher branca, sendo essa a maior parte do enredo que engloba sua história. Ela é linda e sexualizada, atraente para todos, porém condenada pela herança africana, fato que lhe garante um final trágico.

As mães-pretas são as serviscais domésticas mais velhas, geralmente gordas, mandonas e inacessíveis, que são devotas à casa de pessoas brancas, submissas aos empregadores. E por fim os mal-encarados (*bad bucks*), são os grandes, fortes e hipersexualizados, além de super agressivos, tanto verbal, física e sexualmente, eles dão abertura para as críticas e limitações impostas às pessoas pretas.

Esses estigmas, colocados em cima dos descendentes de africanos, naturalizam as imagens racistas, reforçando atitudes preconceituosas. Ou seja, é permitido falar e agir de forma discriminatória pois a ideia plantada na mente da sociedade, pela indústria cinematográfica, é a de que pessoas de pele escura merecem esse tratamento porque são, por exemplo, agressivas ou criminosas.

No final dos anos 1950, início dos anos 60 surge uma variável sobre esses personagens estereotipados, até que nos 1970 tem início um movimento reativo chamado “*Blaxploitation*”, cujo filme precursor “Sweet Sweetback's Baadasssss Song”, foi escrito, dirigido e protagonizado por Melvin Van Peebles. No enredo em questão, um homem afro-americano fora-da-lei protagoniza o filme, mantendo-se vivo até o final. O enorme sucesso de bilheteria manda a mensagem para a sociedade que o cinema “*Blaxploitation*”, tem audiência.

O principal da corrente *Blaxploitation* é centrada no homem – *stick it to the Man* –, que representa a força opressiva. E nesse contexto surgiram filmes com personagens revolucionários, justiceiros e independentes. Essa tendência cinematográfica faz surgir subgêneros com películas sobre gangsters, cafetões, traficantes, assim como versões da ordem do terror e do faroeste. Importante ressaltar que os protagonistas desses filmes se saem melhor na história na roupagem do anti-herói. Paralelo ao filme, destaca-se a trilha sonora com os gêneros R&B e Soul.

O *Blaxploitation* entra em declínio ao final dos anos 70. Embora a corrente tenha durado pouco tempo, ela serviu de inspiração para uma nova geração de diretores, como Spike Lee, e, também, abriu as portas para roteiristas, diretores e atores afro-americanos entrarem na indústria do cinema.

4.1.1 ANÁLISE DO FILME HISTÓRIAS CRUZADAS

Todas as personagens afro-americanas do filme “Histórias Cruzadas” se encaixam em algum dos estigmas trazidos por Hall (2016), e isso fica claro ao analisar as cenas que compõem a obra. Jameso, (Carpenter) é o perfeito pai Tomás, segundo a definição exposta, ele trabalha na casa da família de Skeeter (Stone) durante toda sua vida – no período do filme ele já é um idoso – como caseiro, cuidando do quintal; ele, durante todo o filme sorri para os patrões e obedece ao que lhe é dito, é educado, generoso e não se revolta. Ao contrário de Leroy (sem crédito), o marido de Minny se encaixaria no estereótipo do *badbuck*. Apesar de não figurar claramente na tela, apenas sua sombra aparece, o público tem conhecimento de suas ações violentas como xingamentos e arremessos de objetos, tais como uma frigideira. Além disso, sempre que citado são revelados comportamentos extremamente agressivos.

Aibileen (Davis) é a mão-preta, ela é quem cuida dos filhos das mulheres brancas, dando mais amor do que as próprias mães, fato que se comprova pela frase que ela sempre diz as crianças que cuida: “você é querida, você é inteligente, você é importante”. Outra personagem que é uma mãe-preta é a típica mandona Minny (Spencer). Embora ela não cuide de crianças, ela cozinha e ensina Celia (Chastain) a realizar tarefas domésticas, além dos costumes e regras sociais da região – exatamente como uma mãe faria com seus filhos. Ainda nas mães-pretas, a personagem Constantine, que foi quem criou Skeeter (Stone), se encaixa nesse estereótipo. Ela era a fonte de conforto, estabilidade e confiança da jovem Skeeter. Em tempos de necessidade, a empregada era quem lhe oferecia apoio emocional e auxílio.

Com isso dito, o filme traz a ideologia do “fardo do homem branco” – os brancos “precisam” ajudar os pretos, pois sozinhos eles não conseguem evoluir. As empregadas pretas dependem da escritora

— que é branca — para ajudá-las, minimizando e simplificando os problemas raciais enfrentados. Além disso, o filme traz a ideia que a sociedade evoluiu muito desde então, que esse tipo de comportamento não existe na sociedade atual, o que é incorreto.

Além disso, embora o enredo tenha sido criado com o objetivo de mostrar o que significa ser uma pessoa preta, sua produção é da responsabilidade de pessoas brancas e assim, mesmo sem ter o objetivo, terminou por ter uma narrativa racista – não apenas por ser organizado por brancos, mas pela história que foi contada. O crítico de cinema Wesley Morris²⁸ diz que esse é um outro filme de Hollywood que vê o progresso em relação ao racismo como uma benfeitoria de pessoas brancas.

O que também está em jogo neste debate é o protagonismo preto em Hollywood, afinal, as personagens de Davis e Spencer servem como suporte para a personagem de Stone. Atualmente, existem filmes com o protagonismo bem consolidado como “12 Anos de Escravidão” do diretor ativista Steve McQueen, “Infiltrados na Klan” e “Faça a Coisa Certa” do diretor Spike Lee. É perceptível então, a segmentação do cinema norte-americano, um lado com o foco em pessoas caucasianas e outro focalizado em pessoas afro-americanas.

Outra questão que pode ser levantada é o público chamado ao cinema dependendo das protagonistas do filme, e isso no cinema norte-americano passa para um tópico ideológico, além do financeiro. Os filmes trazem os estigmas, mesmo que não intencionalmente, com grande intensidade.

²⁸ Fonte: JOKIC, Natasha. Saiba por qual motivo não é uma boa ideia assistir "Histórias Cruzadas" neste momento. 2011. Disponível em: <<https://buzzfeed.com.br/post/saiba-por-qual-motivo-nao-e-uma-boa-ideia-assistir-historias-cruzadas-neste-momento>>. Acesso em: 24 jul. 2023.

A atriz Viola Davis, que interpreta Aibileen, se arrependeu de participar do filme. Afirma apenas ter aceitado o papel pois atores e atrizes pretas têm poucas oportunidades de entrar na indústria. Em entrevista ela falou que “[...] não foram as vozes das empregadas que foram ouvidas (...) eu quero saber o que era trabalhar para pessoas brancas e criar crianças em 1963, eu quero ouvir como você realmente se sente sobre isso. Eu não ouvi isso no curso do filme (HENDERSON, 2020, s/p).

Outra atriz que comentou sobre o filme foi Bryce Dallas Howard, que interpreta Hilly, ela disse: “Histórias Cruzadas é uma história fictícia contada através da perspectiva de uma personagem branca e foi criado majoritariamente por escritores brancos” (HENDERSON, 2020, s/p).²⁹

É importante dizer que nenhuma das atrizes se arrepende do filme por experiências atrás das câmeras. Tanto Davis e Spencer quanto Dallas Howard e Jessica Chastain já revelaram em entrevistas que carregam muito amor por suas colegas de elenco, e que criaram laços duradouros com as atrizes. Além disso, Viola afirma que o diretor foi um maravilhoso colaborador e Spencer diz que ele é um grande amigo dela, desde a faculdade. O arrependimento das mulheres está apenas na mensagem que o filme transmite.

²⁹ Howard disse também: “Histórias são a porta de entrada para empatia radical e os melhores são catalisadores de ação [...]. Se você procura modos de aprender sobre o Movimento dos Direitos Civis, linchamentos, segregação, Jim Crow e todas as maneiras nas quais esses têm um impacto em nós hoje, aqui estão alguns poderosos, essenciais e magistrais filmes e séries”. A atriz lista: “A 13ª Emenda” (Ava DuVernay, 2016); “Selma” (Ava DuVernay, 2014); “Say Her Name: The Life and Death of Sandra Bland” (Kate Davis, David Heilbroner, 2018); “Watchmen” (Damon Lindelof, 2019); “Malcolm X” (Spike Lee, 1992); “When They See Us” (Ava DuVernay, 2019); “Eyes on the Prize” (Henry Hampton 1987-1990); “Just Mercy” (Destin Daniel Cretton, 2019); “I Am Not Your Negro” (Raoul Peck, 2016); “Moonlight” (Barry Jenkins, 2016); “Fruitvale Station” (Ryan Coogler, 2013); e “Do the Right Thing” (Spike Lee, 1989).“

4.2 IMAGEM CORPORAL

Conforme defendido pelo Dr. Adriano Segal *apud* Matos; Alves; Barreto (2022), responsável pela Psiquiatria do Centro de Obesidade e Diabetes no Hospital Alemão Oswaldo Cruz e doutor em Psiquiatria pela FMUSP, o termo gordofobia é um “neologismo para o comportamento de pessoas que julgam alguém inferior, desprezível ou repugnante por ser gordo” (p. 2), um estigma associado a pessoas gordas e obesas. Segal também afirma que apesar de ser um título recente, a sua prática é presente em nossa sociedade há anos.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) configura a obesidade como o excesso de gordura corporal, em quantidade que causa prejuízos à saúde. Nas normas da instituição, um indivíduo é classificado como obeso quando seu Índice de Massa Corporal (IMC) é maior, ou igual, a 30 kg/m² — com a faixa de peso normal variando entre 18,5 e 24,9 kg/m². Nessa conjuntura, em uma pesquisa realizada em 2022 pelo Sistema de Vigilância Alimentar e Nutricional (SISVAN)³⁰ sobre o IMC, dos 21,2 milhões de brasileiros entrevistados, 31,88% se catalogam como pessoas obesas. A obesidade, atualmente, atinge mais de 6,7 milhões de brasileiros.

Do mesmo modo que as tendências se transformam ao passar dos anos, os padrões de beleza seguem o mesmo caminho, o que no século XVII era considerado como o corpo ideal, nos dias atuais já não seria aceito, e assim se repete durante toda a história humana. Sabrina Strings, socióloga e professora da Universidade da Califórnia Irvine, acredita que esse fenômeno pode ser ligado até o período da escravidão africana, dado que os padrões ideais da época eram corpos magros e longilíneos, uma vez que os negros, na visão europeia, comiam demais. "Durante o Renascimento, que também coincidiu com

³⁰ A pesquisa está publicada na página da Sociedade Brasileira de Cirurgia Bariátrica e Metabólica (SBCBM). A referência completa encontra-se no final do artigo.

a ascensão do comércio de escravizados, nasceu na mentalidade europeia uma conexão entre negritude e gordura" diz a socióloga, deixando claro mais uma vez a possibilidade dessa associação entre o período escravocrata e a prática da gordofobia (STRINGS *apud* BRAUN, 2023).

Ainda segundo Strings *apud* Braun (2023), no século 18, a ideia de que as pessoas, principalmente mulheres, deveriam se encaixar nesse padrão da magreza se concretizou, sem excluir o pensamento de que negros eram mais propensos a ganhar peso e, neste sentido, serem, por mais um motivo, alvos de preconceitos. Portanto, nesse raciocínio, a gordofobia foi, durante a construção da sociedade que temos hoje, um estigma recorrente.

Essa discriminação não é exclusiva do passado. Ainda existe nos tempos atuais e está presente principalmente na indústria cinematográfica, que desde os primórdios a sociedade falha neste tipo de representação. Segundo relata a crítica de cinema Pâmela Eurídice:

As jornadas de pessoas gordas são renunciadas e transformadas em piada de mau gosto no cinema e na TV... apenas reafirmam um ponto de vista que não está só na área ficcional, mas toma espaço na vida real quando as pessoas insistem em pregar e acreditar que para alguém ser feliz e realizado, ele precisa não ser gordo. E a única saída para não ser anormal e inaceitável é emagrecendo (EURÍDICE, 2018, s/p).

A visibilidade de minorias como essa é fundamental para a quebra da intolerância que ainda reina por nossa sociedade, as quais ao serem representadas de forma pejorativa nas telas, acabam por ser cada vez mais marginalizadas. No Brasil atual, a gordofobia não configura crime, uma vez que é inexistente no código penal, mesmo que seja uma prática muito comum em nossa sociedade. O Tribunal Superior do Trabalho (TST), em um levantamento citado pelo jornalista

Tomazela do Jornal Estadão (2022), registrou um crescimento de ações sobre gordofobia, tomadas contra empresas. São mais de 1.400 processos e suas punições, tendo em mente que não se tem uma ação pré-estipulada para essas situações, variam dependendo do crime realizado; por exemplo, podem ser de detenção de um a seis meses ou multa, se considerado como crime contra a honra.

A maioria das produções que contam com um enredo no qual está envolvida uma personagem gorda, retrata a mesma como tola, engraçada e envolta em uma batalha sem fim para perder peso, mostrando, mais uma vez, que na nossa sociedade para ser aceito, e até mesmo levado a sério, você deve ser magro. Maiara Beckrich (2017), cientista social, defende este ponto dizendo que “personagens gordos em filmes ou séries são, em geral, os fracos, bobos, compulsivos, sem vida sexual e representados de maneira caricata/degradante” (s/p), evidenciando uma indústria que, mais uma vez, utiliza de um padrão preconceituoso ao representar uma minoria.

4.2.1 ANÁLISE DO FILME O AMOR É CEGO

Em “O amor é Cego” (2001) acompanhamos a história de Hal (Jack Black) e suas dificuldades no amor. Após um encontro inesperado com um *life coach*³¹, Tony Robbins (Tony Robbins), que abre a mente do personagem sobre o modo no qual enxergava o sexo feminino, Hal se depara com várias mulheres lindas — como rotuladas pelo personagem — se interessando por ele, o que até então era raridade na vida deste homem. Durante o desenrolar da história, conseguimos entender o porquê dessa mudança comportamental repentina na qual Hal se encontrou: Tony o havia hipnotizado fazendo com que a personagem visse apenas a beleza interior das pessoas, ignorando a

³¹ Uma pessoa que é paga para dar conselhos de vida.

exterior. Com isso, seu melhor amigo, Mauricio (Jason Alexander), realiza inúmeras tentativas de “colocar juízo” na cabeça de Hal para que o companheiro volte a ver a realidade a qual era imune, porém mesmo com todos ao seu redor o alertando sobre as mulheres “esquisitas” e “feias” que estava se relacionando, ele continua acreditando no que seus olhos (falsamente) viam.

A gordofobia presente no filme fica explícita quando somos introduzidos ao par romântico de Hal: Rosemary Shanahan (Gwyneth Paltrow), uma mulher gorda, mas que aos olhos do personagem era magra, impondo que sua ‘beleza interior’ estaria relacionada com a magreza. Podemos ressaltar outras duas situações na qual personagens gordas, aos olhos hipnotizados de Hal, viravam magras: uma mulher com quem dançava na boate e a mãe de Rosemary. A partir da primeira aparição da personagem de Paltrow, fica cada vez mais evidente que o peso seria um fator influenciador tanto da sua beleza quanto da dinâmica de relacionamento de ambos. Em diversas cenas estreladas por Gwyneth e Jack — desde de seu *meet cute*³² até felizes para sempre — o peso de Rosemary é a pauta das conversas referentes a ela.

Em mais de uma ocasião os roteiristas usaram o excesso de peso da personagem como meio condutor da cena, podendo ser destacado em cenas como a do primeiro encontro do casal, realizado numa cafeteria. Nela, enquanto os protagonistas conversavam, Rosemary “quebra” a cadeira da cafeteria e cai no chão de forma humilhante. Mais uma vez Hal, impossibilitado de ver a realidade em sua frente por conta da hipnose, fica inconformado com o acontecimento, acusando o estabelecimento de ter móveis com baixa qualidade e excluindo a possibilidade de que eram apenas não planejados para aguentar o peso

³² Momento no qual o par romântico se encontra pela primeira vez.

de sua namorada. Esse cenário se repete mais uma vez quando o casal vai em mais um encontro, agora mais para o final do filme, em num lugar mais refinado. Essa segunda cena é o que consideramos como o clímax da história, já que é quando seu melhor amigo o liberta de sua até então desconhecida hipnose.

A pessoa que mais aparece demonstrando repúdio à aparência de Shanahan é Mauricio, que em todas as cenas que se faz presente, insiste em perpetuar uma visão gordofóbica e machista sobre as mulheres. Muitas vezes, ele tenta mudar a visão do amigo Hal em relação a mulher que ama, mesmo ele estando feliz em sua realidade alternativa. Para ele, é inadmissível que seu melhor amigo esteja com uma mulher gorda, desconsiderando totalmente a possibilidade de seu companheiro não se importar com essa condição. Mesmo que, inicialmente, Hal não considerasse a possibilidade de sentir-se atraído por alguém como Rosemary, no fim da clássica comédia romântica dos anos 2000, ele percebe que uma vez deixados de lado, os estereótipos e preconceitos não podem ser fatores influenciadores do amor.

Estabelecendo uma conexão entre o fictício e o real, Ivy Snitzer — atriz dublê que deu vida ao corpo de Rosemary, papel de Gwyneth Paltrow em “O Amor é Cego”, falou em entrevista ao *The Guardian*³³ que sofreu com distúrbios alimentares por conta de sua participação no filme. Mesmo não tendo nenhuma lembrança negativa da experiência e se mostrando empolgada com um papel que dava uma nova chance a mulheres obesas — pela primeira vez sendo retratadas como uma das mocinhas, sofreu os impactos do preconceito, realizando inclusive cirurgias de redução do estômago que, mais tarde, resultaram em complicações graves. Ivy diz também que após o grande sucesso do filme, diversos diretores e produtores a procuraram

³³ Jornal britânico diário independente.

oferecendo mais papéis (parecidos com o de Rosemary), porém Snitzer não queria continuar com aquela imagem de mulher feia e sozinha que Hollywood criou como única alternativa para pessoas gordas.

Durante toda a película, o discurso pautado pela gordofobia se faz presente, especialmente no conceito principal de beleza interior relacionado diretamente à magreza das pessoas, ou seja, que somente o magro é lindo e bonito. Também, podemos compreender até mesmo as pequenas afirmações colocadas no enredo com o propósito de falsamente passar uma imagem de superação e aclamação do indivíduo obeso.

Produções como “O Amor é Cego”, que deixam o estigma com relação ao peso corporal explícito, são tão tóxicos e negativos quanto aqueles que conseguem camuflar o preconceito. Apesar do roteiro buscar abordar as ideias de superação e aceitação, o filme falha em exemplificar seu principal objetivo: mostrar que a verdadeira beleza está dentro de nós, indo além da beleza superficial — uma vez que para os personagens, durante todo o enredo, a estética magra era idolatrada e reforçada. Essa nociva idealização da beleza relacionada à magreza é um dos motores da propagação de preconceitos e estigmas associados ao peso e da naturalização da gordofobia.

4.3 QUESTÕES DE GÊNERO

A Teoria Cognitiva-Social de Kay Bussey e Albert Bandura (1999), também chamada de Teoria de Aprendizagem Social, propõe, no que diz respeito aos papéis de gênero, a ideia de que a percepção de identidade, tanto pessoal quanto alheia, deve-se em grande parte, aos elementos culturais que cercam indivíduos desde seu nascimento. A hipótese levantada pelos pensadores corresponde, essencialmente, à noção de que o ser humano aprende por observação e a forma mais

fácil de realizar este tipo de aprendizagem é, por exemplo, através de filmes.

Portanto, fundamentalmente, expectativas reais são criadas através da observação da ficção (Hall *et al*, apud Murphy, 2018), ou seja, é progressivamente baseada numa versão onírica da realidade. Fato esse que se estabelece como problema, uma vez que as representações midiáticas, em muitos casos, priorizam caricaturas hiper tradicionais do comportamento tanto masculino quanto feminino em detrimento de ilustrações realistas (Bussey; Bandura, 1999). Em outras palavras, entende-se que comportamentos sociais são consequências diretas de suas representações em roteiros e na literatura.

Além disso, a representação feminina em filmes, ainda na atualidade, é precária. Métodos para a ilustração dessa tese vêm sendo usados desde o século XX — o Teste de Bechdel, por exemplo, foi criado em 1985 pela cartunista Alison Bechdel como uma tentativa de evidenciar a baixa visibilidade feminina no cinema. Essencialmente, o teste é composto por três perguntas básicas a respeito da presença de mulheres nos longas-metragens, são elas: 1. *O filme possui duas personagens femininas cujos nomes são conhecidos pela audiência?* 2. *Essas personagens conversam entre si em algum momento da história?* 3. *Essa conversa é sobre um homem?* Estes questionamentos se tornaram pivôs da criação de inúmeros outros testes que visam promover a conscientização popular quanto à falta de representatividade de grupos minoritários na mídia.

O teste, no entanto, demonstra-se falho em diversos aspectos. Por almejarem estampar apenas a baixa visibilidade e presença de mulheres nas produções cinematográficas, as três perguntas de Bechdel acabam por anular filmes com boa representação feminina simplesmente por ele não apresentar, em seu elenco, mais de uma

personagem mulher, ou personagens femininas que se comunicam entre si. O *Sexy Lamp Test* — literalmente traduzido para Teste do Abajur “Sexy” — apresentou-se em 2013 como uma solução para demonstrar a inutilidade de muitas personagens do gênero feminino nas produções de longa-metragem. O teste funciona de forma simples para comprovar ou não a importância das mulheres no desenvolvimento do roteiro. Nas palavras da criadora Kelly Sue DeConnick, um filme falha no teste “se uma personagem feminina pode ser removida da sua trama e substituída por um abajur sexy sem que isso atrapalhe a narrativa”³⁴. Outro método de verificação é o de Mako Mori (2013), inspirado na personagem homônima do filme “*Pacific Rim*”, também de 2013³⁵. *Obedecendo a lógica reversa*, um filme precisa apresentar uma personagem feminina com história concreta e bem desenvolvida, sem que essa se relacione ou sirva apenas de apoio para um personagem masculino.

Dessa forma, é possível compreender que os três testes são complementares e representam meios de ilustrar a ideologia patriarcal em abordagens ficcionais. Sendo assim é possível tecer as seguintes conclusões: a) o Teste de Bechdel demonstra que as mulheres são geralmente incapacitadas de coexistir em um universo fictício, bem como interagir entre si, sem a presença (mesmo que indireta) de um homem; b) o Teste do Abajur Sexy evidencia a inutilidade de muitas mulheres em narrativas fictícias; e c) o Teste de Mako Mori demonstra que, muitas vezes, a presença das mulheres nos filmes obedece ao critério da utilidade, ou seja, é apenas permitida contanto que seja um

³⁴ Kelly Sue DeConnick – escritora e roteirista; autora de várias histórias em quadrinhos. Essa fala de Kelly é conhecida como sendo um discurso popular, realizado em diversas ocasiões.

³⁵ Informações obtidas através do site: <<https://www.momentumsga.com/2014/09/o-teste-mako-mori.html>>. Acesso em: 08 de Set. 2023.

suporte para a história de um ou mais homens (mulheres não podem existir para si).

A ideia de existir a partir de um homem é estendida, também, ao mundo hollywoodiano fora das telas — as atrizes que compreendiam o grupo de “deusas hollywoodianas” preambulares construíram suas carreiras, fama e imortalidade com base, precisamente, na heterossexualidade (Wilton *apud* Jenkins, 2005). Suas famas deviam-se, em muitos casos, ao fator masculinidade; ícones da sexualidade feminina foram criados nos anos iniciais de Hollywood com base nos ideais do ponto de vista falocêntrico, no qual, essencialmente, mulheres existem para satisfazer homens. Portanto, alcançar suas expectativas é essencial para que se tornem alguém num mundo liderado, justamente, por homens.

Tal lógica se aplica similarmente ao cinema, que muitas vezes contempla uma visão machista de mundo e considera a narrativa de forma a ser julgada aceitável por grupos alheios ao universo representado. A consequência dessa falha na quebra de ideais consoantes às normas patriarcais pode ser vista na reprodução hiperssexualizada e na adoção de estigmas como verdades, elementos característicos das obras audiovisuais em sua maioria, principalmente no que tange a sexualidade feminina.

Mais a fundo, nota-se que essa onda de hipersexualização tem origem implícita na consciência geral de que o sujeito endereçado pela indústria audiovisual — com sua reprodução do *status quo*³⁶ e estruturação fetichista — é masculino. Isso faz com que as representações femininas em filmes, quando presentes, manifestem-se apenas como um recurso atrativo para a heterossexualidade e o

³⁶ Expressão do Latim que significa o “estado atual”, usado para se referir à situação vigente em que algo se encontra.

androcentrismo³⁷, pecando em não demonstrar seus interesses como indivíduos autônomos e as ilustrando como seres meramente carnais, com o intuito de agradar ao público alvo de qualquer sucesso de bilheteria “que se preste”: o homem. Compreende-se, portanto, que a existência feminina no universo cinematográfico depende inteiramente da visão masculina de sua utilidade. A garantia de espaço às mulheres é permitida apenas à condição de sua retribuição aos homens: a feminilidade não existe, e é incapaz de tentar fazê-lo, longe da masculinidade.

4.3.1 ANÁLISE DO FILME O LOBO DE WALL STREET

É inevitável ao espectador a consciência, desenvolvida ao longo de todo o filme, de que mulheres que usam a sexualidade como ferramenta de trabalho são objetificadas pela história e pelos personagens. Uma cena em particular logo no início da trama, todavia, demonstra — através de uma descrição detalhada por parte do personagem principal quanto aos impasses enfrentados pela empresa no quesito liberdades instintivas de seus funcionários — que o alvo dessa objetificação constante não são apenas essas mulheres. A partir desta cena rápida, na qual a audiência é apresentada à Pam (Corvo) — assistente de vendas da Stratton Oakmont, e com quem Jordan Belfort (DiCaprio) afirma que todos os “caras solteiros” da empresa já haviam tido relações íntimas — temos dois contextos que, embora distintos, remetem a temas sexuais, podendo ser percebido que até aquelas que fazem parte, diariamente, do ambiente de trabalho das personagens masculinas são vistas como elementos meramente responsáveis pela satisfação dos que as cercam.

³⁷ Termo utilizado para descrever a supervalorização dos pensamentos e ideias masculinos — sobretudo conservadores, moralistas e machistas — não levando em conta a busca pela igualdade de direitos das mulheres.

Ademais, ao apresentar seu pai — Max “Mad Max” Belfort (Reiner) — para os telespectadores, Jordan afirma que seu temperamento poderia ser engatilhado por um simples telefone tocando. Então, à audiência, é concedida uma cena em que o senhor Belfort está sentado em uma poltrona em frente à TV, e o telefone toca ao mesmo tempo que a abertura de “*The Equalizer*” começa a ser exibida. Max se estressa e vai atender ao aparelho, enquanto sua esposa, Leah (Ebersole), também sentada em frente à TV, notifica o marido de que ele irá perder o episódio do programa. A afirmação parece estressar o senhor Belfort ainda mais, estado que piora quando ele termina sua conversa ao telefone e pergunta à mulher o que havia se passado no seriado, frustrando-se ao se deparar com a inabilidade de sua esposa de relatar fidedignamente o que lhe fora indagado.

Compreendendo, inicialmente, que o foco da cena não se direciona à introdução da mãe em momento algum, tem-se, aqui, uma passagem em que a senhora Belfort é, de forma acidental, mas essencialmente, representada como uma mulher inútil. Sua incapacidade de responder à pergunta do marido demonstra um rebaixamento da sua capacidade cognitiva pelo roteiro do filme, uma vez que a ilustra como ignorante perante os interesses de seu marido e incompetente por não conseguir prestar atenção em um simples programa de TV. Evidencia-se, assim, uma reprodução de crenças na inaptidão feminina de compreender o mundo masculino, ou o mundo no geral.

Outrossim, a objetificação feminina no longa-metragem é recorrente em todas as cenas em que uma mulher é mencionada, exceto em relação a Kimmie Belzer (Kurtzuba) — a qual é vista esporadicamente ao longo da obra, embora só seja introduzida à audiência na última hora de filme como membro dos “*Stratton’s Original 20*” (os corretores primordiais da empresa), por Jordan,

durante um discurso — e Violet (Mae) — a empregada (e, presumidamente, babá) da casa dos Belfort-Lapaglia, cuja primeira, e única, aparição é tida nos últimos vinte minutos da produção. No caso de qualquer outra personagem do gênero feminino presente no filme, sua objetificação é inevitável. Em uma cena inexistente no roteiro oficial, Jordan e Max dialogam sobre o casamento, e o filho defende os benefícios de manter relações extraconjugais, embora não queira se divorciar. O improviso dos atores apenas serviu para alimentar um público faminto pelo conteúdo misógino proposto pelo enredo, não impondo necessidade alguma na construção da história ou das personagens.

Há, portanto, a redução da figura feminina no casamento à mobília da casa — mulheres são não mais que um eletrodoméstico, destinadas perpetuamente à invisibilidade e à inferioridade intelectual.

Mais adiante, nos vinte minutos finais da produção cinematográfica, ocorre a primeira e única interação audível e concreta entre duas mulheres. Na cena, Naomi (Robbie) informa Jordan de que deseja divorciar-se, e levar as crianças consigo; Belfort nega a proposta, e afirma que ela não irá levar seus filhos para longe dele. Naomi é agredida pelo marido em duas instâncias durante a cena, e desespera-se ao ver o homem levando sua primogênita para a garagem, então chama Violet para ajudá-la a impedir-lo de sair de casa. As falas são curtas, vista a condição frenética das personagens e pelo fato da mesma estar relacionada a um homem, fazendo do filme um fracasso no teste de Bechdel, e evidenciando a necessidade de vinculação masculina para a existência feminina dentro do universo fictício do filme de Martin Scorsese.

À luz disso, nota-se que em todas as cenas com presença feminina de “O Lobo de Wall Street”, a mulher está acompanhada de um homem, e, em quase todas elas, ela se encontra objetificada. O

filme falha nos três testes mencionados anteriormente, a saber: a) falha no teste de Bechdel por não possuir duas mulheres nomeadas que interagem entre si sobre alguma coisa além de um homem. A presença das mulheres no longa-metragem é inteiramente vinculada aos homens exibidos na história; b) Falha no Teste do Abajur Sexy, uma vez que, salvo as duas personagens mencionadas acima — Tia Emma e Chantalle, cujas utilidades para a narrativa relacionam-se a Belfort —, todas as mulheres poderiam ser substituídas por um abajur sexy — ou qualquer outro objeto inanimado — sem que o enredo sofra alterações. Nota-se que a participação feminina no filme apresenta função puramente direcionada ao prazer masculino; mulheres não são necessárias na história, embora sejam necessárias na produção — o principal atrativo do filme é a utilização da figura feminina como adereço inútil; e c) falha no teste de Mako Mori, visto que nenhuma das personagens femininas possui um arco próprio, e muitas existem apenas como acessórios masculinos. Tem-se como exemplo claro dessa afirmação as mulheres de Belfort, Teresa e Naomi, cuja função no enredo é, basicamente, serem casadas com o personagem principal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo procurou analisar como o cinema se comportou ao longo da sua história, e como ele tem poder sobre a sociedade, em especial em relação aos estigmas que nela estão presentes, com foco na identidade racial, na imagem corporal e na questão de gênero.

Primeiramente, a fim de entender como o cinema chegou no que é atualmente, foi estudado sua história, desde sua origem até os dias atuais, e sua representação como arte de massas, reflexo da imposição da indústria cultural. A sétima arte surgiu em 1895 com os Irmãos Lumière, a partir das mudanças tecnológicas originadas com a

Revolução Industrial em união com a performance dramática. O cinema é dividido em quatro fases distintas; a primeira se expande do seu surgimento até a década de 1930, representando a modernidade primitiva com o cinema mudo. A segunda fase ocorreu entre 1930 e 1950, quando o áudio e as imagens foram sincronizados, e logo foi adicionado cores à tela, além da ascensão dos estúdios. A terceira fase é desenvolvida entre as décadas de 1950 e 1970, trazendo um cinema emancipador e modernista, nessa as temáticas das histórias sofrem a maior mudança e as produções de filmes independentes crescem, pelo fácil acesso à tecnologia. A quarta fase é referida ao período entre 1980 e o início do século XXI, chamada de hipermodernidade, e envolve aspectos de diversas áreas. Ao analisar este desenvolvimento ao longo das décadas, é possível perceber a capacidade de manipulação que o cinema tem perante a sociedade e como ele consegue pautar o nosso pensar em diversas situações.

Em segundo lugar foram tratados os estigmas na sociedade. Esses se referem a crenças, opiniões e expectativas, muitas vezes injustas, desrespeitosas e negativas a respeito de alguém. Os estigmas podem ser classificados como nitidamente identificáveis –ao olhar para alguém, já é possível observar o estigma – e esse se sobressai em relação a pessoa em si. Outrossim, a sociedade julga os estigmatizados, analisando-os como algo não completamente humano, tentando justificar a “inferioridade” do indivíduo.

Além disso, as pessoas tendem a justificar a maneira como tratam os estigmatizados, pois essa seria apenas uma retribuição a algo que a pessoa já é. Ademais, andando de mãos dadas com o estigma vem a expectativa, que é apoiada pela sociedade, de como alguém deve agir e ser. Caso as expectativas sejam ignoradas pelo indivíduo, ele fica indiferente ao seu fracasso com a sociedade; e por esse motivo, a questão de aceitação dos estigmas é de extrema

importância. Também foi afirmado que o grupo dos ditos normais e o grupo de estigmatizados evitam interações, e quando se encontram é que as reais consequências da tachação vem à tona. Por fim, é observado que a tendência social de estipular estigmas cria situações que deixam todos desconfortáveis.

Em terceiro lugar, o estudo focou na interseção entre o cinema e os estigmas. A representação no cinema tem o poder de marcar, atribuir e classificar, além de gerar empatia ou apatia em relação a alguma situação, e, em união com os estigmas atribuídos a grupos sociais, cria-se o poder de manipular como as massas pensam em relação a tal grupo.

Referindo-se à questão racial – em específico em relação a pessoas pretas – o cinema e os estigmas se relacionam desde os primórdios da história respectiva de ambos. No cinema, inicialmente havia a prática de *blackface*, depois passou a orientar-se pelos cinco estigmas (pai Tomás, *coons*, mulata trágica, mãe-preta e *bad bucks*), e em seguida pelo movimento *Blaxploitation* – que inspirou os atores, roteiristas e diretores pretos atuais. A fim de chegar mais a fundo do tema foi analisado o filme “Histórias Cruzadas” (2011), o qual, além de trazer os típicos estereótipos, tem a narrativa do “fardo do homem branco”; um debate gerado a partir do filme é a falta de protagonismo preto na obra, pois essas personagens servem apenas como suporte para a mulher branca. Com esse filme, é possível analisar que ainda no século XXI os filmes têm narrativas racistas e reforçam essas ideias na sociedade.

Com o propósito de exemplificar os estigmas referentes à imagem corporal, foi atribuído como significado de gordofobia o preconceito quanto ao peso e, apesar de representar uma terminologia contemporânea, é possível datar sua prática aos tempos da escravidão. Sob essa ótica, por justamente se tratar de um ato fundido na história,

pode-se compreender que assim como tendências mudam, os padrões de beleza também estão em constante mutação, assim acarretando os estigmas pertencentes a idealização do corpo. A indústria cinematográfica é um dos pilares para a contínua propagação da gordofobia, uma vez que é através dela que a sua aceitabilidade é perpetuada.

Nesse contexto, tem lugar uma análise sobre o longa “O Amor é Cego” (2001), estrelado por Jack Black e Gwyneth Paltrow, no qual a presença de diálogos negativos e estereotipados sobre a pessoa gorda é indiscutível. Na película, é possível estabelecer relações com o conceito da gordofobia, sendo um exemplo direto de como o cinema influencia a sociedade atual, já que de forma naturalizada, o filme retrata os preconceitos ainda hoje presentes fora da ficção.

Em relação ao gênero foi problematizado que os papéis de homens e mulheres na sociedade são percebidos a partir dos elementos culturais que cercam um indivíduo, e que como o ser humano aprende por observação, os filmes têm grande influência na identidade de gênero das pessoas. Atualmente as mulheres têm uma representação precária no cinema, e por conta disso foi criado o Teste Bechdel, a partir dele foram criados outros, como o *Sexy Lamp Test* e o Teste Mako Mori. A fim de concretizar essa análise, faz-se uso da obra audiovisual de 2013, “O Lobo de Wall Street”, na qual busca-se elementos que corroborem as hipóteses levantadas. Como resultado, observa-se a hipersexualização feminina e a intensa inutilização de suas capacidades como personagens funcionais — as mulheres do filme são constantemente objetificadas, e apresentam propósito meramente carnal para a história. Com isso, é notório o fracasso avassalador do longa-metragem nos três testes aqui apresentados.

Por fim, comprehende-se como incompleta a trajetória de grupos minoritários (como pessoas racializadas, gordas ou obesas e do gênero

feminino) em relação a sua luta para a erradicação dos estigmas que os cercam. Adicionalmente, admite-se que a falha na indústria cinematográfica para com a representação desses grupos provém de sua instauração social como reproduutora de ideais populares, por ser estabelecida — como indústria — como produto direto do capitalismo. Ao refletir a realidade, a sétima arte reforça os estigmas por ela determinados, criando-se, assim, um ciclo infundável no qual ambas se influenciam em detrimento, majoritariamente, daqueles a quem rotula.

REFERÊNCIAS

- ABESO. **Mapa da Obesidade.** 2019. Disponível em: <<https://abeso.org.br/obesidade-e-sindrome-metabolica/mapa-da-obesidade/>> Acesso em: 27 set. 2023.
- ADORNO, Theodor W., HORKHEIMER, Max. **Dialectic of Enlightenment.** 2002. Disponível em: <https://monoskop.org/images/2/27/Horkheimer_Max_Adorno_Theodor_W_Dialectic_of_Enlightenment_Philosophical_Fragments.pdf> Acesso em: 12 mai. 2023.
- ADORNO, Theodor W. **Indústria cultural e sociedade.** São Paulo: Paz e Terra, 2015.
- A LISTA de Schindler. Direção Steven Spielberg. Universal Studios. Entertainment. (EUA) 1993. 1 DVD (195 min.)
- ARAÚJO, Lidiane Silva. et al. **Psicologia em estudo.** 2018. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=287159842022>> Acesso em: 12 mai. 2023.
- ARRUDA, Agnes de Sousa; MIKLOS, Jorge. **O peso e a mídia: estereótipos da gordofobia.** 2020. Disponível em: <<https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/1116>> Acesso em: 20 jul. 2023.
- Australian Human Rights Commission. **What is Racism?** Disponível em: <<https://humanrights.gov.au/our-work/race-discrimination/what-racism>> Acesso em: 02 set. 2023.

BBC News. **Viola Davis: I betrayed myself and my people in 'The Help'.** 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/newsbeat-53416196>> Acesso em: 29 jul. 2023.

BECKRICH, Maiara. **A Gordofobia em Nós – Do Comentário Aparentemente Inofensivo até as Telas do Cinema.** Noite de Oito. 2017. Disponível em: <<http://nodeoito.com/gordofobia-em-nos/>> Acesso em: 27 ago. 2023.

BLAXPLOITATION. Diretor: Isaac Julien. Estados Unidos: Independent Film Channel, 1974. 1 DVD. (378 min.)

BRAUN, Julia. **Como escravidão e racismo alimentaram gordofobia, segundo socióloga.** BBC News Brasil. 2023. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/articles/c721j8j91lwo>> Acesso em: 27 ago. 2023.

Britannica Dictionary. **Difference.** Disponível em: <<https://www.britannica.com/dictionary/difference>>. Acesso em: 10 jun. 2023.

BUSSEY, Kay., & BANDURA, Albert. **Social cognitive theory of gender development and differentiation.** Psychology Review, 1999.

Cambridge Dictionary. **Life Coach.** Disponível em: <<https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/life-coach>> Acesso em: 29 Jul. 2023.

Cambridge Dictionary. **Stigma.** Disponível em: <<https://dictionary.cambridge.org/us/dictionary/english/stigma>> Acesso em: 04 mai. 2023.

CONAQ. **Significado do racismo.** Disponível em: <<http://conaq.org.br/noticias/significado-de-racismo/>> Acesso em: 04. Mai. 2023.

COSTA, Antônio. **Compreender o cinema.** São Paulo: Globo, 1989.

DEBORD, Guy. **Society of the Spectacle.** 1970. Disponível em: <https://monoskop.org/images/e/e4/Debord_Guy_Society_of_the_Spectacle_1970.pdf> Acesso em: 08 mai. 2023.

DESTA, Yohana. **Viola Davis regretted making ‘The Help’: It wasn't the voices of the maids that we heard.** Vanity Fair. 2018 . Disponível em: <<https://www.vanityfair.com/hollywood/2018/09/viola-davis-the-help-regret>> Acesso em: 12 ago. 2023.

DIP, Juliano. **A Baleia, o cinema e a gordofobia.** 2023. Disponível em: <<https://orbi.band.uol.com.br/cOLUMNISTAS/toda-gente/a-baleia-o-cinema-e-a-gordofobia-4492>> Acesso em: 27 ago. 2023.

ESTADÃO. **Dublê de Gwyneth Paltrow em ‘O Amor É Cego’ enfrentou distúrbios alimentares após filme.** 2023. Disponível em: <<https://www.estadao.com.br/emails/gente/duble-de-gwyneth-paltrow-em-o-amor-e-cego-enfrentou-disturbios-alimentares-apos-filme-nprec/>> Acesso em: 27 ago. 2023.

EURÍDICE, Pâmela. **Como o cinema e as séries de TV enxergam a adolescente gorda?.** CINESET. 2018. Disponível em: <<https://www.cineset.com.br/como-o-cinema-e-as-series-de-tv-enxergam-a-adolescente-gorda/>> Acesso em: 27 ago. 2023.

FURHAMMAR, Leif. **Cinema e política.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

GOFFMAN, Erving. **Estigma – notas sobre a manipulação da identidade deteriorada.** 2004. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/308878/mod_resource/content/1/Goffman%20%20Estigma.pdf> Acesso em: 04 mai. 2023.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação.** Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

HARRISIN, Charles, WOOD, Paul. **Art in Theory 1900-1990 An Anthology of Changing Ideas.** 1992. Disponível em: <https://monoskop.org/images/archive/b/b8/20150905140414%21Harrison_Charles_Wood_Paul_eds_Art_in_Theory_1900-1990_An_Anthology_of_Changing_Ideas.pdf> Acesso em: 04 mai. 2023.

HELENO, Ana Laura Oliveira; NASCIMENTO, Carina. **Corpos e suas representações nos espaços midiáticos: a gordofobia na indústria cinematográfica.** 2022. Disponível em: <<https://revistasfib.emnuvens.com.br/multiplicidadefib/article/view/599>> Acesso em: 08 ago. 2023.

HENDERSON, Cydney. **'The Help' isn't a helpful resource on racism: Here's why Twitter is mad the film is trending.** USA Today. 2020. Disponível em: <<https://www.usatoday.com/story/entertainment/movies/2020/06/08/the-help-isnt-helpful-resource-racism-heres-why/5322569002/>> Acesso em: 12 jul. 2023.

JENKINS, Tricia. **"Potential Lesbians at Two O'Clock": The Heterosexualization of Lesbianism in the Recent Teen Film.** 2005. Disponível em: <<https://doi.org/10.1111/j.0022-3840.2005.00125.x>> Acesso em: 14 Ago. 2023.

KAUSR, Harmmet. **This is why blackface is offensive.** NNC. 2019. Disponível em: <<https://edition.cnn.com/2019/02/02/us/racist-origins-of-blackface/index.html>> Acesso em: 12 jul. 2023.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia - estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno.** São Paulo: EDUSC, 2001.

LIPOVESTKY, Gilles & SERROY, Jean. **A tela global: mídias culturais e cinema na era hipermoderna.** Porto Alegre: Sulina, 2009.

LLOYD, Kitty. **Why Can't Hollywood Get Fat Representation Right?.** REFINERY29. 2022. Disponível em: <<https://www.refinery29.com/en-au/fat-representation-hollywood#slide-7>> Acesso em: 28 jun. 2023.

MARIA Antonieta. Direção e Roteiro: Sofia Coppola. Estados Unidos e França: Columbia Pictures, 2006. 1 DVD (123 min.)

MATOS, Ariele; ALVES, Juliana; BARRETTO, Letícia. **Movimento Body Positive e o Corpo Gordo.** CADERNO DISCENTE. Recife, 2022. Disponível em: <<https://revistas.esuda.edu.br/index.php/Discente/article/view/852>> Acesso em: 20 jun. 2023.

MAYES, Dakota. **Why The Help cast has spoken out against the film since its release.** MOVIEWEB. 2023. Disponível em: <<https://movieweb.com/the-help-cast-regret/>> Acesso em: 14 jul. 2023.

MAZIÈRES, Antoine; MENEZES, Telmo; ROTH, Camille. **Computational appraisal of gender representativeness in popular movies.** 2021. Disponível em: <<https://www.nature.com/articles/s41599-021-00815-9>> Acesso em: 28 mai. 2023.

MERTEN, Luiz Carlos. **Cinema: Um zapping de Lumière a Tarantino.** Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

MINASSE, Maria Henriqueta S. G. Gimenes et al. **A influência do cinema na formação da imagem internacional do Brasil.** Anagramas Rumbos y Sentidos de la Comunicación. Colombia, 2021. Disponível em: <<http://www.scielo.org.com/pdf/angr/v20n39/2248-4086-angr-20-39-33.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2023.

MURPHY, Mekado. **Viola Davis on What 'The Help' Got Wrong and How She Proves Herself.** The New York Times. 2018. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2018/09/11/movies/viola-davis-interview-widows-toronto-film-festival.html>> Acesso em: 04 Ago. 2023.

NEABI. **A história do racismo.** 2013. Disponível em: <<http://unisinos.br/blogs/neabi/2013/02/04/a-historia-do-racismo-documentario/>> Acesso em: 10 ago. 2023.

O GLADIADOR. Direção: Ridley Scott. Roteiro: David Franzoni. Estados Unidos: Universal Pictures, 2000. 1 DVD (155 min.)

O ILUMINADO. Direção e Roteiro: Stanley Kubrick. Reino Unido e Estados Unidos: Warner Bros, 1980. 1 DVD (143 min.)

PAIM, Marina Bastos; FERREIRA, Andrei Cristian. **Análise das diretrizes brasileiras de obesidade: patologização do corpo gordo, abordagem focada na perda de peso e gordofobia.** 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/sausoc/a/pBvf5Zc6vtkMSHytzLKxYJH/>> Acesso em: 20 ago. 2023.

PEREIRA, Bruna Barbosa; OLIVEIRA, Pedro Pinto de. **Gordofobia, mocinha só magrinha: valores do corpo feminino nas telenovelas.** 2016. Disponível em: <<https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R1-1-1719-1.pdf>> Acesso em: 20 ago. 2023.

PEREIRA, Waner Pinheiro. O poder das imagens: cinema e política nos governos de Adolf Hitler e Franklin D. Roosevelt. São Paulo: Alameda, 2012.

QUADROS, Mariana. **"Pessoas gordas são minorias e estereotipadas na televisão", dizem influencers.** 2021. Disponível em: <<https://delas.ig.com.br/2021-08-11/gordofobia-na-tv-filmes-publicidade.html>> Acesso em: 12 de Ago. 2023.

RODRIGUES, Stella. **Hospital Oswaldo Cruz.** 2018. Disponível em: <<https://www.hospitaloswaldocruz.org.br/imprensa/noticias/precisa-mos-falar-de-gordofobia/#:~:text=%E2%80%9CGordofobia%20%C3%A9%20um%20neologismo%20para,ou%20repugnante%20por%20ser%20gordo.>> Acesso em: 08 Jul. 2023.

SBCBM. **Obesidade atinge mais de 6,7 milhões de pessoas no Brasil em 2022.** 2023. Disponível em: <<https://www.sbcbm.org.br/obesidade-atinge-mais-de-67-milhoes-de-pessoas-no-brasil-em-2022/>>. Acesso em: 08 Jul. 2023.

SHALLOW Hal. Direção: Peter Farrelly, Bobby Farrelly. Intérpretes: Gwyneth Paltrow, Jack Black. Roteiro: Peter Farrelly, Bobby Farrelly, Sean Moynihan. Produção de Conundrum Entertainment . Estados Unidos: 20th Century Fox, 2001. 1 DVD (113 min.)

SHARF, Zack. **Viola Davis Feels Betrayed by 'The Help': 'It Was Created in the Cesspool of Systemic Racism'.** Indie Wire. 2020. Disponível em: <<https://www.indiewire.com/features/general/viola-davis-betrayed-the-help-systemic-racism-1234573862/>> Acesso em: 15 Jul. 2023.

SILVA, Jadisson Gois Da; MEZZAROBA, Cristiano. **Problematização Dos Atributos Estereotipados E Gordofóbicos Presentes Na Obra Cinematográfica Shallow Hal (O Amor É Cego): Uma Análise Fílmica.** 2022. Disponível em: <<http://relici.org.br/index.php/relici/article/view/374>> Acesso em: 20 Jul. 2023.

SMEDLEY, Audrey. **Racism.** Britannica. 2023. Disponível em: <<https://www.britannica.com/topic/racism>> Acesso em 02 Jun. 2023.

SORTIE de L'usine Lumière à Lyon. Direção e Produção: Louis Lumière. França, 1895. (45 seg.)

SULLIVAN, Marissa. **Jessica Chastain Recalls Eating Grits with Viola Davis on 'The Help': 'They Wanted Us Curvier'**. People. 2023. Disponível em: <<https://people.com/movies/jessica-chastain-recalls-eating-cake-with-viola-davis-on-the-help-they-wanted-us-curvier-exclusive/>> Acesso em: 14 de ago. 2023.

SWEET Sweetback's Baadasssss Song. Direção e Produção: Melvin Van Peebles. Estados Unidos, 1971. (97 min.)

TAIT, Amelia. **'I wanted to be small and not seen': how Shallow Hal almost broke Gwyneth Paltrow's body double**. The Guardian. 2023. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/film/2023/aug/22/i-wanted-to-be-small-and-not-seen-how-shallow-hal-almost-broke-gwyneth-paltrow-body-double>> Acesso em: 20 ago. 2023.

THE Help. Direção: Tate Taylor. Interprétes: Emma Stone, Viola Davis, Octavia Spencer, Bryce Dallas Howard e Jessica Chastain. Roteiro: Tate Taylor, Kathryn Stockett. Produção de DreamWorks Pictures . Estados Unidos: Walt Disney Studios Motion Pictures, 2011. 1 DVD (146 min.)

THE Shining. Direção: Stanley Kubrick. Interpretes: Jack Nicholson, Shelley Duvall, Danny Lloyd, Scatman Crothers. Roteiro: Stanley Kubrick, Diane Johnson. Produção de Peregrine Media Productions. Estados Unidos: Warner Bros, 1980. 1 DVD (144 min.)

THE Wolf of Wall Street. Direção: Martin Scorsese. Intérpretes: Leonardo DiCaprio, Jonah Hill, Margot Robbie. Roteiro: Terence Winter. Produção de Universal Pictures. Estados Unidos: Warner Bros, 2013. 1 DVD (180 min.)

TITANIC. Direção: James Cameron. Interpretes: Leonardo DiCaprio, Kate Winslet. Roteiro: James Cameron. Produção de Paramount Pictures. Estados Unidos: 20th Century Fox, 1997. 1 DVD. (195 min.)

TOMAZELA, José Maria. **Minha Conta Gordofobia: Mais de 1.400 processos tramitam no Tribunal Superior do Trabalho**. ESTADÃO. 2022. Disponível em: <<https://www.estadao.com.br/brasil/cresce-o-numero-de-acoes-na-justica-envolvendo-alegacoes-de-gordofobia/>> Acesso em: 14 ago. 2023.

UNIT. O que falam as leis sobre o crime de gordofobia? 2023.
Disponível em: <<https://portal.unit.br/blog/noticias/o-que-falam-as-leis-sobre-o-crime-de-gordofobia/#:~:text=O%20preconceito%20contra%20pessoas%20gordas,s%C3%A3o%20da%20esfera%20criminal%20e>> Acesso em: 10 jul. 2023.

VELOZES & Furiosos 5: Operação Rio. Direção: Justin Lin. Roteiro: Chris Morgan. Estados Unidos: Universal Pictures, 2011. 1 DVD (130 min.)

WILLIAMS, Mike. **“Sexy Lamp Test” more accurate evaluation of female characterization. The Roar Online.** 2015. Disponível em: <<https://theroarnews.com/2015/06/12/sexy-lamp-test-more-accurate-evaluation-of-female-characterization/>> Acesso em: 24 ago. 2023.

ANEXOS:

Filme: Histórias Cruzadas

Ficha técnica	
Título Original	The Help
Ano de Produção	2011
Duração	146 minutos
Direção	Tate Taylor
Elenco Principal	Emma Stone, Viola Davis, Octavia Spencer, Bryce Dallas Howard e Jessica Chastain
Gênero	Drama
País de Origem	Estados Unidos da América, (Emirados Árabes Unidos e Índia)
Idioma	inglês
Bilheteria	216,6 bilhões US\$ mundial
Orçamento	25 milhões US\$
Premiações	1 Oscar (4 indicações), 1 BAFTA (5 indicações)

Fonte: elaborada pelas autoras. Dados coletados no site Filmow e IMDb

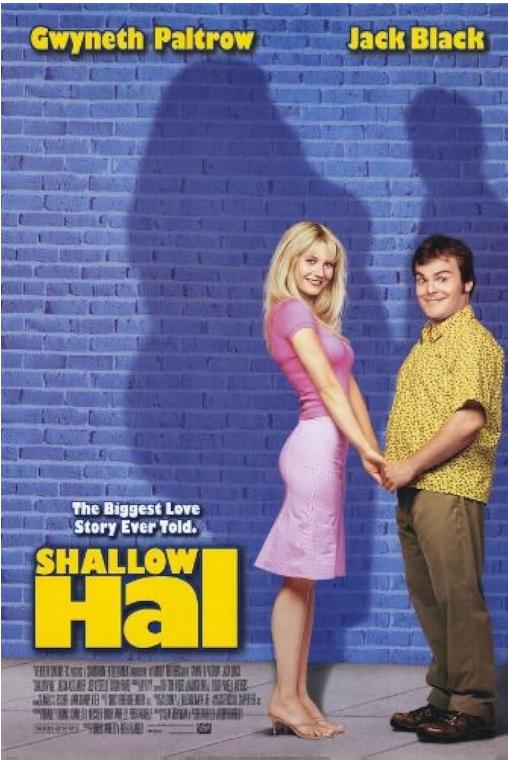
Cartaz	Sinopse
	<p>Em 1962, no Mississippi, EUA, Skeeter (Stone) é uma jovem que volta para sua cidade natal após terminar a faculdade com o sonho de se tornar uma escritora. Após ser aconselhada a escrever sobre o que a incomoda e analisar as situações nas casas de suas antigas amigas resolve entrevistar as mulheres negras que trabalham como empregadas. Aibileen (Davis), que criou 17 crianças brancas e chora a perda de seu filho, é a primeira que ela consegue convencer a ajudá-la, e depois juntas chamam Minny (Spencer), uma ótima cozinheira que não aceita desaforo de seus patrões, para contar suas histórias.</p>

Fonte: elaborada pelas autoras. Dados coletados no site Filmow e IMDb

Filme: O Amor é Cego

Ficha técnica	
Título Original	Shallow Hal
Ano de Produção	2001
Duração	114 minutos
Direção	Bobby Farrelly e Peter Farrelly
Elenco Principal	Jack Black, Gwyneth Paltow, Jason Alexander, Rene Kirby, Susan Ward, Joe Viterelli
Gênero	Drama, comédia, romance
País de Origem	Estados Unidos da América, Alemanha
Idioma	inglês
Bilheteria	141 milhões US\$ mundial
Orçamento	40 milhões US\$
Premiações	-

Fonte: elaborada pelas autoras. Dados coletados no site Filmow e IMDb

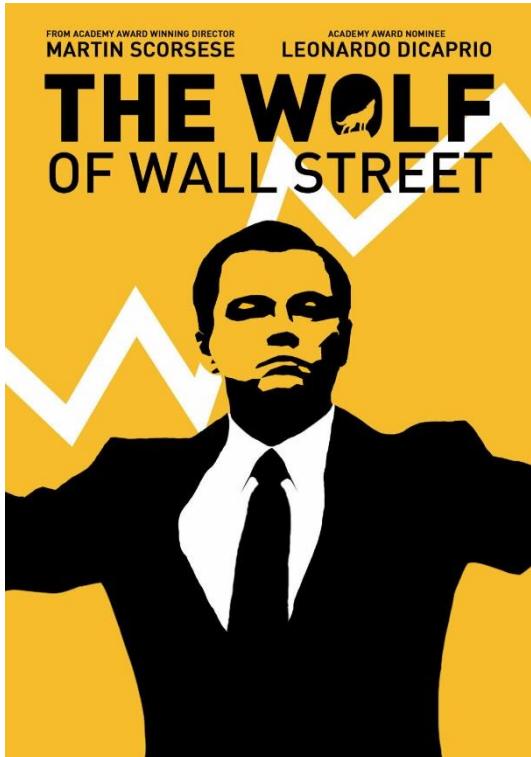
Cartaz	Sinopse
	<p>Hal (Jack Black) após a morte de seu pai, promete seguir seu conselho e se interessa estritamente por mulheres com o físico perfeito. Mas quando se encontra por acaso com Anthony Robbins, <i>Life coach</i> que o hipnotiza e faz com que ele veja apenas a beleza interior das mulheres, ignorando a exterior. Sem saber que está sob o efeito da hipnose de Tony, Hal se apaixona por Rosemary (Gwyneth Paltrow), uma mulher obesa que é vista pelos seus olhos hipnotizados como se fosse uma verdadeira deusa. Até que, após ser retirado da hipnose por seu amigo Mauricio (Jason Alexander), ele passa a ver o verdadeiro físico de Rosemary e se encontra no meio de um dilema sobre seu relacionamento com a moça.</p>

Fonte: elaborada pelas autoras. Dados coletados no site Filmow e IMDb

Filme: O Lobo de Wall Street

Ficha técnica	
Título Original	The Wolf of Wall Street
Ano de Produção	2013
Duração	180 minutos
Direção	Martin Scorsese
Elenco Principal	Leonardo DiCaprio, Jonah Hill, Margot Robbie, Kyle Chandler, Jon Bernthal e Rob Reiner
Gênero	Drama, comédia, policial, biográfico
País de Origem	Estados Unidos da América
Idioma	inglês
Bilheteria	406,8 milhões US\$ mundial
Orçamento	100 milhões US\$
Premiações	Oscar (5 indicações); BAFTA (4 indicações)

Fonte: elaborada pelas autoras. Dados coletados no site Filmow e IMDb

Cartaz	Sinopse
 <p>FROM ACADEMY AWARD WINNING DIRECTOR MARTIN SCORSESE ACADEMY AWARD NOMINEE LEONARDO DICAPRIO</p> <p>THE WOLF OF WALL STREET</p> <p>Leonardo DiCaprio interpreta Jordan Belfort, um corretor de Wall Street que se torna uma figura de culto entre os amigos e os concorrentes. Ele é conhecido por sua vida luxuosa, seu estilo de vida exuberante e seu amor pelo dinheiro. No entanto, seu sucesso é construído sobre a base de enganos e manipulação, o que leva a sua queda final.</p>	<p>Em 1987, Jordan Belfort (DiCaprio) entrou para o mundo da corretagem de valores e para a luxuosidade do mundo em Wall Street. Em meados de 1990, Belfort constrói uma parceria com Donnie Azoff (Hill) e funda a Stratton Oakmont, empresa de mediação de investimentos. Conforme sua popularidade no mundo da economia — principalmente em Wall Street — e sua companhia se demonstra bem sucedida, Belfort passa a viver de maneira gananciosa, sem preocupações morais ou legais. No entanto, tanto Jordan quanto seus amigos vivem num ciclo vicioso de drogas, sexo e dinheiro, e seu estilo de vida alerta as autoridades.</p>

Fonte: elaborada pelas autoras. Dados coletados no site Filmow e IMDb